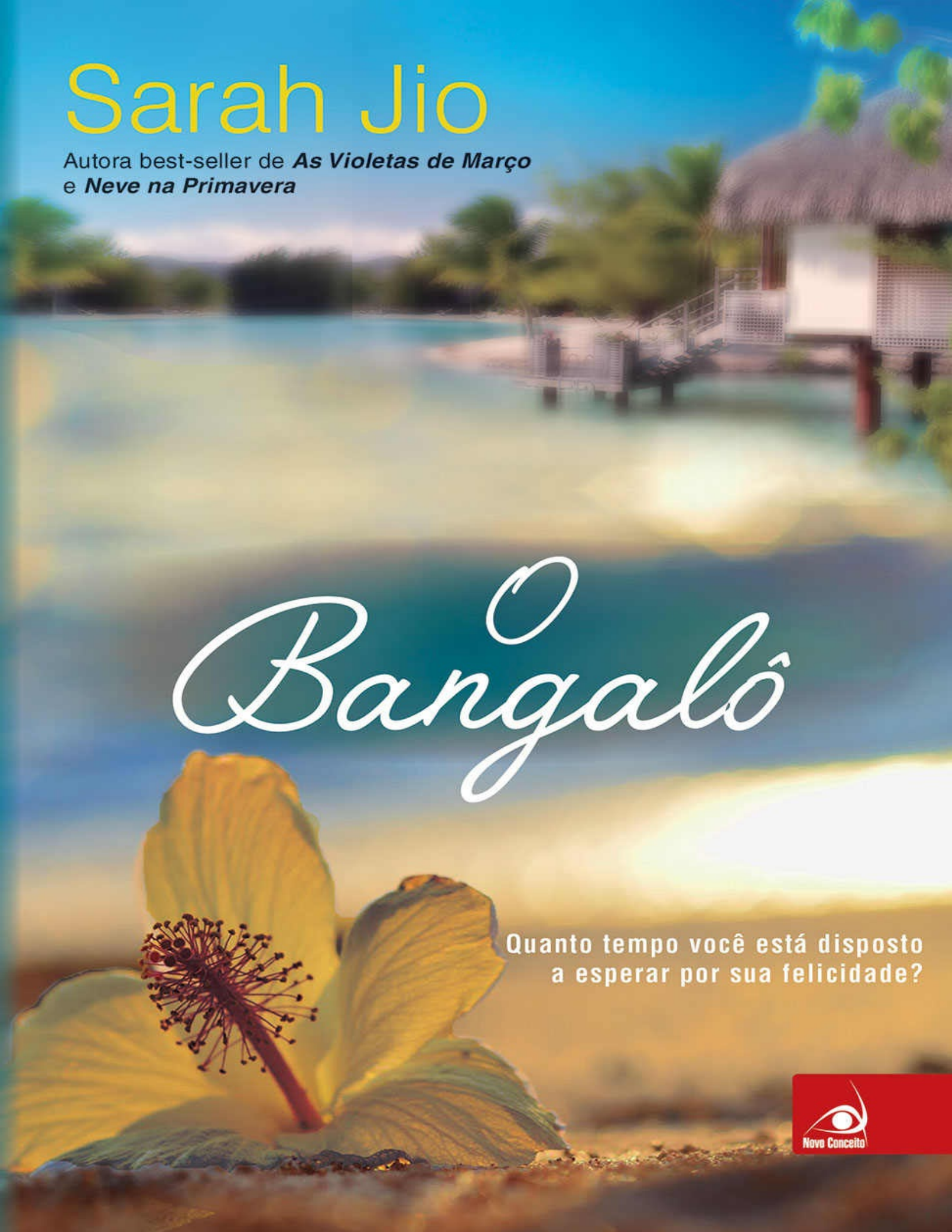
Sarah Jio
Autora best-seller de As Violetas de Março
e Neve na Primavera
Bangalô
Quanto tempo você está disposto
a esperar por sua felicidade?
Novo Conceito

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Abertura

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Agradecimentos

Sarah Jio

O Bangalô

Tradução:
Ana Paula Costa Doherty



Título original: *The Bungalow*
© 2011 Sarah Jio
© 2015 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jio, Sarah

O bangalô / Sarah Jio ; tradutor Ana Paula Costa Doherty. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: The bungalow.
ISBN 978-85-8163-767-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-07252 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.
Saiba mais: **www.fundabrinq.org.br**

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Jason, com as lembranças de nosso próprio bangalô.

Eu te amo.

Coloque um pedaço de papel dentro de um envelope delicado, feche-o com uma lambida e, em seguida, envie-o pelo correio. Aquela carta poderá ser manuseada por dúzias de pessoas e fazer uma jornada de milhares de quilômetros antes de chegar à caixa de correio à qual foi destinada, onde se aninhará anonimamente entre as páginas de algum catálogo descartado, esperando por seu destinatário desavisado, que joga fora o catálogo, com o tesouro escondido lá dentro, na lata de lixo, com um simples movimento do pulso. Ali, perto das embalagens de leite mal lavadas, de uma garrafa de vinho vazia e do jornal de ontem, uma pequena correspondência de virar a vida do avesso espera em silêncio.

Aquela carta era para mim.

Prólogo



— Olá!

Assustada, abro meus olhos ao ouvir aquela voz conhecida — agradável, mas dolorosamente fora de contexto. Jennifer, isso mesmo, minha neta. *Mas, onde estou?* Ou melhor, por que ela estava *ali*? Pisco algumas vezes, desorientada. Estive sonhando com praias de areias brancas e palmeiras — o lugar que minha mente inconsciente sempre tenta visitar, mas que, desta vez, tive a sorte de conseguir encontrá-lo nos arquivos de minhas lembranças.

Ele estava lá, obviamente — de uniforme, sorrindo timidamente para mim enquanto as ondas chegavam à praia. Consigo ouvi-las — a batida violenta, seguida pelo chiado de milhões de borbulhas beijando a areia. Fechando meus olhos com mais força, encontro-o novamente, parado em meio à bruma do sono que estava desaparecendo rápido demais. *Não se vá*, meu coração suplicava. *Fique, por favor, fique*. E ele aparecia de novo, obedientemente, com aquele sorriso encantador, os braços esticados para mim. Senti a velha palpitação de sempre em meu coração, a saudade.

E então, em um instante, ele se foi.

Suspirei e olhei no meu relógio, repreendendo-me. *Duas e meia*. Devo ter cochilado enquanto estava lendo. De novo. Sono espontâneo era a praga dos idosos. Sentei-me ereta em minha *chaise longue*, um pouco envergonhada, e peguei de volta o romance que estava lendo antes que a exaustão tomasse conta de mim. O livro caíra de minhas mãos, no chão, o miolo para cima, as páginas espalhadas, despropositadas.

Jennifer caminhou até o terraço. Um caminhão passou a toda velocidade na rua, perturbando ainda mais a calmaria.

— Ah, está aí — disse ela, sorrindo para mim com os olhos castanhos esfumaçados, como os de seu avô. Vestia jeans e um suéter preto com um cinto verde-claro ao redor da cintura fina. Seu cabelo louro, cortado até a altura do queixo, refletia os raios de sol. Jennifer não fazia ideia do quanto era linda.

— Oi, docinho — falei, esticando a mão para ela. Olhei ao redor do terraço, para as pálidas violetas azuis em seus vasos simples de terracota. Elas eram bem bonitas, colocando suas cabecinhas para fora da terra como crianças tímidas e arrependidas por terem sido pegas brincando na lama. A vista do Lago Washington e do céu de Seattle a distância era linda, com certeza, mas fria e rígida, como uma pintura no consultório de um dentista. Olhei com desdém. Como acabei aqui, vivendo neste apartamento pequeno, com suas paredes brancas e frias, e um

telefone no banheiro com um botão vermelho para chamadas de emergência ao lado do vaso sanitário?

— Achei uma coisa — disse Jennifer, a voz dela me tirando de meus pensamentos — na lata de lixo reciclável.

Ajeitei meu cabelo branco e fino.

— O que é, querida?

— Uma carta — ela respondeu. — Deve ter se misturado com as correspondências inúteis.

Tentei esconder um bocejo, mas ele veio mesmo assim.

— Deixe em cima da mesa. Dou uma olhada mais tarde.

Caminhei para dentro e sentei-me no sofá, mudando meu olhar da cozinha para o reflexo na janela. *Uma velha senhora.* Eu a via todos os dias, essa mulher, mas o reflexo dela nunca parou de me surpreender. *Quando eu me transformara nela?* Minhas mãos tracejaram as rugas em meu rosto.

Jennifer sentou-se perto de mim.

— Será que seu dia foi melhor do que o meu?

Em seu último ano na graduação da Universidade de Washington, ela escolhera um assunto incomum para um artigo a ser entregue na aula, um misterioso trabalho de arte no campus. Doado em 1964 por um artista anônimo, a escultura de bronze de um jovem casal tinha uma placa que dizia simplesmente *Orgulho e Promessas*. Fascinada pela escultura, Jennifer esperava pesquisar sobre o artista e conhecer a história por trás do trabalho, mas, depois de quase um quadrimestre inteiro de pesquisa, tinha conseguido muito pouco.

— Teve sorte com sua pesquisa hoje, querida?

— *Niente* — disse ela, fazendo uma careta. — É muito frustrante. Trabalhei tanto para encontrar respostas. — Ela balançou a cabeça e deu de ombros. — Odeio admitir, mas acho que o caminho não vai dar em lugar nenhum.

Eu tinha experiência com relação a ser assombrada pela arte. Jennifer não sabia de nada, mas eu passei a maior parte de minha vida procurando em vão por uma pintura que tive nas mãos muitos anos atrás. Meu coração doía para vê-la de novo, mas depois de uma vida inteira trabalhando com negociadores e colecionadores de arte, o quadro escapara de mim.

— Sei o quanto é difícil deixar para lá, querida — eu disse delicadamente, sabendo o quanto o projeto era importante para ela. Coloquei minhas mãos nas dela. — Algumas histórias não são para ser contadas.

Jennifer concordou com um menear da cabeça.

— Você está certa, vovó — disse ela com um suspiro. — Mas ainda não estou pronta para deixar essa história de lado. Ainda não. A inscrição na placa, aquilo tem algum significado. E a caixa, a que o homem na estátua está segurando nas mãos, está trancada, e o pessoal dos arquivos não sabe nada sobre a chave, o que significa que — ela fez uma pausa e sorriu esperançosa — deve haver algo lá dentro.

— Bem, admiro seu espírito, meu amor — eu disse, agarrando a corrente de ouro em volta do meu pescoço, a que tinha o medalhão que eu usara e guardara durante tantos anos. Apenas outra alma sabia o que estava escondido lá dentro, sob a guarda protetora do fecho.

Jennifer andou de volta até a mesa.

— Mas não se esqueça dessa carta — ela reiterou, segurando o envelope. — Olhe só esse selo maravilhoso. É do... — ela parou, lendo o carimbo do correio — ... do Taiti. Vovó, *quem* você conhece no Taiti?

— Deixe-me ver isso — falei aproximando-me um pouco mais.

Estudei o envelope branco simples, úmido por se encostar à embalagem de leite e manchado de pontos vermelhos do Cabernet da noite passada. Não, eu não reconhecia a caligrafia à mão, nem o endereço do remetente. *Quem estaria me escrevendo do Taiti? E por quê? Por que agora?*

— Não vai abri-la? — Jennifer perguntou, rondando-me com expectativa.

Minhas mãos tremiam um pouco enquanto eu virava o envelope de frente para trás e vice-versa, vez após outra, passando meus dedos pelo selo exótico que mostrava uma garota taitiana em um vestido amarelo. Engoli em seco, tentando demover as lembranças que me invadiam como uma inundação, mas que, no entanto, meros sacos de areia imaginários não conseguiam contê-las.

Assim, sem forças para resistir, abri o envelope com um puxão.

Cara Sra. Godfrey,

Perdoe-me por minha intromissão. Levei muitos anos para encontrá-la. Sei que você foi uma enfermeira do exército baseada em Bora Bora durante a guerra. Se estiver correta, se é realmente a mulher a quem procuro, preciso conversar com a senhora urgentemente. Fui criada nas ilhas taitianas, mas só agora voltei, com a missão de resolver um mistério que me aflige desde a infância. Um terrível assassinato aconteceu numa praia tranquila em Bora Bora, uma noite em 1943. Sou assombrada pela tragédia, tanto que resolvi escrever um livro sobre os eventos que precederam aquele acontecimento, os quais, de várias maneiras, mudaram para sempre esta ilha.

Consegui localizar os arquivos de funcionários do exército e notei que a senhora estava de folga naquele dia, no dia da tragédia. Será que, por acaso, se lembra de algo ou de alguém na praia naquela noite? Tantos anos se passaram, mas talvez a senhora se lembre de alguma coisa. Até mesmo um pequeno detalhe poderia ajudar em minha busca por justiça. Torço para que considere meu pedido e entre em contato. E, se algum dia tiver planos de visitar a ilha de novo, encontrei algo que lhe pertence, algo que imagino que gostaria de ver novamente. Não há nada que gostaria mais do que mostrá-lo à senhora.

Sinceramente,
Genevieve Thorpe

Olhei para a carta em minhas mãos. Genevieve Thorpe. Não, eu não conheço esta mulher. *Uma estranha*. E aqui estava ela, arrumando confusão. Balancei a cabeça. *Ignore isso.* Muitos anos se passaram. Como poderia voltar àqueles dias? Como poderia reviver tudo? Fechei meus olhos com força, desejando que as lembranças desaparecessem. *Sim, eu poderia simplesmente ignorá-la.* Não era uma intimação legal ou uma investigação criminal. Eu não devia nada a essa mulher, a essa *estranha*. Poderia jogar o envelope no lixo e acabar com tudo. Mas então me lembrei das últimas linhas da carta. "E, se algum dia tiver planos de visitar a ilha de novo, encontrei algo que lhe pertence, algo que imagino que gostaria de ver novamente." Meu coração, já em péssimas condições, se acelerou ao pensar naquilo. *Visitar a ilha de novo? Eu? Na minha idade?*

— Vovó, você está bem? — Jennifer inclinou-se e passou o braço ao redor do meu ombro.

— Estou bem — respondi enquanto me recompunha.

— Quer conversar sobre isso?

Balancei a cabeça e coloquei a carta em segurança dentro do livro de palavras cruzadas sobre a mesinha de centro.

Jennifer pegou sua bolsa e começou a fuçar lá dentro. Tirou um grande envelope pardo, amassado e usado.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse ela. — Eu ia esperar até mais tarde, mas... — ela respirou fundo — ... acho que está na hora.

Ela me passou o envelope.

— O que é isso?

— Dê uma olhada aí dentro.

Ergui a aba e puxei uma pilha de fotos em preto e branco, instantaneamente reconhecendo a que estava em cima.

— Essa sou eu! — gritei, apontando para a jovem vestida em um uniforme de enfermeira, com uma palmeira a distância. Ah, como eu me encantara com as palmeiras no primeiro dia que coloquei os pés na ilha, quase setenta anos atrás. Ergui os olhos para Jennifer. — Onde encontrou isso?

— O papai as encontrou — informou ela, olhando meu rosto atenciosamente. — Ele estava mexendo em umas caixas velhas e as fotos estavam enfiadas lá dentro. Ele me pediu para que devolvesse a você.

Meu coração se encheu de expectativa enquanto passava para a próxima foto, de Kitty, minha amiga de infância, sentada sobre uma canoa virada na praia, os pés apontando para cima como uma estrela de cinema. Kitty *poderia* ter sido uma estrela de cinema. Senti a familiar dor no coração quando pensei em minha velha amiga, dor que o tempo não tinha curado.

Havia muitas outras fotos na pilha, muitas delas paisagens da praia, montanhas com flora exuberante, mas quando cheguei à última foto, congelei. *Westry. Meu Westry*. Lá estava ele, com o botão de cima do uniforme desabotoado, a cabeça ligeiramente caída para a direita, a parede de palha do bangalô ao fundo. *Nosso bangalô*. Posso ter tirado milhares de fotografias na vida, e muitas delas foram esquecidas, mas não essa aqui. Lembro-me de tudo sobre essa foto, o cheiro

do ar naquela noite, de brisa do mar e frésias florescendo à luz da lua. Também era capaz de me lembrar da sensação que tinha em meu coração, quando meus olhos encontraram os dele através da lente, e o que aconteceu nos momentos que se seguiram.

— Você o amava, não é, vovó? — A voz de Jennifer era tão doce, tão desarmante, que senti minha determinação enfraquecer.

— Sim, eu o amava — admiti.

— Ainda pensa nele agora?

Assenti.

— Sim. Sempre pensei nele.

Os olhos de Jennifer se arregalaram.

— Vovó, o que aconteceu no Taiti? O que aconteceu com este homem? E a carta, por que lhe afetou tanto desse jeito? — Ela fez uma pausa, e alcançou minha mão. — Por favor, me diga.

Eu balancei a cabeça. *Que mal faria contar a ela?* Eu era uma velha senhora. Não haveria muitas consequências agora, e, se houvesse, poderia superá-las. E como eu desejava revelar esses segredos, mandá-los pelos céus como morcegos em um sótão empoeirado.

— Tudo bem, querida — concordei. — Mas devo lhe prevenir: não espere um conto de fadas.

Jennifer sentou-se na cadeira ao meu lado.

— Que bom — disse ela sorrindo. — Nunca gostei de contos de fadas.

— E há partes sombrias — continuei, questionando minha decisão.

Ela balançou a cabeça.

— Mas tem um final feliz?

— Não tenho certeza.

Jennifer me olhou confusa.

Ergui a foto de Westry até a luz.

— A história ainda não terminou.

Capítulo 1



AGOSTO 1942

— Kitty Morgan, não acredito que você acabou de dizer isso!

Eu abaixei meu copo de chá de menta gelado com tanta força que o vidro acabou trincando. A mamãe ficaria feliz em saber que não estraguei o jogo de cristal dela.

— Falei mesmo! — ela retrucou dando um sorrisinho de vitória.

Kitty, com seu rosto em formato de coração e a cabeça cheia de cachos louros enrolados e indomáveis escapando dos grampos com os quais era tão meticulosa na hora de colocar, era incapaz de provocar raiva. No entanto, com relação a este assunto, eu tive de me controlar.

— O sr. Gelfman é um homem *casado!* — eu disse com minha voz mais desaprovadora possível.

— James — disse ela, alongando o primeiro nome dele para dar um efeito dramático — é inacreditavelmente infeliz. Você sabia que a esposa dele às vezes desaparece durante semanas? Ela nem mesmo diz a ele aonde vai. Ela se importa mais com os gatos do que com ele.

Suspirei, reclinando-me de volta no balanço de banco de madeira pendurado na enorme castanheira no jardim do quintal dos meus pais. Kitty, então, sentou-se ao meu lado, assim como fazia quando estávamos na escola primária. Olhei para a copa da árvore, as folhas tingidas com um tom de amarelo, indicando que o outono era iminente. *Por que as coisas têm de mudar?* Parece que foi ontem, quando Kitty e eu éramos duas estudantes, voltando para casa de braços dados, espalhando nossos livros em cima da mesa da cozinha e apostando corrida até o balanço, onde contávamos segredos até a hora do jantar. Agora, aos vinte e um anos, éramos mulheres feitas prestes, bem, a alguma coisa; mas não podíamos prever o que seria.

— Kitty — eu disse virando-me para encará-la. — Você não entende?

— Entende o quê?

Ela parecia uma pétala de rosa, sentada ali com seu vestido com a barra de babados cor-de-rosa, com aqueles cachos indomáveis ficando ainda mais emaranhados com a umidade do fim da tarde. Eu queria protegê-la do sr. Gelfman, ou de qualquer outro homem por quem ela tivesse a intenção de se apaixonar, pois nenhum deles seria bom o bastante para minha melhor amiga; certamente, não os casados.

Limpei a garganta. *Será que ela conhece a reputação do sr. Gelfman?* Ela se lembrava das

hordas de garotas que se insinuavam para ele na escola secundária, onde ele era o professor mais bonito e arrojado da Lakeside. Todas as garotas de Literatura Inglesa queriam olhá-lo nos olhos enquanto a frase “Como posso amá-la?”, de Elizabeth Barrett Browning saía de seus lábios. Aquilo tudo era só diversão de garota, eu achava. Mas será que Kitty se esquecera do incidente, cinco anos atrás, com Kathleen Mansfield? Como poderia ter se esquecido? Kathleen, tímida, seios fartos, absolutamente idiota, fora enfeitiçada pelo sr. Gelfman. Ela rondava a sala dos professores no horário do almoço, e esperava por ele depois da escola. Todo mundo se perguntava sobre ele, especialmente quando uma de nossas amigas pegou Kathleen no estacionamento com o sr. Gelfman, depois do pôr do sol. Então, de repente, Kathleen parou de vir à escola. O irmão mais velho dela disse que ela fora viver com a avó no Iowa. Todos nós sabíamos por quê.

Cruzei os braços.

— Kitty, homens como o sr. Gelfman só têm um objetivo, e acho que nós duas sabemos qual é.

As bochechas de Kitty enrubesceram, para um tom mais escuro de cor-de-rosa.

— Anne Calloway! Como ousa sugerir que James seria outra coisa que...

— Não estou *sugerindo* nada — eu disse. — É só que amo você. Você é minha melhor amiga, e não quero que se machuque.

Kitty chutou as pernas com desânimo enquanto balançamos por alguns minutos em silêncio. Enfiei a mão no bolso de meu vestido e, em segredo, apertei a carta guardada lá dentro. Eu a pegara no posto do correio naquele dia um pouco mais cedo e estava louca para me esconder no meu quarto e lê-la. A carta era de Norah, uma amiga da escola de enfermagem que estivera me escrevendo semanalmente contando novidades do Pacífico Sul, onde ela estava servindo na Corporação de Enfermeiras do Exército Americano. Ela e Kitty, ambas de gênio forte, tinham se distanciado durante o final de nosso semestre juntas, assim, preferi não mencionar as cartas a Kitty. Além disso, não podia contar a ela o quanto as histórias de guerra e dos trópicos me cativavam. Elas pareciam ser páginas de um romance, tanto que uma parte de mim sonhava em pegar meu diploma de enfermagem recém-emitido e me juntar a ela lá, escapando da vida doméstica e das decisões pendentes. Mas, ainda assim, eu sabia que aquilo não passava de uma ideia irreal, um sonho acordado. Afinal, podia ajudar com os esforços de guerra em casa, me voluntariando no centro cívico ou coletando latas de alumínio e ajudando nos projetos de conservação. Chacoalhei a cabeça diante da ideia de perambular por uma zona de guerra nos trópicos a poucas semanas de meu casamento. Suspirei profundamente, grata por não ter comentado uma só palavra sobre isso com Kitty.

— Você só está com ciúmes — Kitty finalmente falou, ainda afetada.

— Que bobagem! — retruquei empurrando a carta de Norah mais para o fundo do meu bolso. O sol, alto no céu de verão, refletiu o anel de diamante em minha mão esquerda, produzindo um brilho reluzente, tão chamativo quanto o reflexo de um farol em uma noite escura, lembrando-me do fato inevitável de que estava noiva. Comprada e paga. — Vou me casar com Gerard em menos de um mês — eu disse. — E não poderia estar mais feliz.

Kitty franziu o cenho.

— Você não quer fazer alguma coisa diferente na vida antes de... — ela fez uma pausa como se as próximas poucas palavras fossem muito difíceis, muito desagradáveis de dizer — ... antes de se tornar a sra. Gerard Godfrey?

Balancei minha cabeça em protesto.

— É casamento, minha querida, não suicídio.

Kitty virou a cabeça para o outro lado, o olhar mergulhando em uma roseira no jardim.

— É quase a mesma coisa — murmurou entredentes.

Suspirei, inclinando-me de volta no balanço.

— Desculpe-me — sussurrou, virando de volta para mim. — Só quero que seja feliz.

Alcancei a mão dela.

— Mas eu serei feliz, Kitty. Gostaria que você enxergasse isso.

Ouvi passos no quintal, ergui os olhos e encontrei Maxine, nossa governanta, se aproximando com uma bandeja na mão. De salto alto, ela caminhava com firmeza pelo quintal, precisando de apenas uma das mãos para carregar uma travessa de prata lotada. Papa uma vez a chamara de graciosa e elegante, e realmente era. Ela praticamente flutuava.

— Posso lhes servir alguma coisa, garotas? — Maxine perguntou com sua voz linda e carregada de sotaque. A aparência dela pouco mudara desde que eu era criança. Ela era graciosa, com traços suaves, olhos verdes grandes e brilhantes, e bochechas que cheiravam a baunilha. O cabelo dela, agora ficando levemente grisalho, era puxado para trás em um coque impecável, sem nunca ter um fio fora do lugar. Ela usava um avental branco, sempre limpo e recém-engomado com uma rigidez admirável, amarrado firmemente ao redor de sua cinturinha. Muitas famílias na vizinhança tinham empregados, mas nós éramos a única casa que empregava uma governanta *francesa*, um fato que a mamãe fazia questão de comentar rapidamente nas festas.

— Estamos bem, Maxine, obrigada — respondi, enroscando meus braços nos dela.

— Há uma coisa — disse Kitty em tom conspiratório. — Pode convencer Anne a não se casar com Gerard. Ela não o ama.

— Isso é verdade, Antoinette? — Maxine perguntou. Eu tinha cinco anos de idade no dia em que ela viera trabalhar em nossa casa, e depois de uma rápida inspeção, disse com firmeza: — Você não tem cara de Anne. Vou chamá-la de Antoinette. — Eu me senti muito chique.

— Claro que não é verdade — respondi apressadamente. — Kitty está em um de *seus dias*. — Dei um olhar de desaprovação, meio de lado. — Sou a garota mais sortuda de Seattle. Vou me casar com Gerard Godfrey.

E eu era *mesmo* sortuda. Gerard era alto e incrivelmente lindo, com um maxilar forte, cabelos e olhos escuros combinando. Também era bem abastado, não que isso fizesse diferença para mim. A mamãe, por outro lado, frequentemente me lembrava de que, aos vinte e sete anos, ele gozava da distinção de ser o vice-presidente mais jovem do First Marine Bank, um cargo que queria dizer que ele herdaria uma fortuna quando tomasse o lugar do pai dele. Eu teria de ser uma mulher muito tola para declinar uma proposta de Gerard Godfrey, e quando ele pediu minha mão em casamento,

embaixo dessa mesma castanheira, balancei a cabeça e concordei, sem hesitar.

A mamãe ficou animadíssima ao ouvir a novidade. Ela e a sra. Godfrey haviam planejado a união desde nossa infância, obviamente. Os Calloway se casariam com os Godfrey. Era tão natural quanto café com leite.

Maxine pegou uma jarra de chá gelado e encheu nossos copos.

— Antoinette — disse ela vagarosamente —, alguma vez já lhe contei a história de minha irmã, Jeanette?

— Não — respondi. — Eu nem sabia que você tinha uma irmã.

Percebi que não sabia muitas coisas sobre Maxine.

— Sim — respondeu ela suavemente, parecendo pensativa. — Ela amava um garoto, um camponês de Lyon. Estavam loucamente apaixonados. Mas nossos pais a empurravam para outro homem, um homem que ganhava um salário decente nas fábricas. Então, ela desistiu do camponês e se casou com o trabalhador da fábrica.

— Que triste! — comentei. — Ela alguma vez o encontrou de novo?

— Não — respondeu ela. — E foi muito infeliz.

Sentei-me e alisei meu vestido, crepe azul com um cinto delicado em um corpete um pouquinho justo demais. Mamãe o trouxera para mim de uma de suas viagens de compras à Europa. Ela tinha o hábito de comprar roupas muito pequenas para mim.

— Bem, isso é muito triste, e sinto muito por Jeanette. Mas isso não tem nenhuma implicação na minha vida. Veja bem, eu *amo* Gerard. Não há mais ninguém.

— É claro que ama Gerard — disse Maxine, abaixando-se para pegar um guardanapo que caíra na grama. — Você cresceu com o garoto. Ele é como um irmão para você.

Irmão. A palavra tinha uma vibração estranha, especialmente quando usada para descrever o homem com quem eu iria me casar. Eu me arrepiei.

— Querida — continuou ela, enquanto me olhava nos olhos e sorria —, é sua vida e é seu coração. E você diz que não há mais ninguém, e isso pode até ser verdade. Estou simplesmente dizendo que talvez não tenha se dado tempo suficiente para encontrá-lo.

— Encontrá-lo?

— Seu verdadeiro amor — respondeu ela com franqueza.

As palavras saíram de sua língua de um jeito natural e simples, implicando que um sentimento tão profundo e intenso estivesse disponível para qualquer um que o procurasse, como uma ameixa madura pendurada em um galho, pronta para ser colhida.

Senti um arrepio passar por mim e coloquei a culpa na brisa que acabara de se intensificar e balancei a cabeça.

— Não acredito em contos de fadas, ou em cavaleiros com armaduras brilhantes. Acredito que o amor seja uma escolha. Conhece-se alguém. Gosta-se de alguém. Decide-se por amá-lo. Simples assim.

Kitty revirou os olhos.

— Que falta de romantismo terrível! — grunhiu ela.

— Maxine — eu disse —, e você? Algum dia já se apaixonou?

Ela passou um pano pela beirada da bandeja de chá, limpando as marcas que nossos copos tinham deixado.

— Sim — respondeu ela sem levantar o olhar.

Cega devido à curiosidade, nem parei para pensar que talvez a lembrança daquele homem fosse dolorida para ela.

— Ele era americano ou francês? Por que não se casou com ele?

Maxine não respondeu de pronto, e eu instantaneamente me arrependi pelo tipo de questionamento, mas então ela abriu a boca para falar.

— Não me casei com ele porque ele já era casado com outra pessoa.

Nós três levantamos o olhar quando ouvimos os passos de Papa no terraço. Fumando um charuto, ele atravessou a grama, vindo em direção a nós três.

— Oi, pequena — disse ele, sorrindo para mim através de seu bigode grosso e grisalho. — Achei que não viesse para casa até terça-feira.

Sorri de volta para ele.

— Kitty me convenceu a pegar um trem mais cedo.

Eu havia terminado meus cursos da faculdade na Portland State University na primavera, mas Kitty e eu tínhamos ficado lá durante dois meses de treinamento para tirar nossas licenças de enfermagem. O que faríamos com essas credenciais era motivo de grande preocupação para nossos pais. Que Deus não permitisse que as usássemos de verdade!

Gerard, por outro lado, achava todo esse negócio de estar me preparando para ser uma enfermeira, em uma só palavra, fascinante. Nossas mães não trabalhavam, assim como nenhuma outra mulher que conhecíamos. Ele brincava que o custo para contratar um motorista para me acompanhar aos meus turnos do hospital somaria mais do que qualquer salário que eu jamais ganharia, mas que se envergar o quepe branco e cuidar dos doentes era o que eu queria fazer, ele prometia me apoiar.

Na verdade, eu não sabia o que queria fazer. Escolhera a enfermagem por ser um contraste exato a tudo o que aprendi a detestar com relação à vida das mulheres que conhecia: mamãe, que dedicava-se a almoços e ao atual estado do comprimento da barra das roupas femininas; e minhas amigas da escola, que passavam meses de luxo em Paris ou Veneza depois da formatura da escola secundária, sem nada com o que se preocupar a não ser encontrar um marido rico para que pudessem perpetuar o estilo de vida da juventude delas.

Não, eu não me encaixava naquele molde. Seus limites me asfixiavam. O que me chamava atenção era a enfermagem, em toda sua crueza e coragem. Ela prometia preencher uma parte de mim que permanecera vazia durante a maior parte de minha vida, uma parte que ansiava por ajudar aos outros de uma maneira que não tinha nada a ver com o dinheiro.

Maxine limpou a garganta.

— Eu já estava de saída — disse ela a Papa, pegando a bandeja com um movimento fluido. — Posso lhe servir alguma coisa, sr. Calloway?

— Não, Maxine — respondeu ele. — Estou bem. Obrigado.

Eu gostava da maneira que ele falava com Maxine, sempre educado e gentil, nunca aborrecido ou apressado, que era o jeito de minha mãe.

Ela assentiu e atravessou o gramado esmeralda, desaparecendo dentro da casa.

Kitty olhou para Papa com olhos preocupados.

— Sr. Calloway?

— Sim, Kitty.

— Ouvi falar sobre outra leva de homens que estão sendo recrutados... — engoliu em seco — para a guerra. Li sobre isso no jornal, no trem. Sabe se alguém de Seattle foi notificado?

— Ainda é muito cedo, Kitty Cat — disse ele, usando o nome que ele tinha dado a Kitty quando ainda estávamos no primário. — Mas, da maneira que as coisas estão progredindo na Europa, creio que veremos um grande número de homens indo à luta. Acabei de passar por Stephen Radcliffe na cidade e ouvi dizer que os gêmeos Larson zarpam na quinta-feira.

Senti um aperto se formar em meu peito.

— Terry e Larry?

Papa balançou a cabeça solenemente.

Os gêmeos, um ano mais novos do que Kitty e eu, estavam indo para a guerra. *Guerra*. Isso parecia quase impossível. Não foi ontem que eles estavam puxando minhas marias-chiquinhas no primário? Terry era tímido e tinha bochechas salpicadas de sardas. Larry, um pouco mais alto e menos sardento, nascera um comediante. Ambos ruivos, raramente eram vistos separados. Eu me perguntei se os deixariam ficar um ao lado do outro no campo de batalha. Fechei meus olhos, como se tentasse suprimir os pensamentos, mas eles continuaram ali. *Campo de batalha*.

Papa leu minha mente.

— Se está preocupada que Gerard seja recrutado, não fique — ele garantiu.

Gerard era tão forte e corajoso quanto qualquer outro homem que eu conhecia, mas, por mais que tentasse, não conseguia imaginá-lo em qualquer outro lugar exceto em um banco, de terno. Ainda assim, por mais que quisesse que o poupassem da luta, uma parte secreta de mim queria vê-lo usando um uniforme, vê-lo lutar por algo que não fossem dólares ou centavos.

— A posição da família dele na comunidade é muito importante — continuou ele. — George Godfrey fará questão de que ele não seja recrutado.

Eu odiava o conflito que crescia em meu coração; o fato de me confortar na posição privilegiada de Gerard e, ao mesmo tempo, de detestá-la. Não era justo que homens de família pobres tivessem de lutar a guerra da nação enquanto alguns poucos privilegiados se esquivavam do recrutamento por razões frívolas. Claro, George Godfrey, um mago dos bancos, agora com

saúde precária, era um ex-senador, e Gerard era o próximo da linha a assumir as funções do pai no banco. Mas, mesmo assim, era perturbador imaginar os gêmeos Larson lutando em um *bunker* europeu no meio do inverno enquanto Gerard descansava confortavelmente em um escritório aquecido com uma cadeira giratória de couro.

Papa podia ler a ansiedade nos meus olhos.

— Não deixe que isso a preocupe. Detesto vê-la preocupada.

Kitty olhava fixamente para suas mãos no colo. Eu me perguntei se ela estaria pensando no sr. Gelfman. *Será que ele também iria para a guerra?* Ele não passava dos trinta e oito anos, certamente jovem o bastante para o combate. Eu suspirei, desejando poder querer que a guerra terminasse. As notícias sombrias do conflito pairavam no ar, se infiltrando e estragando até mesmo a mais perfeita tarde de verão.

— Mamãe vai jantar na cidade esta noite — Papa disse, dirigindo um olhar à casa com uma expressão de incerteza, que já tinha desaparecido quando os olhos dele encontraram os meus. — Terei o privilégio de jantar com as senhoritas esta noite?

Kitty balançou a cabeça.

— Tenho um compromisso — respondeu ela vagamente.

— Sinto muito, Papa. Tenho um jantar com Gerard.

Ele assentiu, parecendo repentinamente sentimental.

— Olhe só para vocês duas, crescidas, com seus próprios planos grandiosos. Parece que foi só um momento atrás que vocês, garotinhas, estavam aqui fora com suas bonecas.

Verdade seja dita, eu sentia falta daqueles dias simples e descomplicados que giravam em torno de bonecas de papel, roupas e festas de chá no terraço. Abotoei meu suéter contra o vento em minha pele; ventos de mudança.

— Vamos entrar — sugeri, pegando na mão de Kitty.

— Tudo bem — respondeu ela docemente. E, num piscar de olhos, éramos Kitty e Anne de novo.



Meus olhos queimavam da bruma de fumaça de cigarro pairando como uma nuvem baixa sobre a nossa mesa. As luzes estavam fracas no Cabaña Club, o lugar aonde todos em Seattle nas noites de sábado iam para dançar. Semicerrei os olhos, tentando compor a cena.

Kitty empurrou em minha direção uma caixa embrulhada em papel azul. Olhei para o laço de fita dourado.

— O que é isso?

— Uma coisa para você — disse ela com um sorrisinho.

Olhei-a inquisitivamente, e então para a caixa, e desamarrei a fita com cuidado antes de tirar o

papel de embrulho. Ergui a tampa branca da caixa de joia e coloquei de lado o forro de algodão, para encontrar um objeto brilhante lá dentro.

— Kitty?

— É um broche — disse ela. — Um broche de amizade. Lembra-se daqueles aneizinhos que tínhamos quando crianças?

Eu balancei a cabeça, sem muita certeza se a pontada em meus olhos era da fumaça ou das lembranças de tempos mais simples.

— Achei que precisávamos de uma versão adulta — explicou, tirando um cacho de cabelo de seu ombro para revelar, em seu vestido, um broche que combinava. — Está vendo? Também tenho um.

Passei os olhos sobre o balangandã prateado, redondo e pontilhado com pedrinhas azuis que compunham a forma de uma rosa. O objeto brilhava sob as luzes fracas do clube. Eu o virei para baixo, onde encontrei uma gravação: *Para Anne, com amor, Kitty.*

— É absolutamente lindo — elogiei, espetando a peça em meu vestido.

Kitty sorriu.

— Espero que isso seja um símbolo de nossa amizade, uma lembrança para que nunca tenhamos segredos uma com a outra, para que nunca deixemos que o tempo ou as circunstâncias mudem as coisas entre nós.

Concordei com um balanço de cabeça.

— Sempre o usarei.

Ela sorriu.

— Eu também.

Demos um gole em nossos refrigerantes e passamos os olhos pelo clube barulhento, onde amigos, colegas de escola e conhecidos se refestelavam naquela que poderia ser a última noite de sábado antes de seja lá o que fosse que lhes aguardava dali para a frente. Guerra. Casamento. O desconhecido. Engoli em seco.

— Olhe para Ethel e David Barton — Kitty cochichou em meu ouvido. Ela apontou para os dois agarrados no bar. — As mãos dele estão em todo lugar — disse ela, demorando-se um pouco de mais em sua contemplação.

— Ela deveria ter vergonha de si mesma! — eu disse, meneando a cabeça. — Está noiva de Henry. Ele não está estudando fora?

Kitty assentiu. No entanto, em vez de refletir meu olhar de desaprovação, a expressão dela contava uma história completamente diferente.

— Você não gostaria que alguém a amasse desse jeito? — perguntou ela ansiosamente.

Eu franzi o nariz.

— Aquilo, minha querida, não é amor.

— Claro que é — ela retrucou, encaixando o rosto na mão. Assistimos ao casal caminhar vagarosamente de mãos dadas até a pista de dança. — David é louco por ela.

— Louco, com certeza — concordei. — Mas não de *amor* por ela.

Kitty deu de ombros.

— Bem, eles têm paixão.

Tirei o pó compacto da bolsa e retoquei meu nariz. Gerard logo estaria aqui.

— Paixão é para os tolos — concluí fechando o pó compacto.

— Talvez — disse ela. — Mas, de qualquer forma, faria qualquer coisa por ela.

— Kitty!

— O quê?

— Não fale assim.

— Assim como?

— Como uma mulher *da vida*.

Kitty gargalhou no momento em que Gerard chegou à nossa mesa com seu amigo Max, um colega do banco; baixo, de cabelos crespos, um rosto comum e honesto e olhos para Kitty.

— Conte-nos qual é a piada, Kitty — disse Gerard sorridente. Eu amava o sorriso dele, tão charmoso, tão confiante. Ele ficou ao lado da mesa com seu terno cinza, ajustando uma abotoadura solta. Max permaneceu atento, arfando como um pastor alemão, olhos fixos em Kitty.

— Conte você, Anne — Kitty pediu, me desafiando com seu sorriso insolente.

Limpei a garganta, sorrindo maliciosamente.

— Sim, Kitty estava acabando de dizer, bem, que ela e Max formam um casal de dançarinos melhor do que nós dois, Gerard. — Dei um olhar vitorioso para Kitty. — Pode acreditar nisso?

Gerard sorriu e os olhos de Max se iluminaram.

— Ah, não podemos deixá-la falar desse jeito, não é, querida? — Ele olhou na direção da pista de dança e esticou a mão. — Vamos?

A banda começou a tocar e Max tropeçou nos pés, sorrindo de orelha a orelha. Kitty rolou os olhos para mim enquanto pegava na mão esticada de Max.

Gerard enroscou os braços em volta de minha cintura, suave e elegantemente. Eu adorava seu toque firme, sua confiança.

— Gerard? — murmurei no ouvido dele.

— O que é, meu amor?

Ele era um exímio dançarino, tão preciso quanto era com as finanças, sem nunca perder um centavo do orçamento.

— Você sente...? — Fiz uma pausa para ponderar o que exatamente iria perguntar a ele. — Você se sente *apaixonado* por mim?

— Apaixonado? — repetiu, escondendo uma risada. — Engraçadinha. Claro que sim. — Ele me apertou com um pouco mais de força.

— Apaixonado de verdade? — continuei, insatisfeita com a resposta dele.

Ele parou e puxou minhas mãos carinhosamente na direção de seu queixo.

— Não está duvidando de meu amor por você, está? Anne, a esta altura, deveria saber que eu a amo mais do que tudo, mais do que qualquer coisa sobre a face da Terra.

Eu assenti e fechei meus olhos. Momentos depois, a música parou e outra começou, agora um pouco mais lenta. Eu me aconcheguei mais perto de Gerard, tão perto que podia sentir o batimento de seu coração, e tenho certeza de que ele podia sentir o meu. Embalamos ao som tristonho da melodia do clarinete, e, a cada passo, assegurei-me de que tínhamos aquilo. Claro que tínhamos. Gerard era louco por mim e eu por ele. Essa sensação de incerteza não fazia o menor sentido. Culpei Kitty por plantá-la em mim. *Kitty*. Dei uma olhada para ela, dançando infeliz com Max, quando, do nada, o sr. Gelfman apareceu na pista de dança. Ele caminhou diretamente para ela, disse algo a Max, e tomou-a nos braços enquanto Max, arrasado, se afastava.

— O que Kitty está fazendo com *James Gelfman*? — Gerard perguntou, franzindo o cenho.

— Eu não gosto disso — comentei, observando enquanto o sr. Gelfman a girava pelo salão como uma boneca. As mãos dele estavam muito baixas na cintura dela, seu toque muito firme. Pensei em Kathleen, pobre Kathleen, e recuei.

— Vamos — eu disse a Gerard.

— Mas já? — perguntou. — Ainda nem jantamos.

— Maxine deixou alguns sanduíches na geladeira — respondi. — Não estou mais com vontade nenhuma de dançar.

— É a Kitty? — perguntou.

Eu concordei em um menear de cabeça. Sabia que agora não tinha mais como fazer Kitty parar. Ela deixara isso bem claro. Mas nem morta eu deixaria minha melhor amiga entregar seu coração, sua dignidade, a um homem que não era digno dela — a um homem *casado* que não era digno dela. Porém, havia algo mais na história, algo que minha mente, na época, não reconhecia, apesar de meu coração já saber: sentia inveja de Kitty. Queria sentir o que ela estava sentindo. E temia nunca vir a sentir.

O porteiro entregou meu casaco de veludo azul, e enfiei minha mão dentro do vão do braço de Gerard. Morno. Seguro. Protegido. Disse a mim mesma que eu era muito sortuda.



No caminho para casa, Gerard queria falar sobre imóveis. Deveríamos comprar um apartamento na cidade ou algo em Windermere, a vizinhança opulenta de nossa juventude, perto de nossos pais? O apartamento seria mais perto do banco. E que maravilhoso seria viver na Quinta Avenida, ele sussurrou. Mas os Buskirk venderiam a casa deles neste outono, uma mansão estilo

Tudor com quatro trapeiras na frente. Poderíamos comprá-la e reformá-la; construir uma nova ala para os empregados e um berçário para o bebê. Para o *bebê*.

Gerard continuou monótono, e, de repente, o ar no carro ficou quente. Quente demais. O caminho diante de mim ficou turvo e as luzes das ruas se multiplicaram. O que havia de errado comigo? *Por que não consigo respirar?* Tonta, agarrei na maçaneta da porta para me equilibrar.

— Você está bem, querida?

— Acho que só preciso de um pouco de ar — respondi abaixando o vidro da janela.

Ele deu um tapinha em meu braço.

— Desculpe-me, querida. Estou pressionando demais?

— Um pouco — respondi. — É que há tantas decisões a serem tomadas. Será que podemos fazer uma coisa de cada vez?

— Claro — ele concordou. — Por hora, sem conversas sobre casas.

Ele virou o carro para Windermere, passando pelas colunas elegantes e iluminadas ladeando a entrada. Entre elas havia um santuário bem cuidado, no qual os jardineiros passavam horas carpindo os gramados e arrumando os canteiros de flores, nenhuma pétala fora do lugar, e as governantas cuidavam das crianças de maneira parecida. Passamos pela casa dos pais de Gerard, a enorme mansão de cume cinza na avenida Gilmore, e pela casa branca de estilo colonial dos Larson, com cercas de arbustos bem aparados e urnas de pedras trazidas da Itália. *O que há de errado comigo?* Aqui estava um homem que me amava, que queria me dar uma vida bela e confortável, uma vida a qual eu estava acostumada. Dei uma bronca em mim mesma.

Gerard estacionou na garagem de meus pais, entramos em casa e fomos direto à cozinha escura.

— Maxine provavelmente já foi para a cama — eu disse olhando para o relógio. Nove e meia. Maxine sempre se recolhia a seus aposentos no andar de baixo às nove horas.

— Quer um sanduíche? — ofereci.

— Não, estou bem — disse Gerard consultando seu relógio, um Rolex, presente que dei a ele em seu aniversário de vinte e cinco anos.

Nós dois olhamos para cima ao ouvir passos.

— Papa? — chamei espiando pelo canto, onde detectei uma forma feminina descendo as escadas no escuro. — Mamãe? — Acendi a luz do corredor e percebi que estava enganada.

— Sua mãe ainda não chegou — disse Maxine. — Eu estava colocando toalhas em seu banheiro. Francesca não estava aqui hoje e queria ter certeza de que teria algumas de manhã.

— Ah, Maxine — falei. — Veja você, se preocupando com minhas toalhas a essa hora da noite. Não quero nem ouvir sobre isso! Por favor, vá descansar. Você trabalha demais!

Quando ela virou a cabeça para olhar para o relógio, pensei ter visto um brilho úmido nos olhos dela. *Será que ela estivera chorando ou era só a exaustão do dia?*

— Acho que devo dizer boa-noite — disse ela, balançando a cabeça. — A não ser que esteja precisando de alguma coisa.

— Não, não. — respondi. — Estamos bem. Bons sonhos, Maxine. — Enrosquei meus braços ao redor do pescoço dela do jeito que fazia quando era uma garotinha, inspirando o cheiro de baunilha de suas bochechas.

Depois que ela saiu, Gerard me beijou suave e gentilmente. *Por que ele não me beija por mais tempo?*

— Está ficando tarde — disse ele. — Acho que também devo ir embora.

— Você tem mesmo de ir? — perguntei, puxando-o em minha direção, olhando para o sofá na sala de estar com outras intenções. *Por que Gerard tem de ser tão prático?*

— Precisamos descansar — respondeu ele, meneando a cabeça. — Amanhã será um grande dia.

— Um grande dia?

— A festa — ele informou, olhando para mim desconfiado. — Você esqueceu?

Até aquele momento, eu tinha esquecido. Os pais de Gerard dariam uma festa de noivado para nós na casa deles, naquele gramado enorme, aparado tão perfeitamente que parecia o nono buraco no clube de campo do papai. Haveria uma banda, croqué, esculturas de gelo e travessas com sanduíches minúsculos servidos por garçons com luvas brancas.

— Só ponha um vestido bonito e esteja lá às duas horas — disse ele com um sorrisinho.

— Acho que consigo fazer isso — concordei, inclinando-me para dentro da porta.

— Boa noite, querida — disse ele, caminhando pela entrada da garagem.

Fiquei ali observando enquanto o carro dele desaparecia, até que o som do motor foi engolido pelo silêncio espesso da noite de agosto.

Capítulo 2



— Maxine!

Abri os olhos, piscando algumas vezes, tentando, em meu profundo estado de embriaguez, identificar a voz — alta, estridente, um pouco zangada, mas acima de tudo irritada e definitivamente decepcionada.

Mamãe. Ela estava em casa.

— Disse a você que hoje Anne usaria o vestido azul; por que ele não está passado?

A voz agora estava mais próxima, bem do outro lado da minha porta.

Empurrei a colcha de retalhos e me sentei ereta, alcançando meu robe antes de, relutantemente, colocar meus pés sobre o piso frio de madeira. *Pobre Maxine*. Ela não merecia que ninguém gritasse com ela. De novo.

Abri a porta.

— Mamãe! — chamei com cuidado. Eu sabia que era melhor não contradizer as suas decisões sobre moda. Caminhei lentamente para dentro do corredor. — Achei que fosse usar o vermelho hoje. Aquele que você comprou em Paris.

Ela sorriu, a poucos passos de distância do patamar, abrindo as cortinas violentamente, com um olhar irritado para Maxine.

— Ah, bom dia, querida — disse ela vindo em minha direção. — Não sabia que você já estava de pé. — Ela esticou os braços e colocou meu rosto entre suas mãos. — Você parece cansada, amorzinho. Ficou acordada até tarde ontem à noite? Com Gerard?

Ela sempre dizia o nome dele com um tom de animação, da maneira como alguém se deliciava com uma torta de creme de chocolate. Ocorreu-me, ao menos uma vez, que mamãe talvez quisesse se casar com Gerard Godfrey.

Meneei a cabeça.

— Não, fui dormir cedo.

Ela apontou para o inchaço embaixo dos meus olhos.

— Então por que esses círculos escuros?

— Não conseguia dormir — respondi.

Maxine se aproximou timidamente, com um vestido no cabide.

— Antoinette — disse ela. — É este aqui?

Assenti com a cabeça.

— Gostaria que você não a chamasse disso, Maxine — mamãe a repreendeu. — Ela não é mais uma garotinha. É uma mulher, e prestes a se casar. Por favor, use o nome de nascimento dela.

Maxine assentiu.

— Mamãe — dei um gritinho, oferecendo minha mão a Maxine —, eu *gosto* de ser chamada de Antoinette.

Mamãe deu de ombros. Um novo par de brincos de diamante balançou nos lóbulos de suas orelhas.

— Bem, suponho que isso não faça diferença agora. No mês que vem você será a sra. Gerard Godfrey, o nome mais importante de todos.

Senti uma sensação de formigamento embaixo de minhas axilas. Meus olhos encontraram os de Maxine, e compartilhamos um olhar conhecido.

— Será que deve usar o vestido vermelho, querida? — continuou mamãe, meneando a cabeça para a direita. Ela era uma mulher linda, muito mais bonita do que eu jamais seria. Eu sempre soube disso, desde que era pequena. — Não tenho certeza se a cor combina com você.

Maxine olhou mamãe diretamente nos olhos, algo que não fazia com muita frequência.

— Acho que é perfeito para ela, sra. Calloway — opinou ela, saindo do quarto para evitar uma nova discussão.

Mamãe deu de ombros.

— Muito bem, então. Use o que quiser, mas temos de sair para a casa dos Godfrey dentro de duas horas. É melhor você começar a se arrumar. — Ela estava a meio caminho no corredor quando se virou para mim e Maxine. — E prenda o cabelo para cima, querida. Sua silhueta fica muito mais atraente desse jeito.

Eu balancei a cabeça em concordância. Mamãe assinava todas as revistas de moda e frequentava os desfiles em Nova York e Paris todo ano. Ela dava muita importância à aparência, de uma maneira que outras mães não faziam — sempre em vestidos de estilistas, penteados perfeitos, acessórios mais recentes. E para quê? Papa mal notava. E, quanto mais roupas ela acumulava, mais infeliz parecia.

Quando mamãe não podia mais ouvir, rolei meus olhos para Maxine.

— Ela está em um *daqueles dias*, não está?

Maxine me passou o vestido. Os olhos dela me diziam que ainda estava ressentida com o tom de desprezo de mamãe. Caminhamos de volta até meu quarto, e eu fechei a porta.

Coloquei o vestido contra meu corpo.

— Tem certeza de que este ficará bem em mim?

— O que a está incomodando, Antoinette? — perguntou ela. Podia sentir os olhos dela beliscando minha pele, exigindo uma resposta que eu ainda não estava preparada para dar.

Olhei para baixo, para meus pés descalços sobre o chão de madeira.

— Não sei — respondi hesitante. — Fico preocupada que tudo esteja acontecendo rápido demais.

Maxine balançou a cabeça.

— Quer dizer, o noivado?

— Sim — respondi. — Eu o amo; amo de verdade. Ele é realmente um bom homem.

— Ele é um bom homem — ela falou objetivamente, deixando espaço para eu continuar.

Sentei-me na cama e encostei minha cabeça cansada contra a cabeceira.

— Sei que uma pessoa não pode ser perfeita e tudo o mais — continuei —, mas, às vezes eu me pergunto se eu o amasse mais, se sentisse algo mais profundo por ele, se ele faria a coisa certa.

Maxine pendurou o vestido na porta.

— E fosse para a guerra?

Eu assenti.

— Eu só gostaria que as coisas fossem diferentes com ele, conosco.

— Como o quê, querida?

— Quero sentir orgulho dele, do mesmo jeito que outras mulheres se sentem com relação a seus maridos irem para a guerra — prossegui, fazendo uma pausa para pensar em outros casais que conhecia. — Quero me sentir apaixonada por ele. — Dei uma risadinha nervosa. — Kitty acha que nós não temos paixão suficiente.

— Bem — disse Maxine ansiosa —, vocês têm?

— Não sei — respondi antes de me desvencilhar da ideia. — E me ouvir falando dessa maneira. Que noiva terrível que eu sou, só de falar dessa maneira. — Balancei a cabeça. — Gerard é um sonho que se tornou realidade. Tenho sorte por tê-lo. Está na hora de começar a desempenhar meu papel.

Os olhos de Maxine encontraram os meus. Podia ver um fogo ardendo lá dentro.

— *Nunca* fale dessa maneira, Antoinette — disse ela, pronunciando cada palavra tão firme e claro quanto podia em sua voz de sotaque carregado. — Nunca se pode desempenhar um papel na vida, especialmente no amor.

Ela passou os braços ao redor dos meus ombros, do jeito que fazia quando eu era uma criança, encostando seu rosto no meu.

— Seja você mesma — disse ela. — E nunca ignore o que seu coração está lhe dizendo, mesmo que isso a machuque, mesmo quando segui-lo pareça ser muito difícil ou inadequado.

Eu respirei fundo e enterrei meu rosto no ombro dela.

— Maxine, por que está me dizendo isso? Por que agora?

Ela forçou um sorriso, sua expressão revelando arrependimento.

— Por que eu não segui meu coração. E gostaria de tê-lo seguido.



A mãe de Gerard, Grace Godfrey, era uma mulher de aparência formidável. Seus olhos escuros e feições marcantes, que pareciam tão lindas em Gerard, se manifestavam em forma feminina como perigosa, estonteante. No entanto, quando ela sorria, as arestas se suavizavam. Quando criança, eu muitas vezes sonhara que mamãe fosse mais como a sra. Godfrey — prática, realista —, apesar de toda sua riqueza e posição social. Em uma época em que as mulheres de sua classe deixavam grande parte da criação dos filhos para os empregados, a sra. Godfrey não. Durante a infância deles, se um dos garotos Godfrey esfolava os joelhos, ela mandava a babá embora e fazia ela mesma o curativo, beijando carinhosamente o filho machucado.

— Não sei por que Grace Godfrey não deixa a babá fazer o trabalho dela. — Ouvi a conversa de mamãe com o Papa quando estava na escola primária.

E, conforme esperado, quando meus pais e eu atravessamos o gramado dos Godfrey naquela tarde, Grace podia ser vista ajudando os criados a carregar a estátua de gelo — um pato enorme com três patinhos seguindo cambaleantes atrás — do terraço até a mesa sobre o gramado.

— Deixe-me ajudá-la com isso — disse Papa de trás de mim.

— Grace, tome cuidado — grasnou mamãe. — Vai machucar suas costas.

A sra. Godfrey soltou o pato, que parecia perigosamente prestes a cair, quando Papa interveio para ajudar.

— Obrigada — agradeceu ela antes de se virar para mamãe. — Olá, Luellen, Anne. Não está um dia lindo para uma festa?

— Sim — respondi perscrutando o céu azul, uma fofa nuvem no céu como sua única residente. As mesas cobriam o extenso gramado e em todos os vasos em cima das toalhas de mesa lilás havia cinco galhos de hortênsias roxas. — Está... — fiz uma pausa, repentinamente tomada pela emoção da demonstração de amor por mim, por Gerard, por nossa futura união. — Está tudo tão lindo!

— Fico feliz que tenha gostado! — a sra. Godfrey disse, enroscando seu enorme braço no meu. — Gerard está no terraço esperando por você, querida.

Podia vê-lo a distância, deitado na *chaise longue*, fumando um charuto com o pai. Inteligente, lindo, forte, ele poderia ter saído de dentro das páginas de uma das revistas de mamãe. Quando me viu, ficou em pé rapidamente e dissipou a fumaça.

— Anne — chamou ele, num aceno. — Já estou descendo.

Ajeitei a faixa do meu vestido enquanto as palavras de Maxine ecoavam em meus ouvidos: “Não se pode desempenhar um papel na vida, especialmente no amor”. *Mas todo mundo*

desempenha um papel, não é? Mamãe. Papa. Kitty, de certo modo. Até mesmo Maxine. Por que esperar que eu me comportasse de um modo diferente?

Momentos depois, senti os braços de Gerard em volta da minha cintura.

— Você — disse ele, sussurrando em meu ouvido — é a mulher mais linda que já vi.

Enrubesci.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza absoluta — respondeu ele. — Onde comprou esse vestido? Você parece uma visão.

— Eu o vesti para você — eu disse. — Queria que você...

— Espere, aquele é Ethan Waggoner? — Ele semicerrou os olhos para a entrada do jardim no momento em que um homem e sua gravidíssima esposa passavam pelo portão. — Desculpe-me por interromper, coração, mas é um velho amigo da faculdade. Deixe-me apresentá-la.

A tarde foi tão repleta de apresentações e "como vais" que eu mal vi Gerard, exceto para um cumprimento ocasional vindo do terraço ou de um beijo no rosto, de passagem. Festas de noivados não eram para os noivos.

Quando o sino do jantar tocou, olhei em volta procurando por Kitty, e dei-me conta de que eu não a vira durante toda a tarde. *Isso é estranho; ela sabia do evento há semanas.* Durante o jantar, o lugar dela na ponta da mesa, ao meu lado e de Gerard, permaneceu curiosamente vazio. E quando a banda começou a tocar a primeira música da noite, *You Go to My Head*, comecei a me preocupar.

— Gerard — sussurrei no ouvido dele enquanto deslizávamos pela pista de dança, sentindo como se milhares de pares de olhos olhassem fixamente para nós através do ar cálido da noite. Tentei ignorá-los. — Kitty não apareceu. Estou preocupada com ela.

— Ela provavelmente só está um pouco atrasada — disse ele, sem nenhum traço de preocupação. — Você conhece Kitty.

Verdade, Kitty estava sempre atrasada. Mas não *cinco horas* atrasada para a festa de noivado de sua melhor amiga. Não, alguma coisa estava errada. Eu podia sentir.

Descansei minha cabeça na lapela de Gerard enquanto, de maneira perfeita, ele me levava pela pista de dança. Fechei meus olhos e deixei-o me levar, como sempre fazia, nunca tomando as rédeas, enquanto ouvia as palavras da música.

"Você me sobe à cabeça e fica lá como um refrão assombrado" Será que Gerard me subia à cabeça?

— Gerard — sussurrei. — Já pensou sobre a guerra? Sobre ir para a guerra?

Ele se afastou para olhar para mim.

— Querida, se está preocupada que eu seja recrutado, por favor, não fique. Meu pai já tomou as providências com relação a isso.

Eu franzi o cenho.

— Ah — eu disse, parando para escolher cuidadosamente as palavras. — Mas você nunca se preocupa que...

— Preocupo-me com o quê?

Meus pensamentos foram interrompidos pelo movimento, detectado pelo canto do meu olho, na entrada do jardim. Alguém estava abanando a mão, tentando chamar minha atenção. As luzes da pista de dança ofuscavam ao redor, mas eu semicerrei os olhos para colocar a pessoa em foco. *Kitty.* Lá estava ela, em pé atrás do portão do jardim. *Está trancado? Por que ela não entra?* Ela tocou os olhos levemente com um lenço. *Não, havia algo errado.*

A canção terminou e vários outros casais se juntaram a nós na pista de dança. Eu me inclinei mais perto de Gerard e cochichei:

— Você se incomoda de ficar sentado um pouco?

Ele me deu um sorriso confuso, mas assentiu, antes que eu corresse até o portão onde encontrei Kitty sentada na calçada, arrasada, a cabeça enfiada entre os joelhos.

— Kitty, o que aconteceu? — Primeiro notei seu rosto, a maquiagem manchada pelas lágrimas escorrendo pelas bochechas, os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Você deve achar que sou uma amiga horrível — ela soluçou, escondendo o rosto novamente.

Ajeitei o cabelo dela, colocando todos os cachos soltos de volta para dentro das presilhas, mas era inútil. Os cabelos dela estavam emaranhados de um jeito que eu nunca vira antes.

— Claro que não, minha querida — eu falei. — O que aconteceu? Conte-me.

— Sinto muito, Anne, por deixá-la na mão como eu fiz — ela fungou. — Você deve me considerar uma amiga desprezível. E eu sou. Sou uma amiga horrível e indigna. — Mais soluços se sucederam e eu tirei um lenço limpo da dobra de meu vestido e passei a ela.

— Você não é uma amiga indigna — eu disse. — Você é minha amiga querida.

Kitty assoou o nariz e levantou o olhar para mim, com olhos assustadoramente tristes. O olhar dela passava uma mensagem de tristeza, isso era certo, mas também de um quê de desespero. Aqui estava uma mulher à beira de uma drástica mudança. Eu afastei o olhar.

— Cheguei aqui horas atrás — contou ela. — Mas simplesmente não consegui entrar.

— Mas, por Deus, por que não?

Ela assoou o nariz de novo.

— Porque não consigo suportar ver você ir embora — confessou.

— Mas eu não vou a lugar nenhum, Kitty.

— É isso — disse ela. — Você irá. Você irá se casar. Você está mudando. E sei que deveria ficar feliz por você, mas tudo em que consigo pensar é como estou perdendo você.

— Ah, Kitty — eu disse. — Você nunca me perderá!

Ela balançou a cabeça.

— Perderei. E é assim que tem de ser. Só que ainda não me acostumei com a ideia. — Ela

apontou para a festa do outro lado dos arbustos. — É por isso que não pude me juntar a vocês esta noite. Sinto muito, Anne.

Alcancei a mão dela.

— Não — eu disse com firmeza. — Você não precisa se desculpar. — Usei a barra de meu vestido para secar uma lágrima errante que lhe escorria pelo rosto.

— Anne — disse ela, um pouco distante. — Há algo que preciso lhe contar.

Soltei a mão dela.

— O quê?

— Você não gostará.

— Diga-me de qualquer jeito — falei, cruzando os braços para seja lá o que estivesse por vir.

— Tomei uma grande decisão; sobre meu futuro — continuou ela. Pigarreou. — Você seguirá sua vida, e eu também devo seguir em frente.

— Kitty, o que está querendo dizer?

Ela tomou um fôlego profundo e tranquilizador.

— Lembra-se do pacto que fizemos quando nos matriculamos juntas para escola de enfermagem?

Balancei a cabeça.

— Lembro. Juramos que não acabaríamos como nossas mães.

— Exatamente — afirmou, olhando para a frente. — E que queríamos uma vida diferente, uma vida que fizesse mais sentido.

Franzi o cenho.

— Kitty, está querendo dizer que, ao me casar com Gerard estou...

— Não — respondeu ela rapidamente. — Não quero dizer isso. Só estou dizendo que me ocorreu que há algo que posso fazer com minha vida, com minhas habilidades, algo de grande significância. Já faz tempo que ando pensando, desde que ouvimos os rumores de guerra, mas esta noite, Anne, está claro o que eu preciso fazer.

Apertei minhas mãos com força sobre o colo.

— Vou embora — disse ela. — Para bem longe; para o Pacífico Sul. Vou entrar na Corporação de Enfermeiras do Exército para ajudar com os esforços de guerra. Estive no centro da cidade hoje, no centro de cadastramento para voluntários. Anne, eles precisam de enfermeiras treinadas. Estão desesperados por elas. Isso poderia finalmente ser minha chance de fazer algo de valor.

Meu coração se encheu de emoção. Pensei nas histórias recontadas nas cartas de Norah sobre as ilhas, as noites encobertas com as estrelas tão perto que se poderia tocá-las, a beleza e o mistério, o medo da destruição, da guerra, escondido em cada canto. Os homens. E, mesmo que eu só tivesse ousado sonhar em como tudo aquilo seria, não fazia ideia de que Kitty estivera fazendo planos secretos para ir.

Chutei uma pedrinha, mandando-a pelos ares na rua.

— Tem certeza?

— Tenho — respondeu ela suavemente.

Eu suspirei.

— Ouça — continuou Kitty. — Você irá se casar. Todo mundo se casa, ou vai para a faculdade, ou vai a algum lugar. Não vou ficar aqui sentada sem fazer nada, assistindo a tudo mudar. Quero fazer parte da mudança.

Sim, a mudança estava acontecendo para ambas, quer quiséssemos fazer parte dela ou não. Quanto mais perto chegávamos da mudança, mais tristeza nós sentíamos. E agora que estávamos frente a frente, ela me causava uma dor no coração à qual não podia ignorar.

— A mamãe odeia a ideia, é claro — prosseguiu Kitty —, de eu ir para uma ilha selvagem, de me misturar com os nativos, de viver entre os homens do exército, mas eu não ligo. Não me importo com o que ninguém pensa, exceto — o tom dela ficou mais cauteloso —, bem, você.

Também não conseguia imaginar Kitty lá, não por causa dos "selvagens" ou de outros homens, apesar de os últimos me preocuparem um pouco. Não, eu não conseguia suportar que Kitty estivesse indo embora, despencando para outra parte do mundo, sem mim.

— Tenho me correspondido com Norah — finalmente confessei.

Kitty pareceu chateada, mas então os olhos dela se iluminaram.

— Ela não está no Pacífico Sul agora?

— Está — confirmei. — Ela está tentando me convencer a me alistar.

Kitty sorriu.

— Bem, ela está desperdiçando tempo com a garota errada.

— Talvez não — eu disse suavemente.

Pensei sobre o casamento daqui apenas algumas semanas. Todos os pequenos detalhes me passaram pela cabeça como as cenas de um filme. Meu vestido, renda francesa. A cinta-liga azul. O bolo de cinco andares com *fondant*. Enfeites rendados. Buquês das damas de honra. Peônias brancas e rosas lilás. Arrepiei-me. *Como poderia me casar sem Kitty ao meu lado?*

Sentei-me mais ereta e sacudi a cabeça para mim mesma.

— Irei com você! — declarei resoluta.

Kitty resplandeceu.

— Anne! Você não pode estar falando sério! E o casamento? Teríamos de ir embora em menos de uma semana, e o comprometimento é de pelo menos nove meses, talvez mais.

Dei de ombros.

— Eles precisam de enfermeiras, não precisam? — Meu coração disparou com animação, expectativa e medo.

Kitty balançou a cabeça negativamente enquanto fungava.

— Eles precisam — ela confirmou. — O recrutador disse que a ação no Pacífico está pegando fogo, e estão desesperados por enfermeiras.

Sorri.

— Que tipo de amiga eu seria se a deixasse embarcar na aventura de sua vida sem mim?

Kitty jogou os braços me enlaçando, e nos sentamos na calçada juntas durante a próxima canção, e a outra. A música da festa soava como se estivesse a um mundo de distância, e, de algum modo, realmente estava. Os galhos bem aparados do loureiro representavam a fronteira entre o certo e o incerto.

— Gerard nunca me perdoará — disse Kitty. — Por roubar-lhe a noiva às vésperas do casamento.

Balancei a cabeça.

— Isso é bobagem. Você não está me levando como prisioneira. Estou indo porque quero.

Olhei por sobre meu ombro, para a festa atrás de nós. Minha decisão teria consequências, sabia disso. Mamãe teria uma crise de nervos. Papa me aconselharia a não ir. E Gerard... *Gerard.* Suspirei. Ele teria dificuldades em lidar com isso: sua noiva indo para uma zona de guerra enquanto ele ficava confortavelmente em casa. Eu sabia que ele também ficaria magoado, e isso era o que mais me preocupava. Mas não podia pensar nisso, não agora. Se ele me amasse, se me amasse de verdade, esperaria. E se não esperasse, bem, então eu enfrentaria a tempestade quando ela se aproximasse.

A cada momento que passava, sentia minha decisão se fortalecer. Eu precisava ir para o Pacífico Sul com Kitty. Por quê, exatamente? A resposta ainda era um mistério. Mas, mesmo assim, uma coisa era certa: nessa nova aventura eu não estaria simplesmente desempenhando um papel.

Capítulo 3



Kitty me cutucou com o cotovelo e eu gemi, abrindo minhas pálpebras pesadas.

— Dê uma olhada pela janela — disse ela, dando um gritinho de euforia. — Estamos quase lá!

Fora um voo de quarenta e cinco minutos de uma ilha no norte a qual chegamos de navio. Fiquei enjoada durante uns quatro dias inteiros e desejei estar em terra firme novamente. Olhei ao redor da cabine do pequeno avião, tão cinza e mecânico. Um lugar para homens. No entanto, exceto os pilotos na cabine de controle e um único soldado, um camarada alto e truculento com o cabelo louro-avermelhado e um uniforme recém-passado, de volta de sua longa licença médica, o avião estava lotado de enfermeiras.

— Olhe! — exclamou Kitty, colocando a mão sobre o coração. — Alguma vez já viu algo mais lindo?

Inclinei-me por cima de Kitty para dar uma olhada pela janelinha. Arfei quando meus olhos se depararam com o cenário lá embaixo: a água inacreditavelmente azul contra a areia branca e as montanhas verde-esmeralda, luxuriantes. Não esperava perder o fôlego diante daquela visão. Sinceramente, não estava esperando muita coisa. Norah, agora em um navio com destino ao continente, falara dos encantos das ilhas, mas, em casa, os artigos dos jornais contavam uma história diferente, de um calor tropical contínuo, abandono e miséria, onde os homens lutavam em pântanos infestados de mosquitos, descritos nas cartas como “o inferno na Terra”. Não, esta ilha era diferente, algo completamente diferente.

Meus pensamentos foram parar em Gerard e no olhar no rosto dele quando eu embarquei no avião: triste, incerto e um pouco assustado. Ele fora maravilhoso quando lhe contei, um dia depois da festa, que iria. Mas também havia algo preocupante nos olhos dele.

Claro, ele tentou me convencer a não ir, mas, ao final, apertou minha mão e forçou um sorriso.

— Estarei aqui quando você voltar. Nada mudará isso — afirmou ele.

Após uma longa conversa antes de eu ir embora, resolvemos postergar nosso casamento por mais um ano. Mamãe ficou arrasada ao ouvir as notícias, correndo para o quarto em prantos. Ler a reação de Papa foi um pouco mais difícil. Eu esperei até a noite após a festa dos Godfrey, bem antes do jantar, quando ele estava tomando uísque em seu gabinete. Gotinhas de suor apareceram em sua testa.

— Tem certeza de que quer fazer isso, pequena?

— Tenho certeza — afirmei. — Não posso lhe dar outra explicação a não ser lhe dizer que é a

coisa *certa*.

Ele balançou a cabeça, em seguida acendeu um charuto, assoprando a fumaça em direção à janela aberta. Os olhos dele cintilaram.

— Gostaria de ter sua coragem.

— Papa...

— Bem, então é isso — disse ele abruptamente, apagando o charuto em um cinzeiro e dissipando qualquer emoção pairando no ar. — Não queremos perder o jantar. Maxine está fazendo *croque monsieur*.

Mesmo assim, Papa só conseguiu comer um pedacinho naquela noite.

Ajeitei meu vestido. Como o meu estava tão amarrotado enquanto o de Kitty aparentava ter sido passado há pouco? Franzi o cenho. *Será que cometi um erro vindo até aqui?* Cruzei as mãos sobre meu colo e olhei o cenário lá embaixo, meu novo lar, pelo menos durante uma boa parte do ano.

Constance Hildebrand, a enfermeira responsável que seria nossa superior na ilha, ficou em pé na frente do avião e olhou com firmeza para o grupo de jovens enfermeiras. Ela era uma mulher corpulenta, com o cabelo grisalho preso rigorosamente dentro de um quepe de enfermeira tão apertado que parecia doer. Se ela tinha um lado meigo, mantinha-o trancado a sete chaves.

— Estamos quase chegando à ilha — começou ela. Estava barulhento dentro do avião e, mesmo ela falando muito alto, eu ainda precisava ler os lábios para entendê-la completamente. — Não se enganem com a beleza; este não é um lugar para luxos — continuou. — Trabalharão e suarão mais do que jamais imaginaram. O calor é duro. A umidade é sufocante. E, se os mosquitos não lhe pegarem, os nativos irão. Os que ficam perto da costa são amigáveis, mas não se aventurem além desse limite. Há aldeias de canibais não muito longe da base.

Passei os olhos pelas outras mulheres perto do corredor, olhos arregalados e assustados, enquanto a enfermeira Hildebrand pigarreava.

— Sei que estão cansadas, mas há trabalho a ser feito — disse ela. — Encontrarão seus aposentos, se lavarão, e me encontrarão na enfermaria às quatorze horas. E um aviso: haverá muitos homens assistindo ao desembarque de vocês, homens que não veem mulheres há muito tempo, exceto as *wahine*, as garotas maoris. — Ela chacoalhou a cabeça para enfatizar. — Não façam contato visual com os homens. Eles devem se comportar como cavalheiros.

Uma das garotas na fileira à nossa frente pegou seu pó compacto e retocou o nariz antes de passar uma nova camada de batom vermelho.

Kitty inclinou-se em minha direção com um sorrisinho.

— Há dois mil homens na ilha — cochichou ela. — E quarenta e cinco de nós.

Fiz uma careta para Kitty. Como ela podia pensar em homens quando tudo o que eu conseguia pensar era nos avisos assustadores da enfermeira Hildebrand?

— Acha mesmo que existem *canibais*?

— Nah — respondeu Kitty confiante. — Ela só está tentando nos assustar.

Sacudi a cabeça para me tranquilizar.

— Além do mais — acrescentei —, Norah não disse absolutamente nada sobre mosquitos nas cartas dela.

Kitty concordou com um movimento de cabeça.

— Meredith Lewis, você conhece, a irmã de Jillian, estava em outra ilha perto daqui. Ela chegou com a primeira leva de tropas e disse que as histórias de canibais eram ficção.

Porém, em vez de me confortar, as palavras de Kitty me atingiram o coração como um projétil. Meredith Lewis fora da classe de Gerard no ensino secundário. No Livro do Ano, a foto dela estava ao lado da dele, e a lembrança disso me fez sentir saudade de casa. Meu coração estava cheio de incerteza, mas os pensamentos se apaziguaram quando o avião começou a sacudir e baixar.

Kitty e eu nos demos as mãos ao pousarmos com um barulho pesado, diminuindo a velocidade em uma pista que parecia perigosamente próxima ao oceano. Por um momento, nos pareceu real a possibilidade de sermos arremessadas diretamente para dentro da água, como um torpedo em alta velocidade. Fiz o sinal da cruz em silêncio e disse uma prece.

— Aqui vamos nós — sussurrei entredentes alguns momentos depois, enquanto me enfileirava com as outras mulheres para sair do avião.

Senti a mão de Kitty sobre meu ombro, atrás de mim.

— Obrigada por vir comigo — sussurrou. — Ficará feliz por ter vindo, prometo.

Uma a uma, descemos as escadas do avião e pisamos na pista de pouso. O vento, morno e úmido, tocou meu rosto, e quando respirei fundo quase pude sentir o calor subindo pelos meus pulmões. Uma enfermeira à nossa direita, que tinha passado pó de arroz no nariz um pouco antes de sairmos do avião, agora tinha o rosto úmido e brilhante, e notei uma gota de suor escorrer por sua bochecha. Resisti à vontade de tirar o pó compacto de minha bolsa, lembrando a mim mesma que minha aparência não fazia diferença; eu estava noiva.

Olhei pela pista de pouso e vi que a enfermeira Hildebrand estava correta; pelo menos com relação aos homens. Um mar verde-escuro de uniformes que pululavam como vespas. Os mais atrevidos assoviavam; outros apenas se escoravam nos caminhões que estavam atrás, acendiam cigarros e observavam.

— Pode-se pensar que eles nunca viram uma mulher antes na vida — sussurrou Kitty, piscando os olhos para um soldado na frente da multidão, que inflou o peito e sorriu para nós, cheio de confiança. — Ele é um pitéu! — disse ela, um pouco mais alto do que deveria.

A enfermeira Hildebrand virou-se para nos encarar.

— Senhoritas, permitam-me apresentar o coronel Donahue — disse ela, virando-se em direção a um homem uniformizado, condecorado com pelo menos uma dúzia de medalhas e broches. Ao cruzar a pista de decolagem, seus homens entraram em posição de sentido. Um silêncio tomou conta da multidão, e as enfermeiras assistiam fascinadas, enquanto ele se aproximava. O coronel tinha aproximadamente quarenta anos, talvez um pouco mais velho, a pele bronzeada, cabelos escuros com algumas mechas grisalhas e olhos inegavelmente fascinantes. Em seu uniforme ele

parecia poderoso, e também um pouco assustador, eu pensei.

— Enfermeira Hildebrand, senhoritas — começou ele tocando a ponta de seu chapéu. — Gostaria de lhes dar as boas-vindas formais a Bora Bora. Somos muito agradecidos pelo serviço que estão prestando ao país, e posso lhes assegurar que o trabalho de vocês não passará sem um sincero agradecimento dos homens alocados nesta ilha, inclusive eu mesmo. — Ele virou-se para os homens e gritou: — Descansar! — E os homens explodiram em aplausos.

— Que cavalheiro perfeito! — Kitty sussurrou sem tirar os olhos do coronel.

Eu dei de ombros. O sol agora parecia ainda mais quente, seus raios jorrando sobre nós com uma intensidade que eu não havia percebido assim que saímos do avião. Saía do chão, fazendo o calor rodopiar ao nosso redor, sem descanso. O corpo de Kitty se arrastava vagarosamente ao meu lado. A princípio achei que ela estivesse mexendo o corpo acompanhando um disco de Ella Fitzgerald que estava tocando em um jipe perto de nós, mas quando me virei para encará-la, percebi que seu rosto estava branco e seus braços, largados.

— Kitty — chamei alcançando a mão dela. — Você está bem?

Seus olhos se abriam e fechavam enquanto as pernas se entortavam sob seu corpo. Consegui pegá-la ao cair, mas a mala, lotada com vestidos formais demais para a ilha, fora realmente a tábua de salvação, protegendo a cabeça contra a pista impiedosa. Ela desmaiou feito uma pilha de roupa amassada sobre o cimento quente da pista de pouso, com a cabeça em meu colo.

— Kitty! — gritei, instintivamente puxando para baixo a barra de seu vestido azul.

— Sais de cheiro! — ordenou a enfermeira Hildebrand, abrindo caminho por entre o círculo de mulheres ao redor. Ela tirou um frasco de vidro verde e colocou-o embaixo do nariz de Kitty. — O sol a pegou de jeito — disse ela sem emoção. — Com o tempo, ela se acostumará com ele.

O coronel Donahue apareceu ao lado da enfermeira Hildebrand.

— Arrumem uma maca para ela! — ele gritou para um homem perto do avião. — E rápido!

— Coronel Donahue — disse a enfermeira Hildebrand —, estamos lidando apenas com um caso de insolação. Ela ficará bem.

Ele deu uma olhada possessiva para Kitty.

— De qualquer modo, gostaria de ter certeza de que ela está confortável.

— Como queira — respondeu a enfermeira Hildebrand.

Dois homens apareceram momentos depois com uma maca e colocaram Kitty, agora consciente, porém um pouco grogue, em cima dela.

— Anne — disse Kitty virando-se para mim —, o que aconteceu?

O coronel Donahue esgueirou-se ao lado dela antes que eu pudesse responder.

— São sempre as mais lindas que desmaiam nos trópicos — disse ele com um sorriso irônico.

Eu não gostei do tom dele, mas Kitty resplandeceu.

— Que constrangedor! Fiquei desmaiada por muito tempo?

O coronel sorriu de volta. A multidão ao nosso redor era tão espessa que eu já não conseguia ver nada através dela.

— Só o suficiente para não ouvir a notícia que teremos um baile hoje à noite em homenagem à sua chegada — continuou, falando a frase de um jeito como se o baile fosse apenas para ela.

Kitty sorriu, coquete demais para se dirigir a um coronel daquela patente.

— Um baile? — perguntou ela baixinho.

— Sim — respondeu ele —, um baile. — Ele se virou para olhar para a multidão. — Vocês ouviram isso mesmo, homens, hoje à noite, às vinte horas.

— Obrigada — Kitty agradeceu, incapaz de deter o sorriso.

— O prazer foi meu — respondeu ele galantemente. — Gostaria de lhe pedir um favor.

— Claro — respondeu Kitty ainda resplandecente.

— Guarde uma dança pra mim.

— Adoraria — respondeu ela sonhadora enquanto os homens começavam a carregá-la por entre a multidão.

Kitty sempre soube como causar impacto.

O restante da multidão começou a se mexer. Olhei para minha mala e para a mochila enorme de Kitty e gemi. Os homens tinham se dispersado e agora eu teria de carregar as duas.

— Dá para acreditar nisso? — comentou uma mulher atrás de mim. Virei-me e dei de cara com uma das novas enfermeiras. As ondas ruivas macias lembravam Rita Hayworth na revista *Life*, mas a similaridade acabava aí.

— Perdão? — respondi, incerta sobre o que ela quis dizer.

— Sua amiga armou uma bela cena para conseguir a atenção do coronel — disse ela, sorrindo maliciosamente. Um pedacinho de renda estava à mostra no primeiro botão do vestido. Perguntei-me se aquela revelação era proposital.

Um segundo depois, outra enfermeira, esta com cabelo escuro brilhante e um sorriso tímido, apareceu ao lado da amiga com uma expressão de concordância.

— Ah, não, não — eu disse. — Não estão querendo dizer que Kitty desmaiou de propósito, estão?

— É exatamente o que estou dizendo — respondeu a enfermeira de cabelos ruivos, evidentemente a Alfa da dupla. — Cenas como esta não acontecem espontaneamente. Ela fingiu tudo.

— Ela com certeza não fingiu — refutei em protesto. — Se quer saber, acho que você está com ciúmes.

A enfermeira de cabelo escuro engasgou quando a outra mulher deu de ombros, confiante.

— Um dia você nos agradecerá — ela avisou.

— Pelo quê? — perguntei desconfiada.

— Por avisá-la do que sua amiguinha é capaz. Eu não confiaria em deixá-la por perto com qualquer homem meu.

Chacoalhei a cabeça e continuei andando, o mais rápido que podia com duas malas pesadas, uma muito mais pesada do que a outra.

— Que falta de educação de nossa parte! — a enfermeira ruiva gritou. Mas a desculpa que eu antecipara não veio. — Quase me esqueci de me apresentar. Eu sou Stella e esta é a Liz — disse ela, apontando para sua amiga morena.

Eu continuei andando, não dando importância à apresentação.

— E você é... ?

— Anne — rosnei, continuando a marcha sem virar para trás.



Nosso alojamento no quartel das enfermeiras era simples, na melhor das hipóteses, modesto, apenas duas camas mal construídas, uma penteadeira e um closet para nós duas dividirmos. As finas cortinas de algodão, desbotadas a um tom de amarelo pálido pelo sol quente, pareciam inadequadas para bloquear a luz do sol ou a linha de visão dos homens. Cheguei e encontrei Kitty sentada em uma das camas, batendo as unhas na parede.

— O que acha desse lugar para uma foto? — ela perguntou, meneando um pouco a cabeça. — Estava pensando em pendurar uma foto da mamãe e do papai.

Coloquei a mala dela no chão com um barulho pesado e enxuguei minha testa.

— Acho que está bom — respondi secamente. — Posso ver que já está se sentindo melhor.

— Sim, obrigada, querida — disse ela. — Eu me senti mal em deixá-la no meio da multidão daquele jeito. Mas o coronel Donahue insistiu.

Eu já estava começando a odiar o som do nome do *coronel*, mas fui cuidadosa em não deixar transparecer.

— Só estou feliz por você estar bem.

Kitty ia de um lado para o outro, como um passarinho da primavera, em nosso quartinho no segundo andar, falando ininterruptamente como poderíamos arrumar o lugar. Um lençol sobressalente faria uma franja perfeita, e com certeza conseguiríamos encontrar uma mesa de centro em algum lugar, para o chá. *Com certeza.* E as paredes, elas não tinham uma cor tão adorável e tranquila? *Sim, bege-enfermaria, muito tranquilizador.*

No entanto, sob meu ponto de vista, o quarto era úmido e estranho. Os dois colchões listrados de azul-marinho e vermelho eram rudes e pontuados de manchas visíveis. Senti falta de Maxine, ainda que esse pensamento me fizesse sentir infantil. Ela teria tomado a dianteira e arrumado as camas, fazendo uma xícara de chá calmante para as duas.

Agora eu estava sozinha.

— Anne, dá para acreditar que haverá um baile hoje à noite? Um baile! E o coronel Donahue

quer dançar *comigo*!

Lá estava aquele nome de novo. *Por que ele me afeta tanto? Será que não confio nas intenções dele ou meus pressentimentos estão errados?* Lembrei-me do que Stella e Liz disseram na pista de pouso. Elas estavam com ciúmes. Odiava pensar que eu também pudesse estar.

Kitty tinha um jeito com homens que eu nunca teria. Pensei em Gerard e rodei a aliança de noivado ao redor do meu dedo, que estava inchado por causa do calor.

— Sim, não será divertido? — respondi, tentando ao máximo parecer entusiasmada.

— Usarei meu vestido amarelo — informou Kitty, correndo até sua mala. Ela ficava maravilhosa de amarelo, especialmente naquele vestido que segurava esperando por minha aprovação. Eu já a vira usando-o meia dúzia de vezes, da última vez com os braços do sr. Gelfman bem enroscados ao redor do corpete. Engraçado, ela estava com o coração tão partido por causa do homem quando saiu de Seattle, mas a ilha parecia ter apagado a memória dela. Jurei manter a minha memória intacta.

Kitty olhou-se no espelho, pressionando o vestido ao corpo, alisando as pregas, as quais a umidade da ilha logo fariam desaparecer.

— Não sei — disse ela. — Talvez devesse usar o azul, aquele que compramos na Frederick & Nelson na primavera passada. Acho que é um pouco mais conservador.

Eu chacoalhei a cabeça.

— Não — comentei, pensando em Liz e Stella. Eu estava determinada a provar, para mim mesma, de qualquer maneira, que eu não estava com ciúmes, que estava apenas sendo a melhor amiga que podia ser para Kitty. Foi por isso que a segui até aqui, lembrei a mim mesma. — Use o amarelo. Você fica maravilhosa nele!

Kitty seria a mulher mais linda do baile. Ela se divertiria como nunca antes na vida. E eu ficaria feliz por ela.



A enfermaria, um prédio branco com uma cruz vermelha pintada sobre a entrada, cheirava a sabão e xarope de ipeca, com um toque de álcool cirúrgico, por precaução. Kitty e eu, as duas últimas a chegarem naquela tarde, nos acomodamos dentro do círculo de mulheres observando a enfermeira Hildebrand enquanto ela demonstrava, no braço de uma enfermeira, a arte dos cuidados de ferimentos nos trópicos. A atadura tinha de ser enrolada, ela explicou, em sentido anti-horário, não muito apertada, mas justa o bastante para parar o sangramento.

— A ferida precisa respirar — ensinou. — Ar de mais ou de menos e se tem uma infecção. — Ela fez uma pausa, olhando pelas janelas para as montanhas distantes. — Especialmente neste lugar maldito.

Passamos o restante da sessão enrolando ataduras em pequenos rolos apertados, depois as guardando em caixotes tirados no avião. Eu estendi grandes rolos de linho acinzentado sobre a mesa, tentando não pensar nas feridas que um dia eles cobririam. Kitty pegou em uma ponta, e eu,

na outra. Depois de uma hora, meus dedos doíam.

Trabalhamos em silêncio, mais por medo da enfermeira Hildebrand, pois todas nós tínhamos muita coisa a dizer. Porém, quando ela saiu para resolver um problema no refeitório, as mulheres começaram a encontrar suas vozes.

— Ela é durona, essa enfermeira Hildebrand — disse uma mulher à nossa esquerda. Um pouco mais velha do que Kitty e eu, ela tinha o cabelo cor de palha, sardas na ponta do nariz e olhos grandes e amigáveis. O sorriso dela revelava dentes tortos, os quais ela tentava, sem sucesso, esconder atrás dos lábios fechados.

— Ela é mesmo — concordei. — Não entendo, se ela odeia tanto este lugar, por que se voluntariou?

— Ela tem um passado aqui — disse ela.

— O que quer dizer com "um passado"?

— Tudo o que sei é o que outra enfermeira me contou no continente. — Ela baixou o tom de voz para um sussurro. — Ela esteve aqui antes, muito tempo atrás. E algo terrível aconteceu.

— O que aconteceu?

— Não sei exatamente o quê, mas algum tipo de escândalo.

— Não pode estar dizendo que ela é uma criminosa! — exclamou Kitty.

A mulher deu de ombros.

— Quem sabe? Mas eu é que não iria querer ver o lado ruim da enfermeira — disse ela. — Sou Mary — continuou, balançando a cabeça para Kitty e eu.

— Eu sou Anne.

— E eu sou Kitty.

Mary enfiou outro rolo de atadura dentro do caixote sobre a mesa.

— O que as traz aqui?

Kitty abriu a boca, mas eu falei primeiro.

— Serviço ao nosso país — respondi objetivamente.

Mary sorriu maliciosamente.

— Mas não é isso que todas nós dizemos? Bem, agora é sério, por que *mesmo* estão aqui? Estamos todas fugindo ou tentando encontrar alguma coisa. Qual é a história de vocês? — Ela olhou para meu anel de noivado, talvez porque eu estivesse agarrada a ele.

No entanto, desta vez, Kitty respondeu antes de mim.

— Anne ficou noiva — começou ela antes de eu interrompê-la.

— *Estou* noiva — eu a corrigi.

— Certo; Anne *está* noiva, mas postergou o casamento para vir comigo. — Kitty roçou o ombro contra o meu, um gesto de gratidão. — Eu estava em uma terrível enrascada amorosa antes de

virmos para cá. Senti que precisava fugir.

— Eu também — disse Mary, levantando sua mão esquerda vazia. — Meu noivo terminou nosso noivado. Ele veio um dia e disse que não me amava mais. Quais foram mesmo as palavras exatas dele? — Ela olhou para o teto como se quisesse resgatar a memória. — Ah, sim — continuou. — Ele disse: "Querida, amo você, mas não estou apaixonado por você". Como se isso não fosse o suficiente, em seguida ele anunciou que se casaria com minha melhor amiga. Aparentemente eles estavam se vendo há meses. Para ser sincera, garotas, aquilo quase me fez parar em um hospício, aquele sofrimento. Quando recobrei minha coerência o suficiente para pensar em meu próximo passo, sabia que tinha de sair da cidade. Queria ir para o canto mais remoto do mundo para anestesiar a dor. Nosso casamento seria no outono, no Cartwright Hotel em São Francisco. — Ela olhou para as mãos e suspirou. — Seria *grandioso*!

— Sinto muito — lamentei.

— Obrigada — agradeceu ela. — Não me importo de falar sobre isso agora, para ser sincera. — Ela começou a trabalhar em outro rolo de atadura. — Nós nos mudaríamos para Paris — continuou. — Ele ia, bem, ele irá se juntar ao Serviço Exterior. — Ela meneou a cabeça com melancolia. — Nunca deveria ter me apaixonado por Edward. Minha mãe tinha razão. Ele era bonito demais para mim. — Ela deu de ombros, substituindo a dor em seus olhos pela praticidade. — E agora estou aqui. E você? — Ela olhou para mim. — Você ama o homem com quem vai se casar?

— Claro que amo — respondi um pouco mais na defensiva do que planejara.

— Então por que está aqui e não em casa com ele?

Por que estou aqui e não em casa com ele? Será que a resposta é tão simples assim? Eu ponderei a questão por um momento. *Estou buscando uma aventura, como Kitty? Será que estou ouvindo as palavras de Maxine e me dando uma chance de esperar que algo — Deus me proteja, que alguém — apareça antes que eu sele meu destino?* Balancei a cabeça, aniquilando os pensamentos. *Não, estou aqui por Kitty. Sim, é isso, puro e simples.*

— Porque minha amiga precisava de mim — eu disse, apertando a mão de Kitty.

— Isso é meigo — Mary comentou. — Vocês têm sorte, sabem, de ter uma à outra. Eu não tenho uma amiga assim.

Kitty, sempre generosa, sorriu amigavelmente para Mary.

— Você pode ter a nós.

O sorriso charmoso de Mary revelou seus dentes imperfeitos.

— Eu adoraria isso — disse ela, enfiando outro rolo de atadura dentro do caixote. Tínhamos enrolado pelo menos cem, aproximadamente. Era uma pequena conquista, mas eu estava orgulhosa de nosso feito. Uma montanha de ataduras em nosso primeiro dia em Bora Bora. Estávamos *fazendo algo*. Estávamos vivendo de verdade.

As enfermeiras tinham duas mesas reservadas no refeitório, um prédio com mesas de lanchonete compridas agrupadas em fileiras. Não podíamos comer com os homens, a enfermeira Hildebrand avisara. Mesmo assim, estávamos cientes de cada movimento deles, assim como eles estavam dos nossos. Os olhos deles estavam presos em nós enquanto comíamos: carne em conserva e feijão.

— Esta comida é *horrível* — emendou Mary, pegando uma vagem com o garfo e segurando-a contra a luz. — Veja, essa coisa está petrificada.

— Voltaremos para casa absolutamente magras! — Kitty comentou sorrindo, sempre otimista.

Stella e Liz se sentaram à nossa frente, mas depois dos comentários sobre Kitty mais cedo, eu ignorei a presença delas.

— Olhem só! — Stella disse com um quê dramático, apontando para uma mesa de canto onde havia três homens sentados. — Quero um monte daquilo!

Mary e Kitty, sem notar meu incômodo, se viraram para ver sobre o que era toda a comoção.

— Ele é a imagem escarrada de Clark Gable — disse Kitty em concordância. — Quem será que ele é?

— O nome dele é Elliot — disse Stella. — O cabo que carregou minhas malas hoje nos apresentou. Ele não é um sonho?

Mary assentiu.

— Absolutamente — concordou ela, engolindo forçosamente um pedaço de carne em conserva.

— Mas é uma pena — continuou Stella. — Dizem que ele é profundamente apaixonado por uma mulher do lugar de onde vem. Uma mulher casada.

Nossos olhos se arregalaram todos ao mesmo tempo.

— Ele poderia escolher uma mulher aqui — ela prosseguiu, balançando a cabeça —, mas, dizem as más-línguas que ele passa as folgas enfiado em seu beliche escrevendo no diário, pensando nela.

— Que romântico! — disse Kitty sonhadora.

Eu balancei a cabeça.

— Um homem que ama uma mulher assim é muito raro.

— Ou muito idiota — Stella retrucou. Ela continuou com seu plano para chamar atenção de Elliot, enquanto eu espalhava a comida pelo prato.

Dei outra olhada para a mesa onde aquele homem, Elliot, estava sentado. Ele realmente lembrava Clark Gable. Belo, com olhos escuros e cabelos grossos cor de ébano que caíam em um cacho na frente. No entanto, meus olhos foram capturados por outro homem sentado à esquerda dele. Alto, mas não tão encorpado, com o cabelo mais claro e mais fino e a pele beijada pelo sol com uma camada de sardas. Sua mão esquerda levava comida até a boca enquanto a mão direita segurava um livro, com o qual ele estava muito envolvido. Ao virar a página, ele levantou os olhos, que imediatamente encontraram os meus, e os cantos de sua boca formaram um sorriso instantâneo. Virei a cabeça prontamente. *O que tinha dado em mim?* Imediatamente me arrependi

pela quebra de decoro.

Senti minhas bochechas queimarem ao forçar uma mordida de carne em conserva, tentando o melhor que podia evitar a vontade de vomitar subindo pela minha garganta. Stella tinha visto a troca de olhares e me deu uma olhada de desdém, mas eu me virei desejando retomar a compostura.



Cheguei à conclusão de que as noites tropicais eram melhores do que os dias tropicais, mesmo se houvesse mosquitos. A folga do sol deixava o ar mais agradável. E também havia a brisa fresca vinda do mar, e as estrelas, aquelas estrelas luminosas tão próximas que quase se podia esticar a mão e arrancar uma do céu cor de índigo.

Kitty e eu caminhamos de braços dados pelo caminho de pedras até o centro do acampamento para participarmos das festividades da noite, ela em seu vestido amarelo e eu em meu vermelho. Kitty implorara para que eu usasse algo mais ousado e, no último momento, concordei.

Não era uma caminhada muito longa, talvez o equivalente a cinco quarteirões na cidade, mas, de saltos altos, parecia uma distância enorme. Passamos pela enfermaria e notamos uma luz brilhando lá dentro. *Será que a enfermeira Hildebrand está lá dentro?* Passamos apressadamente. Ao nos aproximarmos do alojamento dos homens, Kitty e eu fingimos não ouvir os assovios vindos dos que estavam fumando do lado de fora.

A uma distância segura, Kitty puxou meu braço.

— Olhe — disse ela, apontando para um grande arbusto verde coberto de flores se abrindo, de tirar o fôlego.

— Elas são lindas — falei. — Que flores são?

Ela pegou uma flor vermelha do arbusto.

— Hibisco — respondeu ela, enfiando a flor atrás da orelha direita, antes de me oferecer uma. — Na Polinésia Francesa, quando seu coração já pertence a alguém, usa-se a flor na orelha esquerda — explicou. — Quando não, usa-se na orelha direita.

— Como sabe disso?

Kitty sorriu.

— Eu simplesmente sei.

Olhei para a flor enorme em minhas mãos, as pétalas enrugadas eram um tom brilhante de carmesim.

— Já que é assim, devo usá-la na esquerda — falei, colocando a flor obedientemente atrás de minha orelha.

— Que adorável! — Kitty comentou apontando para uma pista de dança improvisada. Fora construída com madeira compensada. — Luzes de fadas!

Fios de luzinhas brancas se penduravam por cima, cruzando os tetos construídos com folhas de

palmeiras. Os homens se amontoavam nas beiradas, cochichando entre eles enquanto um grupo de enfermeiras percorria o caminho pelo gramado. Cinco músicos estavam no palco, afinando os instrumentos enquanto um apresentador segurava um microfone.

— Gostaria de dar as boas-vindas à corporação de enfermeiras à nossa pequena ilha — iniciou o apresentador. — Vamos mostrar a elas como se diverte, rapazes.

Houve uma onda de gritos e aplausos antes de a banda começar, e, por um momento, ninguém se mexeu.

— O que devemos fazer? — sussurrou Kitty. A respiração dela fez cócegas em meu ombro.

— Não faça nada — respondi, desejando ter ficado para trás, no quarto, com um livro.

Stella e Liz se aventuraram e deram uns passos adiante, e dois dos homens fizeram o mesmo, um mais atrevido do que o outro.

— Posso ter a honra desta dança? — perguntou à Stella um soldado com um sotaque sulista e uma certa arrogância no andar. O outro chegou hesitante até Liz. As duas mulheres aceitaram.

— Olhe só para elas — eu disse a Kitty. — Tão rápido.

Kitty estava distraída demais para me ouvir. Eu sabia quem ela estava procurando. Mas, de repente, um homem se aproximou de nós; bem, se aproximou de Kitty. Eu o reconheci da manhã na pista de pouso.

— Vi sua flor — começou ele, fazendo uma mesura de um jeito exagerado. Os homens faziam coisas muito estranhas quando estavam perto de Kitty. — Sou Lance — ele se apresentou, esticando a mão para ela, e ela lhe ofereceu a dela, deixando que ele simulasse um beijo.

Revirei meus olhos. Ele era alto e atlético, com cabelos de um tom pálido de castanho, feições marcantes e um sorriso coquete que me fez desgostar dele instantaneamente.

— Sou Kitty — ela se apresentou evidentemente lisonjeada.

Lance sorriu.

— Gostaria de dançar?

Kitty balançou a cabeça, e ele a arrastou para a pista de dança, me deixando sozinha na beirada da pista. Batia meu pé no ritmo da música. Para um lugar no meio do nada, a banda até que era boa. Senti arrepios no braço quando ouvi uma clarineta tocar a melodia inicial da *A String of Pearls*. A última vez que eu ouvira aquela melodia de Glenn Miller fora no gramado dos Godfrey. Em nossa festa de noivado. Suspirei fundo, subitamente me sentindo sozinha. Deslocada. Estranha. Agarrei-me em meu vestido. Soltei uma presilha desobediente do meu cabelo e a abotoei de volta no lugar. *Onde está Mary?* Olhei ao redor, mas via apenas homens desconhecidos olhando para mim. *Graças a Deus pela flor.*

Mas, imune ao anel em meu dedo ou ao código da flor, um homem se aproximou de mim. A camisa dele parecia amassada, e podia sentir o cheiro de álcool em sua respiração, até mesmo antes de ele abrir a boca.

— Quer dançar?

— Obrigada — respondi educadamente —, mas não. Acho que essa eu vou passar.

— Você é bonita demais para ficar sem dançar — ele protestou. — Além do mais, estou cansado de *wahine*. Quero dançar com uma mulher americana de verdade. — Ele puxou minha mão para o lado e me arrastou para a pista de dança.

— Veja bem — falei, surpresa pela bravata dele. — Acho melhor não.

— Bobagem — disse ele, sorrindo. Eu podia sentir o cheiro ácido de cerveja, cerveja de mais, em seu hálito.

Ele pressionou o rosto contra o meu e dava para sentir os pelos eriçados de seu maxilar.

— Você é bonita — emendou ele quando a banda começou a tocar uma melodia. *Por favor, música lenta, não.* As mãos dele estavam quentes e úmidas sobre o meu vestido, e seu abraço era sufocante; mesmo assim eu estava determinada a aguentar aquilo; não podia fazer uma cena. Teria de aguentar até o final da música.

Porém, para meu horror, a música acabou e outro homem se aproximou, talvez um amigo de meu parceiro de dança, e quando o ritmo acelerou, eu me peguei no meio dos dois. Um me girava pelo braço, me rodando para o outro. Eu ia para a frente e para trás como uma bola em uma corda. Olhei ao redor, procurando desesperadamente por Kitty, e a encontrei aconchegada nos braços de Lance. Ela parecia feliz, entretida. *Não provoque uma cena.* Senti uma mão roçar meus seios. *De quem?* Congelei, ainda que minhas pernas continuassem se movendo. Meus olhos iam da esquerda para a direita, e outra mão se enroscou em minha cintura, essa mais firme. O ambiente começou a girar, ou talvez eu começara a girar. Os homens todos ao meu redor. Encalorados, suados. O ar úmido estava pesado. Senti minha voz subindo pela garganta, mas nada saiu. E então houve uma briga e uma pancada alta. Alguém caiu no chão. A música parou, e uma multidão se formou em volta de meu primeiro parceiro de dança. O sangue escorria pelo nariz dele. Ele estava desmaiado.

Passei pela multidão e saí da pista de dança, mantendo minha cabeça abaixada de propósito, envergonhada. Sentia-me culpada, mesmo sabendo que não fizera nada errado. Não queria ser seguida. Procurei pelo caminho de volta aos alojamentos, apressando meu passo quase a ponto de correr quando passei pelo alojamento dos homens. Senti lágrimas enchendo meus olhos enquanto o vento assoviava pelo topo das palmeiras. Era um som solitário, tão estrangeiro, tão estranho. Estava com saudades da nogueira. Estava com saudades de Seattle.

Assustada por um barulho nos arbustos, instintivamente me virei para a enfermaria em vez de continuar. O caminho mal iluminado e a noite da ilha pareciam inacreditavelmente perigosos sem Kitty ao meu lado. *Kitty*. Fiquei preocupada em deixá-la lá. Entretanto, ela estaria bem. Lance parecia bastante decente. Ou assim eu me convenci.

Uma luz brilhou do lado de dentro, e eu esperei encontrar a enfermeira Hildebrand em sua escrivaninha. Em vez disso, sentado lá havia um homem, o mesmo homem que eu vira no refeitório durante o jantar.

Ele sorriu, e eu lhe ofereci em troca um sorriso surpreso.

— Olá — disse ele do outro lado da sala. — Não quero lhe assustar. Estou apenas procurando ataduras. Achei que pudesse encontrar alguma aqui, mas vocês devem ter feito este lugar à prova

de soldados.

Eu semicerrei os olhos e notei que a mão dele estava sangrando. Fui até a caixa de ataduras que tínhamos enrolado naquela tarde.

— Aqui — eu disse, tirando um rolo da caixa. — Deixe-me ajudá-lo.

Disse a mim mesma para não ficar com vergonha. Eu era uma enfermeira. Ele era um paciente. Não havia razão para me sentir esquisita com a interação, nenhuma razão para me sentir estranha por estar sozinha com este homem depois do anoitecer.

— O que aconteceu? — perguntei, passando a gaze embebida em álcool cirúrgico sobre o ferimento.

Ele piscou, mas continuou sorrindo.

— Você não viu?

— Vi o quê?

— Não pude aguentar ver Randy Connors tirar vantagem de você na pista de dança — ele contou.

— Randy Connors? Tirar vantagem de mim? Desculpe...

— O quê? As mãos dele estavam em todo lugar em você.

Ele declarara um fato óbvio, mas, mesmo assim, eu ainda olhava para os meus pés, envergonhada.

O soldado ergueu meu queixo com a mão dele.

— Foi por isso que dei um soco nele.

Eu sorri.

— Ah! — falei, tentando ao máximo me recompor. *Será que ele consegue notar as lágrimas em meus olhos?* — Foi você. Bem, então eu lhe devo minha gratidão.

— Você deveria perdoar o homem — disse ele. — Eles não veem mulheres como você há meses, alguns até mais do que isso. Estamos nesse apuro há muito tempo.

Eu me lembrei da palavra que o soldado grunhira, *wahine*. Soara suja e dura em sua boca.

— Você por acaso sabe o que *wahine* significa?

Os olhos dele brilharam.

— É claro — disse ele. — É *mulher* em taitiano.

Eu balancei a cabeça.

— Bem, eu não me importo se esses homens estão longe de mulheres há séculos. Isso não é desculpa para barbárie.

— Não é — ele concordou. — É por isso que eu evito a maioria deles. Há poucos homens decentes aqui. Precisa aprender a ser direta com eles. Em casa você pode ser tímida; pode esperar decoro e cavalheirismo. Aqui não. Os trópicos trazem à tona o lado selvagem de todos nós. A ilha

anestesia nossas inibições. Ela nos muda. Você verá.

— Bem — eu disse com desdém, enrolando os ossinhos da mão com a atadura de linho exatamente do jeito que a enfermeira Hildebrand instruíra. — Eu, na verdade, não acredito que algo possa lhe mudar a não ser que se queira ser mudado. Já ouviu falar de livre-arbítrio?

— Claro — ele respondeu, parecendo absolutamente encantado. — Tudo o que estou dizendo é que este lugar tem uma maneira de revelar a verdade sobre as pessoas, descobrindo as camadas que carregamos e expondo nosso eu verdadeiro.

Eu fechei a atadura com uma forquilha de alumínio e soltei o ar.

— Bem, não tenho muita certeza disso — disse. — Mas você está pronto.

— Sou Westry — ele se apresentou, esticando a mão com a atadura. — Westry Green.

— Anne Calloway — respondi, cumprimentando-o delicadamente.

— Vejo você por aí. — Ele foi em direção à porta sem pestanejar.

— Nos vemos — eu disse, vendo uma marca vermelha em sua mão esquerda. Quando a porta se fechou atrás dele, ergui a mão até minha orelha. O hibisco desaparecera.

Capítulo 4



— A que horas você chegou a noite passada? — perguntei à Kitty na manhã seguinte, de minha cama do outro lado do quarto. Eu ficara acordada lendo por pelo menos duas horas, esperando por ela.

Ela deu outra olhada no relógio, em seguida afundou a cabeça de volta no travesseiro.

— Tarde — respondeu ela, a voz abafada pelo enchimento de pena.

— São quase nove — informei, lembrando nossa sorte por termos chegado à ilha em uma sexta-feira. Sábado era nosso único dia de folga. — Não vou deixar você passar seu dia de folga dormindo. Venha, vamos nos vestir!

Ela bocejou e sentou-se em posição ereta.

— Mal posso acreditar que já são nove horas.

— Sim, dorminhoca — falei caminhando até o closet. Hoje eu queria explorar a praia e precisaria usar alguma coisa leve.

Kitty ficou em pé rapidamente.

— Preciso me apressar — ela disse. — Lance irá me levar à cidade para passar o dia.

Meu coração afundou e Kitty percebeu.

— Você pode vir também — ela ofereceu. — Ele a convidou.

— E ficar segurando vela? — Sacudi a cabeça. — Não obrigada. Pode ir sozinha.

Kitty balançou a cabeça, desabotoando a camisola, deixando-a cair no chão e expondo os seios, duas esferas perfeitas.

— Você virá conosco — ela afirmou. — Algumas pessoas também vão. Lance pegará um jipe. O Elliot virá, e Stella.

— O quê? — perguntei. — Como ela o convenceu a ir?

— Ela não o convenceu — Kitty falou. — Foi o Lance.

Fechei as cortinas para esconder o corpo nu de Kitty dos olhos predadores dos homens.

— Alguém mais irá? — Pensei em Westry.

— Acho que é só — Kitty respondeu olhando dentro do closet. — Espere aí, você pensou em

alguém? — Havia um quê de brincadeira no tom de voz dela.

Balancei a cabeça.

— Estava só pensando em Mary.

Kitty não tirou os olhos de dentro do closet.

— Eu não a vi a noite passada; você a viu?

— Não — respondeu ela puxando um vestido azul-bebê de mangas curtas. — O que acha deste aqui?

— Está bom — eu disse menos preocupada com o guarda-roupa de Kitty do que com a segurança de nossa amiga. — Não acha que devemos checar com a enfermeira Hildebrand para ver se a Mary está bem?

Kitty deu de ombros, levantando um par de sapatos de saltos cor de caramelo para inspeção.

— Sim ou não?

— Não — falei. — Use os azuis. Seus pés me agradecerão mais tarde.

Ela abotoou o sutiã e entrou em uma combinação de seda branca antes de colocar o vestido.

— Me conte sobre o Lance — pedi um pouco reticente, fechando o zíper do vestido. — Você gosta dele?

— Gosto — disse Kitty, apesar de eu ter notado um tom de hesitação em sua voz. — Ele é ótimo.

— Teve a chance de dançar com o coronel na noite passada? — perguntei tirando do closet um vestido cor de canela bem simples.

Kitty balançou a cabeça.

— Tive — ela relatou sorrindo. — E foi divino. Lance não ficou muito feliz, mas ele nunca desafiaria seu superior.

Dei uma olhada em mim mesma no espelho oval na parede. Minhas bochechas estavam avermelhadas pelo calor da manhã e meu cabelo parecia lambido. Na batalha contra a humidade, a humidade vencera. Dei de ombros e o prendi para trás com um grampo. De qualquer forma, estaria usando um chapéu.

— Pronta? — Kitty perguntou, agarrando sua bolsa de mão.

Fitei-a de volta. Suas bochechas estavam rosadas, não vermelhas como as minhas. Seu cabelo, mais cacheado e bagunçado do que nunca, estava encantador do jeito que ela o usava, preso para o lado.

Os trópicos se transformaram nela.

— Pronta — respondi, seguindo-a pela porta.

Lance dirigia rápido demais. Kitty, de qualquer forma, não estava nem aí, linda no banco da frente enquanto Stella, Elliot e eu fomos espremidos no banco detrás como picles em um dos vidros de mantimentos de Maxine. Minhas pernas começaram a suar sobre o assento quente de tecido, e agarrei meu chapéu enquanto Lance acelerava o motor. A estrada de pedras cheia de buracos que circundava a ilha não era para os fracos do coração. A poeira era espessa; desejei ter trazido um lenço.

— Primeiro para o centro da cidade — Lance disse, soando como um guia turístico mais do que zeloso. — E, depois, para a praia.

Kitty soltou um gritinho e Stella olhou para Elliot, cujo olhar permanecia fixo na estrada à frente.

— Você vem muito à cidade? — ela lhe perguntou com meiguice.

Ele não respondeu.

— EU PERGUNTEI — repetiu Stella, desta vez mais alto, competindo com o barulho do motor —, VOCÊ VEM MUITO À CIDADE?

Elliot olhou para nós, a princípio surpreso, depois confuso, como se não tivesse certeza de qual das duas falara com ele, e por que tão alto.

— Não, não muito — ele respondeu seco, antes de voltar o olhar para a estrada.

Stella bufou e cruzou os braços em frente ao peito. O ar cheirava a terra depois da chuva, misturada a um odor doce de flor que eu não reconhecia.

— Vê aquilo? — disse Lance, apontando para a propriedade fechada por um portão à nossa esquerda. Ele diminuiu a velocidade do jipe, e fiquei feliz por poder soltar meu chapéu por um momento. Meu braço já estava começando a ter cãibras. — É uma fazenda de baunilha. Quase toda a baunilha do mundo vem desta ilha.

Não tinha certeza se aquela parte dos fatos era verdadeira, ou se Lance simplesmente tinha acrescentado para impressionar Kitty, mas a ideia de ver uma fazenda de baunilha de verdade e em funcionamento era absolutamente fascinante. Lembrei-me de Maxine. Será que ela era feliz vivendo na casa de Windermere, dia após dia servindo aos meus pais, com nada muito além de “Obrigada, Maxine” ou “Isso é tudo, Maxine”?

— Um americano é o dono do lugar — Lance continuou. — Ele se casou com uma garota da ilha.

Os olhos de Stella se arregalaram.

— Pensei que todos fossem canibais.

Elliot tirou os olhos da estrada e me deu um olhar astuto antes de voltar para seus pensamentos silenciosos.

Lance continuou. Casas provisórias, construídas com pedaços de tábua, salpicavam ao lado da estrada, enfiadas sob as palmeiras exuberantes. De vez em quando víamos um galo ou galinha ciscando, ou uma criança correndo nua em frente a um dos barracos, mas nunca um adulto, e eu estava curiosa para ver um desses nativos de quem a enfermeira Hildebrand falara.

O jipe mudou de direção perto do lado norte da ilha e passou por uma pequena enseada azul-turquesa com um navio ancorado a distância. A cena poderia ter sido tirada de uma página de *Robinson Crusoé*. Momentos depois, Lance parou do lado da estrada.

— Aqui estamos — disse ele.

Pisei no chão poeirento e virei para olhar o cenário movimentado à frente, onde nunca se poderia achar que havia uma guerra acontecendo a alguns quilômetros da praia. Havia filas de mesas cobertas com frutas e legumes exóticos, colares feitos à mão, pacotes de cigarros e garrafas de Coca-Cola. Os donos das lojas, quase nus, com pele cor de oliva e olhos enigmáticos, sentavam-se atrás das mesas parecendo vagamente entediados, ou sonolentos, ou ambos, enquanto os soldados iam de um lado para o outro gastando o dinheiro ganhado a duras penas em qualquer coisa que lhes chamasse atenção.

— Veja — disse Stella, resfolegando. Ela apontou para uma mulher nativa caminhando em nossa direção. De seios à mostra, ela usava o cabelo preso em uma trança única que repousava entre seus seios. Uma faixa de tecido verde pendurava-se ao redor da cintura dela, amarrada de um jeito perigosamente frouxo. Tentei desviar o olhar, mas os seios dela, com os mamilos tão escuros, fisgavam meus olhos com uma força magnética. A presença dela causava a mesma reação em Stella, Kitty, Elliot e, principalmente, Lance.

— Sr. Lance — a mulher falou, abaixando a bolsa que estava carregando. Sua voz com um sotaque pesado era meiga e macia. Ela devia ter dezoito anos, talvez até mais nova. Seus seios se penduraram e balançaram quando ela se agachou até a bolsa e tirou um pacote de Lucky Strikes. — Seus cigarros — continuou ela, dando o cigarro a ele.

Como Lance conhece essa mulher, ou melhor, esta mulher-criança?

— Obrigado — agradeceu Lance. Kitty observou-o enquanto guardava o pacote de cigarro no bolso da camisa. — *Atea* é a única lojista aqui que consegue meus Lucky Strikes. Ela guarda um pacote para mim toda quinta-feira.

Atea parecia orgulhosa ali em pé, de peito nu, sem um resquício de recato. Os olhos dela reluziam. Ela não olhava para ninguém exceto Lance.

— Você virá hoje? — perguntou ela, alheia ao mal-estar estranho pairando no ar.

— Hoje não, Atea — respondeu ele, dispensando-a com um balanço de cabeça constrangido. — Seja uma boa menina e me arrume mais alguns, se puder. Voltarei em alguns dias. — Ele colocou uma moeda na mão dela e, em seguida, alcançou o braço de Kitty. — Agora vamos ver o restante do mercado.

— Aquilo foi estranho — disse Stella, inclinando-se mais perto de mim momentos depois.

Foi realmente estranho, mas não ia discutir aquilo com ela, não quando Kitty poderia escutar. Em vez disso, perguntei:

— O que há de tão estranho em Lance comprar cigarros de uma mulher?

Stella deu um sorriso falso e prosseguiu, parando na mesa de contas coloridas brilhantes.

— Está bem? — perguntei a Kitty, assim que Lance estava a uma distância suficientemente segura.

— Claro — respondeu. — Por quê?

Que bom. Ela não ficou chateada com o encontro. Assim, vou simplesmente deixar para lá.

— Ah, por nada — respondi. — Só queria ter certeza de que o calor não estava lhe fazendo mal.

Ela respirou profundamente o ar úmido da ilha e sorriu.

— Estou me divertindo como nunca! — ela declarou cheia de alegria.



Stella estendeu um cobertor na praia, cuidadosa para garantir um lugar perto de Elliot.

— Estou morrendo de fome, você está? — perguntou ela tentando chamar atenção dele.

No entanto, ele mal balançou os ombros e murmurou algo antes de escorar as costas em um grande pedaço de madeira fincado na areia, destruindo qualquer possibilidade de conversa futura, colocando seu chapéu sobre os olhos, ele respondeu:

— Tomei um bom café da manhã.

Fomos levados de volta para o outro lado da ilha, perto da base. Apesar de termos escolhido um lugar sob a sombra de uma palmeira para o nosso piquenique, a areia branca ainda exalava calor. Cruzei as pernas desagradavelmente enquanto Kitty colocava um pedaço de pão, um lindo cacho de minibananas, quatro garrafas de Coca-Cola e um naco de queijo: nosso almoço improvisado, arranjado no mercado.

No início comemos em silêncio, assistindo às ondas quebrarem na praia. Então Kitty apontou para o mar e disse o que todos nós sentíamos:

— É difícil acreditar que há uma guerra por aqui. Esse pedaço do mundo é lindo demais para ser destruído.

Eu assenti, pegando outra banana. Elas tinham um sabor diferente das bananas de casa, um pouco mais ácidas, com um toque de limão.

— Mas há — retruquei objetivamente.

— E uma muito séria, por sinal — Lance acrescentou. — Ainda ontem os japas derrubaram três aviões nossos.

Stella pareceu preocupada.

— Acha que veremos luta aqui na ilha?

— Talvez sim — Lance confirmou com um tom sério. — Mas o coronel Donahue não acha isso. Ele é um tolo. Vou lhes dizer, estaremos todos dormindo em nossos alojamentos quando os japas sobrevoarem e nos bombardearem quando menos esperarmos.

Kitty ergueu os olhos com preocupação, então sacudiu a cabeça.

— O coronel Donahue protegerá esta ilha.

Lance deu de ombros e forçou um sorriso antes de murmurar:

— Se é assim que pensa. Eu poderia conduzir melhor essa operação até de olhos fechados.

Essa declaração era prepotente demais para um homem de vinte e cinco anos, mas Kitty não deve ter sido afetada pela arrogância dele, pois deitou a cabeça suavemente no colo de Lance. Pelo sorriso dele, eu podia dizer que ele tinha gostado.

Elliot começou a roncar. Stella fechou a cara.

— Acho que vou dar uma volta — eu disse, ficando em pé. Os olhos de Kitty estavam fechados fingindo uma soneca no momento em que ajustei a aba do meu chapéu e chutei meus sapatos. — Volto logo — informei, apesar de achar que ninguém nem levantou os olhos.

Caminhei pela praia, parando de vez em quando para olhar uma pedra ou uma concha, ou para me extasiar com o padrão de crescimento das palmeiras, que alcançavam o mar na horizontal. Anos de vento e tempestades tropicais esculpiram os troncos, no entanto, eu gostava de pensar que elas cresciam daquela maneira porque o mar as chamava. Isso me lembrou do que Westry dissera com relação à ilha mudar as pessoas. *Será que eu conseguirei resistir à sua força?*

Pisei firme na areia e segui em frente. Depois da manhã no mercado, era bom ficar sozinha com meus pensamentos e com a calmaria das ondas na praia. A praia deserta parecia se estender em direção ao infinito. Cheguei mais perto da água, deliciando-me com a sensação da areia fresca banhada pelo mar nos meus pés. Cada passo deixava uma marca com uns três centímetros de profundidade.

Uma ave marinha grasnou de seu galho sobre a rocha a alguns metros de distância onde notei, pela primeira vez, outro conjunto de pegadas, mais leves, mais antigas, ainda assim bem frescas. *De quem?*

Seria tolice segui-los, eu disse a mim mesma. *E se forem de um nativo? De um canibal?* Sacudi a cabeça. *Estou sozinha. Deveria voltar.* Mesmo assim, elas me atraíram para um pouco mais longe na praia, um pouco depois da curva. *Só alguns passos mais para a frente.*

As pegadas pararam em um cobertor bege amassado, preso à areia com nada além de um livro. Reconheci o tecido imediatamente, pois eu tinha o mesmo padrão militar na cama do alojamento. *Mas quem estava aqui?*

Virei-me rapidamente quando ouvi um barulho farfalhante nos arbustos atrás das palmeiras na ponta da praia.

— Olá! — disse um homem aparecendo do meio do nada a alguns metros de distância. Ele carregava uma grande folha de palmeira que lhe cobria o rosto, mas quando a moveu para o lado pude ver que era Westry.

— Olá! — falei um pouco surpresa, mas agradecida por ter evitado um encontro de natureza menos amigável.

— Você está me seguindo? — disse ele brincalhão.

Eu me senti meio boba, depois irritada.

— Claro que não — respondi, minha voz cheia de orgulho. *Não posso deixá-lo pensar que o*

estou seguindo. — Só estava dando uma volta, o que me faz lembrar que preciso ir. Meus amigos estão me esperando.

Westry sorriu.

— Ah, não vá — disse ele empurrando a base do galho da palmeira para dentro da areia e, em seguida, sentando-se. — Veja só, a sombra perfeita. Não quer se sentar? Só por um minuto?

Era impossível resistir ao sorriso dele. Eu hesitei, então senti os cantos de meus lábios se erguerem sem minha permissão.

— Tudo bem — concordei, sorrindo contra minha vontade. — Só por um minuto.

— Dia lindo — ele comentou, recostando-se nos cotovelos.

— Muito — eu disse puxando a barra de meu vestido mais para baixo.

— O que a traz à minha praia?

— *Sua* praia?

— Sim — disse ele com firmeza. — Eu a descobri.

Eu deixei escapar uma risadinha.

— Você é uma peça rara.

— É uma costa virgem, sabe — Westry continuou. — Claro que os nativos têm estado aqui desde sempre, e será sempre deles. Mas o restante do mundo ainda não está aqui. Por hora este pequeno pedaço de paraíso é meu. — Ele olhou para mim. — Bem, nosso. Deixo você ficar com metade.

— Nossa! Isso é muito generoso de sua parte — falei entrando na brincadeira.

— Sabe o que farei depois que a guerra terminar?

— O quê?

— Vou comprar este pedaço de terra — disse ele com seriedade. — Tanto quanto eu consiga pagar. Vou construir uma casa e criar uma família, bem aqui. Minha esposa e eu, de nossa varanda, assistiremos ao nascer do sol todas as manhãs e ouviremos as ondas se quebrarem na praia todas as noites.

— Soa absolutamente romântico — comentei. — Mas acho que você está blefando. Tem certeza de que quer viver *aqui* depois — apontei para longe, para o Pacífico, onde navios de guerra japoneses deveriam estar tomando seus lugares a cada momento —, depois de tudo isto? Depois da guerra?

Westry balançou a cabeça.

— Certeza — afirmou ele. — É o paraíso.

Era o paraíso, lembrei a mim mesma.

— Mas você não tem uma vida lhe esperando em casa?

— Não — disse ele sem hesitar. — Mas *você* tem.

Não era uma pergunta, mas sim uma declaração. Ele vira o anel em meu dedo.

— Tenho — confirmei com sinceridade.

— Você o ama?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Uma pergunta simples — disse ele sorrindo. — Então, qual o veredito?

— Claro que eu o amo — respondi afastando os olhos. *Por que ele tem de olhar para mim desse jeito?*

— Ele é um bom homem?

Assenti.

— Eu não me casaria com nenhum homem que não fosse bom.

As ondas chegaram mais perto do cobertor, fazendo Westry se levantar, e eu o segui.

— É melhor mudarmos nosso acampamento de lugar, caso contrário o Velho Mar irá nos engolir.

Sorri.

— Eu realmente preciso voltar. Meus amigos estão me esperando.

Westry concordou com um aceno de cabeça.

— Eu acompanharei você.

A costa parecia diferente na volta, talvez porque agora eu a estivesse observando com os olhos de Westry. Imaginei a vida dele nas ilhas daqui a alguns anos, com uma casa e uma esposa, e dois ou três filhos de pés descalços, e sorri para mim mesma.

— Como está sua mão? — perguntei.

Ele a esticou e eu a tomei nas minhas, sentindo um tremor por dentro que disse a mim mesma para ignorar.

— Acho que sobreviverei — ele respondeu fazendo piada.

— Está imundo — ralhei. — Você precisa me deixar trocar a atadura quando nós voltarmos. Está se arriscando a ter uma infecção.

— Sim, enfermeira — ele continuou brincando.

Momentos depois Westry gesticulou em direção a alguma coisa na linha dos galhos, onde as palmeiras cresciam mais fechadas. Chegamos mais perto e paramos bem onde a praia terminava e a vegetação começava. Os pássaros cantavam e os animais uivavam debaixo da sombra das plantas verdes com folhas gigantescas, exatamente como eu sempre imaginara uma floresta.

— Vê aquilo?

Sacudi a cabeça.

— O quê?

— Olhe mais de perto — pediu.

— Não — cochichei. — Não consigo ver nada.

Westry pegou minha mão, e eu permiti apenas porque fiquei com medo do perigo se aproximando, e o segui alguns passos além da praia, quando finalmente vi o que ele vira: uma cabana com teto de palha, bem atrás do mato fechado. Apesar de ser construída de uma maneira tão artesanal quanto as outras casas ao longo da estrada, esta tinha um charme próprio. O exterior era feito de galhos de bambus, nos quais alguém, meticulosamente, fizera fendas que se pareciam com janelas de frente para o mar. Uma portinha pendurava-se em uma única dobradiça, rangendo na brisa da tarde.

— Não sei se deveríamos estar aqui — sussurrei.

— Por que não? — ele perguntou dando um sorrisinho travesso. — Agora que a encontramos, precisamos ver o que há lá dentro.

Antes que eu pudesse protestar, Westry pisou no degrau da porta da frente. O som de seu sapato pisando na madeira me assustou e eu dei um pulo para trás.

Ele arrancou a porta de sua dobradiça solitária e colocou-a na varanda, dando uma olhada lá dentro antes de virar-se para mim e dar uma piscada.

— Tudo bem.

Ele me ajudou a subir o degrau, e vasculhamos o lugar em silêncio. As paredes de dentro, feitas de galhos de palmeiras trançados desbotados pelo tempo até um tom de caramelo, tinham sido lindamente amarradas juntas em um padrão em forma de V. Elas eram um pano de fundo perfeito para uma cadeira de mogno escuro que fazia par com uma pequena escrivaninha de uma gaveta só. Westry alcançou o puxador e tirou um livro, algumas moedas e notas francesas, e um pedaço de papel, amarelado e enrugado pela umidade. Ele levantou-o para eu poder olhá-lo.

— Sabe ler francês?

Balancei a cabeça.

— Gostaria de ter prestado mais atenção na escola.

— Eu também — ele comentou, deslizando o papel de volta para dentro da gaveta.

A cama, grande o bastante para apenas uma pessoa, parecia arrumada, mesmo com uma camada de poeira por cima, como se alguém tivesse acordado uma manhã e arrumado os lençóis no lugar, esperando um retorno que nunca aconteceu.

Meus olhos perscrutavam tudo ao meu redor, parando em qualquer lugar exceto no rosto de Westry. Aqui estava eu, uma mulher comprometida, sozinha em um quarto com um soldado sobre quem eu nada sabia.

Meu sonho acordado foi interrompido quando uma aranha do tamanho da palma de minha mão rastejou de debaixo da escrivaninha e correu porta afora, me fazendo pular em cima da cama, aterrorizada.

— Você viu aquela coisa? — gritei, certa de que outra apareceria a qualquer momento.

— Elas não fazem nada — disse Westry rindo. — Além do mais, elas comem os mosquitos, então deveríamos fazer um bufê para as criaturas.

Desci da cama com cuidado.

— Quem você acha que morava aqui?

Westry olhou para o mar.

— Na melhor das hipóteses? — Ele virou-se para o bangalô, analisando-o atenciosamente. — Um marinheiro.

Eu balancei a cabeça. Parecia bastante plausível.

— Mas o que aconteceu com o navio?

— Talvez tenha afundado.

— Então, como ele recuperou papel e... — abri a gaveta da escrivaninha e tirei o livro com a capa de couro marrom-escuro — e este livro?

Westry tocou o queixo com o dedo indicador, como se estivesse pensando no destino do marinheiro.

— Talvez ele tivesse uma mochila com algumas coisas — ele apontou para o abajur sobre a mesa. — Um abajur, este livro, uma lata de biscoitos. E ele conseguiu achar um pedaço de madeira para boiar até chegar à ilha.

— O livro deve ter molhado — deduzi.

— Com certeza — Westry concordou. — Mas ele pode tê-lo deixado secar ao sol. — Ele folheou as páginas do livro, e, evidentemente, estavam cobertas por manchas de água. — Está vendo?

Assenti.

— Mas para onde ele estava indo? Ele é obviamente francês.

— E pobre — Westry acrescentou, apontando para o montinho de moedas na gaveta.

— Será que ele era um pirata?

Westry sacudiu a cabeça.

— Utensílios domésticos não são de interesse de um pirata.

Olhei as cortinas nas janelas, rasgadas pelo tempo, mas ainda de um vermelho-escuro brilhante, como se o tecido tivesse ficado de molho no vinho.

— Ok, então ele é um marinheiro francês pobre, náufrago, que gosta de ler — presumi.

— E que gosta de beber — Westry acrescentou, segurando um garrafão de vidro verde empoeirado, fechado com uma rolha. — Vinho tinto.

— E que gosta de arte — falei, puxando um pedaço de lona que cobria uma pintura em cima da cama. O quadro mostrava uma cena tocante: um bangalô, exatamente como esse no qual nos encontrávamos, cravado entre uma água inacreditavelmente azul e um arbusto florido de hibiscos

amarelos luzidios. Duas silhuetas estavam em pé a distância.

— Meu Deus — Westry perdeu o fôlego. — É lindo.

Eu balancei a cabeça.

— Você entende de arte?

— Um pouco — disse ele. — Deixe-me olhar um pouco mais de perto. — Ele ficou em pé em cima da cama para olhar para a pintura. — Parece — ele coçou a cabeça — *familiar*, de alguma maneira.

Minha mãe se orgulhava de me ensinar sobre os impressionistas franceses, e, apesar disso, temia que meu conhecimento artístico ainda fosse dolorosamente inadequado. Mesmo assim, alegrei-me com o potencial da descoberta.

— Acha que o artista vivia *aqui*?

— Talvez — Westry disse, seus olhos ainda fixos na pintura. — Em que ano aquele livro foi publicado?

Passei o dedão pelas páginas abertas do livro, procurando uma data.

— Aqui. Encontrei. Copyright 1877.

— Talvez tenha sido um dos mestres do impressionismo — disse ele.

— Não pode estar falando sério — comentei estarrecida.

— Bem, é tão possível quanto qualquer outra coisa — ele respondeu sorrindo. — Tenho quase certeza de que já vi esse aqui nos livros antes, ou talvez algo bem parecido. E esta ilha, todas estas ilhas do Pacífico foram muito populares entre os artistas franceses. Poderia ter sido qualquer um dos grandes mestres. — Os olhos dele estavam brilhantes de animação. — Sabe o que isso significa, não sabe?

— O quê?

— Que temos de proteger este lugar.

Concordei.

— Mas como?

— Este será nosso projeto — disse ele. — Enquanto estivermos aqui. Vamos restaurá-lo.

— Está precisando de uma boa faxina.

— E uma porta nova — Westry acrescentou.

— E as cortinas são trapos — observei. — Posso costurar algumas novas.

— Então, topa? — Ele me olhava com olhos levemente travessos.

Por que não? Isso me ajudará a passar as horas em que Kitty fica com Lance.

— Estou dentro — concordei. — Mas como conseguiremos achar tempo, e como vamos chegar aqui?

— Viremos a pé — ele respondeu objetivamente. — A base fica a menos de oitocentos metros

para cima da praia. Pode dar uma escapadela e estar de volta sem nem mesmo notarem que você saiu. Há uma trilha que leva até a estrada, então trarei as ferramentas e a madeira de jipe, claro. Vamos precisar de um pouco de planejamento, mas daremos um jeito.

Westry virou-se para a porta e uma tábua de madeira enfraquecida rangeu e sucumbiu à pressão de seu pé. Ele ajoelhou-se e puxou-a, expondo um alicerce fraco e uma pequena alcova bem debaixo da superfície.

— Aqui — ele mostrou. — Esta será nossa "caixa postal". Deixarei cartas para você quando estiver aqui sem você, e poderá fazer o mesmo.

Meu coração deu pulos de animação — pelo bangalô, pelo artista, pela expectativa das cartas deixadas sob as tábuas de madeira, mas, especialmente por este homem que era a chave de tudo.

Westry embrulhou a pintura na cobertura de lona e colocou-a cuidadosamente embaixo da cama, por precaução.

— Só uma coisa — disse ele.

— O quê?

— Não podemos falar sobre este lugar, para ninguém.

Doía-me pensar em manter em segredo, de Kitty, um achado tão maravilhoso quanto este, mas, mesmo assim, não podia imaginá-la aqui no bangalô, um lugar que já sentia ser especial para mim, sagrado, mesmo só depois de alguns minutos. Passei a mão sobre o broche de Kitty, e senti uma pontada de culpa. *Será que é errado querer manter este pequeno bangalô só para mim, especialmente depois de termos jurado não ter segredos entre nós?*

— O que me diz? — questionou Westry.

Deixei a mão cair ao lado do corpo e balancei a cabeça.

— Juro de coração — prometi, convencendo-me de que Kitty não precisava saber; ainda não, de qualquer maneira. — Não direi nada a uma vivalma.

— Ótimo. Devo lhe acompanhar de volta?

— Sim — respondi. — Eles provavelmente estão se perguntando se eu me afoguei.

— Ou se foi comida por um tubarão — acrescentou ele, rindo.

A beleza da ilha não estava limitava a suas águas azul-turquesa ou a suas montanhas verdejantes. Aquilo era apenas a beleza superficial. A verdadeira beleza do lugar era evidente em suas histórias. Havia sempre uma à espreita a cada curva da praia.

Capítulo 5



— Westry parece ser uma pessoa amável — disse Kitty assim que fechamos a porta de nosso quarto naquele dia mais tarde.

— Ele é bacana — concordei vagamente, tirando meu chapéu e colocando-o na prateleira mais alta do closet.

— De onde ele é?

Dei de ombros.

— Não sei. Só conversamos por um momento. Ele fez a gentileza de me acompanhar de volta.

Podia ver o sorrisinho de Kitty mesmo sem levantar os olhos para verificar.

— Parece que você e Lance estão se dando bem — falei, mudando de assunto.

— É — Kitty comentou recostando-se na cabeceira da cama. — Eu gosto dele. Muito. É que... — ela fez uma pausa e sacudiu a cabeça — é só que eu não gosto muito da maneira como ele fala do coronel Donahue. Você não acha que ele deveria mostrar um pouco mais de respeito?

Dei de ombros. Ainda não tinha conseguido determinar qual seria dos males o menor para Kitty: o soldado arrogante ou o seu superior insuportável.

— Bem — Kitty continuou —, acho que isso é só um pequeno detalhe. Lance tem tantas qualidades excelentes.

Como as bravatas. Seus galanteios com as mulheres da ilha. Sua atitude arrogante.

— Claro — falei em vez disso. — Muitas.

— Anne — disse Kitty um pouco tímida. — Não tive a chance de lhe contar, mas na noite do baile, o coronel Donahue...

Ambas levantamos os olhos, assustadas, quando ouvimos uma batida forte e apressada na porta.

— Sim? — eu perguntei virando a maçaneta.

Liz estava do outro lado, ofegante e sem fôlego.

— É Mary — disse ela. — Na enfermaria. Venham rápido.

Seguimos Liz pelas escadas e saímos pela porta do alojamento, apertando o passo assim que chegamos ao caminho pavimentado do lado de fora. A enfermaria não era longe, mas chegamos à entrada respirando com dificuldade por causa da corrida.

Lá dentro, a enfermeira Hildebrand rondava a cama de Mary juntamente com o dr. Livingston, um médico de meia-idade de cabelo ralo e óculos. Mary estava estranhamente pálida. Os olhos dela estavam fechados, mas o leve movimento do peito nos dizia que ela ainda estava respirando.

— Meu bom Deus — sussurrei. — O que aconteceu?

O médico tirou uma seringa e injetou um líquido claro no braço de Mary; ela não reagiu quando a agulha lhe picou a pele.

— Uma das mulheres a encontrou no quarto — explicou a enfermeira Hildebrand. — Estava caída ao lado da cama. Ela deve ter ficado lá pelo menos dezesseis horas. Malária. Deve ter contraído no primeiro dia na ilha.

— Malária — repeti. A palavra soava tão estranha, mas, mesmo assim, a doença estava bem aqui, ameaçando tirar a vida de uma garota maravilhosa que acabáramos de conhecer, uma garota que tinha o futuro todo à sua frente, que viera ao Pacífico Sul para recomeçar, não para morrer.

— A febre cedeu — disse o dr. Livingston —, mas receio que tenha afetado o coração dela. A única coisa que podemos fazer é esperar.

Minhas mãos tremiam.

— Mas ela sobreviverá — emendei. — Ela vai sair dessa. Ela tem de sair dessa.

O dr. Livingston afastou o olhar.

Pensei em Mary, na pobre Mary. Alta, talvez um pouco alta demais. Dentes um pouco tortos. Coração partido. O noivo a deixara e ela sentira-se sozinha; tinha nos dito isso. *Não, não vou deixá-la morrer sozinha.*

— Kitty — pedi. — Será que poderia voltar ao alojamento e buscar meus óculos de leitura e qualquer coisa que possa encontrar para ler? Traga a maldita *War Digest*, se for só isso que tiver; qualquer coisa que encontrar.

Kitty balançou a cabeça.

— Faremos uma vigília — informei. — Posso puxar uma cama e ficar ao lado dela esta noite? — perguntei à enfermeira Hildebrand.

Ela balançou a cabeça em sinal de aprovação.

Kitty retornou com duas revistas, três livros — dois de Liz e um de Stella — um exemplar da *War Digest* e um livro de enfermagem, por precaução.

— Bom — eu disse, examinando o livro com o miolo esfarrapado. — Faremos rodízio lendo para ela. Não pararemos até que ela recupere a consciência ou...

Kitty alcançou minha mão.

— Anne, não pode salvá-la se ela...

— Não vou deixá-la morrer sozinha — falei limpando uma lágrima. Ninguém merece isso.

Kitty assentiu.

Larguei o livro e peguei uma cópia da *Vogue* com Rita Hayworth na capa. Fui até a primeira página e comecei a ler um anúncio: “Por que não conseguir uma aparência adorável para a primavera? Se quer se vestir sem gastar muito e conseguir usar tamanhos normais com charme e distinção, comece agora a se livrar daquela gordura indesejada do inverno. Com a ajuda dos *Bile Beans* noturnos você pode ‘emagrecer enquanto dorme’, aos poucos e com segurança...”.

Li durante horas, cada palavra em cada página à minha frente, até que meus olhos começaram a embaçar. Kitty leu em seguida, acendendo um pequeno abajur sobre a mesa perto da maca quando o sol se pôs, então passando o bastão de volta para mim algumas horas mais tarde, quando sua voz começou a ficar rouca.

Tínhamos lido três revistas e três quartos de um romance quando os raios de sol da manhã brilharam através das janelas da enfermaria, no momento em que os olhos de Mary começaram a se abrir e fechar.

Ela os abriu lentamente, depois os fechou de novo, e observamos com grande expectativa enquanto o próximo minuto passava, e então o outro, antes que ela mexesse o braço, depois as pernas, e em seguida os olhos de novo, desta vez abrindo-os e olhando diretamente para mim.

— Onde estou? — disse ela sofregamente.

— Na enfermaria — respondi, colocando uma mecha de seu cabelo louro como palha atrás da orelha. — A malária a pegou, querida — continuei, lutando contra as lágrimas. — Mas agora ficará bem.

Mary olhou ao redor do quarto, depois para Kitty e de volta para mim.

— Tive um sonho muito estranho — disse ela. — Fiquei tentando caminhar na direção de uma luz brilhante, e havia essa voz sempre lá. Ficava me chamando de volta.

— Você deu meia-volta?

— Eu não queria — disse ela. — Queria continuar andando, mas toda vez que eu dava um passo, a voz chamava.

— Que bom — eu disse, segurando um copo de água nos lábios dela antes de acomodar seus braços gelados de volta embaixo do cobertor. — Querida, temos todo o tempo do mundo para conversar sobre isso, mas agora você precisa descansar.



Nossos cuidados com Mary não compeliram a enfermeira Hildebrand a nos cumprimentar por nossas habilidades como enfermeiras, todavia ela nos liberou de nosso turno naquele dia, e Kitty e eu demos as boas-vindas à oportunidade de descansar.

Dormi até o meio-dia, quando o som do sinal para o almoço vindo do refeitório me acordou. Meu estômago rugia, mas minha exaustão continuava e eu estava tentada a ficar na cama.

— Kitty? — chamei sem levantar a cabeça. — Está acordada?

Virei minha cabeça cansada esperando vê-la dormindo pesado e, em vez disso, encontrei a colcha puxada bem justa e os dois travesseiros afofados e empilhados impecavelmente contra a cabeceira da cama.

Onde está ela? Eu me sentei e me espreguicei, então notei um bilhete sobre a penteadeira.

Anne,

Não quis lhe acordar. Saí às 10h para ir fazer canoagem com Lance. Voltarei hoje à tarde.

Com carinho,
Kitty

Sair de barco com Lance. Obviamente era uma coisa perfeitamente normal para ela fazer, mas, mesmo assim, me senti incomodada. *Recebemos um dia de folga há poucas horas, então quando ela teve tempo para fazer planos com Lance?* Pensei no bangalô e me dei conta de que nosso pequeno quartinho já estava repleto de segredos.

O sino do almoço tocou uma segunda vez, a última chamada. Se eu me vestisse e corresse, poderia chegar a tempo. Mas vi uma maçã vermelha lustrosa sobre o criado-mudo e tive uma ideia muito melhor.

Pendurei uma mochila no ombro com a maçã, um pouco de pão que Kitty trouxera do refeitório e um cantil cheio de água e, em seguida, passei pela entrada da enfermaria parando rapidamente para olhar por uma janela aberta pela qual vi que Stella, Liz e algumas outras enfermeiras estavam trabalhando. Na melhor das hipóteses, elas pareciam entediadas. Algumas mexiam em uma lâmpada que precisava ser trocada, e um pequeno grupo estava em cima de um único paciente no prédio, um homem que parecia não ter nada, exceto um joelho ralado. O sorriso dele indicava o quanto estava gostando.

Esse não era o tempo de guerra pelo qual eu esperava. Mas as mudanças viriam. Ouvi um rumor de que o coronel Donahue tinha planejado uma operação, algo grande. Perguntei-me o quanto aquilo afetaria nosso trabalho, nosso mundo.

Segui até o caminho que levava até a praia. Westry dissera que o bangalô ficava a apenas oitocentos metros ao norte da base. Esperei que ele estivesse certo.

Caminhei rápido e olhei por sobre meu ombro mais de uma vez. *O que as pessoas pensariam de mim, saindo escondida da base assim, sozinha?* Não sentia que isso era uma coisa que Anne Calloway faria.

Logo depois da curva, comecei a ver o teto de palha do bangalô, encravado no meio dos arbustos, exatamente como o deixamos. À medida que chegava mais perto, conseguia ouvir o som de uma serra ziguezagueando.

Meu coração disparou em meu peito. *Westry está aqui*.

— Olá! — eu disse batendo cerimoniosamente no lugar onde a porta um dia se pendurara precariamente. — Alguém em casa?

Westry olhou para cima, secando a testa antes de limpar a poeira da serra de suas mãos.

— Ah, olá! — ele cumprimentou. — Você é real ou uma miragem? Estou aqui a manhã toda sem água, e não consigo dizer se estou tendo alucinações ou se realmente há uma linda mulher em pé na soleira. Por favor, diga-me que é o último.

Abri um sorriso.

— Está tendo alucinações — eu disse tirando o cantil de minha mochila. — Aqui está, beba.

Westry tomou um longo gole, então soltou a respiração, passando o cantil de volta para mim.

— Estou quase fazendo a porta funcionar novamente — ele contou. — Não encaixava no batente. O tempo deve tê-la empenado. Tive de tirar um pouquinho de cada lado. Vê? Peguei umas dobradiças velhas do depósito de material. — Orgulhoso, mostrou a peça como se fosse um tesouro. — Nosso bangalô precisa de uma porta decente, que funcione.

Sorri. Gostava de pensar naquele lugar como *nosso* bangalô.

Tirei uma caixa de Borax e alguns pedaços de pano de minha mochila.

— Achei que seria bom dar um brilho no lugar — eu disse.

— Fico feliz por você poder se juntar à equipe de trabalhadores — comentou Westry, voltando para a serra.

Por volta das três horas, o piso já estava perfeito e Westry tinha colocado a porta no lugar.

— Quase esqueci — disse ele, tirando uma maçaneta de metal arranhada de sua mochila. — Vou levar só um segundo para encaixá-la.

Observei-o encaixar a maçaneta, apertando cuidadosamente os parafusos nos buracos.

— Nossa chave — disse ele, mostrando um pedaço de ferro brilhante. — Agora precisamos descobrir um esconderijo para ela.

Apontei para as janelas abertas.

— Mas qualquer um que quiser entrar, é só pular.

Westry balançou a cabeça.

— Com certeza. Vamos instalar as janelas logo logo. Além do mais, toda casa precisa de uma fechadura decente, que funcione direito. Mas onde esconder a chave? Essa é a questão.

Acompanhei-o do lado de fora da cabana, e olhamos ao redor perto do degrau da frente.

— Que tal aqui? — sugeri mostrando um lugar na areia. — Poderíamos enterrá-la.

Westry sacudiu a cabeça.

— É o primeiro lugar onde alguém procuraria. É como o capacho de entrada: todo ladrão sabe que tem de ir lá primeiro. — Ele parou quando lhe ocorreu uma ideia. — Espere aí — continuou correndo de volta para dentro e voltando com um livro que havia tirado da mochila. — Usaremos

isso.

— Um livro?

— Isso — respondeu puxando a fita pregada no miolo. O objetivo dela seria marcar a página para o leitor, mas Westry tinha outros planos. Ele amarrou a fita bem segura na cabeça da chave, enfiando-a no livro. — Aqui está — disse ele, deslizando o livro para baixo do degrau. — Nosso esconderijo secreto.

As ondas se quebravam ruidosas.

— A maré está subindo — disse ele. — Quer vê-la comigo?

Hesitei.

— Acho melhor eu começar a pensar em voltar. — Não tinha deixado um bilhete para Kitty e achei que ela pudesse ficar preocupada.

— Vamos — Westry insistiu. — Pode ficar mais uns minutinhos.

— Tudo bem — concordei, desistindo de voltar. — Só uns minutinhos.

— Ali — disse ele apontando para um pedaço de madeira trazido pelo mar a alguns passos à frente da praia. — Nosso posto.

Westry pegou a garrafa de vinho que encontrou no bangalô no dia anterior e um copo de alumínio de sua mochila e sentou-se ao meu lado na areia, nossas cabeças descansando confortavelmente sobre o pedaço de madeira que fora alisado resignadamente pelas batidas das ondas.

— Um brinde — ele sugeriu, servindo o vinho velho no copo. — À senhora do bangalô.

Ele passou o copo para mim, e dei um gole cuidadoso, meu rosto se contorcendo involuntariamente.

— Ao vinho azedo de cem anos.

A distância, um pássaro cantava enquanto sentávamos juntos, encantados pelas ondas.

— Não sei nada sobre você — eu disse, virando-me para ele um pouco abruptamente.

— E eu não sei nada sobre você — retrucou.

— Você primeiro.

Westry balançou a cabeça e sentou-se ereto.

— Nasci em Ohio — ele começou. — Não fiquei lá muito tempo. Minha mãe morreu de febre escarlatina e eu me mudei com meu pai para o oeste, para São Francisco. Ele era um engenheiro, trabalhava nas ferrovias. Eu ia sempre junto com ele, frequentava uma escola diferente a cada mês.

— Longe de uma educação adequada — comentei.

Westry deu de ombros.

— Fui educado melhor do que a maioria. Conheci o país. Aprendi o caminho das ferrovias.

— E agora o quê? Depois de tudo isso, você disse que queria voltar aqui, para a ilha, mas com certeza tem outras aspirações, outras coisas que quer fazer antes?

Os olhos de Westry ficaram grandes e cheios de vida, cheios de possibilidades.

— Não tenho certeza, exatamente — disse ele. — Talvez volte a estudar, vire um engenheiro, como meu pai. Ou talvez vá para a França e aprenda a pintar como os grandes impressionistas. Ou talvez só fique aqui — disse ele, mexendo a cabeça em direção ao bangalô.

— Ah, não pode fazer isso — falei. — Que vida solitária seria!

— Por que acha que seria solitária? — ele contra-atacou. — Tenho tudo que poderia querer. Um teto sobre minha cabeça. Uma cama. O cenário mais lindo do mundo. Algumas pessoas poderiam chamar isso de paraíso.

Pensei no que ele dissera sobre se acomodar e constituir uma família bem ali naquele pedaço de praia diante de nós.

— Mas e quanto à companhia? — perguntei um pouco tímida. — E quanto ao... amor?

Westry abriu um sorriso.

— Fácil para você dizer isso. Já tem o amor.

Olhei para os meus pés, enterrando a ponta de meu sapato na areia, tão quente que conseguia senti-la queimando por baixo do couro.

— Bem — ele continuou. — Acho que vou encontrá-la. Em algum lugar por aí.

— E se não a encontrar? — perguntei.

— Encontrarei — ele respondeu, sorrindo para mim cheio de confiança.

Eu afastei o olhar rapidamente.

— Agora — disse ele —, vamos ouvir sobre *você*.

Puxei um fio solto de minha mochila até o silêncio parecer estranho.

— Bem, não há muita coisa para falar.

— Tenho certeza de que há — disse Westry com um sorriso encorajador. — Todo mundo tem uma história.

Sacudi a cabeça.

— Nasci em Seattle. Vivi lá minha vida inteira. Tirei minha licença de enfermeira e agora estou aqui.

— E é isso aí — disse ele dramaticamente. — Uma vida inteira em três frases.

Senti minhas bochechas esquentarem.

— Sinto muito — eu me desculpei. — Acho que minha vida não é tão interessante quanto a sua.

— Acho que você está blefando — disse ele, me estudando de cima a baixo. — O homem de quem está noiva — continuou, apontando para o anel em minha mão —, por que não se casou com ele antes de ir embora?

Como ele ousa me fazer essa pergunta?

— Porque eu... — A minha voz sumiu sem uma resposta. Pensei em todas as razões práticas: não queria apressar as coisas; porque minha mãe queria um grande evento no Olympic Hotel; porque... bem, nenhuma delas era satisfatória. Se quisesse, poderia ter ido até a prefeitura, como Gerard sugerira, e tornado oficial. Poderia ter me tornado a sra. Gerard Godfrey sem a odisseia de um ano no sul do Pacífico como um problema entre nós. *Mas por que não fui?*

— Está vendo? — Westry continuou. — Você realmente tem uma história.

— Posso lhe assegurar — retruquei — que está criando drama onde não existe.

Westry piscou.

— Veremos.



Kitty não estava no quarto quando eu voltei, assim, quando o sinal do refeitório tocou anunciando o jantar, caminhei sozinha até o refeitório, fazendo uma parada rápida na enfermaria para ver Mary, e fiquei feliz ao encontrá-la sentada e tomando suco de laranja com um canudinho.

— Oi, Anne — murmurou ela de sua cama. A voz dela, ainda bem fraca, estava mais animada. Havia uma força que não estava lá nesta manhã.

— Oi — eu disse. — Estou indo jantar. Estava pensando se poderia lhe trazer alguma coisa. Deve estar cansada da dieta de líquidos.

— Estou mesmo — respondeu. — Um pãozinho e alguns pacotinhos de manteiga seriam divinos.

— Cuidarei disso — falei sorrindo.

Andei de volta pelo caminho que levava ao refeitório, passando pelo arbusto de hibiscos do qual Kitty e eu arrancamos flores naquela primeira noite. Continuei andando até conseguir ver o deque de recreação. Uma dúzia de canoas amarradas por uma corda balançavam na água, esperando por soldados de folga levá-las para o mar. Poucos levavam, ainda que Bora Bora fosse um paraíso relativamente seguro de ataques inimigos, até agora.

Olhei com mais atenção e vi duas figuras descendo de uma canoa. Os cachos desgrenhados não poderiam ser de ninguém além de Kitty, mas o homem ajudando-a no deque não era Lance. Perdi o fôlego ao ver o rosto do *coronel Donahue*. Ela sorria docemente enquanto ele guardava os remos dentro da canoa. Caminharam juntos, de braços dados, de volta ao gramado, então ele fez um sinal de despedida e Kitty correu de volta para o alojamento das mulheres.

Devo correr atrás dela? Resolvi não correr; afinal, ela não me contara a verdade sobre seu encontro, e era muito provável que fosse porque sabia que eu desaprovaria, *e eu realmente o faria*. Mas não podia deixá-la pensar que a estava espiando. Não, ela me contaria quando estivesse preparada. Em vez disso, voltei para o refeitório e pedi ao cozinheiro que preparasse uma bandeja para Mary.



— Como vai o Lance? — Stella perguntou timidamente a Kitty no café da manhã. *Será que também vira Kitty com o coronel?*

— Bem — Kitty respondeu, cutucando seus ovos mexidos e os grãos de aveia, ambos com a consistência de borracha. — Vamos nos ver hoje à noite.

Stella balançou a cabeça com ciúme, um gesto que teria me colocado na defensiva no dia em que nos conhecemos, mas aprendi rapidamente que aquele era apenas o jeito de Stella.

— Meu Deus, você realmente tem sorte com os homens — disse ela antes de suspirar derrotada. — Eu desisti de Elliot. A cabeça dele está muito envolvida com aquela mulher do lugar onde ele mora. Ele ou está sozinho tirando fotos na praia ou enfiado no alojamento escrevendo poesia sobre ela. Ela deve ser de outro mundo, essa mulher. De qualquer forma, conheci um piloto a noite passada. O nome dele é Will, e ele não é de todo ruim.

Liz aproximou-se de nossa mesa com uma bandeja e sentou-se.

— A Mary ainda está se recuperando?

— Sim, graças a Deus — respondi. — Ela está bem mais forte hoje.

Liz olhou intensamente para um envelope que trazia na mão.

— Isso chegou hoje para ela — disse a amiga receosa. — E não pude deixar de notar o nome no endereço do remetente. Ela não disse que o nome do ex-noivo era *Edward*?

Eu assenti.

— Deixe-me ver.

Segurei o envelope contra a luz, sem conseguir identificar nada importante, apenas que o remetente era mesmo Edward. Edward Naughton, com um endereço de Paris.

— Anne! — repreendeu-me Kitty. — Não deveria ler a correspondência dela. É particular.

— Eu lerei se achar que irá comprometer a recuperação dela — admiti. — Ouça, se este homem pôde deixá-la quase no altar e jogá-la em um abismo tão profundo a ponto de ela vir para uma ilha do outro lado do mundo, imagine o que uma carta dele não faria com ela.

As outras mulheres concordaram meneando a cabeça e Kitty se acalmou.

— Veja bem — emendei —, não vou lê-la; vou apenas escondê-la até que ela esteja pronta. O coração dela está fraco. Ela primeiro precisa recuperar as forças. Não vou permitir que esta carta interfira na recuperação dela.

— Tudo bem — concordou Kitty. — Mas não deveria meter o bedelho quando se refere ao amor.

Será que ela está me dando algum tipo de aviso com relação à sua própria vida?

Franzi meu nariz em descontentamento e enfiei o envelope dentro do bolso de meu vestido, por precaução.

— Não estou metendo o bedelho — eu disse diretamente para Kitty. — Isso é uma questão de saúde.

Kitty empurrou seu prato de lado.

— Bem, garotas, eu não suporto dar outra mordida nesses ovos duros. Vou trabalhar. A enfermeira Hildebrand disse que teremos trabalho de verdade chegando hoje.



Remoí os comentários de Kitty ao caminharmos de volta para a enfermaria naquela manhã, mas me esqueci completamente do incidente quando recebemos a notícia de que um médico tinha passado uma mensagem de rádio de outra ilha, dizendo que um piloto ferido estava a caminho. O piloto seria nosso primeiro paciente de verdade, além de Westry, que era só meu.

O piloto chegou às dez e quinze da manhã. Era um caso tão sério quanto imaginávamos: ferimentos na cabeça causados por pedaços de projétil. Kitty, a primeira a levar o soldado em uma cadeira de rodas até a área de cirurgia, trabalhou ao lado do médico com mãos firmes, removendo pedaços de metal cobertos de sangue e empilhando-os em uma vasilha ao lado da mesa de operação. Liz pediu licença para vomitar, mas Kitty nem pestanejou. Administrou o procedimento com tanta habilidade e destreza que o médico lhe pediu que ficasse por mais uma hora para ajudar nos cuidados com o paciente. Ela concordou imediatamente.

Depois que nosso turno acabou, caminhei de volta até o alojamento, ansiosa para fugir da esterilidade da enfermaria e relaxar no aconchego do bangalô. Preparei uma pequena mochila colocando tesouras, agulha e linha, e um rolo de tecido amarelo pálido que encontrara na lata de lixo do lado de fora da enfermaria. Perfeito para cortinas, pensei, passando a mão nele antes que os homens alistados pudessem se desfazer dele na coleta de lixo.

Westry não estava lá dentro quando eu cheguei, então peguei a chave de dentro do livro, lembrando-me de como ele tinha pensado no esconderijo, e destranquei a porta, colocando minha mochila em cima da velha cadeira de mogno.

Comecei a trabalhar nas cortinas imediatamente, medindo a largura das janelas e calculando a altura e a largura de cada painel. Estiquei o tecido no chão, espantando um filhotinho de lagarto, e comecei a cortar. Ouvia o canto dos passarinhos enquanto fazia a barra das cortinas. Não tinha um ferro para passá-las, mas o acabamento seria suficiente para uma cabana de praia, e, com o tempo, o ar morno e úmido alisaria as dobras.

Enquanto cosia, pensava em Westry, tão divertido e espontâneo, tão diferente de Gerard, com seu jeito comedido e consistente. *Por que Gerard não pode ser mais livre, mais amante da vida?* No entanto, enquanto empurrava a agulha e a linha pelo tecido, percebi que as preocupações que tinha com relação a ele em Seattle pareciam só exasperar ainda mais nos trópicos. Em particular, a capacidade de ele ficar de fora da guerra me atormentava a consciência. *Por que não tinha discordado dos desejos do pai e feito a coisa honrada?*

Lembrei-me da pintura debaixo da cama enquanto encaixava o varão dentro do primeiro jogo de cortinas na janela. Fiquei pensando sobre as pessoas na tela, mas, acima de tudo, me perguntei sobre o artista.

Quem vivera aqui tanto tempo atrás? Um homem como Westry, com aventura na alma? Imaginei Westry passando o resto de seus dias na ilha. Talvez se casasse com uma garota nativa, como aquela que encontramos com Lance e Kitty no mercado. *Qual era o nome dela? Sim, Atea. Mas ele seria feliz, então? Será que uma mulher como aquela o faria feliz?* Sorri. *Sim, feliz de alguma maneira, com certeza, mas será que estariam no mesmo nível intelectual?* A paixão acaba, mas o amor perdura. É nisso que gostaria que Kitty passasse a acreditar.

A escuridão recaiu sobre o bangalô naquele momento, e eu olhei para fora pela janela aberta, para as nuvens cinza e pesadas de chuva escurecendo o céu, prontas para ensopar a terra embaixo, quer ela gostasse ou não. Passei os olhos pela praia, esperando ver Westry chegando perto do bangalô, e foi quando me lembrei da caixa de correio, ou melhor, do piso de madeira crepitante no canto. Caminhei até lá e o ergui, espiando dentro, e um envelope branco chamou minha atenção.

Rasguei-o ansiosa.

Cara sra. Cleo Hodge,

Suponho que esteja imaginando quem seja a sra. Cleo Hodge. Bem, minha cara, ela é você. Precisamos de codinomes caso sejamos descobertos. Não nos esqueçamos, estamos vivendo em tempos de guerra. Assim, você será Cleo. Eu serei Grayson. O que você acha? Considerei o sobrenome Quackenbush, mas acho que cairíamos de joelhos de tanto rir toda vez que nos correspondêssemos e não conseguiríamos fazer nada. Sendo assim, seremos os Hodge, a não ser que você tenha uma sugestão melhor.

Sempre seu,
Sr. Hodge

P.S.: Olhe na gaveta da escrivaninha.
Há uma surpresa esperando.

Ri sozinha, abrindo a gaveta para encontrar uma laranja. Sua casca brilhante e rugosa ficava linda contra a moldura de mogno escura da escrivaninha. Segurei-a em meu nariz e inalei o perfume cítrico-floral antes de virar a carta e escrever um recado para Westry:

Prezado sr. Grayson Hodge,

Hoje eu trabalhei muito nas cortinas, que espero que lhe agradem. Acha que precisamos de um tapete? Um lindo persa? E que tal uma prateleira e um lugar para sentar, além da cama? Talvez, se tivermos sorte, o mar trará um sofá até a praia.

Obrigada pela laranja; estava perfeita.

Sempre sua,

Sra. Hodge

P.S.: Sua imaginação é impressionante. De onde você tirou o nome “Quackenbush”? Eu mal consigo conter o riso.

Coloquei o bilhete no espaço embaixo do piso de madeira e tranquei a porta ao sair. O vento tinha ficado mais forte desde que eu chegara, e as nuvens acima, agora mais escuras, ameaçam chuva. Apressei-me pela praia pegando pedacinhos da laranja enquanto seguia.

Assustei-me quando, não muito longe do bangalô, no mato acima da praia, ouvi um som farfalhante, fazendo cada músculo e cada tendão do meu corpo congelar. *O que era aquilo? Será que alguém estava me seguindo?*

Dei alguns passos para a frente em direção à beirada da floresta, e esperei. *Lá está o som de novo. Farfalhos e sussurros.* Cheguei mais perto, me escondendo atrás da base de uma palmeira enorme, e semicerrei os olhos. Duas silhuetas estavam nas sombras da floresta de palha exuberante, um homem, uma mulher. Então vi a manga misteriosa de uma camisa de uniforme do exército, e a perna nua de uma mulher. Encolhi-me de volta atrás da palmeira antes de voltar na ponta dos pés até a praia e de meu passo apressado virar uma corrida, olhando por sobre meus ombros a cada curva.

Assim que cheguei ao quarto, fiquei decepcionada ao ver que Kitty não estava lá me esperando.

Capítulo 6



— Dá para acreditar que já faz dois meses que chegamos aqui? — Mary se maravilhava, as bochechas tingidas de um tom rosado.

Era bom ver a cor, a vida de volta ao rosto dela. Ela insistira para que a enfermeira Hildebrand a deixasse trabalhar nos turnos da manhã em vez de mantê-la descansando na cama. Apesar do tremor intermitente nas mãos, Mary continuava a ganhar força e se voluntariou ansiosamente para me ajudar em uma rodada de vacinações naquela manhã.

— Sei bem o que quer dizer — eu disse. — Às vezes parece que chegamos ontem. — Fiz uma pausa para contar os frascos de vacina que déramos nos homens depois do café da manhã. — Ainda assim, tanta coisa já aconteceu. Eu quase me sinto uma garota completamente diferente daquela que pisou na pista de pouso no primeiro dia.

Mary assentiu.

— Eu também. É difícil imaginar a vida de volta lá.

Suspirei.

— Quase não me lembro de como é a voz de Gerard. Isso não é terrível?

— Sinceramente, não — disse Mary. — Você ainda o ama.

— Sim, é claro — afirmei com ênfase extra, sentindo-me culpada por não ter tirado um tempo para lhe escrever.

— Quase me esqueci da voz de Edward — Mary acrescentou. — Mas isso, definitivamente, não é uma coisa terrível. — Ela sorriu e eu balancei a cabeça em concordância.

Lembrei-me da carta que estava escondendo dela. *Será que Mary já estava pronta?* Escutei-a cantarolando enquanto desembalava os pacotes de vacina e os colocava em cima das bandejas. *Aquela carta poderia estragar tudo.*

— Onde está Kitty? — Mary perguntou. — Pensei tê-la visto aqui hoje mais cedo.

— Ah, ela está aqui — respondi. — Viemos juntas.

— Não — reclamou a enfermeira Hildebrand. — Ela disse que não estava se sentindo bem, então eu a mandei de volta para o alojamento.

Que estranho. Ela parecia bem hoje de manhã. Tentei não deixar meus pensamentos viajarem, mas Kitty estava se comportando de forma estranha ultimamente, quase desde o momento em que

aportamos na ilha, dizendo que ia a um lugar e aparecendo em outro. Ela raramente falava do coronel Donahue, e eu não comentara com ela que os vira no passeio de barco. Aquele barco parecia ter afundado, embora ela passasse tempo demais com Lance. Ontem tinham ficado fora até meia-noite. Morta de sono, eu dei uma olhada sonolenta para o relógio quando ela finalmente caiu na cama.

— Ela deve ter pegado o vírus que está por aí — Mary disse. — Uma doença estomacal horrorosa.

Eu não acreditava que Kitty pudesse estar com uma doença estomacal. Não, outra coisa estava acontecendo. Nossos turnos na enfermaria não davam espaço para uma conversa séria, agora que mais homens feridos estavam chegando das ilhas ao redor, onde as batalhas estavam se agravando. Eles apareciam aos poucos, mas os casos eram assustadores. Ferimentos de faca. Tiros no abdômen. E, ontem mesmo, uma perna praticamente decepada que precisou ser amputada imediatamente. O trabalho lúgubre de cuidar de soldados tombados consumia nossos dias, e quando nossos turnos terminavam, saíamos cada uma para um lado, como ratos, para nossos lugares secretos favoritos. Mas onde era o lugar secreto de Kitty?

Pensei nas outras enfermeiras. Stella começara a passar bastante tempo no saguão de recreação, onde desenvolveu um novo interesse por *shuffleboard*, ou melhor, por Will, que jogava *shuffleboard*. Obviamente, Liz a seguiu. Mary, com pouca energia depois do turno na enfermaria, voltava para o alojamento e lia ou escrevia cartas para amigos em casa, enquanto eu me escondia no bangalô. Às vezes Westry aparecia por lá, às vezes não, mas eu sempre ansiava por encontrá-lo.

— O correio chegou! — gritou uma das enfermeiras da porta da frente da enfermaria.

Deixei Mary com as vacinas e me aventurei sobre o caixote de madeira cheio de cartas e pacotes. Entregas do correio eram cada vez mais raras. Mas esta era uma montanha de correspondências, que se derramou pelo chão quando puxei o caixote mais para perto da mesa — tantas cartas, assim como submarinos secretos, infiltrando nosso mundo particular.

Stella recebeu cinco; Liz, três; e Kitty apenas duas, ambas da mãe. E então vi uma endereçada a mim e senti um aperto familiar no coração quando reconheci a caligrafia. *Gerard*.

Abria a carta discretamente, preparada para escondê-la a qualquer momento, quando Stella ou outra enfermeira aparecesse.

Meu amor,

As folhas aqui estão mudando de cor e sinto tanto sua falta. Por que mesmo você teve de ir?

Seattle continua a mesma, exatamente como a deixou, apenas mais solitária sem você. Acho que a guerra tenha algo a ver com a questão da solidão. Só se fala desse assunto por aqui. Preocupo-me com você aí. Haverá uma grande ação no Pacífico. Torço para que sua ilha fique protegida. Os chefões militares com quem eu tenho conversado aqui acreditam que ela não será afetada. Torço para que estejam certos.

A guerra tirou o melhor de todos nós. O Cabaña Club é uma cidade fantasma; você não reconheceria o lugar. Todo homem em boa forma física ou se alistou ou foi recrutado e quero que saiba que mesmo depois de tudo o que meu pai fez para me afastar da luta, não consigo deixar de pensar se também não deveria me alistar. Seria a coisa certa a fazer. A próxima leva de tropas parte em 15 de outubro e estou pensando em anular minha isenção e ir com eles. Passaria duas semanas em treinamento básico na Califórnia antes de seguir para a Europa.

Por favor, não se preocupe comigo. Eu lhe escreverei sempre para dizer como estou e sonharei com o dia em que estaremos juntos novamente.

Eu a amo de todo meu coração e penso em você mais do que imagina.

Sempre seu,
Gerard

Segurei a carta em meu coração e pisquei forte. Por mais que me alegrasse com seu arroubo de patriotismo, odiava vê-lo em perigo, e fiquei tensa ao pensar no lapso de tempo entre o envio e o recebimento da carta. *Será que ele estaria em um campo de batalha agora? Ele poderia estar...?*

Senti um braço em minhas costas depois de ter me jogado em uma cadeira, tentando esconder minhas lágrimas das outras mulheres.

— Qual o problema, querida? — Mary me perguntou carinhosamente.

— É Gerard — respondi. — Acho que ele se alistou.

Mary deu um tapinha em minhas costas enquanto minhas lágrimas pontilhavam o papel amassado em minhas mãos, transformando a linda caligrafia de Gerard em borrões de tinta preta.



— Como você acha que deveria ser a esposa de um militar? — perguntou-me Kitty naquela noite, antes de nos deitarmos. De camisola de algodão cor-de-rosa, ela sentou-se na cama penteando os cachos louros, evidentemente sentindo-se bem, enquanto eu tentava, frustrada, ler.

Coloquei o livro de lado.

— Não está dizendo que já esteja pensando em se casar com Lance, está?

Kitty não respondeu; apenas continuou penteando o cabelo.

— Acho que o estilo de vida poderia ter seus benefícios — disse ela. — Todas as viagens e a diversão.

— Kitty, mas você acabou de conhecê-lo — argumentei.

As noites eram agora o único momento em que conversávamos; pelo menos nas noites em que Kitty não saía com Lance.

Kitty colocou a escova sobre a mesinha de cabeceira e subiu na cama, puxando a coberta até o pescoço, antes de se virar para mim.

— Anne — ela chamou. A voz dela soava infantil, curiosa, ingênua, trêmula. — Você sempre soube que Gerard era o escolhido?

A pergunta me pegou de surpresa de uma maneira que não teria acontecido se tivesse sido feita em Seattle.

— Bem, sim, claro que sim — eu disse, lembrando-me da carta dele de hoje mais cedo. Minha devoção por ele aumentara. — Eu simplesmente sabia.

Kitty balançou a cabeça.

— Acho que tenho essa mesma sensação — disse ela, virando a cabeça para a parede antes que eu pudesse questioná-la. — Boa noite.



Westry estava em uma missão em outra ilha havia trinta dias, e quando voltou, em 27 de novembro, esperei perto do alojamento dos homens fingindo colher hibiscos, na esperança de encontrá-lo no caminho. Era quarta-feira, um dia antes da Ação de Graças, e a conversa no campo girava em torno de duas coisas: peru e molho de oxicoco.

— Ei, você, enfermeira! — gritou um dos homens de uma janela do terceiro andar. — Acha que vamos conseguir um pássaro?

— Acha que tenho cara de cozinheira? — respondi sarcasticamente.

O soldado, por volta dos seus dezenove anos, no máximo, deu um sorrisinho malicioso e se recolheu. Eu levara meses para me sentir à vontade com as investidas dos homens e da guerra. Deixando a timidez de lado, eu rosnava para quem rosnasse para mim e fazia comentários impróprios com retaliações que nivelavam o jogo. Mamãe teria um piti.

Vinte minutos pegando flores e nem sinal de Westry, assim eu voltei para o alojamento com o coração pesado e uma cesta cheia de hibiscos.

— O correio chegou! — disse Kitty, jogando um envelope sobre a cama. — É de sua mãe.

Eu dei de ombros e enfiei o envelope no bolso de meu vestido enquanto Kitty espiava dentro da cesta cheia de flores que eu colocara ao lado da porta.

— São lindas — disse. — Vamos lhes dar um pouco de água.

Ela tirou as flores da cesta e arranjou-as, uma a uma, em uma garrafa de água sobre a mesinha de cabeceira.

— Elas não sobreviverão — eu disse. — São flores terríveis de serem cortadas. Amanhã cedo já estarão murchas.

— Eu sei — comentou ela. — Mas não estão lindas *agora*, do jeito que estão?

Concordei. Gostaria de poder ver a beleza do momento como Kitty fazia. Isso era um dom.

Ela deu um passo para trás e se encantou com o vaso improvisado, lotado de flores vermelhas lustrosas que estariam murchas quando voltássemos do jantar, antes de dar uma olhada para a mesinha de cabeceira.

— Quase esqueci — comentou ela. — Eu também recebi uma carta de casa. Do papai.

Kitty rasgou a ponta do envelope e tirou a carta, lendo, a princípio, com um sorrisinho aberto. Então surgiu um franzido na testa e um olhar de horror. Lágrimas começaram a escorrer lentamente por seu rosto.

— O que é? — perguntei correndo até o lado dela. — O que diz a carta?

Ela se jogou na cama, enterrando o rosto no travesseiro.

— Kitty — insisti —, me conte.

Ela não se mexeu, então eu recolhi as páginas da carta que tinham caído no chão e li por mim mesma as palavras do pai dela.

> Você deve saber, querida, que o sr. Gelfman foi para a guerra em setembro, para a Europa, e sinto dizer que ele foi morto. Sei que esta notícia será dura para você. Sua mãe não queria que eu escrevesse, mas acho que você deveria saber.

Coloquei a carta sobre a penteadeira de Kitty. *O maldito correio. Por que ele chega e nos assombra do jeito que faz? Estávamos indo bem até que as cartas começaram a chegar.*

— Kitty — falei encostando meu rosto no dela. — Sinto muito.

— Deixe-me sozinha — disse ela baixinho.

— Trarei seu jantar — eu disse, ouvindo o toque do sino do refeitório.

— Não estou com fome — choramingou.

— Trarei mesmo assim.



Coloquei um punhado de purê de batata em meu prato e, com a permissão do cozinheiro, peguei um prato extra para Kitty, seguido por cenouras fatiadas e presunto cozido que parecia enrolado e seco sob as luzes mornas. Pelo menos não era enlatado. Eu estava feliz por isso.

Stella e Mary abanaram a mão para mim da mesa das enfermeiras e eu balancei a cabeça e caminhei em direção a elas.

— Estou só pegando uma bandeja para mim e outra para Kitty, e vou levá-las ao quarto. Kitty recebeu uma carta de casa. Bem ruim.

Mary franziu o cenho.

— Sinto muito — disse ela. — Será que pode se sentar por um minuto? Não conseguirá equilibrar essas bandejas no caminho de volta. Vai tropeçar. Por que não come primeiro?

Pensei um pouco, depois concordei, sentando-me ao lado de Mary.

— Disseram que houve uma briga no alojamento hoje — disse Stella em uma voz abafada. — Esta ilha realmente está dando nos nervos dos homens.

— Está dando nos nervos de todos nós — emendei, tentando cortar o pedaço duro de presunto com uma faca cega.

Stella concordou.

— Vi Lance no mercado ontem. Estava com as mãos em volta daquela garota, aquela nativa.

Agradeci por Kitty não estar presente. Ela já tinha passado por uma experiência de partir o coração hoje.

— Quer dizer, *Atea* — eu disse. — Ela tem nome.

— Acho que esse era o nome dela — falou dando de ombros. — Lance com certeza tem uma queda por ela.

Mary pareceu receosa.

— Ah, Stell — ela interveio. — Só porque ele compra cigarros dela não quer dizer que esteja envolvido com ela.

Stella deu de ombros.

— Só estou dizendo o que vi.

Pobre Kitty. Não direi nada a ela. Ainda não. Ela precisa de tempo.

— Tudo bem, garotas — eu falei puxando a bandeja de Kitty. — Estou indo entregar a refeição.

— Boa noite — disse Mary.

Stella balançou a cabeça e cravou os dentes em um pãozinho.

Abanei as moscas das bandejas enquanto seguia pela trilha, parando por um momento em frente ao alojamento dos homens, esperando, em vão, encontrar Westry olhando pela janela. O beliche dele era no segundo ou no quarto andar? Passei os olhos pelo segundo andar e detive-me em uma janela aberta em direção ao meio do prédio. Havia confusão e movimento lá dentro. *Uma briga.*

— Sim, senhor! — gritou uma voz. — Por favor, senhor!

Era a voz de Westry.

Meu Deus! Ele está machucado. Ele foi agredido. Coloquei a bandeja em cima de um banco e fui até a entrada do alojamento. Tinha de ajudá-lo. Mas como? Era proibida a entrada de mulheres. Fiquei nos degraus, em desespero, ouvindo o som de carne amassando carne e de mobília quebrando. *Pare. Isso tem de parar.*

Um momento depois, parou. Uma porta bateu com força; em seguida passadas pesadas percorreram o corredor e desceram as escadas até a entrada do alojamento. Meu estômago revirou quando o coronel Donahue apareceu na entrada da porta, com a mão fechada e sangrando. Eu me escondi atrás dos hibiscos e o observei caminhar diretamente até a enfermaria.

Meu coração disparou.

— Westry! — chamei em pânico. — Westry! — chamei mais alto, aumentando o tom de voz dentro da janela aberta.

Havia apenas silêncio, e eu temi o pior.

Corri até o refeitório, onde muitos dos homens ainda estavam comendo, e encontrei Elliot em uma mesa perto da entrada. Os olhos dele encontraram os meus e eu fiz um movimento para ele se aproximar.

— O que é, Anne? — ele perguntou, soltando um guardanapo de tecido de seu colarinho.

— É Westry — sussurrei. — Ele levou uma surra. Do coronel Donahue. Ele está no quarto. Pode estar desmaiado. — Minhas palavras saíam da boca como uma sucessão de disparos.

Os olhos de Elliot se arregalaram.

— Eu vou lá — disse ele, empurrando as portas duplas e correndo até a trilha.

Esperei do lado de fora do alojamento por um longo tempo, ora andando de um lado para o outro, ora olhando para cima, na direção da janela do segundo andar, tentando ver alguma coisa por ela. Então ouvi a porta se abrir e Elliot sair.

— Westry levou uma surra e tanto — disse ele. — Uma laceração na testa que precisará de pontos.

— Por que não desce, então? — perguntei.

— Ele não virá — continuou Elliot.

— Não entendo. Por que o coronel Donahue fez isso com ele?

— Ele não quer falar sobre o assunto — disse Elliot olhando o caminho por onde o coronel tinha saído. — Mas algo deve ter acontecido. Algo está errado.

Esfreguei a mão na testa.

— Então será que você poderia ficar com ele? Garantir que ele fique bem, tentar levá-lo à enfermaria para levar os pontos?

Elliot concordou meneando a cabeça.

— Vou fazer o melhor que posso — disse ele, voltando-se para a porta.

— Obrigada — retribuí. — E, Elliot?

— Sim?

— Diga a ele que estou com saudades.

Elliot abriu um sorriso.

— Ele vai gostar disso.



A bandeja com o jantar de Kitty estava fria quando cheguei de volta ao quarto, mas não fez

diferença. Ela se recusou a comer.

— Posso fazer alguma coisa por você, querida? — eu disse, acariciando seus cachos macios.

— Não — respondeu baixinho. — Só preciso ficar sozinha.

— Tudo bem — concordei, um pouco magoada. — Eu entendo.

O sol se pusera, mas a lua acima oferecia uma quantidade de luz magnífica. Olhei para minha mochila. *O bangalô.* É onde eu precisava estar; sentia em meu coração.

— Kitty — eu disse suavemente, enfiando um livro em minha mochila. — Vou sair um pouquinho.

Ela não respondeu, e não a culpei.

— Voltarei logo — informei fechando a porta atrás de mim.

O vento soprava mais forte do que de costume, emaranhando meu cabelo enquanto eu seguia pela areia em direção ao bangalô. Ao chegar, destranquei a porta e me deitei na cama. A nova colcha de retalhos que eu trouxera na semana anterior, encontrada na prateleira de cima de nosso closet, era quente e aconchegante em meu corpo cansado. Eu não me dei ao trabalho de checar a caixa de correio. Westry não tinha voltado a tempo suficiente para passar por ali, e agora estava enfiado no alojamento cuidando de seus ferimentos. Tremi ao pensar na brutalidade do coronel Donahue. *Por que ele o machucou assim?* Seja lá qual fosse a razão, eu tinha certeza de que Westry não merecia.

Ajeitei o travesseiro atrás de minha cabeça e tirei a carta de minha mãe que enfiara no bolso mais cedo.

Minha mais que querida Anne,

Escrevo com pesar no coração, pois sou eu quem deve relatar a pior notícia a você. Acredite, ponderei durante muito tempo se deveria lhe escrever para contar a notícia ou esperar até você voltar. No entanto, sinto que deve saber.

Estou deixando seu pai. As circunstâncias são graves demais para serem discutidas em uma carta, mas apenas direi que, apesar da separação, eu sempre a amarei como sempre amei. Explicarei tudo quando você vier para casa.

Espero que seu casamento com Gerard seja mais pleno de amor do que o meu foi.

Eu a amo muito e espero que essa notícia não a faça sofrer demais.

Com amor,
Mamãe

Senti a ferroada das lágrimas salgadas em meus olhos. *Ela está deixando o papai. Pobre papai. Como pode?* "Que seu casamento com Gerard seja mais pleno de amor do que o meu foi." *Que tipo de bobagem era aquela?*

Ouvi um barulho do lado de fora na praia, seguido por um pequeno rangido da porta do bangalô se abrindo. Meu coração se aquietou quando vi o rosto de Westry.

— Tinha esperança de que você estivesse aqui — disse ele, sorrindo.

— Olhe só para você! — exclamei ignorando minhas inibições e correndo até ele, erguendo as mãos instintivamente para lhe acariciar o rosto. — Por que o coronel Donahue machucou você?

— Ouça — disse ele com firmeza. — Preciso deixar uma coisa bem clara: você não viu o coronel Donahue hoje.

— Mas eu vi...

— Não — disse ele. — Não viu.

— Mas, Westry, por quê?

Ele parecia confuso e chateado.

— Por favor, nunca mencione isso de novo.

Franzi o cenho.

— Eu não compreendo.

— Tem de ser assim — afirmou. — Um dia você entenderá.

A luz alcançou o rosto dele e pude ver a seriedade de seus ferimentos.

— Você tem de me deixar levá-lo à enfermaria.

Westry abriu um sorriso malicioso.

— Por que faria isso quando tenho minha própria enfermeira bem aqui?

Eu sorri, pegando minha mochila.

— Bem, devo ter um kit de primeiros socorros aqui em algum lugar. — Revirei a mochila até encontrar uma caixinha estocada com necessidades básicas de enfermagem, então tirei o material de sutura. Abri o pacote branco, tirando um quadrado de gaze embebida em álcool. — Isso vai arder um pouquinho.

Peguei a mão dele, sentindo o frio na barriga familiar de quando nossa pele se tocava, e o levei até a cama. *E qual o problema de nós dois sentarmos aqui?*

— Agora — eu disse ao nos sentarmos —, fique quieto. — Elliot estava certo. A laceração na testa dele fora profunda e duvidei de minha habilidade para costurá-lo. — Parece bem ruim — eu disse limpando o ferimento com a gaze. Westry se contraiu, mas não disse nada. — Sabe — eu disse com nervosismo —, temos um creme tópico anestésico na enfermaria. Vamos até lá. Será menos doloroso para você.

Comecei a me levantar, mas Westry alcançou minha mão e me puxou de volta.

— Não quero ir — falou. — Quero ficar. Bem aqui.

Os olhos dele estavam mais carinhosos, mas intensos. Eu concordei e peguei o material de sutura.

— Tudo bem, mas isso vai doer um pouquinho.

Westry olhava para a parede em frente enquanto eu dava um ponto, depois dois. Um terceiro era tudo o que precisava para fechar o corte. Apertei com força, depois cortei a ponta.

— Aí está — falei. — Não foi tão ruim assim, foi?

Westry balançou a cabeça, negando.

— Você nasceu para isso, Cleo Hodge — disse ele brincando, olhando dentro dos meus olhos com preocupação. Eu sorri e afastei rapidamente o olhar.

— Você esteve chorando — emendou ele. — Por quê?

Pensei na carta de minha mãe.

— Só uma carta desagradável de casa.

— O que ela dizia?

Eu hesitei.

— Era de minha mãe. Ela... — Engoli as lágrimas que caíam de novo. — Ela vai deixar meu pai.

Westry esticou os braços e me puxou na direção dele; seus braços se enroscaram nas minhas costas, e o lado de minha cabeça se acomodou no peito dele. Eu me senti protegida, aconchegada.

— Sinto muito — disse ele.

As palavras dele reverberavam no pequeno bangalô, pairando no ar por um momento, pois nenhum de nós falou nada durante um longo tempo.

Ergui os olhos para encarar Westry. Ele estava ali. Presente. Agora. E, naquele momento, nada mais importava.

As mãos dele subiram pelos meus braços, pelos meus ombros, em direção ao meu pescoço e minhas bochechas, até que puxaram meu rosto em direção ao dele. Senti algo novo revirar dentro de mim. Westry pressionou os lábios contra os meus tão suave e perfeitamente. Ele me puxou para mais perto, derrubando qualquer resistência que pudesse persistir.

Segurou-me em seus braços, me embalando. Vinte e sete de novembro. Era uma data sem importância, apenas um pontinho no calendário. Mas foi também o dia que mudou minha vida: o dia em que comecei a amar Westry.

Capítulo 7



O sol ardia inclemente, o que parecia injusto dado que era a noite de Natal. Em casa, mamãe estaria podando um enorme abeto na entrada. Eu quase podia sentir o cheiro da sempre-viva mesmo sendo um produto da imaginação, não só por haver apenas palmeiras à vista, mas também por mamãe ter saído de casa. A carta mais recente dela dizia que se mudara para um apartamento em Nova York.

Pensei em quanto o papai era festivo nessa época do ano, oferecendo grandes canecas de cidra quente para os membros dos corais de rua, enfiando na boca os doces e biscoitos de Maxine a todo minuto. *Maxine*. Eu me perguntei mais de uma vez por que ela não havia escrito. O correio parara de chegar totalmente, e as mulheres esperavam ansiosamente toda tarde, desejando avistar o jipe atravessando o campo com uma entrega especial.

Não tive mais notícias de Gerard, o que me preocupava mais do que tudo. O silêncio dele era de certa forma bem-vindo, deixando espaço para meus sentimentos por Westry crescerem sem ser perturbados. No entanto, eu me preocupava com ele todos os dias, imaginando-o em um campo de batalha estrangeiro, lutando pelos Estados Unidos da América. Lutando por mim.

Kitty acabou aceitando a morte do sr. Gelfman, apesar de não falar sobre o assunto. Em vez disso, parecia dedicar cada fibra de seu corpo a ficar com Lance. Ela frequentemente escapava para encontrá-lo e ficava fora até muito tarde. Entretanto, quem era eu para julgar?

E, de repente, era noite de Natal. Tinha tempo de ir à praia antes da cerimônia de velas na capela mais tarde naquela noite, assim, fugi antes que a enfermeira Hildebrand pudesse me recrutar para ajudar a desempacotar uma nova remessa de suprimentos.

Fiquei decepcionada ao encontrar o bangalô vazio. Westry estivera em três missões durante o último mês, e eu o encontrei poucas vezes. Verifiquei a caixa de correio debaixo do chão de madeira, e dei uma risadinha quando encontrei um envelope esperando por mim.

Minha querida Cleo,

Feliz Natal, minha querida. Sinto muito por não termos nos visto muito ultimamente. Meu oficial comandante parece ter se apossado de todas as qualidades de um feitor de escravos. Esperava poder vê-la aqui nesta manhã, o único horário em que pude escapar, mas não tive sorte. Assim, deixarei seu presente de Natal aqui, para que o encontre. Talvez um dia tenhamos um Natal de verdade juntos.

Sempre seu,
Grayson

Meus olhos marejaram ao ler a última frase de novo. “Talvez um dia tenhamos um Natal de verdade juntos.” *Será que teremos?* A ideia era assustadora e animadora ao mesmo tempo. Meus dedos trabalharam ligeiros para desamarrar a fita vermelha da caixinha esperando embaixo do chão de madeira, embrulhada caprichosamente em papel-alumínio que ele deve ter roubado do refeitório. Ergui a tampa e encontrei um medalhão oval de ouro em uma corrente delicada. O interior do medalhão estava vazio, mas, atrás, a gravação dizia: *Grayson e Cleo.*

Sorri, abotoando a corrente ao redor do meu pescoço com orgulho, antes de tirar uma caneta e um caderno de minha mochila.

Meu querido Grayson,

Obrigada pelo colar. Adorei. Sabia que em meus 21 anos eu nunca tive um medalhão? Sempre quis um e o usarei com muito orgulho. Para ser sincera, acho que nunca mais o tirarei. Minha cabeça está cheia de ideias sobre o que colocar dentro dele. Você terá de me ajudar a decidir.

Sinto tanto sua falta, mas estar aqui ajuda, pois mesmo estando separados posso sentir você aqui. Sua presença está impregnada nestas quatro paredes e isso me conforta.

Feliz Natal.

Com amor,
Cleo



O correio chegou naquela tarde, um pouco antes da cerimônia da noite de Natal. Olhei para a caixa com receio e cuidado, especialmente depois das últimas cartas de mamãe, que foram tão surpreendentes e chocantes. Abandonar o papai sem explicação. Com certeza havia mais coisa nessa história.

— Só uma para você hoje, querida — disse Mary, me passando um envelope rosa-claro.

Cor-de-rosa. Senti meu coração mais leve. *Definitivamente não era de Gerard.* Odiava a mim mesma por sentir alívio. Não que eu não quisesse saber notícias dele. Não, era mais complicado do que isso. Olhei para a caligrafia, tão elegante, tão perfeita, e para o endereço do remetente no envelope. *Maxine*. Guardei o envelope no bolso de meu vestido e virei-me em direção à porta. Mas, ao ouvir os sinos de igreja tocando na capela a distância, virei-me e vi a enfermeira Hildebrand consumida por relatórios sobre a mesa dela. *O que ela estaria fazendo nesta ilha estranha, completamente sozinha, na noite de Natal?* Ela nunca falava da família, e se o que as garotas diziam era verdade, o passado dela não fora muito feliz. Mas era Natal. Ninguém deveria

ficar sozinho no Natal. *Será que alguém a convidara para a cerimônia à luz de velas?*

Eu me aproximei da enfermeira Hildebrand em silêncio.

— Com licença, enfermeira Hildebrand — comecei receosa. — Estou indo embora. É noite de Natal...

— Tenho ciência da data... — ela retrucou.

Eu balancei a cabeça, submissa.

— É só que eu gostaria de...

— Vá direto ao ponto, enfermeira Calloway — disse ela. — Não está vendo que estou ocupada?

— Sim — respondi. — Desculpe-me. É que fiquei me perguntando se sabia sobre a cerimônia à luz de velas desta noite. Achei que gostaria de ir, só isso.

Ela se afastou dos relatórios e olhou para mim por um momento; um olhar de surpresa, bondoso e firme, e talvez um pouco confuso também.

— Pode ir, enfermeira Calloway — disse ela secamente. — Seu turno já terminou.

Assenti e caminhei de volta até a porta, tentando esconder minha decepção. *E que diferença fazia?*

Kitty prometera ir comigo à cerimônia à luz de velas naquela noite, mas não estava no quarto quando eu voltei. Depois de quinze minutos de espera e nenhum sinal de um bilhete de explicação, desisti e fui até o guarda-roupa procurar algo para vestir, e foi quando notei que seu vestido amarelo não estava lá, aquele que se ajustava ao corpo dela de uma maneira insinuante demais. *Aonde ela iria com aquele vestido?* Escolhi um azul simples para mim, então peguei a carta de Maxine.

Minha querida Antoinette,

Como está, minha cara? Meu Deus, como tenho sentido sua falta. A casa não é a mesma com você longe. É mais solitária, sem vida.

Tanta coisa mudou desde que você foi embora, e receio não saber por onde começar. Mas, como sempre fomos sinceras uma com a outra, começarei pela verdade. Fique firme, pois as próximas frases poderão ser muito difíceis.

Você deve saber, minha querida, que eu amo seu pai há muito, muito tempo. Sempre foi um amor que tentei evitar com toda a minha força, com toda a minha alma. Mas não se pode lutar contra o amor. Sei disso agora.

Nunca tive a intenção de que esse amor destruísse sua família. E, por muitos anos,

consegui esconder meus sentimentos, reprimindo-os tão bem que até eu mesma me enganava. No entanto, quando descobri que seu pai retribuía esse meu amor, este sentimento me obrigou a sacar a rolha que eu sempre tentara, tão diligentemente, manter intacta. Isso mudou tudo.

Não sei se você falará de novo comigo um dia, ou me olhará do mesmo modo que um dia me olhou, mas torço para que encontre em seu coração uma maneira de me perdoar. Não há nada que seu pai e eu queiramos mais do que a sua bênção.

Depois da guerra iremos à França para nos casar. Sei que isso parece muito estranho e precipitado.

Dê tempo ao tempo, querida. Torço para que, com o tempo, possamos ser uma família novamente.

Com amor,
Maxine

As páginas escorregaram de minhas mãos, sem esforço, e caíram sobre a colcha de retalhos em minha cama, onde eu olhava fixamente para elas, analisando a letra cursiva de Maxine. *Por que ela enrola as letras de um jeito tão estranho?* E aquele papel de carta com os cantos em relevo eram da mamãe. *Quem ela pensa que é? A dona da casa?*

Maxine e Papa. Não fazia sentido. *Será que se amaram durante toda a minha vida? A mamãe sabia? Não à toa ela fora tão cruel com Maxine; a amante do papai vivendo sob o mesmo teto que ela. Pobre mamãe! Como não notei? Como pude ser tão ingênua?*

Peguei as páginas, amassando-as em uma bola bem apertada e jogando-a no lixo. Não precisava lê-la de novo. Não queria vê-la de novo. E quando saí no corredor do lado de fora do quarto, me surpreendi com a força com que fechei a porta.

Se Kitty não viria, eu iria à cerimônia sozinha. Não podia passar a noite de Natal pensando sobre Papa e Maxine em casa, assando castanhas juntos. Sacudi a cabeça e caminhei até o saguão. No entanto, antes que eu abrisse as portas e saísse, meus ouvidos se aguçaram. Alguém em um quarto no andar de cima deve ter encontrado um rádio e, ainda mais raro, um sinal que transpunha o grande oceano azul e trazia o som doce, lindo e puro de *O Holy Night* cantada por Bing Crosby. Meus joelhos enfraqueceram ao ouvir a canção ser levada pelas ondas de rádio como uma brisa morna, confortando-me, trazendo lembranças dos Natais em Seattle. Com cidra. Corais. Um abeto enorme na entrada. Papa fumando ao lado da lareira. Mamãe agitada embrulhando presentes. Os doces de Maxine, apesar de não ter o gosto deles agora. E Gerard, claro. Eu não podia me esquecer de Gerard.

— Isso a deixa sentimental, não deixa?

Virei-me ao ouvir a voz de Stella atrás de mim.

— Sim — respondi. *Ah, se ela soubesse o quanto.*

O rosto dela parecia mais tranquilo sob a luz fraca do saguão de entrada. *Será que a ilha a mudara?*

— Não combina — ela continuou. — Sem neve. Nem mesmo uma árvore. Pela primeira vez estou com saudade de casa. Com muita saudade.

— Eu também — eu disse entrelaçando meus braços nos dela. Ficamos ali ouvindo até a música terminar e a frequência de rádio ficar distorcida; o momento perdido para sempre, engolido pela solidão do Pacífico.

— Você vai à cerimônia? — Stella perguntou.

— Vou — confirmei. — Estava voltando para me encontrar com Kitty. Combinamos de caminhar juntas até lá.

— Ah, eu quase me esqueci de dizer a você — ela falou.

— De me dizer o quê?

— Kitty me pediu para lhe dar o recado de que ela sente muito, mas Lance tinha um encontro de Natal muito especial para ela nesta noite, e ela não poderá ir.

Um *encontro?* Na *noite de Natal?*

Stella deu de ombros.

— Você deveria saber melhor do que eu. Parece que esses dois estão passando tempo de mais juntos, não parece? Toda vez que passo pela Kitty no corredor ela está saindo para ver Lance. Lance isso, Lance aquilo. Mas, se quer saber, ele não é digno de nenhuma afeição. O homem é perigoso.

— Perigoso?

— Sim — ela afirmou. — Todo mundo sabe como ele age com as garotas nativas. Além do mais, o homem tem um temperamento do tamanho do USS *Missouri*.

Eu me lembrei do modo como Atea olhara para ele, e do pressentimento que tive sobre ele logo em seguida. Mas nunca tinha visto o temperamento dele explodir. Será que ele era realmente *perigoso?*

— Bem — eu disse —, ele pode ser um pouco voluntarioso, mas é a preferência de Kitty. Já tentei conversar sobre homens com ela antes, e, acredite, não funciona.

— Você é uma boa amiga, Anne — disse Stella me olhando com admiração.

Pensei em meus segredos.

— Não tão boa quanto deveria.

— Quer ir até a capela comigo? — perguntou ela, olhando rapidamente para o relógio no corredor, que mostrava sete e quinze. — Mary e Liz já estão se arrumando. Podemos nos encontrar com elas.

Sorri.

— Adoraria.

Ao sairmos, o sinal de rádio sintonizou de novo e começou a transmitir uma versão enfraquecida de *Silent Night* cantada em uma língua estrangeira que não reconheci. Soava estranha e perdida, exatamente como eu me sentia.



Assim que entrei na capelinha acoplada ao refeitório resfoleguei.

— Pelo amor de Deus, como conseguiram uma árvore? — Olhei para o abeto posicionado próximo ao piano. — Um abeto de Douglas, nos trópicos?

Mary abriu um sorriso.

— Era nosso grande segredo — disse ela. — O Comitê Social planejou durante meses. Um dos pilotos trouxe com os suprimentos na semana passada. Ninguém pensou na decoração, então tivemos de ser criativas. Os homens mereciam uma árvore no Natal.

O coral começou a se aquecer à nossa esquerda, enquanto eu olhava para o abeto adornado com enfeites brilhantes, feitos de papel-alumínio primorosamente cortado, e maçãs vermelhas em cada ponta. Algumas mulheres devem ter emprestado suas fitas de cabelo, pois havia pelo menos duas dúzias de laços de cetim branco, de cima a baixo.

— Está linda! — exclamei, piscando para esconder uma lágrima.

Mary enroscou o braço ao meu redor.

— Está tudo bem, Anne?

O coral, que não passava de um grupo de soldados voluntários reunidos por um tenente que era um professor de música em sua terra natal, começou a cantar *O Come, All Ye Faithful* e os pelos de meu braço se eriçaram. Fechei meus olhos e vi o rosto de Gerard sorrindo para mim com seu olhar doce e confiante. Maxine e Papa também olhavam, implorando pelo meu perdão enquanto Kitty acenava a distância. E Westry estava lá no meio. Estava em pé na praia, observando a todos. Esperando.

Senti minhas pernas bambearem e meu corpo balançar, então Mary me puxou em direção a um banco da igreja.

— Você precisa se sentar — disse ela, abanando meu rosto com um hinário. — Não está parecendo muito bem. — Em seguida gritou: — Stella, ela precisa de água!

O ambiente parecia turvo e o coral soava como se estivesse cantando as mesmas frases vez após outra. “Ó, venha, deixe-nos adorá-Lo, ó, venha, deixe-nos adorá-Lo; ó, venha, deixe-nos adorá-Lo...”

Alguém me passou uma caneca e eu tomei um gole, deixando a água descer pela minha garganta.

— Sinto muito — falei envergonhada. — Não sei o que aconteceu.

— Você tem trabalhado demais — disse Mary. — Isso foi o que aconteceu. Falarei com a enfermeira Hildebrand sobre isso. Olhe só para você. Pálida, magra. Comeu alguma coisa esta noite?

Balancei a cabeça, negando.

Mary fuçou dentro da bolsa até encontrar uma barra de doce.

— Aqui — disse ela. — Coma isto.

— Obrigada.

Os homens começaram a chegar, tirando os quepes na porta, e Stella se aconchegou conosco, seguida por Liz. Na metade da cerimônia, virei-me para trás para ver se Kitty chegara atrasada, todavia, em vez disso, notei a enfermeira Hildebrand sentada no fundo. Ela tinha um lenço na mão, mas colocou-o rapidamente dentro do bolso do vestido quando seus olhos encontraram os meus.

Logo depois de as velas serem acesas e do coral começar a cantar *Hark! the Herald Angels Sing*, ouvi uma comoção e virei-me em direção ao fundo da capela. Uma porta bateu com força. As pessoas se mexeram em seus assentos. Uma enfermeira no banco atrás de nós soltou uma arfada.

— O que está havendo? — sussurrei para Stella, sem conseguir ter uma boa visão da cena através da multidão.

— Aquilo é o que está acontecendo — disse ela, cheia de presunção apontando para o centro do corredor.

Lá, caminhando em nossa direção, estava Atea — de peito nu, a linda Atea, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela parecia tão linda quanto aquele dia no mercado, mas agora seu rosto estava coberto de tristeza.

— Onde está ele? — ela gritou, olhando da esquerda para a direita, checando os bancos da igreja. — Por que não aqui?

Um dos homens ficou em pé e a pegou pelo braço.

— Não está vendo que está atrapalhando a cerimônia da noite de Natal, senhorita?

Ela puxou o braço com força, desvencilhando-se dele.

— Não me toque! Onde está ele? Ele mente. Eu acho ele. Eu conto todo mundo.

O soldado pegou-a novamente pelo braço, desta vez mais forte, e tentou puxá-la em direção à porta. Atea gritou.

— Pare! — gritei, balançando os braços. Senti o sangue despencar da cabeça, mas me estabilizei ao lado do banco da igreja.

— Conheço esta mulher. Deixe-me conversar com ela.

Ninguém pareceu fazer objeção, então eu caminhei até Atea e sorri suavemente. Seus grandes olhos castanhos, vermelhos de tanto chorar, olharam meu rosto buscando compreensão, confiança.

— Gostaria de conversar lá fora? — perguntei como se fôssemos as duas únicas pessoas no recinto.

Ela concordou e me seguiu pelas portas duplas até o lado de fora. Caminhamos em silêncio pelo caminho de pedregulhos que levava até a praia. O vento estava forte, mas nenhuma das duas deu importância.

Atea me levou até um tronco na praia, e nós nos sentamos.

— Eu *ser* medo — ela disse.

— Quer dizer, você *está com* medo?

Ela assentiu.

— Do que, querida? Do que está com medo?

— Dele — disse ela objetivamente.

Lance. Meu rosto queimou de raiva. Stella estava certa.

Eu balancei a cabeça.

— O que ele fez a você, Atea?

— Ele me machuca — disse, apontando para a mancha em seu pulso e outra na parte de cima do braço, roxa e preta.

— Sinto muito — eu disse. — Mas por que você veio aqui na capela esta noite?

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Conto todo mundo o que ele fez — disse —, então ele não machuca eu de novo.

— Atea — continuei —, você deve ir embora da base. Se ele quiser machucar você, encontrará uma maneira. Você deve ir embora e ficar longe daqui.

Ela pareceu confusa.

— Aonde posso ir?

— Tem alguém com quem possa ficar? Sua mãe? Uma avó? Uma tia?

Atea sacudiu a cabeça.

— Não — ela respondeu. — Não ter ninguém, só Tita.

— Quem é Tita?

— A mulher mais velha de Bora Bora. Ela cuida todo mundo.

Eu balancei a cabeça. Subitamente, todos os meus problemas pareceram sem importância.

— Bem — eu disse —, você não pode ficar aqui.

Ela pareceu incomodada com alguma coisa.

— Mas o que eu fazer quando ele vem?

— O que quer dizer com “quando ele vem”?

— Ele vem.

Eu dei um tapinha no braço dela.

— Está vendo aquele prédio branco lá longe, e a janela no canto do segundo andar, bem do lado da palmeira?

— Sim — disse ela mansamente.

— Aquele é meu quarto. Pode me chamar quando precisar de alguma coisa, quando estiver com medo. Sempre deixamos a janela aberta. Eu a ouvirei.

Ela passou aqueles olhos grandes e confiantes sobre meu rosto.

— E se você não lá?

— Então corra por esta praia — expliquei, apontando com o dedo em direção à costa. — A mais ou menos oitocentos metros daqui há um bangalô, uma cabaninha a alguns passos para dentro do mato. A porta está trancada, mas poderá encontrar a chave debaixo de um livro embaixo dos degraus. Ninguém aqui sabe disso. Você estará a salvo lá.

Os olhos de Atea se arregalaram.

— A casa do artista?

Meneei a cabeça, confusa.

— Não tenho certeza sobre o que quer dizer.

— Sim, o pintor. Ninguém vai lá. Tita diz que é assombrada.

— *Assombrada?*

— Sim.

— E você acredita que é assombrada? — perguntei.

Atea deu de ombros.

— Talvez, mas vou lá se precisar.

— Boa garota.

Atea sorriu.

— Você ficará bem — eu disse. — Tudo ficará bem. Eu lhe garanto.

— De verdade? — Os olhos dela buscaram os meus. Ela era tão linda, mas, ao mesmo tempo, tão inocente e amedrontada. Jurei protegê-la. Falaria com Westry sobre Lance. Garantiria que ele não a machucaria novamente.

— De verdade — eu a tranquilizei.

Ela deu um suspiro profundo e se levantou para ir embora.

— Atea, tem mais uma coisa — continuei. — Se vir Lance, não deve contar a ele sobre sua visita à base nem sobre sua conversa comigo. Isso só o deixará ainda mais bravo.

Ela parecia confusa, mas concordou com um aceno de cabeça.

— Boa noite — me despedi.

— *Taoto maitai* — disse ela antes de desaparecer dentro do luar.

Capítulo 8



O sol da manhã estava radiante, permeando a janela com tanta força que dois raios de luz violentos atravessaram as cortinas e dançavam despudoradamente sobre a porta do closet. Kitty e eu observávamos os raios de nossa cama.

— Consegue imaginar ter uma manhã radiante como esta em Seattle, em janeiro? — perguntei me virando para Kitty.

— Não — respondeu ela com uma voz sem graça. — Sinto falta do frio. Estou cansada de todo este sol.

— Não sei se um dia me cansarei dele — eu falei, sentando-me e alcançando meu robe pendurado ao pé da cama. — Kitty? Posso lhe contar um segredo?

— Pode — ela respondeu.

— Estou preocupada.

— Preocupada com o quê? — Os olhos dela pareciam cansados, mas não apenas porque era cedo. Uma exaustão profunda lhe marcava o rosto. Não falávamos de Lance desde o dia de Natal, quando contei a Kitty sobre o que Atea dissera. Eu a avisei sobre Lance e, mesmo assim, a notícia mal a incomodou. As coisas entre os dois tinham terminado, ou assim parecia. A cada dia que passava, ela ficava mais quieta e mais introspectiva, e eu, cada vez mais preocupada. Será que Lance a machucara do mesmo modo que machucara Atea?

— Preocupo-me que esta ilha tenha nos mudado — eu disse.

Em vez de olhar para mim, Kitty olhou através de mim, diretamente para a parede às minhas costas.

— E nos mudou — ela concordou sem rodeios.

— Kitty, é só que eu... — Parei ao ouvir uma batida súbita na porta.

— Quem é? — perguntei em voz alta.

— Sou eu, Mary.

Apertei o cinto de meu robe e abri a porta para encontrar Mary resplandecente e com as bochechas rosadas.

— Bom dia, queridas — disse ela, enfiando a cabeça no quarto para encontrar os olhos de Kitty, sem muita sorte.

Mary tinha recobrado sua força depois do episódio de malária, e agora cantarolava pela enfermaria enquanto o restante de nós grunhia. Stella disse que Mary estava se encontrando com um homem chamado Lou, apesar de Mary ainda não ter contado. Eu esperava que fosse verdade. Ela merecia ser feliz.

Nesse exato momento, senti um aperto no coração. *A carta. A carta de Mary, do ex-noivo.* Olhei para a caixa de sapato embaixo de minha mesinha de cabeceira, me lembrando de que eu a escondera ali, prometendo a mim mesma entregar a ela quando achasse que estivesse pronta. Levantei a tampa e pus a mão dentro da caixa, e a carta mais recente de Gerard caiu no chão. Minhas bochechas enrubesceram e eu rapidamente a guardei de volta. *Como Mary poderia encarar seu passado, se nem eu mesma conseguia encarar o meu?*

— Gostaria de convidá-las para uma pequena *soirée* hoje à noite — Mary continuou. Os olhos dela brilhavam do jeito que brilham quando alguém está apaixonado, ou melhor, quando se tem uma nova paixão. — Alguns de nós vão se reunir hoje à noite para um piquenique na praia. Stella, Liz, algumas outras enfermeiras, e alguns rapazes também. Vamos lotar um caminhão às sete e meia para Leatra Beach. Acho que Westry também virá, Anne.

Ela me lançou um olhar de quem sabe de alguma coisa, ao qual não retornei. Eu não falava com Westry havia três semanas, e receava que houvesse um silêncio crescendo entre nós. Claro, seu oficial comandante o mantivera ocupado. Muito ocupado. Mas eu mal o encontrava no bangalô, mesmo quando sabia que ele estava de folga.

Leatra Beach. Ficava apenas a alguns metros do bangalô. Nosso bangalô. Senti um aperto no peito. *Com o que estou preocupada?* Obviamente, ninguém o encontraria. Ninguém sabia que ele estava ali, exceto Westry e eu. Na verdade, às vezes sentia que aquela cabaninha era visível somente aos nossos olhos. E falamos exatamente sobre isso da última vez que estivemos juntos lá, quando vimos um soldado passar pela praia normalmente quieta. O som do assovio dele provocou arrepios em minhas costas. Será que veria o bangalô? Será que nos veria? Percebi, então, o quanto amava aquele nosso pequeno mundinho, e o quanto queria mantê-lo daquela forma.

— Alguém está vindo — eu sussurrara em pânico para Westry.

Observamos da janela que dava para a praia enquanto o homem tropeçava pela areia. Provavelmente bêbado. Os soldados bebiam demais, e o calor da ilha tornava a intoxicação ainda mais intensa.

— A praia está limpa — disse Westry alguns minutos depois. — Ele não nos viu.

Mas, por que ele não nos viu? O bangalô não ficava muito longe da praia, apenas vagamente escondido pelos troncos das palmeiras. Qualquer um com o mínimo de curiosidade o veria numa segunda olhada. Então, por que os outros não o encontraram? Como ele passou despercebido depois de todos esses anos e com uma base do exército constituída de alguns milhares de homens a poucos metros da praia? Essas eram as perguntas que me faziam pensar se o bangalô era meramente um objeto de nossa imaginação. Nossa imaginação, uma miragem no sol da Polinésia Francesa exclusivo para Westry e eu.

— Então — Mary perguntou ansiosa —, vocês vêm?

Olhei de volta para Kitty. Ela parecia desinteressada, distante.

— Eu irei — respondi hesitante —, mas só se Kitty vier comigo.

Kitty pareceu surpresa.

— Ah, não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Não, não posso.

— Por que não?

Kitty não deu nenhuma explicação, apenas silêncio.

Cruzei meus braços e forcei um sorriso.

— Está vendo? Você nem mesmo tem uma boa desculpa — retruquei antes de me virar para Mary. — Nós iremos.

— Perfeito — ela comemorou. — Encontrem-nos no estacionamento às sete e meia.



Kitty foi comigo, relutante. Dei uma boa e longa olhada para ela antes de sairmos do quarto. O que mudara nela? Verdade seja dita, a cor desaparecera de suas bochechas e o cabelo dela, sempre bagunçado, agora estava ainda mais selvagem, indomável. Ela nem mesmo parou para se olhar no espelho oval de nosso quarto. E, se tivesse, eu não tinha certeza de que ao menos conseguiria ver a mudança. Não era apenas o cabelo, mas toda sua silhueta. Na semana anterior, tinha ouvido Stella cochichar para Liz no refeitório sobre Kitty se servir de purê duas vezes. "Ela voltará para casa sete quilos mais gorda", ela dissera. Kitty realmente parecia mais cheia agora, mas sua beleza ainda resplandecia pelo cabelo desgrenhado, rosto pálido e aparência mais arredondada. Kitty sempre seria linda, independentemente de qualquer coisa.

— Você está linda — eu disse enquanto caminhávamos até o alojamento naquela noite.

— Não, não estou — ela comentou. Não gostei do desânimo em sua voz.

— Pare com isso — a repreendi. — Gostaria muito que saísse desse estado de humor em que está. — Virei-me para ela. — Estou com saudade da minha velha amiga.

Kitty parou abruptamente no caminho, e quando eu levantei os olhos, pude ver por quê. O coronel Donahue se aproximava. Ele bateu a ponta dos dedos no chapéu, mas eu não disse nada. Uma vontade de vomitar tomou conta de mim ao me lembrar do incidente com Westry. O incidente me fez desprezar o coronel, mas ver a maneira como ele dispensou Kitty, sem nem mesmo um "Olá, como vai, Kitty?" — especialmente depois do interesse que tivera nela quando chegamos meses atrás —, bem, isso me fez soltar fogo pelas ventas. Diziam que ele estava saindo com uma das outras enfermeiras — discreta, com cabelo escuro e uma silhueta que era páreo para uma pin-up. *Ele deveria sentir vergonha.*

Quando o coronel estava longe o bastante, virei-me para Kitty.

— Nunca gostei daquele homem.

Kitty parecia triste, o que me fez pensar se eu dissera a coisa errada.

— Eu não quis...

Ela pegou minha mão e a apertou com força.

— Está tudo bem, Anne. Não precisa se desculpar. É só que... — Ela fez uma pausa, como se para reunir os pensamentos, ou talvez para verificar se alguém estava ouvindo de alguma janela aberta a distância. O alojamento dos homens estava se aproximando. — Não é nada.

— Gostaria que você me dissesse — pedi. — Está triste por causa da nova namorada do coronel? Stella diz que ela é uma verdadeira débil mental. Ou é o Lance? Kitty, aconteceu alguma coisa? Ele machucou você?

Ela negou meneando a cabeça.

— Anne, por favor, não.

— Tudo bem — desisti. — Mas me contará quando estiver pronta?

Kitty assentiu, no entanto, temi que fosse uma promessa vazia.

Bem à frente, vi alguns homens e mulheres subindo no caminhão. Stella estava lá, com Will ao lado dela, bem como Liz e Mary, com seu novo namorado, Lou.

Kitty e eu subimos.

— Olá — eu disse, sentando-me ao lado de Mary.

Ela resplandeceu.

— Estou tão feliz por vocês duas terem vindo. Liz bajulou um cozinheiro do refeitório para convencê-lo a vir, e olhe só quanta coisa!

Mary apontou para um engradado de gelo com frango, salada de batata e milho para assar. Em outro cooler havia uma enorme quantidade de cerveja. Olhei timidamente pelo veículo, tentando não manter contato visual com os homens. Havia muitos rostos que eu não reconhecia, rostos cheios de entusiasmo. E Lance estava lá, sentando ao lado de uma enfermeira loura. *Qual é mesmo o nome dela? Lela, é isso.* Senti arrepios ao me lembrar de Atea, pobre Atea. Lance a usara e a machucara. Talvez do mesmo modo que usara Kitty. Torcia para que Kitty não visse a maneira que ele conversava com a mulher, flertando.

Recusei-me a lhes assistir; em vez disso, procurei por Westry no veículo. *Será que ele viera?*

Mary deve ter lido meus pensamentos.

— Parece que ele não conseguiu chegar — ela sussurrou. — Sinto muito.

Eu dei de ombros.

— Não sinta — comentei, apertando meu anel de noivado. — Não há nada entre nós. Nada mesmo.

Segurei-me em Kitty quando o caminhão aumentou a velocidade pela estrada esburacada da ilha. Cada buraco pontuava a vergonha que eu sentia. *Como eu, uma mulher comprometida, deixei-me envolver emocionalmente com Westry? Eu mal o conhecia. O que esta ilha fizera com minha capacidade de julgamento?* Kitty olhava fixamente para a frente. Quando o caminhão parou, minutos depois, estacionando na praia, todos se levantaram, exceto Kitty.

— Kitty — eu disse. — Vamos.

Ela concordou obedientemente, como se erguer-se fosse um enorme esforço. Lance ajudou Lela a descer do caminhão, tomando-a nos braços e colocando-a sobre o chão coberto de areia. Ela riu e piscou os cílios para ele. Kitty afastou rapidamente o olhar. *Cometi um erro trazendo-a aqui?* Nem eu mesma queria muito estar aqui.

Mary liderou a caravana até a praia, dizendo aos homens onde colocarem os cobertores, o fogo para o fogão, o lugar das bebidas e o rádio. Houve alguns "oh" e "ah" quando um soldado raso chamado Shawn apareceu com um rádio cinza e puxou a antena. Até mesmo Kitty sorriu um pouquinho. Nenhum de nós estava imune ao poder da música.

— Agora — disse Mary depois que os homens e mulheres se acomodaram em cima dos cobertores. — Se eu conseguisse um sinal. — Ela tentou o botão sintonizador durante um tempo, parando momentaneamente quando ouviu o som longínquo da voz de um homem, com um sotaque australiano relatando notícias da guerra com tanta pressa e intensidade que senti meu corpo reagindo da mesma maneira.

"Bombardeiros japoneses atacaram a costa norte hoje, deixando uma trilha de morte e destruição." Todos nós nos inclinamos mais para perto para escutar melhor. "As fatalidades são estimadas em centenas, muitas delas mulheres e crianças." Mary trocou rapidamente de estação. Depois de alguns segundos, a estática desapareceu para revelar um sinal claro como cristal vindo do outro lado do oceano. A melodia era suave e doce, impressionante.

— Que estranho — Mary disse. — Estamos pegando uma estação francesa.

As palavras eram estrangeiras, a melodia desconhecida, mas, ainda assim, envolveram a mim e a todos que estavam amontoados na praia. Stella inclinou-se para mais perto de Will. Lou pegou na mão de Mary e chamou-a para dançar. Algumas outras enfermeiras formaram pares com homens que eu não conhecia, até mesmo Liz. E Kitty não fez objeção quando um soldado sentou-se ao lado dela. Ela até mesmo sorriu, mordendo uma espiga de milho com vontade. A melodia fez crescer uma saudade que eu tentava esconder em meu coração, saudade de Westry. Virei o olhar em direção ao oceano e ao trecho de praia que levava ao bangalô. Estava ficando escuro. *Não deveria.* Além do mais, ele não estaria lá mesmo. Mas, à medida que a música tocava, a força do bangalô ficava mais forte, até eu não conseguir mais resistir a ela. Levantei-me e caminhei silenciosamente em direção à praia. *Poderia dar uma escapadinha por meia hora. Ninguém saberia. Ninguém sentiria minha falta.*

Andei rápido, olhando para trás várias vezes para ter certeza de que ninguém estava me seguindo. Deslizei para dentro do mato e caminhei até os degraus do bangalô. Ajoelhei-me e passei a mão por baixo dos degraus, procurando pelo livro e pela chave, mas ouvi o rangido da porta se abrir diante de mim. Olhei para cima e lá, em pé na luz fraca, estava Westry.

Uma leve sombra destacava seu queixo, e o cabelo molhado e a camisa desabotoada sugeriam que ele acabara de voltar de um mergulho. Ele sorriu.

— Estava esperando que viesse aqui esta noite — disse ele. — Você já viu aquela lua?

Eu balancei a cabeça, olhando para o céu, onde uma lua cheia tingida de laranja pairava no horizonte, tão próxima que parecia beijar a praia.

Dei um passo mais para perto.

— Nunca vi nada parecido.

— Entre — disse ele, pegando minha mão. — Tenho uma coisa para você.

Ele fechou a porta atrás de nós e eu me sentei na cama. Senti a pulsação, a eletricidade no ar. Tinha certeza de que ele também sentia.

— Olhe — disse ele, segurando um rádio. — Consegui um sinal. — Ele virou o mostrador e lá estava aquele som novamente, aquela melodia estrangeira linda e impressionante.

— Ouça — ele pediu sacudindo a cabeça. — Francês.

Fechei meus olhos e me embalei ao ritmo da música.

— Esta canção — ele falou —, você a conhece?

Ouvi com bastante atenção por alguns minutos, então balancei a cabeça.

— Não, acho que não.

— É *La Vie en Rose*.

Ergui minha sobrancelha.

— Como você sabe?

— Eu a ouvi um pouco antes de vir para a guerra — disse ele. — Um amigo meu trabalha para uma gravadora de discos. Ninguém conhece essa música ainda, pelo menos ninguém lá em casa. Estão testando-a no rádio antes de gravarem um disco. Mas será um grande sucesso. Escreva o que estou dizendo. Apenas ouça.

Ele sentou-se ao meu lado. Nossos braços roçaram e pude sentir o calor do corpo dele.

— O que quer dizer? — perguntei sentindo o olhar de Westry em meu rosto. Olhei fixamente para o rádio.

Ele respirou fundo.

— Ela diz: “Abrace-me forte, abrace-me rápido; o feitiço que você jogou; esta é a vida em rosa; quando você me beija o céu suspira; e então fecho meus olhos; e vejo a vida em rosa; quando você me aperta em seu coração; fico em outro mundo; um mundo onde as rosas florescem; e quando você fala, os anjos cantam no céu”.

— É lindo — eu disse ainda sem conseguir olhar para ele. Minhas mãos começaram a tremer. Enfiei-as debaixo das minhas pernas.

Westry levantou-se.

— Quer dançar comigo?

Eu concordei, aceitando a mão dele.

Ele me segurou bem perto enquanto nossos corpos balançavam com a música, mantendo os braços ao redor de minha cintura, um encaixe perfeito. Aconcheguei meu rosto no peito dele.

— Westry — sussurrei.

— Você quer dizer Grayson?

Sorri.

— Meu querido Grayson.

— Sim, Cleo?

— Bem, é isso. Eu sou Cleo, você é Grayson. Mas só estamos fingindo? Isto aqui é de verdade? Por que quando estamos aqui juntos tudo parece tão certo, tão perfeito? Mas, quando...

— Quando estamos lá fora — disse ele me interrompendo, apontando para a janela. — É diferente?

— É.

— Porque é — disse ele objetivamente. — Esse é o nosso paraíso. Lá fora, bem, é complicado.

— E é só isso — continuei. — Quase não vim aqui hoje por medo de que estivesse se distanciando de mim. Aquela noite com o coronel Donahue, por que não fala sobre aquilo?

Ele colocou o dedo sobre meus lábios.

— Você acreditaria se eu dissesse que estava protegendo você?

Olhei para ele confusa.

— Me protegendo? Do quê?

— É um mundo louco lá fora, Anne. Guerra. Mentiras. Traição. Tristeza. Tudo ao nosso redor. — Ele pegou meu rosto entre as mãos. — Da próxima vez que se preocupar que eu esteja me distanciando, venha aqui. Venha ao bangalô e sentirá o meu amor.

Amor. *Westry me ama.* Isso era tudo o que importava. Apertei meu corpo mais forte contra o dele e senti algo como a fome borbulhando por dentro, uma vontade desconhecida que nunca sentira com Gerard. *Paixão. Será que era disso que Kitty estava falando?*

Westry deu um passo para trás por um momento.

— Olhe só para você — disse ele. — É uma visão. Vou tirar uma fotografia. — Ele tirou uma câmera de sua mochila e me pediu que encostasse na parede mais à frente. — Isso — disse ele depois de disparado o flash. — Perfeito.

— Agora sua vez — falei, tirando a câmera das mãos dele. — Quero uma de você. Quero me lembrar desta noite, deste momento.

Ele obedeceu, se encostando à parede assim como eu fizera. Olhei para os olhos dele através da lente, desejando gravar aquele momento para sempre, antes de apertar o botão.

Coloquei a câmera sobre a escrivaninha, e Westry me levantou nos braços e me colocou na cama, com tanta facilidade que eu me senti uma pena em suas mãos. Passei as mãos pelos braços dele. Eram fortes e firmes. Os lábios dele tocaram os meus e meu coração se acelerou ao sentir o cheiro conhecido da pele dele, inalando-o, deixando-o me intoxicar. Desabotoei toda a camisa dele e rocei os dedos pelo seu peito. Seus músculos tremeram um pouquinho ao meu toque e ele sorriu. Algo em mim também tremeu quando ele alcançou o zíper do meu vestido. Ele me despiu com mãos tão delicadas e carinhosas, acariciando minha pele, e me beijou com tanta paixão, que me perguntei se ele também sonhara com este momento milhares de vezes, como eu sonhara.

Nossos corpos se encaixaram como se tivessem sido feitos um para o outro. *Destinados* um para o outro. Fechei meus olhos, jurando me lembrar de cada segundo, cada suspiro, cada sensação e, quando acabou, nos deitamos aconchegados nos braços um do outro, o peito morno dele pressionado contra o meu. Nossos corações batiam em sincronia enquanto as ondas quebravam na praia do lado de fora do bangalô.

— Westry — sussurrei.

— O que é, meu amor?

— O que acontecerá depois que tudo isso terminar?

— Quer dizer, depois da guerra?

— Sim — respondi. — Quando voltarmos para casa.

— Gostaria de saber — disse ele, beijando minha testa.

Senti o ouro frio de meu anel de noivado contra a pele e, instintivamente, me afastei de Westry.

— Está pensando nele, não está?

Suspirei.

— É tudo tão complicado.

— Não quando o amor é tão certo.

Para Westry era simples assim. Nós nos amávamos. Era isso. Mas eu fizera uma promessa a Gerard, que poderia estar lutando por sua vida em um campo de batalha neste exato momento. Gerard, que estava me esperando para ser sua esposa. *Como podia fazer isso com ele?*

Levantei os olhos para Westry. Ao olhar nos olhos dele, minha determinação se fortaleceu. Eu amava este homem com cada milímetro do meu ser. Beijei-o suavemente e repousei minha cabeça de volta em seu ombro. Ouvimos as canções francesas no rádio durante um longo tempo, nos esquecendo das pessoas, lugares, até mesmo do tempo, até que meus olhos ficaram pesados.

Poderiam ter sido minutos ou horas mais tarde, mas eu dei um pulo da cama quando ouvi o barulho de um galho do lado de fora. Vesti-me apressadamente, me atrapalhando com o zíper do vestido enquanto espiava pela janela de onde podia ver a sombra de alguém na praia.

— Quem você acha que é? — cochichei para Westry, que se levantou rapidamente da cama, vestindo as calças e escorregando cada braço pelas mangas de sua camisa. Ele não parou para fechar os botões antes de abrir a porta. Eu o segui logo atrás, percebendo que não fazia ideia de que horas eram. Kitty e os outros deveriam estar em pânico.

— Quem está aí? — Westry gritou para a figura a distância.

— Sou eu — respondeu uma voz conhecida. — Kitty. — Atravessamos o mato e o luar revelou o rosto dela. Podia ver que ela estava assustada. — Anne? É você?

— Sim — respondi, percebendo repentinamente que meu vestido estava torto. *Será que tinha fechado o zíper até em cima? O que ela pensaria vendo Westry em pé ali, quase nu?*

— Ah — disse ela quando notou Westry ao meu lado. — Eu... eu não quis interromper; é só que estávamos nos aprontando para ir embora, e eu não conseguia encontrá-la.

— Sinto muito, Kitty — falei um pouco envergonhada. — Acho que perdi a noção do tempo.

Kitty não conseguia ver o bangalô de onde estava, e fiquei feliz por isso.

— Eu já estava de saída — expliquei virando-me para Westry. Meu Deus, como ele era lindo. Eu não queria ir embora. Queria ficar com ele aqui, talvez para sempre. — Boa noite, Westry — falei.

— Boa noite, Anne — ele respondeu, com um sorriso secreto.

Kitty e eu caminhamos em silêncio até a praia, até que ela finalmente falou:

— Você o ama, não é?

— Kitty!

Ela enroscou a mão dela na minha.

— Tudo bem! — disse ela. — Não estou nem aí para quem você ama. Só quero que seja feliz. Está feliz?

Olhei para a lua acima e então de volta para o trecho da praia que levava ao bangalô.

— Sim — admiti. — Nunca fui tão feliz em toda minha vida quanto sou neste momento.

O caminho turbulento de volta para casa mal nos perturbou. Não perturbou Stella, com a cabeça recostada confortavelmente no colo de Will; nem Mary, em uma conversa profunda com Lou; nem Kitty, perdida em seus pensamentos; e especialmente não a mim, com o coração cheio de um amor tão verdadeiro e tão perfeito. Porém, com ele vinha um grande peso, pois eu teria de tomar uma decisão. E logo, eu temia.

Capítulo 9



— Vocês ouviram? — Liz disse no café da manhã. — Os homens partirão. Quase todos. Há uma grande batalha em uma ilha ao sul daqui. Será sério.

Meus olhos encontraram os de Mary. Podia ver a preocupação por Lou nos olhos dela e me perguntei se ela também conseguiu perceber o medo que eu senti por Westry.

— O coronel Donahue irá levá-los esta noite — Kitty anunciou com pouca emoção, como se, literalmente, estivesse lendo o *War Digest*.

— Alguém sabe quem irá? — perguntei, desejando que o pânico que eu sentia não estivesse evidente em minha voz.

— Sim — Stella respondeu puxando um lenço. — Vá olhar na lista. — Ela apontou para um quadro de avisos do lado de fora do refeitório. — Vi o nome de Will um pouco mais cedo.

— Stella, sinto muito — Liz lamentou.

Virei-me para Mary.

— Você vem olhar comigo?

Ela balançou a cabeça e caminhamos taciturnas para fora, até o quadro de avisos. Lá estava ele. O nome dele, na metade da lista, em tinta preta. Westry Green. O de Lou também estava lá. Mary arfou, e nos demos as mãos com força.

— Temos de encontrá-los — ela falou. — Temos de dizer adeus antes...

— Sejamos confiantes — eu disse. — Pensemos positivo. Eles precisam disso da gente.

— Anne — Mary murmurou. — Não suportaria perdê-lo.

— Não deveria falar assim, querida — aconselhei-a, dando-lhe tapinhas no braço. — Dá azar.

Eu já tinha trabalhado no meu turno matutino na enfermaria, assim não me senti culpada por dar uma fugidinha depois do café da manhã e fazer uma rápida incursão até o alojamento dos homens, onde olhei para a janela de Westry. O quarto, ou o que eu conseguia ver dele subindo em um banco do lado de fora, parecia vazio, uma cama perfeitamente arrumada e um casaco faltando do gancho ao lado da porta. *Será que já tinha ido embora?* Mais cedo, Liz mencionara que um dos pelotões já tinha partido. *Será que Westry estava com eles?*

Eu me despedi de Mary e caminhei rapidamente até a praia, e assim que fiz a curva, comecei a correr. *Talvez ele esteja no bangalô, esperando por mim. Posso vê-lo antes de ele partir, se*

correr rápido o bastante. Meus sapatos se enchiam de areia enquanto eu a espalhava pela praia — areia que nunca sentira tão pesada, tão sufocante. *Será que está tentando me afastar de Westry, me segurar?* Tropecei em um pedaço de madeira trazido pelo mar e apertei meu joelho dolorido antes de ficar em pé novamente e retomar o passo. *Mais rápido. Corra mais rápido.* Cada segundo contava.

Atravessei o mato e finalmente cheguei até o degrau da frente do bangalô. O sol da manhã brilhava sobre as paredes da palmeira, irradiando luz ao redor dele. Alcancei a maçaneta, rezando para que estivesse aberta, rezando para que Westry estivesse lá dentro. No entanto, minha mão foi recebida por um barulho áspero. Trancada. Westry não estava lá. Tarde demais.

Puxei a chave e entrei mesmo assim, sentando-me desolada na cadeira perto da escrivaninha. O quartinho imediatamente me confortou. Podia sentir a presença dele, exatamente como ele dissera que eu sentiria. Procurei em minha memória as palavras exatas dele, e as encontrei guardadas em meu coração: "Da próxima vez que se preocupar que eu esteja me distanciando, venha aqui. Venha ao bangalô e sentirá o meu amor". Sim, podia sentir o amor dele. Ele me envolvia completamente.

Ergui a tábua de madeira e meu coração se aqueceu ao ver que havia uma carta lá dentro.

Minha querida Cleo,

Tenho de partir agora, minha querida. Estou partindo para Guadalcanal, para o que o oficial comandante chama de "uma séria batalha". Os homens não sabem pelo que esperar, nem eu. Afinal, estivemos sentados nessa ilha, sem fazer nada, por tanto tempo. Já é hora de desempenharmos nosso trabalho, de fazer o que viemos fazer aqui: lutar.

Passei pela enfermaria esta manhã para dizer adeus, mas você estava ocupada, e não quis lhe perturbar. Da janela, fiquei olhando-a trabalhar por alguns minutos. Meu Deus, como você é linda! O jeito que anda. O jeito que fala. Jamais amei como amo você.

Não sei quanto tempo ficarei longe. Talvez dias. Talvez meses. Mas torço para que seu coração se fie na lembrança da noite passada, assim como eu me fiarei. Torço para que pense em mim e espere por mim, pois eu voltarei e nós ficaremos juntos novamente. E, quando a guerra acabar de uma vez por todas, nunca nos separaremos.

Lembre-se de mim, *la vie en rose*, minha amada.

Eternamente seu,
Grayson

Sequei minhas lágrimas, então corri para a praia, onde uma esquadrilha de aviões sobrevoava em formação. Joguei um beijo para o céu.

Ele voltaria. Tinha de voltar.



Os dias se passaram com pouquíssimas notícias do front de guerra. Os homens que ficaram pareciam preocupados e com os nervos à flor da pele, talvez culpados por não estarem lutando também, ou envergonhados por não terem sido escolhidos para uma missão tão importante.

Os Aliados estavam fechando o cerco nos japoneses no Pacífico, e esta era uma batalha crucial para proteger a Nova Zelândia, Liz explicara. Liz sabia mais sobre a guerra do que qualquer uma de nós. Ela dissera que os japoneses tinham planejado tomar a Nova Zelândia, estuprar e matar. E enquanto os Aliados tinham tomado Guadalcanal, bolsões de forças inimigas permaneciam espalhados pelo Pacífico Sul. Tínhamos de vencer. Caso contrário, bem, ninguém falava sobre isso, mas a ideia pairava pesadamente em nossos pensamentos.

Todos os dias mais homens feridos eram trazidos pelos aviões. Alguns chegavam em macas, desmaiados e ensanguentados, mudos, como se o que viram tivesse lhes tirado a voz, a sanidade. Outros tinham vários ferimentos tão graves — pernas estilhaçadas, braços arrancados, projétil nos olhos — que gemiam pedindo morfina e nós lhes dávamos tão rápido quanto nossas mãos conseguiam enfiar agulhas dentro da pele tomada pela dor.

O fluxo constante de homens nos mantinha ocupadas na enfermaria, fazendo-nos questionar se a batalha estava saindo conforme havia sido planejada. A enfermeira Hildebrand, que nos direcionava com uma precisão cirúrgica, parecia quase mecânica.

— Liz — gritou ela. — Vá até o depósito e pegue uma nova carga de ataduras. Não consegue ver que estamos quase sem? Stella! Venha aqui e me ajude a preparar este aqui para a cirurgia. Kitty! O homem na cama nove precisa de morfina. Depressa!

Ela trabalhava com a força de um sargento instrutor, e com razão. Este era o trabalho mais intenso que qualquer uma de nós jamais fizera. E, com ele, as emoções estavam à flor da pele. A cada homem que era trazido à enfermaria, as mulheres se amontoavam ao redor buscando um rosto conhecido.

Até que, em uma manhã de abril, ouvimos uma comoção na entrada, onde um homem gritava: “Precisamos de uma enfermeira, rápido!”.

Vi um piloto em pé na entrada, segurando um soldado ensanguentado nos braços.

— Não dava tempo para esperar por uma maca, então eu o carreguei até aqui — explicou ele. — Ele sangrou muito no avião. Não tenho certeza do que podem fazer por ele, mas trabalhem rápido. Ele é um bom sujeito.

Empurrei a maca até a entrada e ajudei o piloto a deitar o homem em cima dela. Apesar do sangue que lhe cobria o rosto, eu o reconheci instantaneamente. *Meu bom Deus, é Will. O Will da Stella.*

— Agora é comigo — eu disse. — Obrigada, tenente.

— Há outros chegando — informou ele seriamente. — Acabei de ouvir no rádio. A coisa está feia por lá. Muitos homens mortos.

Meu coração se encheu de terror ao levar Will para a sala de operações, onde o dr. Wheeler estava lavando as mãos.

— Doutor! — gritei. — Este aqui precisa do senhor agora.

Acenei para Mary, do outro lado da sala.

— É Will — sussurrei assim que ela chegou mais perto. Apontei para a sala de cirurgia. — Ele está gravemente ferido. Onde está Stella?

Ela gesticulou em direção ao fundo da enfermaria, onde Stella estava trabalhando junto com a enfermeira Hildebrand em uma tala para a perna. O soldado gemia enquanto elas mexiam no joelho, colocando-o no lugar.

— Temos de contar a ela.

— Não — eu disse. — Precisamos dela. Precisamos de cada uma das enfermeiras treinadas nessa ilha neste momento. O tenente disse que mais homens estão chegando. Talvez Lou. Talvez Westry. Precisamos continuar trabalhando. Não podemos parar para lamentar.

Ela balançou a cabeça solenemente.

— Farei o melhor que puder para mantê-la afastada.

— Obrigada — eu disse. — Vou ficar de olho nele. Se alguma coisa mudar, então nós a traremos.

Uma hora depois, mais vinte e três homens chegaram, e em seguida mais nove, e depois outros onze. Três morreram. Outros foram estabilizados e enviados para casa em aviões, para receberem cuidados que não éramos capazes de administrar.

— Que confusão sangrenta! — Liz falou, limpando os olhos com seu lenço. A intensidade estava começando a afetá-la, assim como a todas nós.

— Você está bem? — perguntei dando-lhe um tapinha nas costas. — Posso falar com a enfermeira Hildebrand e ver se você consegue uma folga.

— Não — ela retrucou, ajeitando o uniforme. — Não. Eu consigo. Tenho de fazer isso.

Dei uma olhada para Kitty, que trabalhava fervorosamente com outra enfermeira em um homem que acabara de ser trazido. Podia ver, pelo tipo de atadura que estavam pegando, que era um ferimento na cabeça. Os dedos de Kitty se moviam rápido, limpando a testa do homem com álcool. Ele semicerrou os olhos. Ela enrolou uma atadura ao redor da cabeça dele, mas balançou um pouco ao fazer o procedimento. Alguma coisa estava errada. Em seguida, as pernas bambearam, assim como fizeram na pista de pouso no primeiro dia na ilha. Ela caiu no chão, mas, desta vez, nada lhe amorteceu a queda.

Corri para o lado dela lhe abanando o rosto.

— Kitty! Kitty! Acorde. Você desmaiou.

Liz me passou um frasco de sais de cheiro. Eu o segurei sob o nariz de Kitty, e, um momento depois, os olhos dela se abriram.

— Sinto muito — ela se desculpou. — Olhe só para mim. Há homens com sérios problemas aqui e eu não consigo nem mesmo ficar em pé.

— Precisa descansar — falei. — Vou ajudá-la a ir até o quarto. A enfermeira Hildebrand entenderá.

— Sim — ela acabou por concordar. — Mas não vou deixar que me leve. Precisam de você aqui. Posso ir sozinha.

— Tudo bem — cedi. — Mas tenha cuidado.

Kitty caminhou até o lado de fora, e eu voltei para a fila de homens esperando por remédios, ataduras, cirurgias, ou simplesmente esperando para morrer.

— Temos de contar a ela — disse Mary por sobre meu ombro. — O doutor disse que ele não resistirá.

Assenti.

— Vem comigo?

Caminhamos até Stella, que estava procurando alguma coisa no armário.

— Imaginava-se que iriam refazer o estoque desta maldita coisa — disse ela, em pé. — Viram algum iodo neste lugar maldito?

— Stella — Mary falou. — Acho bom você se sentar.

— Me sentar? — Ela sacudiu a cabeça receosa. — E por que eu deveria fazer isso?

— Will — eu disse, ajudando-a a sentar-se. — Ele foi ferido. Gravemente ferido.

Stella arfou e cobriu a boca com a mão.

— Não, não — ela disse. — Não, não acredito. — Ela olhou para mim, depois para Mary. — Onde está ele?

Mary apontou para a sala de cirurgia.

— O dr. Wheeler está com ele agora, mas não sabem se ele vai conseguir sair dessa.

Stella atravessou a sala correndo, e nós a seguimos logo atrás.

— Will! — ela gritou. — Will, sou eu. — Ela ajoelhou-se ao lado da maca, jogando os braços levemente sobre o peito dele. — Sou eu, Stella.

Will não se moveu. A respiração dele estava fraca.

— Doutor, você irá salvá-lo, não é? Tem de salvá-lo.

Neste exato momento, os olhos de Will se abriram. Eles se abriram e fecharam novamente.

— Will — Stella gritou. — Will, volte para mim.

Ele abriu os olhos de novo, e então os lábios, para dizer baixinho.

— Estou aqui, Stell. Estou aqui.

O dr. Wheeler tirou os óculos.

— Pelos céus! — ele exclamou. — Ele está consciente. Este garoto pode sobreviver, apesar de tudo.

Stella, sem perceber as lágrimas escorrendo pelo rosto, apertou a mão de Will na dela.

— Você sairá dessa. Ah, Will! — Ela enfiou o rosto na curva do pescoço dele.

Mary e eu secamos nossos olhos. Will tinha uma chance. Graças a Deus. Porém, e Lou e Westry? E os outros homens? Será que teriam a mesma boa sorte? E nós?



Trabalhamos até a mudança de turno, às onze da noite. No entanto, mesmo a essa hora muitas de nós, inclusive eu, não queria ir embora. *E se Westry entrar pela porta da enfermaria? E se eu não o vir?* Mesmo assim, a enfermeira Hildebrand nos proibiu de ficar.

— Estão cansadas demais e estão ficando descuidadas — disse ela.

E estava certa. Liz se esquecera de dar remédio a um paciente e reportara informação errada ao dr. Wheeler sobre os ferimentos de um sargento. Era o ferimento na cabeça na cama dezenove, não um ferimento na perna na cama sete, que precisava de atenção. Dezenove. Sete. Vinte e três. Quatro. As camas, os números, os homens — tudo se misturava, e quando fechei meus olhos, tudo o que conseguia ver era uma mancha profunda de sangue.

Ao abrir meus olhos diante do alojamento, percebi que não pensara em Kitty em nenhum momento, desde que ela fora embora. *Será que está bem?* Subi as escadas apressadamente até o quarto, onde a encontrei na cama, dormindo.

— Kitty — sussurrei. — Como está se sentindo, docinho?

Ela rolou e olhou para mim.

— Estou bem — afirmou. — Mas como estão os homens? Como estão as coisas por lá?

— Uma loucura — respondi. — Will chegou muito ferido. Mas achamos que ele ficará bem.

— Que bom. E Westry? Alguma notícia?

— Ainda não — eu disse sentindo as lágrimas se formarem em meus olhos novamente.

— O correio chegou. Coloquei uma carta para você em cima da cama.

— Obrigada — agradeci. — Boa noite, Kitty.

Peguei o envelope e fiquei em pé ao lado da janela para poder ler o endereço do remetente à luz da lua, sem perturbar Kitty. *É de Gerard.*

Meu amor,

Não tenho notícias suas e não gosto nem de falar, mas ontem fui assolado pelo medo. Apenas senti que algo estava errado. Claro, não quero acreditar, mas senti um aperto em meu coração. Aconteceu alguma coisa? Você está a salvo? Por favor, escreva e me diga que sim.

Estou na França com a 101ª Divisão Airborne, tão longe de casa, tão longe de você. As condições aqui são horríveis, assim como em todo lugar, imagino. Homens estão morrendo como moscas. Mas tenho o cartão que você fez para mim guardado no bolso de minha jaqueta. Acredito que ele me traga sorte. Voltarei para casa para você, Anne. Prometo.

Seu,
Gerard

Eu chorava ao colocar a carta de volta dentro do envelope, então peguei meu conjunto de papel de carta, azul-claro, com as minhas iniciais em relevo gravadas, AEC. Anne Elizabeth Calloway. Tinha a intenção de escrever muitas cartas para casa, para mamãe, para papai, para Maxine e especialmente para Gerard; contudo, o pequeno conjunto de papel de cartas não fora muito usado e eu estava envergonhada por não ter disposto de mais tempo para escrever a Gerard. Sentei-me para escrever uma carta, mesmo não sabendo o que diria.

Caro Gerard,

Quero que saiba que estou bem. O correio tem estado atrasado por aqui, de forma que só agora estou recebendo suas cartas.

Fiz uma pausa, considerando a mentira. Uma mentira branca.

Tenho estado muito ocupada aqui, caso contrário teria mandado mais notícias. Quando não estamos trabalhando, estamos dormindo; quando não estamos dormindo, estamos trabalhando.

Outra mentira.

Penso sempre em você e sinto sua falta.

Com amor,
Anne



— Sabe o que precisamos fazer para passar o tempo? — Stella sugeriu no refeitório numa manhã no início de maio.

— O quê? — perguntou Mary fingindo interesse.

— Um clube do tricô — disse ela.

— Fácil para você dizer isso — Mary rebateu. — O seu Will está aqui, são e salvo. E você acha que é de *tricô* que *nós* precisamos?

Stella ficou chateada.

— Desculpe-me — disse Mary. — Não quis dizer isso.

— Tudo bem — Stella falou. — Estava apenas pensando que isso nos ocuparia durante as noites, quando tudo o que fazemos é ouvir as notícias no rádio.

— Não é má ideia — eu me intrometi.

— Tenho certeza de que os nativos poderiam usar nossos cobertores — Mary acrescentou. — Para as crianças. Poderíamos fazê-los.

— Pode contar comigo — disse Kitty.

— Comigo também — falou Liz.

— Poderíamos começar esta noite, depois que nosso turno terminar — sugeriu Mary.

Stella sorriu.

— Ótimo. Vou providenciar o material. Podemos nos encontrar no salão de recreação.



Stella estivera certa. Foi o tricô que nos sustentou durante aquelas duas próximas semanas. Fizemos um cobertor, depois dois. No terceiro e no quarto já estávamos planejando o quinto: lã verde e amarela, um motivo de palmeira no centro.

— Fico me perguntando quem dormirá embaixo disso — Liz falou, passando a mão no arremate do primeiro cobertor que terminamos. — Por mais insignificante que seja um cobertor, é gratificante estar fazendo algo pelas pessoas desta ilha.

Todas concordamos balançando a cabeça.

— Já se perguntaram o que eles acham disso tudo? — continuou ela. — Um dia, o oásis pacífico deles, no meio do oceano, se transforma no centro de uma guerra sangrenta.

— Deve ser terrível para eles — comentou Mary. — Gostaria que pudéssemos fazer mais além de dar a eles cobertores.

— Mas cobertores já é alguma coisa — disse Liz.

Pensei em Atea, completamente sozinha e talvez em apuros. Ela poderia usar um, e, se não pudesse, conheceria outras pessoas que o usariam.

Ergui os olhos para o círculo de mulheres, as agulhas de tricô batendo ao mesmo tempo.

— Posso levá-los a uma mulher, uma nativa, que acho que pode usá-los — ofereci. — Eu os levarei ao mercado amanhã.



— Enfermeira Hildebrand?

— O que é? — retrucou ela sem sequer levantar os olhos da escrivaninha.

— Será que me daria permissão para um almoço mais longo?

Ela puxou os óculos mais para baixo no nariz.

— E o que você pretende fazer?

— Bem, as enfermeiras e eu temos feito cobertores de tricô — expliquei. — Isso nos mantêm ocupadas durante as noites, quando só nos preocupamos...

— Vá direto ao ponto, enfermeira Calloway — disse ela com firmeza.

— Sim — continuei. — Sinto muito. Minha intenção é entregar os cobertores no mercado hoje, para dá-los aos moradores da ilha que possam usá-los.

— Cobertores? — perguntou, com certo tom de desdém.

— Sim, senhora — repeti. — Cobertores.

Ela sacudiu a cabeça, então deu de ombros.

— Bem, não vejo nenhum problema. Trate de estar de volta às duas e meia. Vamos receber uma carga e precisaremos de mãos no deque.

Sorri.

— Obrigada, enfermeira Hildebrand, obrigada. Estarei de volta.



O mercado parecia mais quieto do que de costume, mais sombrio. Desde que os homens foram enviados para a batalha, cada vez menos moradores apareciam para vender seus produtos, mas eu esperava que Atea estivesse ali. Precisa conversar com ela.

Já se passaram meses desde que eu a vira, desde aquela cena fatídica na noite de Natal, e estava preocupada com ela. Os cobertores eram apenas uma desculpa para ter certeza de que ela estava bem.

— Com licença — eu disse para uma mulher banguela segurando um bebê perto da mesa lotada com bananas e alguns maços de verduras exóticas para salada, empoeiradas. — Viu Atea?

A mulher olhou para mim com ceticismo.

— Ela não aqui — respondeu ela com desprezo.

— Ah — falei, segurando os cobertores. — Eu só gostaria de dar isso a ela.

Meu gesto mudou o semblante da mulher. Ela suavizou, apontando para uma ladeira a alguns metros de distância.

— Ela com Tita. Casa verde. Encontra ela dentro.

— Obrigada — agradeci virando-me em direção à ladeira. Tinha menos de uma hora antes de o caminhão voltar ao acampamento, então caminhei rápido pela trilha que levava até a ladeira que a mulher indicara. A poeira cobria meus sapatos brancos de verniz, mas eu não me importava. Tirei um mosquito de meu braço e segui a trilha para dentro do mato. Estava mais escuro sob a copa da floresta tropical, e eu quase não vi a casinha verde à minha frente, que se misturava à ladeira como se fizesse parte da natureza. *Deve ser aqui*.

Uma bicicleta se recostava ao lado da casa de um cômodo, que parecia ter sido construída com tábuas de madeira e tesouros trazidos pelo mar. Uma galinha cacarejava a alguns metros, me

assustando no momento em que levantei a mão para bater à porta. *Será que estou sendo tola vindo aqui dessa maneira?*

Uma mulher velha apareceu na porta, o cabelo grisalho amarrado em uma única trança bem-feita.

— Estou aqui para ver Atea — eu disse baixinho, segurando a cesta de cobertores.

A mulher balançou a cabeça e sussurrou algo em francês, ou talvez taitiano, que eu não consegui entender. Ouvi passos vindos de trás da porta.

— Anne! — falou Atea, colocando a cabeça ao lado da mulher. — Você vem! — Ela parecia diferente da última vez, talvez por estar usando um vestido, um que era mais ou menos cinco vezes maior do que seu porte miúdo. Parecia ter sido tirado do catálogo da Sears Roebuck de 1895. Eu me perguntei por que o estava usando, quando antes se sentia tão à vontade com apenas um pedaço de tecido.

— Sim! — falei. — Sinto muito por me meter. Eu... eu queria ter certeza de que estava em segurança. E queria lhe dar isso.

Atea pegou a cesta de minhas mãos e arfou.

— São lindos. Para mim?

— São, e para qualquer um que você ache que possa usá-los — continuei sorrindo. — Como tem passado?

Ela pareceu incomodada para responder a pergunta.

— Entre — ela convidou. — Esta é Tita.

A velha cumprimentou com um balanço de cabeça.

Atea me acompanhou até uma cadeira de palha, e eu me sentei. Momentos depois, Tita trouxe uma caneca com algo quente.

— Chá — disse ela. — Para você.

Eu agradeci e tomei um gole. A bebida era doce e ardida ao mesmo tempo.

— É bom — elogiei. — O que é isso?

— Kava — Atea respondeu. — Acalma você.

Balancei a cabeça. Atea estava certa. Cada gole tinha um efeito tranquilizante e um tanto entorpecente. Tudo ficou mais calmo ao meu redor. Minutos depois, os cantos pontudos do batente da janela pareciam arredondados e o chão de terra batida que eu notara ao entrar passou a ter a aparência de um tapete oriental macio.

— Esta é ela? — Tita perguntou a Atea.

Atea balançou a cabeça.

Tita foi até a cadeira ao meu lado.

— Foi você que encontrou a casa do artista?

A princípio confusa, eu me lembrei do que Atea dissera na praia alguns meses atrás, um detalhe que me esquecera de contar a Westry.

— Sim, se é que estão falando do bangalô.

Tita deu um olhar astuto para Atea.

— Tem uma coisa que precisa saber sobre aquele bangalô — disse a velha. Os olhos dela eram tão cativantes que eu não conseguia desviar o olhar. — Diz a lenda que quem colocar os pés no bangalô terá uma vida inteira de... — ela fez uma pausa como se estivesse procurando a palavra certa — coração partido.

— Não tenho certeza se compreendo o que quer dizer — falei, colocando a caneca sobre uma mesinha de madeira à minha esquerda. Uma bruma pareceu encobrir o cômodo e eu me perguntei o que haveria naquele chá.

— Coisas ruins acontecem lá — disse ela.

Eu sacudi a cabeça. Não, ela disse tudo errado. *Coisas boas* aconteceram lá. Era nosso amado esconderijo, o lugar onde eu tinha começado a amar Westry. *Como ela podia dizer aquilo?*

— Como o quê? — perguntei encontrando minha voz.

— Coisas muito sombrias para serem faladas — sussurrou ela, fixando os olhos em um crucifixo pendurado na parede.

Fiquei em pé abruptamente e o quarto pareceu se mexer.

— Bem — falei, me equilibrando na ponta da cadeira. — Obrigada pelo chá. Mas realmente tenho de ir. — Virei-me para Atea. — Cuide-se, querida. E, por favor, lembre-se de minha oferta caso precise de ajuda.

Ela balançou a cabeça e olhou para Tita cautelosamente, enquanto eu alcançava a maçaneta da porta.

— Espere — falei, dando meia-volta. — Você disse que o bangalô um dia pertenceu a um artista. Saberia me dizer quem era?

Tita olhou para Atea e então de volta para mim.

— Sim — ela respondeu com olhos sonhadores. — O nome dele era Paul Gauguin.



Na noite seguinte, Mary começava a distribuir a lã no saguão de recreação quando a investida começou. Erguemos os olhos ao ouvirmos um fluxo de homens entrando pela porta.

— Enfermeiras, venham rápido! — alguém gritou. — Precisam de vocês na enfermaria. É um avião cheio de homens feridos. Dessa vez, homens de mais.

Deixei cair minhas agulhas e corri com as outras mulheres pelo caminho até a enfermaria, onde a enfermeira Hildebrand gritava ordens.

— Kitty, fique comigo e ajude o doutor Wheeler. Stella, tome conta das camas um a onze. Liz,

cuide das camas doze a dezenove. Mary, Anne, vocês duas trabalhem recebendo os homens. Mantenham a ordem. Haverá muito sofrimento aqui hoje. Mas é para isso que estamos aqui. Enfermeiras, sejam fortes! Vocês vão precisar de muita força por muito tempo a partir de agora.

Nós nos espalhamos por nossas estações, e quando os homens começaram a chegar era muito diferente de tudo o que já tínhamos visto antes. Os ferimentos eram mais graves, os gritos mais altos, a intensidade mais forte do que nos dias anteriores.

Mary e eu trabalhamos ao lado das portas, direcionando o tráfego e cadastrando os homens, muitos dos quais gritavam e imploravam por ajuda, alguns fracamente, outros com uma força tão grande que era terrível de testemunhar. Um soldado mais jovem com um ferimento na cabeça puxou meu braço com tanta força que rasgou a manga do meu vestido.

— Quero minha Mama! — ele gritava. — Mama! Onde está minha Mama?

Era agonizante de se ver. Tudo. O sangue, o sofrimento, a dor e, principalmente, homens serem reduzidos a condições de crianças diante do sofrimento. No entanto, nós seguíamos em frente. Mergulhamos em nossa reserva de força como a enfermeira Hildebrand instruíra. E, quando ela acabava, encontrávamos mais.

Eram duas e meia da manhã quando o último avião pousou. Nove homens foram levados à enfermaria. Ouvi Mary gritar na porta. O horror na voz dela me fez entender por quê.

Corri para o lado dela, e lá, na maca, estava Lou — largado, sem vida e quase totalmente queimado.

O soldado na porta sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, senhorita — disse ele. — Esse aí morreu no caminho. Fizemos tudo o que podíamos por ele.

— Não! — Mary gritava, sacudindo violentamente a cabeça. — Não!

Ela correu até o soldado e lhe agarrou a camisa com as duas mãos.

— Você não tentou ajudá-lo? Você não fez nada?

— Senhorita — disse ele. — Posso lhe garantir, fizemos tudo que pudemos. Os ferimentos dele eram sérios demais.

— Não! — disse Mary, caindo sobre os joelhos. — Não, não pode ser. — Ela ergueu-se e colocou a cabeça no peito de Lou, soluçando sobre a camisa encharcada de sangue. — Lou, Lou! — gritava. — Não, não, Lou. Não!

Liz correu para o meu lado.

— Temos de fazê-la parar — disse ela. — Você me ajuda?

— Mary — eu disse. — Mary, pare. Ele se foi, querida. Deixe-o ir.

— Não deixarei! — ela berrou, me empurrando. O rosto dela estava coberto pelo sangue de Lou. Fiz um gesto para Liz, pedindo ajuda.

— Querida — eu disse, tomando o braço esquerdo dela em minhas mãos. Liz tomou o braço direito. — Vamos levá-la para a cama.

— Não — Mary gemeu.

— Liz, pegue os sedativos — pedi.

Ela assentiu e me passou a seringa. Mary mal se mexeu quando enfiei a agulha em seu braço. Momentos depois, o corpo dela ficou largado.

— Isso — falei colocando-a suavemente sobre uma cama próxima. Os lençóis tinham uma mancha de sangue. O sangue de outra pessoa. Mas não havia tempo para trocá-los. — Deite-se, querida — eu disse, limpando o sangue de Lou do rosto dela com um pano úmido. — Tente descansar.

Observei a respiração dela por alguns minutos, pensando no quão injusto era tudo aquilo. Depois de tudo pelo que passara, ela encontrara o amor novamente, para perdê-lo de uma maneira tão trágica. Não era justo.



Kitty e eu caminhamos de volta para o alojamento juntas e em silêncio. Agora tínhamos visto a guerra, ou melhor, as consequências da guerra — seu horror, sua crueldade.

Jogamo-nos em nossas camas e ouvimos os aviões sobrevoarem durante um longo tempo. Rezei para Westry e me perguntei para quem Kitty estaria rezando, ou em quem estaria pensando.

— Anne — Kitty sussurrou para mim depois que o céu se acalmou um pouco. — Ainda está acordada?

— Estou.

— Tenho de lhe contar uma coisa — disse ela. — Uma coisa importante.

Eu me sentei.

— O que é?

Ela suspirou, olhando para mim com os olhos cheios de tristeza, com uma dor que eu não conseguia compreender.

— Estou grávida.

Capítulo 10



Arfei, correndo até a cama dela.

— Ah, Kitty! — lamentei, meneando minha cabeça em descrença.

— Já sei há algum tempo — disse ela, os olhos se enchendo de lágrimas. — Estava com tanto medo de lhe contar.

— Por que estava com medo, Kitty?

Ela exalou profundamente.

— Em parte porque tinha medo de admitir, até para mim mesma, e também porque sabia que ia decepcioná-la.

— Me decepcionar? — Passei meus dedos pelos cachos dela e balancei a cabeça. — Não, só fico decepcionada por você ter carregado este fardo sozinha.

Kitty encostou o rosto em meu ombro e chorava tanto que seu corpo todo balançava de sofrimento.

— Não sei o que fazer — ela gritou. — Olhe para mim. — Ela apontou para a barriga, evidentemente protuberante. — Tenho escondido por meses debaixo das cintas. Não posso mais continuar assim. Daqui a pouco todo mundo perceberá. O bebê nascerá em um mês, talvez antes.

Engasguei.

— Falaremos com a enfermeira Hildebrand — eu disse.

— Não! — Kitty implorou. — Não, não podemos ir até ela. Por favor, Anne.

— É nossa única opção — contra-ataquei. — Não pode ficar trabalhando tantas horas na condição em que está, e o bebê nascerá a qualquer momento. Precisamos nos planejar para isso.

Kitty parecia assustada e perdida. Eu sabia, pela expressão do rosto dela, que ela não havia considerado a realidade do que vinha pela frente — dando à luz uma criança em uma ilha a milhares de quilômetros de casa, sem se casar, em desgraça, incerta.

— Tudo bem — ela concordou. — Se acha que é o melhor a fazer, diga a ela. Mas não suporto a ideia de estar lá quando você disser.

Eu beijei a testa dela e sorri.

— Não precisará fazer isso, querida — eu a tranquilizei. — Pode deixar que tomo conta de

tudo.



No dia seguinte foi quase impossível conseguir sequer um minuto sozinha com a enfermeira Hildebrand, mas, ao final do meu turno, consegui me encontrar com ela no depósito.

— Enfermeira Hildebrand — eu disse, fechando a porta suavemente atrás de nós. — Podemos conversar?

— Claro, Anne — ela respondeu sem levantar os olhos do caixote que estava esvaziando. — Mas seja rápida, por favor; preciso voltar.

— Obrigada — agradeci. — É sobre a Kitty.

A enfermeira Hildebrand balançou a cabeça.

— Eu já sei — ela simplesmente respondeu.

— Como assim, já sabe?

— Sobre a gravidez dela — ela respondeu sem emoção.

— Claro, mas eu...

— Anne, sou enfermeira há muito tempo. Já fiz o parto de vários bebês e já dei à luz meus próprios filhos. Eu sei.

Concordei com a cabeça.

— Ela precisa da sua ajuda — eu disse com cuidado. — O bebê logo nascerá, e ela não pode continuar trabalhando desse jeito.

Pela primeira vez, a enfermeira Hildebrand se virou para mim. O semblante dela se suavizara de um jeito que eu nunca imaginei ser possível.

— Diga a ela para não se preocupar com o trabalho aqui. Se as outras perguntarem, direi que ela foi pega pelo surto de febre que está acontecendo, e que está de quarentena. Mas você terá de levar as refeições para ela. Consegue fazer isso?

— Claro — eu respondi sorrindo. — Sim, com certeza.

— E quando chegar a hora, me avise.

Assenti.

— Mas o que será do bebê depois que...

— Conheço um casal de missionários que ficará com o bebê — ela respondeu. — Eles vivem depois da colina, do outro lado da ilha. São pessoas de bem. Falarei com eles amanhã de manhã.

— Obrigada, enfermeira Hildebrand — eu disse com tanta emoção que lágrimas escorreram dos meus olhos. — Não esperava que fosse tão...

— Agora chega — ela retrucou. A suavidade, agora desaparecida de seu rosto, foi substituída pela expressão rígida a qual eu conhecia tão bem. — Está na hora de voltar ao trabalho.

O dia em que Mary foi embora da ilha foi triste para todas nós, especialmente para Kitty, que ficou trancada no alojamento sem poder se juntar às outras enfermeiras na pista de pouso para lhe dizer adeus.

A ilha fora dura com Mary, talvez mais do que com qualquer uma de nós. Tinha lhe dado a malária e quase lhe tirara a vida, e depois lhe partira o coração.

— Adeus, amiga — Stella disse a ela.

— Nunca nos esqueceremos de você, querida — Liz continuou.

Mary parecia a casca de uma mulher, em pé ali, diante da porta do avião, mais magra do que nunca, com os pulsos ainda cobertos por ataduras por causa dos ferimentos que causara a si mesma, ferimentos que quase lhe levaram a vida.

Ela tirou um lenço da bolsa e secou os olhos vermelhos.

— Sentirei tanta saudade de vocês — disse ela. — Não me parece certo ir embora. Vocês se tornaram minhas melhores amigas, minhas irmãs.

Apertei a mão de Mary.

— Está na sua hora, querida. Vá para casa. Cuide-se.

Naquele momento me lembrei da carta de Edward, que estava em meu bolso. Não tinha planejado escondê-la durante tanto tempo. Será que ela estava pronta para lê-la agora? Não fazia diferença, ponderei. A carta pertencia a ela.

— Acho que é isso — ela falou, pegando a bolsa.

As outras mulheres engoliram as lágrimas quando Mary virou-se em direção ao avião.

— Espere — eu disse. Mary olhou de volta para mim com uma expressão confusa. Puxei a carta de meu bolso e a coloquei na mão dela. — Isto chegou — continuei —, para você. Espero que me perdoe por tê-la escondido de você. Queria protegê-la de mais sofrimento.

Os olhos de Mary brilharam ao ver o nome no endereço de retorno.

— Meu Deus — ela arfou.

— Sinto muito — falei, dando um passo para trás.

Mary esticou o braço para pegar minha mão.

— Não — ela disse. — Não sinta. Eu compreendo. De verdade.

— Sentirei tanto a sua falta — falei, desejando que as coisas pudessem ser diferentes para ela, para Kitty, para todas nós. — Prometa que irá me procurar em Seattle quando a guerra acabar?

— Prometo — ela disse.

E, com isso, Mary e sua carta se foram de nossas vidas, talvez para sempre. E a ilha ficou mais solitária.



Durante muito tempo, pareceu que Westry nunca retornaria. A ilha estava diferente sem ele, principalmente agora que Mary se fora e Kitty estava de repouso na cama. Então, em uma manhã no fim de maio enquanto estávamos trabalhando na enfermaria, ouvimos o alto-falante no centro do acampamento anunciando que os homens tinham voltado.

— Vá — ordenou a enfermeira Hildebrand.

Não parei para agradecê-la; em vez disso, corri pelo caminho e não parei até chegar à ponta da pista de pouso. Os homens marchavam com mochilas cheias e com os corações ainda mais pesados em direção ao acampamento. Lance, o coronel Donahue e alguns outros homens que eu conhecia. *Mas onde está Westry?* Olhei ao redor procurando um rosto conhecido. Elliot fora para casa mais cedo com alguns outros homens que já tinham terminado o tempo de serviço. *Será que alguém mais sabia do paradeiro de Westry?*

— Viu Westry? — perguntei para um soldado desconhecido, cabisbaixo.

— Desculpe, senhorita — ele respondeu. — Não o conheço.

Balancei a cabeça, então notei um dos companheiros de beliche de Westry, do alojamento.

— Ted — eu disse, aproximando-me dele. — Onde está Westry? Você o viu?

Ele negou com a cabeça.

— Desculpe. Não o vejo desde ontem.

— O que quer dizer?

— Ele estava na linha de frente e...

Meu coração disparou.

— O que está dizendo?

— Ele não estava no avião conosco.

— O que isso quer dizer? — gritei. — Que ele não vai voltar para casa? Que vocês o deixaram lá?

— Há outro avião vindo esta noite — ele esclareceu. — Vamos rezar para que esteja nele.

Balancei a cabeça quando Ted bateu a ponta dos dedos no quepe e entrou de volta na fila com os homens andando para o acampamento, ávidos por uma refeição quente e uma cama macia.

Agarrei o medalhão que ficava a postos em meu pescoço esperando que, onde quer que Westry estivesse, pudesse sentir o meu amor. Desejei que ele voltasse para casa. Era a única coisa que eu podia fazer.



Um vento frio permeou o ar naquela noite, incomum para o mês de maio nos trópicos. Fiquei arrepiada ao caminhar pela praia, um movimento tolo dado o estado de Kitty. Ela estava tendo contrações leves há dias, mas me assegurou de que não eram sérias. Mesmo assim, prometi a ela que só ficaria fora por uma hora. Sentia-me culpada por sair, mas precisava do conforto do

bangalô agora mais do que nunca.

Destranquei a porta e enrolei a colcha de retalhos ao meu redor, ouvindo os aviões sobrevoarem. *Será que ele está vindo? Por favor, meu Deus, traga-o para casa.*

No entanto, em vez de passos na areia, ouvi a chuva; a princípio só alguns pingos, e então centenas, milhares. O céu parecia estar aberto, derramando toda sua carga bem em cima do bangalô.

Abri a porta, colocando minha mão para fora para sentir os pingos da chuva, como beijos fortes sobre minha pele, me chamando para fora. Dei outro passo e ergui o rosto para o céu, olhos fechados, deixando os pingos mornos cobrirem meu rosto, meu cabelo. Momentos depois meu vestido estava ensopado. Abri os botões do corpete quando a chuva começou a escorrer para baixo de minha combinação. E então, do canto do olho, vi uma silhueta. A princípio, a distância, ela era fraca e embaçada. Cheguei mais perto, destemida, abrindo caminho pela chuva, como uma cortina de contas caindo do céu, até que consegui discernir o rosto dele, magro pelos meses de luta e faminto pelo amor que eu desesperadamente queria lhe dar.

Nossos corpos colidiram, encaixando-se perfeitamente enquanto a mochila dele caía na areia.

— Ah, Westry! — gritei.

Mesmo no escuro, podia ver as cicatrizes em seu rosto e seu uniforme rasgado e sujo de lama.

— Vim direto para cá — disse ele.

— Ah, Westry — gritei de novo, puxando os lábios dele em direção aos meus.

Ele passou as mãos pelo meu vestido, puxando o tecido como se quisesse fazê-lo desaparecer. Mergulhei em seus braços, enroscando minhas pernas ao redor do corpo dele, beijando-o vez após outra, antes de ele sorrir e colocar meus pés suavemente na areia.

Ele enfiou a mão na mochila.

— Vamos fazer isso direito — ele falou. — Já viu um verdadeiro banho de exército?

Westry pegou uma barra de sabão.

— Quando estamos no navio, é assim que tomamos banho — ele mostrou. — No deque, na chuva tropical.

Alcancei o colarinho dele, passando minhas mãos pela camisa, desabotoando cada botão tão rapidamente quanto meus dedos conseguiam se mover, até minhas mãos acariciarem seu peito nu e as correntes de identificação em volta de seu pescoço.

Ele tirou as calças e puxou meu vestido pela cabeça. Ficamos lá por um momento, sem um fio de roupa, na chuva morna, até que Westry veio em minha direção, passando a barra de sabão branca pelo meu pescoço. Arfei quando ele a tocou em meus seios, cobrindo minha pele de bolinhas de sabão.

Cheguei mais perto, amando a maneira que nossos corpos sentiam um contra o outro, e peguei o sabão em minhas mãos, esfregando-o pelo peito, braços e costas dele. A chuva lavou as bolhas tão rápido quanto eu as espalhei. Westry me puxou para mais perto, e eu senti a intensidade de seu beijo, seu desejo. Ele me ergueu nos braços e o sabão, o que sobrara dele, escorregou de minha

mão caindo na areia enquanto ele me carregava até o bangalô e me colocava na cama.



Eu gostava da sensação da colcha de retalhos do bangalô em minha pele nua e, uma hora depois, quando a tempestade passara, fiquei deitada ali contornando o rosto de Westry com minha mão, enquanto ele olhava para fora pela janela que dava para a praia. Os pelos eriçados em sua mandíbula estavam espessos. Contei os arranhões no rosto dele. Quatro, bem, cinco, se contasse o corte profundo na orelha.

— Como foi lá? — sussurrei.

— Foi como o inferno na Terra — disse ele, encostando-se nos travesseiros da cama.

Senti a hesitação dele.

— Não quer falar sobre isso, não é?

— Prefiro aproveitar este momento perfeito — disse ele antes de dar um beijo suave em meus lábios.

Pensei em Kitty e percebi que as horas tinham passado. *Será que ela estava bem?* Senti-me culpada por estar longe há tanto tempo.

— Nossas roupas — eu disse um pouco apavorada. — Devem estar encharcadas.

Westry levantou-se, deixando a coberta cair na cama. Dei uma gargalhada tímida, estudando seu lindo corpo, forte e nu.

— Vou lá buscá-las — disse ele.

Ele voltou um momento depois com meu vestido molhado e amassado. Eu o vesti pela cabeça, enquanto ele se enfiava dentro das calças.

— Pode ficar um pouquinho? — ele perguntou, penteando o cabelo com os dedos.

— Gostaria de poder, mas preciso voltar. — Queria contar a ele sobre Kitty, mas achei melhor não. — Disse a Kitty que estaria de volta horas atrás.

Westry balançou a cabeça, beijando minha mão.

Nós dois nos viramos para a janela ao ouvir um som rascante no mato, seguido pelo som fraco de uma batida à porta.

Westry abriu a porta com cuidado, e eu espiei por cima do ombro dele, vendo Kitty do lado de fora. Ela agarrava a barriga em agonia.

— Anne! — ela gritou. — Está na *hora*!

Não parei para pensar como ela tinha nos encontrado. Não havia tempo para perguntas.

— Precisamos levá-la para a enfermaria — eu disse, correndo para o lado dela.

— Não. Não suportaria a ideia de ver as outras enfermeiras me verem desse jeito. Além do mais, é muito tarde para isso — ela avisou. — O bebê está vindo *agora*.

Westry ficou boquiaberto enquanto eu ajudava Kitty a subir os degraus do bangalô, onde ela se deitou na cama, gemendo tanto de dor que doía o coração testemunhar. *Lance deveria ser punido por deixá-la nesse estado.* Sacudi a cabeça, secando a transpiração da testa de Kitty com a ponta da colcha, e comecei a rezar em silêncio. *Por favor, Senhor, faça com que Kitty seja confortada. Dê-me a força que me falta.*

Kitty gemia mais alto agora. Algo estava errado; eu sentia. Lembrei-me do conselho tenebroso de Tita e tremi, forçando o pensamento a sair de minha cabeça e tentando permanecer focada. Posicionei-me cuidadosamente embaixo das pernas de Kitty, ajudando-a a se inclinar mais para trás na cama. Minhas mãos tremiam ao levantar o vestido dela e tentei lembrar um pouco do que tinha aprendido sobre partos em meu curso de enfermagem. Água quente. Fórceps. Éter. Cobertores. Eu tremia. Não tinha nada além das minhas próprias mãos.

Ela estava sangrando, isso era evidente.

— Kitty — pedi enquanto ela gritava. — Kitty, precisa fazer força *agora*.

Ela parecia perdida na própria dor, incapaz de ouvir minha voz. Apertei a mão dela.

— Kitty — continuei —, fique comigo. Esse bebê está nascendo e você precisa me ajudar. Por favor, faça força. Precisa ser forte.

— Anne, deixe-me ajudá-la — Westry disse assim que finalmente reencontrou sua voz.

Ele se ajoelhou ao meu lado. A lamparina do bangalô iluminava a pele dele, mais escura dos meses sob o sol. Podia imaginar pelo que ele tinha passado, e agora voltara para isso.

Westry encharcou seu lenço com a água de seu cantil e passou pela testa de Kitty enquanto eu a ajudava a passar pela contração seguinte.

— Consigo ver a cabeça do bebê — eu disse. — Agora não vai demorar muito mais.

Kitty olhou para Westry com olhos de gratidão. Ele segurou a mão dela e lhe acariciou o cabelo. Um último puxão e o bebê escorregou para meus braços.

— Uma garota! — gritei. — Kitty, é uma garota.

Westry me ajudou a cortar o cordão umbilical com seu canivete, então colocou o bebê nos braços de Kitty. Ela encostou o recém-nascido em seu peito.

— Precisamos de cobertores — eu disse ao notar que Kitty estava tremendo.

Westry acomodou o corpo lânguido de Kitty sob a colcha, e então desabotoou a camisa.

— Aqui — ele falou. — Vamos embrulhar o bebê nisso.

Com cuidado, ele envolveu a criança em sua camisa verde do exército, rasgada e um pouco suja de sangue das semanas de batalha.

Assim que Kitty e o bebê estavam acomodados, caminhamos juntos para fora e nos sentamos na areia. Eu não podia mais reprimir a emoção que estava sentindo.

— Não chore — disse Westry baixinho. — Ela está bem. Você fez o parto daquele bebê melhor do que qualquer médico teria feito.

Balancei a cabeça, secando minhas lágrimas com a ponta da manga.

— É só que eu não queria isso para ela. Lance deveria ir para a corte marcial por deixá-la em uma situação como essa.

Westry pareceu confuso, mas concordou meneando a cabeça.

— E o bebê? O que será dela?

— Um casal de missionários aqui na ilha ficará com ela — expliquei. — Kitty concordou, mas — eu fiz um gesto para dentro do bangalô — sei o quanto será difícil para ela.

— Quando ela estiver bem o suficiente, eu a carregarei até o acampamento — disse ele. — Se você puder levar o bebê.

Balancei a cabeça.

— Provavelmente deveríamos levá-la de volta para casa antes do sol raiar, para evitar espectadores.

Westry fez uma pausa e acariciou meu cabelo com carinho.

— Anne — ele disse —, detestei ficar longe de você.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— E eu me preocupei com você todas as horas do dia.

— Foi horrível — contou. — E a única coisa que me fez enfrentar tudo foi saber que eu voltaria para você.

Aconcheguei meu rosto no peito nu dele, macio e quente.

— Não sei o que teria feito se você não tivesse voltado — confessei. — Não sei como teria conseguido seguir em frente.

Ele enroscou minhas mãos nas dele, erguendo minha mão e tocando o anel em meu dedo.

— Não posso mais dividir você com ele — ele sussurrou.

— Eu sei — concordei, inalando a respiração dele. Tirei o anel de meu dedo e deixei-o cair dentro do bolso do meu vestido. — Não precisa mais. Sou sua. Completamente sua.

Westry me beijou com tanta paixão que me fez apagar a velha culpa que sentia com relação a Gerard. Poderíamos ter ficado daquele jeito, entrelaçados em um abraço, até o dia seguinte, se não tivéssemos ouvido o choro do bebê vindo do bangalô, nos lembrando da tarefa que tínhamos nas mãos.

— É melhor as levarmos para casa — eu disse a Westry beijando suavemente a bochecha, depois o nariz, e então a parte detrás da mão dele.

Eu nunca sentira um amor tão verdadeiro e tão absoluto.



Westry carregou Kitty, embrulhada na colcha de retalhos do bangalô, pela praia, de volta à base. Não fora uma tarefa fácil, mesmo para um homem com a força dele, e ao voltarmos ao

acampamento, gotas de suor escorriam por sua pele dourada de sol. O bebê dormiu em meus braços enquanto caminhávamos. Ela parecia com a mãe, mesmo enrolada em farrapos verdes do exército. Tinha o nariz de Kitty, com certeza, e o queixo. Eu me perguntei se um dia ela teria a cabeça cheia de cachos. Esperava que sim.

— Agora vamos acomodá-la na enfermaria — eu disse para Kitty.

— Mas, Anne, não, eu...

— Shh — sussurrei. — Não se preocupe. Você não tem nada do que se envergonhar.

Eram cinco horas da manhã, e mesmo que houvesse algumas poucas enfermeiras assistindo os pacientes na última ala, era improvável que nos encontrássemos com alguma delas, exceto a enfermeira Hildebrand.

Westry carregou Kitty para dentro. Eu o acompanhei em direção ao quartinho particular à direita, onde ele a colocou gentilmente sobre a cama. Aconcheguei o bebê em meus braços. A criança se encaixava como uma peça de um quebra-cabeça. Kitty olhou para mim, depois para Westry, antes de passar a mão nos pelos eriçados do queixo dele.

— Como eu poderia lhe agradecer o suficiente?

— Não precisa agradecer — disse ele sorrindo. — Mas poderia ajudar um sujeito a encontrar uma camisa.

— Ah — disse Kitty sorrindo — ... mas minha bebê não ficou linda naquele tom de verde?

Westry abriu um sorriso, pegando um jaleco branco de médico que estava pendurado no gancho ao lado da cama, provavelmente do dr. Livingston.

— Combina com você — falei dando uma piscadela.

Nós todos olhamos para a porta ao ouvir a maçaneta girar. A enfermeira Hildebrand entrou, surpresa ao ver Westry em um jaleco branco.

— E você é?

— Westry Green, senhora — respondeu ele. — Só vim trazer essas duas, quer dizer, essas três, antes de ir embora.

— Pode deixar comigo, soldado — disse ela secamente. — E pode devolver o jaleco assim que lavá-lo e passá-lo.

Westry assentiu e caminhou em direção à porta.

— Boa noite, senhoritas — ele se despediu dando um último sorrisinho em minha direção.

— Boa noite — eu disse. Não pude deixar de notar algo incômodo nos olhos de Kitty quando Westry saiu.

— Anne, Kitty, estão bem?

— Sim — respondi. — O bebê é saudável. Mas ainda precisa ser limpa. As duas precisam.

A enfermeira Hildebrand balançou a cabeça e tirou uma bacia do armário.

— Anne, você dará o primeiro banho na criança.

— Claro — concordei, pegando o bebê dos braços de Kitty.

— Ligarei para os Mayhew e pedirei que venham — continuou a enfermeira Hildebrand. — Você poderá enrolá-la neste lençol que está sobrando, quando terminar. Eles terão roupas e cobertas para ela em casa.

Kitty balançou a cabeça.

— Os Mayhew?

— O casal que ficará com sua filha — respondeu ela.

O terror tomou conta do rosto de Kitty.

— Mas é cedo demais — ela disse. — Eu, eu...

— É o que você queria, Kitty. E é o que será feito — disse a enfermeira Hildebrand sem emoção. — Não pode manter uma criança aqui. Esta é a escolha certa para ela, para você. Quanto mais rápido deixá-la ir, mais fácil será.

Kitty observou desconsolada enquanto eu dava banho na garotinha, lhe cobrindo a cabecinha com sabão e limpando gentilmente a espuma com uma toalha.

— O nome dela é Adella — sussurrou Kitty.

— Não pode lhe dar um nome, querida — rebateu a enfermeira Hildebrand. — Os Mayhew darão a ela o nome que escolherem.

— Não me importo! — retrucou Kitty, afastando o olhar. — Para mim, ela sempre será Adella.

Enxaguei o restante das bolhas de sabão da pele delicada da bebê antes de tirá-la da bacia e colocá-la dentro da toalha. Assim que estava seca, eu a embrulhei delicadamente em um lençol, conforme a enfermeira Hildebrand instruíra, então acomodei o pacotinho nos braços de Kitty.

— Não — disse ela, engolindo as lágrimas. — Não posso segurá-la. Se eu a segurar, não conseguirei deixá-la ir. Será que não vê isso, Anne?

Kitty começou a chorar, mas não era o mesmo tipo de choro que eu já ouvira dela nos últimos anos. Este tinha um sofrimento que vinha de algum lugar muito profundo.

Engoli em seco, tentando permanecer forte pelo bem de Kitty, e tirei o bebê do quarto. Esperei lá durante um tempo, até que um casal, talvez em seus trinta e poucos anos, apareceu no corredor. O choro abafado de Kitty escapava pela porta fechada.

A enfermeira Hildebrand mostrou o casal e balançou a cabeça.

— John e Evelyn Mayhew — disse ela, forçando um sorriso. — Eles levarão o bebê agora.

O casal parecia bondoso, e, pelo sorriso ávido da mulher, pude ver que ela acolheria a criança com amor. Ela passou a ponta dos dedos pela cabeça do bebê.

— Ela deve estar com fome — ela falou, tirando o bebê de meus braços. — Temos uma mamadeira esperando no carro.

A enfermeira Hildebrand observou em silêncio, talvez até com orgulho, quando a nova mãe se afeiçoou à “própria” filha.

— O nome dela é Adella — falei em nome de Kitty.

— É um nome lindo — respondeu ela. — Mas nós escolhemos outro. De qualquer forma, colocarei no registro de nascimento dela, assim sempre fará parte de sua história.

Balancei a cabeça e dei um passo para trás quando o casal agradeceu à enfermeira Hildebrand e saiu, formando instantaneamente uma família de três.

— Agora vou ver a Kitty — falei alcançando a maçaneta.

— Anne, espere — a enfermeira Hildebrand falou. — Ainda não. Por favor, gostaria de conversar com ela primeiro.

Não tinha certeza do que ela tinha em mente, mas a seriedade em seu rosto me dizia para obedecer. Esperei do lado de fora da porta durante um tempo que pareceu uma eternidade. *O que ela está fazendo lá? O que está dizendo para Kitty?*

Pressionei meu ouvido na porta e ouvi a enfermeira Hildebrand dizer algo surpreendente.

— Já estive nessa situação uma vez.

As palavras me chocaram, e pulei para trás quando a maçaneta começou a girar.

Quando a porta se abriu, Kitty saiu de olhos secos e com uma expressão ausente e sem emoção como eu nunca vira antes no rosto dela.

Capítulo 11



A enfermeira Hildebrand me liberou das tarefas na enfermaria, assim poderia cuidar de Kitty nos dias que se seguiram. Fiquei no quarto e lhe fiz companhia, apesar de achar que ela teria preferido ficar sozinha.

— Que tal um jogo de cartas? — sugeri, pegando o conjunto de baralho em minha mesinha de cabeceira.

— Não — respondeu Kitty. — Obrigada, mas eu prefiro não.

Eu lhe trazia as refeições e tentava fazê-la se interessar pelas revistas. Liz, acreditando que Kitty estivesse se recuperando de alguma doença, deu uma passada para deixar as duas últimas edições da *Vogue*, mas Kitty simplesmente as colocou sobre a cama, preferindo olhar fixamente para a parede à frente dela a olhar para as últimas tendências da moda.

Eu sabia que não podia consertar as coisas para ela. Kitty tinha de passar por isso sozinha, e foi por este motivo que, dois dias depois do nascimento, pedi licença para caminhar na praia e visitar o bangalô. Eu estava ávida por uma mudança de cenário, e Kitty precisava ficar sozinha.

Westry estava lá, como eu esperava que ele estivesse, tirando uma soneca na cama enquanto os raios de sol infiltravam-se pela janela.

— Oi — sussurrei acomodando meu corpo na cama ao lado dele. Ele abriu os olhos e sorriu carinhosamente para mim, me puxando para mais perto.

— Aposto que não sabia que estava dormindo na presença de uma obra de arte — eu disse dando um sorrisinho.

Westry passou o dedo pelo meu rosto e se maravilhou.

— Sei disso desde o dia em que você pisou neste lugar. Você é a maior obra de arte do mundo.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Não, seu bobo. Eu não, a pintura. — Puxei a pintura de debaixo da cama. — É um *Gauguin*.

Westry sentou-se rapidamente, olhando para o quadro com olhos curiosos.

— Está falando sério?

Assenti.

Ele balançou a cabeça, sem acreditar.

— Sempre achei que ele tivesse sido feito por um dos pós-impressionistas, ou por um pintor mais jovem, menos conhecido, ou talvez um aprendiz. Mas, Deus do céu, Gauguin? Como pode ter certeza?

— Uma velha senhora da ilha me contou — contei, sorrindo cheia de orgulho.

Westry sentou-se na cama ao meu lado para olhar melhor.

— Não está assinado — ele comentou.

— Talvez, no início, ele não assinasse o trabalho.

— Poderia estar certa com relação a isso — admitiu ele. — Monet fazia a mesma coisa.

Balancei a cabeça.

— E olhe só essas pinceladas.

— Dá para se perder nesta pintura — disse Westry, ainda maravilhado com o tesouro que tinha nas mãos.

— O que faremos com ela? — perguntei alisando a camisa amassada de Westry.

— Não sei.

— Não podemos deixá-la aqui — declarei. — Quando a guerra terminar, quando tivermos ido embora. Não suportaria pensar na pintura sendo engolida por uma onda gigantesca.

Westry concordou.

— Ou se deteriorar no ar úmido. Estou surpreso por ter durado tanto aqui, em contato com a natureza.

Pendurei a pintura em um ganchinho e suspirei.

— Ou talvez deva ficar aqui mesmo. — Olhei para o quadro por um momento antes de me virar para Westry. — Há outra coisa que preciso lhe contar. Algo sobre este bangalô.

— O que é?

— A velha senhora, Tita, ela me avisou sobre este lugar. Disse que todos aqueles que já pisaram aqui passaram por algum tipo de maldição.

Westry abriu um sorriso.

— E você acreditou no vodu dela?

— Bem, me assustou, tenho de admitir.

— Anne, lembra sobre o que conversamos no primeiro dia em que nos conhecemos? Você me disse que acreditava que a vida é sobre livre-arbítrio. — Ele acariciou levemente meu cabelo. — Sua vida será plena e abençoada e repleta de amor por tudo o que faz.

Aconcheguei a minha mão na dele.

— Você está certo.

— Além disso — continuou ele —, olhe só para todas as coisas boas que já vieram dessas quatro paredes. Nosso amor floresceu. Um bebê nasceu. E talvez tenhamos encontrado uma das

maiores descobertas artísticas do nosso século. É isso o que a velha senhora chama de *maldição*?

Enquanto sentávamos juntos ouvindo as ondas rolarem até a praia, fiz uma oração em silêncio. *Deus, permita que ele esteja certo.*



Agora o tempo estava cada vez mais escasso; sabíamos disso. Maio passara como uma tempestade violenta, e Kitty e eu iríamos embora da ilha em meados de junho, na mesma época em que Westry e os outros homens embarcariam para outra missão, desta vez na Europa. Por conta disso, eu praticamente podia ouvir o tique-taque de um relógio ao longe, uma lembrança constante de que o mundo que conhecêramos estava caminhando na direção de um abismo abrupto.

Eu teria de encarar Gerard. Kitty teria de deixar o lugar de nascimento de sua filha. Como poderíamos voltar a Seattle sendo mulheres tão diferentes? Como poderíamos fingir voltar aos nossos antigos papéis naquele lugar estranho ao qual um dia chamamos de lar?

— Acho que vou ficar — Kitty anunciou em uma manhã no refeitório, no início de junho. — A enfermeira Hildebrand poderia precisar de alguma ajuda. Além do mais, ninguém está me esperando em Seattle.

Ela não falou aquilo para provocar, mas as palavras dela, e a longa pausa que se seguiu, me provocaram. Era verdade. Gerard estaria esperando. Ele estaria de volta em junho.

Eu me perguntei quais seriam as motivações de Kitty para ficar. Tão diferente da mulher que saiu do avião no primeiro dia na ilha, ela se tornara uma sombra daquilo que fora antes. Vazia. Distante. Perdida. Dedicava-se ao trabalho e passava cada minuto de folga na enfermaria.

— Não entendo — eu disse a ela entre mordidas nos ovos cozidos. — Não está com saudade de casa? Não quer ir embora desta ilha depois... depois de tudo?

Ela olhou pela janela em direção à montanha verde luxuriante a distância. Assim como as lembranças ancorariam meu coração para sempre neste lugar, suspeitei que Kitty sentiria que um pedaço dela sempre estaria aqui também.

Ela forçou um sorriso.

— Achei que fosse querer ir embora quando chegasse a hora — disse ela. — Mas agora, bem, não estou pronta.

Balancei a cabeça.

— Esses últimos meses foram muito diferentes para nós — ela continuou, a voz cheia de arrependimento. — Mas você conheceu o homem mais maravilhoso do mundo. E pensar que o encontrou aqui, no meio da guerra.

Como se estivesse acompanhando a conversa, Westry acenou do outro lado do refeitório. Depois, em uma quebra de protocolo, ele se aproximou de nossa mesa.

— Ora, ora, as duas senhoritas mais lindas desta ilha — disse ele, um guardanapo de tecido ainda pendurado em seu colarinho. — Como vai você, querida? — ele me perguntou quando

arranquei o guardanapo e o entreguei a ele.

— Maravilhosa — respondi. — Senti sua falta no bangalô hoje de manhã. — Achava esquisito falar abertamente sobre nosso segredo, mas não fazia diferença agora que Kitty já estivera lá e, além disso, não havia outra pessoa jantando à mesa.

— Westry — disse Kitty, se animando. Eu não gostei da maneira como ela olhou para ele. — Encontrei algumas placas de madeira jogadas no armário da enfermaria. Achei que elas pudessem servir para consertar aquele rangido no chão do bangalô.

Minhas bochechas pegaram fogo. *Como Kitty achava que podia falar com Westry sobre o bangalô? E como, em nome de Deus, ela sabia ou lembrava que o chão de madeira rangia?*

— Obrigada, Kitty — disse Westry, inabalado. — Passarei por lá hoje e darei uma olhada nelas.

— Mas... — abri minha boca e, em seguida, fechei-a novamente.

— O que é? — Westry perguntou.

— Nada — murmurei. — Ia sugerir que nos encontrássemos no bangalô mais tarde esta noite. — Fiz questão de olhar diretamente para Westry, deixando claro que ele era o único objeto do convite.

— Não há nada que quisesse mais — ele falou. — Estou livre às cinco e meia. Bem a tempo do pôr do sol.

— Ótimo — concordei, imediatamente me sentindo melhor.

Quando Westry se virou para ir embora, Kitty se levantou.

— Se quiser passar por lá esta tarde, estarei trabalhando até as oito. — Ela olhou para mim de um modo estranho. — Quer dizer, se quiser dar uma olhada naquelas placas de madeira.

Westry balançou a cabeça, receoso, e saiu do prédio.

Comemos em silêncio por alguns minutos, até que Kitty falou novamente.

— Então, como eu estava dizendo, eu provavelmente ficaria por mais alguns meses e depois, quem sabe? — O olhar dela se perdeu em direção à janela novamente. — Há muitas oportunidades para enfermeiras hoje em dia. Talvez eu me candidate para uma posição na Europa.

Observei sua boca se abrir e fechar e as palavras escorrerem por entre os lábios. *Quem era essa mulher diante de mim?* Busquei os olhos dela, mas ela desviou o olhar.

— É só que...

— Eu disse à enfermeira Hildebrand que a ajudaria com a vacinação hoje — disse ela, me cortando. — É melhor eu ir andando.

— Sim, claro, é melhor você ir — continuei, mas ela já havia saído pela porta.



— Há algo de errado com Kitty — eu disse naquela noite, tirando meus sapatos ao entrar no bangalô e me jogar na cama.

— Bom, olá para você também — Westry falou, sorrindo, colocando um buquê de hibiscos em minha mão.

— Desculpe — falei encantada com as flores amarelas lustrosas, um contraste absoluto com os hibiscos vermelhos mais comuns que cresciam como ervas daninhas ao redor de toda a base. Estes não eram comuns. Até onde eu sabia, eram os únicos hibiscos amarelos na ilha, e cresciam aqui, a poucos metros do bangalô. Coloquei as flores sobre a cadeira e suspirei, pensando em Kitty.

— É que tive um encontro muito estranho com ela no café da manhã e estou preocupada. Ela mudou tanto nesses últimos meses. Eu mal a reconheço.

Westry tirou seu canivete e fatiou cuidadosamente uma maçã vermelha em cima da escrivaninha de mogno.

— Ela *realmente* mudou! — disse ele. — Qualquer um que tenha passado pelo que ela passou teria mudado. Não acha que tem sido muito dura com ela?

Balancei a cabeça.

— Você provavelmente tem razão — eu disse, pegando o pedaço da maçã vermelha que ele estava segurando para mim. Seu crocante adocicado amenizou as minhas preocupações por uns momentos.

— Não está zangada por causa do comentário que ela fez sobre as placas de madeira, está?

— Não — menti. — Bem, talvez um pouquinho — suspirei. — Será que é errado eu me sentir possessiva com relação a este lugar?

Ele abriu um sorriso, sentando-se ao meu lado na cama.

— Não, mas preferiria que se sentisse possessiva com relação a mim.

Eu lhe dei um empurrão de brincadeira.

— Eu sinto, e é por isso que minha próxima pergunta é: você foi vê-la na enfermaria hoje?

— Fui — ele respondeu, refestelando-se na descoberta do meu ciúme.

— E?

Ele sacudiu a cabeça.

— As placas de madeira que ela tinha em mente eram totalmente erradas.

— Que bom — eu disse. — Gosto do nosso chão de madeira. E, além disso — continuei —, novas placas de madeira significariam que perderíamos nossa caixa de correio.

— Então é unânime — disse ele, levantando um martelo imaginário. — O chão de madeira barulhento fica.

Ele pegou o medalhão nas mãos e o abriu com cuidado.

— Ainda vazio?

— Pois é — lamentei. — Tenho pensado em algo perfeito para colocar dentro, mas ainda não tive uma inspiração.

Os olhos de Westry iam de um lado para o outro.

— Precisa ser algo que a faça lembrar daqui, de nós, algo que aquecerá seu coração com as lembranças do nosso amor.

Eu franzi a testa, arrancando o medalhão da mão dele.

— Lembranças do nosso amor? Você fala como se nossos dias estivessem contados, como se isso fosse um...

— Não — ele rebateu, colocando a mão sobre meus lábios. — Pretendo amar você para o resto de minha vida, mas tenho outra missão à frente, você sabe disso. Enquanto estiver na Europa, durante o tempo que essa guerra durar, eu quero que saiba que pode encontrar a mim, e a este lugar, em suas lembranças. Isso a sustentará enquanto estivermos separados.

Westry se levantou e olhou o quarto, passando as mãos pela escrivaninha, pelas paredes trançadas, pelas cortinas, antes de se agachar.

— Já sei! — disse ele, arrancando um pedacinho da ponta de uma placa de madeira envergada. — Um pedaço do bangalô. Pode carregar isso com você sempre, e junto com ele, eu estarei lá.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando ele abriu o medalhão e colocou o pedaço do chão de madeira, uma mera lasquinha, lá dentro. Era *perfeito*.

— Aí está — disse ele, batendo no medalhão contra o meu peito. — Sempre me terá contigo.

Meu beijo revelou a ele o quanto era grata por aquele gesto.



Pouco depois de o sol se pôr, Westry acendeu uma vela sobre a escrivaninha, e nos abraçamos apenas ouvindo a brisa e o cricrilar dos grilos à luz da lua, até que um som assustador chamou nossa atenção.

A voz de um homem, zangado e determinado, seguido pelo grito desesperado de uma mulher, pairou a distância. A princípio, as vozes soaram distantes, talvez encrustadas nas profundezas do mato fechado, longe o bastante para serem ignoradas, mas quando o grito chegou mais perto, eu instintivamente agarrei o braço de Westry.

— O que acha que é isso?

— Não sei — ele respondeu ficando em pé e enfiando rapidamente os braços nas mangas da camisa. — Mas acho que ela está em apuros. Fique aqui — ele ordenou.

— Tenha cuidado — sussurrei. Não sabia o que me preocupava mais: se era Westry ir lá fora sozinho ou eu ficar sozinha no bangalô.

Ele passou pela porta em silêncio, prestando atenção enquanto abria caminho em direção ao mato lá fora. Ouvimos outro grito, e então mais passadas. *Alguém está correndo*.

Fiquei de pé e coloquei os sapatos, desejando ter algum tipo de arma no bangalô. *Será que Westry trouxera o revólver dele?* Não era muito provável. Os homens normalmente não carregavam as armas além da base. Engoli em seco. *Westry está lá fora sozinho. E se eu precisar protegê-lo?* Resolvi que não podia simplesmente ficar no bangalô esperando.

Em silêncio, dei um passo para fora, e quando notei um pedaço de pau estreito escorado no bangalô, eu o peguei. *Só por precaução*.

Arrastei-me em direção à praia, mas virei-me de repente ao ouvir um galho se quebrando por perto. *Foi atrás de mim?* Meu coração batia acelerado no peito. Sentia o perigo se aproximando. Algo terrível estava à nossa frente.

Então outro grito soou, desta vez perto da praia.

— Não, não, por favor, por favor, não machuca eu, por favor!

Arfei. Conhecia aquela voz. *Meu bom Deus. Atea. Será que estava tentando chegar aqui, ao bangalô, conforme eu a instruíra?* Lance deve tê-la seguido. *Onde está Westry?* Atravessei o mato até a clareira na praia e vi a cena que ficaria marcada em minha mente para sempre.

No manto da escuridão, era difícil distinguir os rostos, mas à medida que meus olhos se ajustaram, o horror se revelou. Ele a segurava por um chumaço de cabelo; podia ver isso. Então um brilho de aço brilhou no luar. *Deus, não.* Uma faca. Ele passou a lâmina pelo pescoço dela, e eu assisti, atônita, quando o corpo pequeno e inerte dela caiu na areia.

— Não — murmurei, incapaz de encontrar força em minha voz. *Não, não pode ser.*

A figura sombreada lançou a faca como uma bola de futebol americano bem para dentro do mato, antes de sair correndo pela praia.

Eu corri até Atea, engolindo as lágrimas.

— Atea, sinto muito, sinto tanto. — Ergui a cabeça ensanguentada dela até meu colo. Ela gorgolhou e engasgou buscando ar.

— Ele, ele. — Ela cuspiu.

— Não, querida — sussurrei. — Não tente falar. Não diga nada.

O sangue lhe inundava a boca. Ela estava morrendo. Se conseguíssemos levá-la até a enfermaria a tempo, o dr. Livingston talvez conseguisse salvá-la. *Nós precisávamos salvá-la.*

Atea apontou para sua barriga protuberante, redonda. *Ela está grávida. Ah, meu Deus!*

— Westry! — gritei. — Westry!

Ouvi passadas se aproximarem vindas da direção de onde Lance tinha ido embora, e rezei para que ele não estivesse vindo terminar o trabalho.

— Westry! — chamei de novo.

— Estou aqui — disse ele. — Sou eu.

— Ah, Westry! — falei em voz alta. — Olhe para ela. Olhe o que ele fez com ela — arfei. — E com o bebê!

Atea ergueu a mão no ar, como se quisesse alcançar algo ou alguém.

— Ela não vai sair dessa — ele falou.

— O que está dizendo? — gritei desesperadamente. — É claro que ela vai sair dessa. Tem de sair dessa. Eu prometi protegê-la daquele monstro.

A respiração de Atea estava reduzida a soluços e gorgulhos esporádicos.

— Ela sobreviverá — eu soluçava. — Temos de salvá-la.

Westry me pegou pelo braço.

— Anne — ele sussurrou. — O pescoço dela foi cortado até a metade. A melhor coisa que podemos fazer é amenizar a dor, acabarmos com seu sofrimento.

Eu sabia ao que ele estava se referindo, mas será que eu conseguiria ir até o final? Ia contra tudo o que aprendi na escola de enfermagem, mas, segurando o corpo moribundo de Atea em meus braços, sabia que não só era a escolha certa, mas também a única escolha.

— Vá pegar minha bolsa debaixo da escrivaninha — falei. — Depressa!

Ele voltou com a minha bolsa e tirou a dose de morfina que toda enfermeira mantinha à mão em tempos de guerra. Dentro havia morfina suficiente para sedar um homem de 125 quilos, ou para mandar uma mulher de 50 quilos até as portas do paraíso.

Beijei a testa de Atea, e injetei a primeira dose no braço dela, esfregando o lugar onde a agulha picara.

— Aí está — eu disse, tentando segurar minhas lágrimas e manter a voz calma e firme, para o bem dela. — A dor logo acabará. Relaxe.

A respiração dela passou de engasgos para espasmos curtos. Quando injetei a segunda dose, os olhos dela subiram em direção às estrelas, depois piscaram e se fecharam. Chequei o pulso, e em seguida pressionei meu ouvido em seu coração.

— Ela se foi — eu disse para Westry, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. *Eles* se foram. — Como ele pôde fazer isso? — gritei. — Como?

Westry deslizou o corpo inerte de Atea sobre a areia macia, e me ajudou a levantar, segurando meu corpo trêmulo no dele.

— Eu deveria tê-la salvado — chorei no peito dele. — Prometi protegê-la. Prometi que iria protegê-la.

Westry sacudiu a cabeça.

— Você fez o melhor que podia. Ela foi em paz.

— Como ele pôde? — eu disse, sentindo a fúria tomar conta de mim. — Como ele pôde fazer isso com ela? — Virei-me para a praia onde, apenas alguns minutos antes, o homem, presumidamente Lance, fugira. Desvencilhei-me dos braços de Westry e comecei a correr na direção em que o homem tinha desaparecido.

Mas Westry correu atrás de mim e me segurou com uma mão forte ao redor da minha cintura, o que me fez tropeçar e plantar as mãos na areia fria. Tentei fugir, ficar em pé de novo, mas a força

de Westry evitou qualquer outro movimento.

— Anne, pare — ele suplicou. — Não pode.

— Como assim, não posso? — gritei, atirando um punhado de areia em direção ao trecho solitário da praia por onde o assassino escapara. — Acabamos de vê-lo assassinando uma mulher e seu filho. Temos de encontrá-lo, Westry. Temos de levá-lo até o coronel. Ele precisa pagar pelo que fez.

Westry se ajoelhou ao meu lado, acariciando meu rosto. Senti as lágrimas escorrendo e ele as limpou.

— Ouça — disse ele suavemente. — O que vimos aqui essa noite foi trágico. Mas preciso que acredite em mim quando digo que jamais poderemos falar sobre o que vimos, a ninguém.

Sacudi a cabeça.

— Não, não faz sentido — argumentei. — Houve um assassinato; devemos reportá-lo. Podemos levá-lo à justiça.

— Não podemos — Westry murmurou. A voz dele soou estranha, derrotada. — A princípio, houve uma agressão — ele pausou. — Nós cometemos o assassinato.

— Não, não é verdade.

— Mas é como isso será visto — disse ele. — E além disso, algo muito pior, é o que seria de nós, daqueles que amamos, caso este segredo seja revelado.

O que ele sabe? O que está escondendo?

Pus-me de pé, sacudindo a areia de meu vestido.

— Isso não faz o menor sentido — continuei. — Como posso voltar à base sabendo que há um assassino a solta?

Ele buscou meu olhar.

— Esta noite — disse ele apontando para o bangalô — você disse que me amava; disse que queria ficar comigo para sempre.

Assenti.

— Então confiará em mim?

Ergui minha mão, confusa.

— Westry, eu só, eu...

— Apenas me prometa que não dirá nada — disse ele. — Um dia você entenderá. Prometo.

Nós dois nos viramos para olhar para Atea. Mesmo na morte, ela exalava beleza e meiguice. Soltei um suspiro profundo e olhei para o rosto forte e firme de Westry. Independentemente de quanto o plano dele parecesse incerto, eu confiava nele. Se ele disse que isso era a melhor coisa a ser feita, tinha de acreditar nele.

— Não direi nada — murmurei.

— Bom — disse ele, acariciando meu rosto. — Nós a enterraremos antes de o sol nascer.

Capítulo 12



Não era um túmulo digno de sua vida linda e breve, mas enterramos Atea a uns doze metros atrás do bangalô em uma vala improvisada sob uma pluméria. Felizmente, tínhamos uma pá; Westry a trouxera há uma semana, na esperança de recolocar uma das vigas da fundação do bangalô. Ele levou uma hora para cavar a vala. Fiquei olhando durante um longo tempo, então fugi até a praia quando não conseguia mais aguentar o som áspero da pá batendo na terra, vez após outra.

Assim que meus pés tocaram a areia, caí de joelhos. Eu nunca presenciara algo tão horroroso em minha vida. E, ainda que tivesse concordado em confiar em Westry, não podia negar a ânsia de justiça em meu coração. Refiz a cena várias vezes em minha cabeça, esperando ter alguma pista, alguma cena que tenha perdido, e foi quando me lembrei da faca.

Lance jogara a faca dentro do mato antes de fugir da cena do crime. Eu me lembrei do brilho do aço sob o luar, e meu coração começou a bater mais rápido dentro do peito. *Se eu conseguisse encontrar a faca, pelo menos teria uma prova segura de que ele cometera o crime.*

Corri de volta ao bangalô e peguei minha lamparina; caminhei com cuidado até a beirada do mato. Animais uivavam e relinchavam a distância. O vento fazia os arbustos farfalharem. O que antes fora um lugar de beleza e serenidade agora parecia um paraíso para o mal. Pensei em dar meia-volta, mas recobrei minha força. *Atea. Lembre-se de Atea.* Sacudi a cabeça para mim mesma e dei um passo à frente, e então outro. O estalido dos meus pés sobre o chão embaixo de mim parecia amplificar cada passo.

Usei a lamparina para iluminar o caminho mais à frente. *Tem de estar perto. Só alguns passos mais, talvez.* Uma cobra se arrastou por perto, perto demais para o meu gosto, e eu arfei, dando um passo exagerado para trás, antes de continuar. *Vá em frente, Anne.* Olhei para trás em direção à praia e tentei calcular mentalmente a distância que a faca teria alcançado. Olhei para a palmeira enorme à minha esquerda, passando a procurar ali. Tinha de estar perto.

No entanto, após muitos minutos, me perguntei se a floresta teria engolido a faca, um álibi para um crime terrível. Encostei-me na palmeira e coloquei a lamparina no chão, e ao fazê-lo, ouvi um barulho metálico.

Ajoelhei-me e imediatamente percebi um brilho de metal conhecido. Minhas mãos tremeram quando puxei a faca ensanguentada de seu esconderijo no chão. Aproximei um pouco mais a lamparina para ler a gravação do exército no cabo verde: *Unidade 432; Produto 098.*

— Anne? Anne, onde está você?

A voz de Westry atravessou o mato. *Quanto tempo será que fiquei afastada? O que ele*

pensaria de mim, procurando a faca desse jeito, especialmente depois de ter prometido confiar nele?

— Anne? — A voz dele agora estava mais perto. Peguei a barra de meu vestido e rasguei um pedaço do tecido de linho azul-claro. Rapidamente, embrulhei a faca dentro dele, então cavei um buraco raso com as próprias mãos, fundo o bastante para proteger adequadamente, enfiando a lâmina lá dentro. Cobri-a com terra e um monte de folhas antes de ficar em pé, no momento em que Westry se aproximou.

— Ah, aí está você — disse ele. — O que está fazendo aqui? Fiquei preocupado.

— Só pensando — respondi, limpado minhas mãos sujas de terra na parte detrás de meu vestido.

— Venha — ele pediu. — Sei que foi uma noite difícil, mas temos... — ele parou para encontrar as palavras certas — de terminar isso.

Balancei a cabeça e o segui de volta ao túmulo improvisado, onde esperei até Westry ir buscar Atea. Ele voltou com ela nos braços, e as lágrimas rolaram pelo meu rosto ao ver a cena.

Ele a colocou dentro da cova, e ficamos olhando fixamente, em silêncio. Depois de alguns minutos, Westry pegou a pá, mas eu puxei o braço dele de volta.

— Ainda não — pedi. Peguei três flores cor-de-rosa da plumária ao lado, então me ajoelhei sobre a cova de Atea. — Ela merece flores — eu disse, sem tirar os olhos do rosto dela.

Joguei as flores pelo corpo de Atea, então me afastei quando Westry começou a jogar a terra em cima dela. Eu não conseguia olhar, mas me obriguei a ficar até que ele tivesse terminado. Caminhamos de volta para o acampamento em silêncio, pois nosso mundo acabara de mudar, talvez para sempre.

Eram quase três horas da manhã quando entrei sorrateiramente no quarto aquela manhã. Kitty não se mexeu, e eu, com um vestido rasgado e sujo de sangue e terra, fiquei feliz por isso. Tirei as minhas roupas, colocando-as no lixo, então vesti uma camisola e me enfiei na cama. O sono, todavia, não veio. Eu sabia que não tínhamos cometido um crime, mas estava assombrada pelo medo horrível e muito real de que éramos culpados.



Na manhã seguinte, acordei com o som de um punho socando minha porta. Sentei-me na cama, desorientada, e dei uma olhada na cama de Kitty, que estava impecavelmente arrumada. Cobri meu rosto quando a luz brilhante da janela me atingiu os olhos. *Que horas são?*

A batida na porta persistiu.

— Sim, vou em um minuto — murmurei, tirando um pé da cama, depois o outro, tropeçando até a porta. Stella estava do outro lado, com uma expressão desaprovadora.

— Anne, olhe só para você — disse ela. — Dormindo às onze e meia? A enfermeira Hildebrand está soltando fumaça. Ela me mandou vir aqui buscar você. Seu turno começou às oito.

Olhei de canto de olho para o pequeno despertador em cima de minha mesinha de cabeceira.

— Ah, meu Deus — falei. — Não posso acreditar que dormi até agora.

Stella deu um sorrisinho malicioso.

— Deve ter sido uma noite e tanto. — Ela me olhou de cima a baixo e seus olhos pararam em minhas mãos. — O que esteve fazendo, tortas de lama?

Olhei para minhas unhas sujas de terra e as escondi, envergonhada, nas dobras da minha camisola. Ao fazê-lo, as lembranças da noite anterior vieram correndo de volta. O assassinato. A faca. O disfarce. As palavras de cuidado de Westry. Desejei que Stella não pudesse ver os arrepios que tomaram conta dos meus braços.

— Por favor, diga à enfermeira Hildebrand que estarei lá assim que me vestir — pedi.

— E tomar banho — Stella acrescentou, sorrindo acusadoramente antes de ir embora.

Balancei a cabeça.

— Stell!! — chamei-a no corredor.

— Sim? — ela respondeu, virando-se de volta para a porta.

— Por que Kitty não veio me acordar?

— Também me perguntei isso — ela respondeu sem sarcasmo na voz, raro para Stella. — Tem alguma coisa estranha com ela. É como se...

— Como se ela não fosse mais minha amiga? — perguntei. As palavras pareceram granadas atingindo meu coração cansado.

Stella colocou uma mão em meu braço.

— Não se preocupe, querida — ela me tranquilizou. — Tenho certeza de que seja lá o que for logo passa.

Esperava que ela estivesse certa.



Desde que Kitty dera à luz, ela e a enfermeira Hildebrand tinham dado início a uma amizade improvável. Kitty sempre ficava até mais tarde na enfermaria para ajudar nossa superior com projetos especiais, e o nome dela era sempre o primeiro da lista quando havia uma tarefa importante ou quando um paciente precisava de cuidados.

Era bom ver Kitty fazendo o melhor que podia em seu trabalho. Era o que ela queria para sua vida, afinal. E aqui ela podia fazer algo de valor. Porém, quanto mais ela se dedicava à enfermagem, mais distante ficava.

Uma separação como essa seria mais evidente em casa, em Seattle, mas, em uma zona de guerra, relegamos o assunto e deixamos que a batalha, as notícias e o sofrimento abafassem nossos problemas pessoais.

— Liz ouviu de um soldado nas docas que as coisas estão esquentando de novo no Pacífico — eu disse para Kitty aquela noite no jantar. Não conversávamos muito sobre outras coisas além da guerra.

— Ah! — ela respondeu, sem levantar os olhos do livro em suas mãos.

— Acha que podemos esperar por alguns turnos mais turbulentos pela frente? — perguntei mantendo a formalidade de nossa conversa.

— Acho que sim — disse Kitty, bocejando. — Bem, é melhor eu ir. Estou trabalhando em um projeto para a enfermeira Hildebrand. Estarei na enfermaria.

Vi Westry do outro lado do refeitório, rindo com Ted e alguns outros homens. *Como ele pode estar tão calmo, tão alegre, depois de tudo o que passamos apenas algumas horas atrás?*

Levei minha bandeja até a cozinha, e esperei por ele do lado de fora, no caminho.

— Oi — disse ele quando seus olhos encontraram os meus. Demos alguns passos juntos, em direção à marina. — Como está? — ele cochichou quando os outros homens não podiam mais ouvir.

— Não muito bem — admiti. — Fico me lembrando da noite passada e rezando para que seja apenas um pesadelo. Westry, diga-me que foi tudo um pesadelo.

Ele puxou minha cabeça para perto da dele.

— Gostaria de poder dizer isso.

— Você viu Lance? — sussurrei.

— Não — disse ele, olhando em volta, incomodado. — Você não soube?

— Soube do quê?

— Ele embarcou hoje de manhã em uma missão especial com mais uma dúzia de soldados.

— A mim me parece que ele está fugindo — bufei.

Westry parecia incomodado.

— Não podemos mais falar sobre isso — disse ele. — É muito perigoso.

Balancei a cabeça, me lembrando da paranoia de Liz. Convencida de que a base poderia estar cheia de aparelhos de gravação, ela preferia compartilhar os segredos apenas no alojamento, e geralmente só nos banheiros.

— Verei você no bangalô hoje à noite?

Westry esfregou a testa.

— Gostaria de poder ir, mas vou trabalhar até mais tarde esta noite, e depois da noite passada... acho que gostaria de ficar sozinho.

Sozinho? A palavra me atingiu o coração como uma flecha.

— Ah — eu disse visivelmente magoada.

Westry tentou animar o momento com um sorriso.

— Só quis dizer que nós dois temos dormido tão pouco que faria sentido nos recolhermos um pouco mais cedo.

— Está certo — falei ainda chateada.

— Além do mais — ele continuou —, está realmente preparada para voltar lá, depois... depois de tudo o que aconteceu?

Sim, o horror tinha invadido nosso mundo particular, mas eu não conseguia deixar de lado a sensação de que Westry estava desistindo do bangalô, de nós.

— Não sei — murmurei. — Sei que o que tivemos lá foi maravilhoso, e não quero perdê-lo.

— Nem eu — disse ele.



Uma semana se passou até eu colocar meus pés no bangalô novamente, e o fiz sozinha. Westry tinha se juntado a alguns homens em um projeto de construção no outro lado da ilha. Fora vago com relação a quando estaria de volta. Mas, com o passar dos dias, sentia que o bangalô estava me chamando, me puxando de volta, e depois daquele turno particularmente longo na enfermaria, durante o qual as mulheres passaram a maior parte do tempo em cima de um radinho ouvindo às últimas notícias sobre a guerra no Pacífico, eu sucumbi ao chamado.

Já estava escurecendo quando me dirigi à praia, e apertei meu medalhão enquanto caminhava até a costa. Passei pelo mato, mas dei um passo para trás quando meus olhos detectaram uma figura sentada nos degraus do bangalô.

— Quem está aí? — chamei.

Alguém ficou em pé e começou a caminhar em minha direção. A cada passo para a frente, eu dava um passo para trás.

— Quem é? — gritei, desejando ter trazido uma lamparina. Mas, à medida que a figura caminhava, o luar a iluminava. Era Tita.

— Anne — ela falou.

O que ela estava fazendo aqui? Procurando Atea, sem dúvida. Meu coração disparou. *O que direi a ela?*

O rosto da velha senhora parecia cansado e angustiado.

— Gostaria de entrar? — eu disse mostrando o bangalô.

Ela olhou para a cabana com olhos que me diziam que já estivera lá dentro, talvez há muito tempo. Ela balançou a cabeça.

— Talvez não se lembre sobre o que eu lhe disse sobre este lugar. É amaldiçoado — murmurou. Apontou para a praia à frente e começou a sair do mato. Eu a segui, sem saber o que esperar.

— Sente-se — disse ela, apontando para um lugar não muito longe de onde Atea morrera. Eu estava agradecida pelas ondas terem levado embora a areia ensanguentada.

Nós nos sentamos em silêncio durante alguns minutos até que Tita finalmente falou:

— Sei que ela se foi — ela declarou.

Sem certeza de como responder, continuei olhando para o mar, deixando a calmaria do vaivém das ondas anestesiarem a dor do meu coração.

— Eu lhe avisei — disse ela me dando uma bronca. — Este lugar é do mal. Não é bom. E agora levou minha Atea, nossa Atea. Ela era especial, você sabe.

Tentei, em vão, evitar que as lágrimas escorressem, mas elas rolavam de meus olhos com vontade própria.

— Ah, Tita — falei entre lágrimas. — Sinto muito.

— Fique quieta — disse a velha senhora, ficando em pé. — O que está feito, está feito. Agora é nosso dever fazer justiça.

O que ela sabe? Ou pior, o que ela acha que sabe? Será que vira o chão mexido, onde Westry fizera a cova?

Observei, estupefata, quando ela caminhou em direção à floresta.

— Tita — chamei. — Por favor, Tita, espere. Está errada. Se acha que eu, que nós...

— Justiça — ela disse, virando-se em minha direção de uma vez por todas. — É a última forma de se quebrar a maldição.

Fiquei olhando-a entrar na mata até que a floresta pareceu a engolir por inteiro. Suspirei fundo e caí na areia, enroscando meus braços em volta dos joelhos do jeito que fazia quando era uma garotinha, depois de levar uma bronca de minha mãe. Lance não estava na ilha, pelo menos por hora, e não havia bombardeios japoneses há meses. Então, por que sentia o mal se aproximando? Pensei na faca, manchada com o sangue de Atea, enterrada a alguns metros de distância, embrulhada em segurança no pedaço de tecido do meu vestido. Ninguém sabia que ela estava lá, exceto eu. Poderia pegá-la como evidência. Poderia buscar justiça, assim como Tita me pedira para fazer. Mas como poderia ignorar as convicções de Westry?

Fiquei em pé e caminhei até o bangalô, destrancando a porta com os movimentos de sempre, em seguida guardando a chave de volta dentro do livro. O ar lá dentro parecia espesso e sufocante. Pensei na pintura embaixo da cama e me ajoelhei para pegá-la. *Quem são as pessoas que estão nela, e será que estiveram neste mesmo bangalô? Será que tiveram azar da maneira como Tita falara? Ou tiveram sorte o bastante para escapar da "maldição"?*

Peguei um pedaço de papel e uma caneta sobre a mesa e me sentei para escrever uma carta para Westry, meu coração disparado pelo que estava prestes a relatar:

Meu caro Grayson,

Gostaria que estivesse aqui agora, para me tomar em seus braços, para apagar da minha memória os horrores que vi. Preocupo-me que, depois do que testemunhamos, nunca mais consiga ver essas paredes da mesma forma, e isso me assusta.

Tenho uma ideia, um plano. Nós só conversamos sobre o futuro em termos vagos, mas depois da guerra, depois que tudo isso terminar, talvez possamos ir até nossos superiores militares e relatar o crime. Talvez a hesitação que sinta será remediada pelo tempo. Tenho provas, algo que limpará nossos nomes de qualquer erro quando a hora certa chegar. Meu querido, por favor, diga-me quando a hora certa chegar.

E, há algo mais. A esta altura você já sabe do meu amor por você e quero que saiba que não há mais nada no mundo que queira mais do que compartilhar minha vida, compartilhar a eternidade com você, aqui nesta ilha, se é isso o que deseja. O que estou dizendo, meu amor, é que sou sua, se me pede para ser.

Com amor, agora e sempre,
Cleo

Dobrei a página ao meio e coloquei-a debaixo da placa de madeira, soltando um suspiro profundo ao alcançar a maçaneta.



Dois dias depois, Kitty, sentada na cama, ergueu os olhos da revista, surpresa.

— Ouviu alguma coisa bater na janela?

Eram três e meia, mas, em vez de trabalhar na enfermaria, fomos enviadas aos alojamentos depois que um navio de guerra japonês fora detectado a três quilômetros da costa. Kitty agarrou seu rosário enquanto folheava as páginas da *McCall's;* retomei um romance que começara no primeiro mês na ilha, mas me peguei incapaz de ler. O medo no ar tinha um efeito paralisante.

Balancei a cabeça.

— Não ouvi nada.

Ninguém sabia o que aconteceria. Uma das enfermeiras dissera que o navio estava em rota para outro destino. Outra dissera que um soldado confirmara, pelas coordenadas do navio, que ele estava indo em direção a Bora Bora. Guerra aqui? Em nossa ilha? Apegar-nos ao descrédito era uma defesa confortável, mas todas nós sabíamos da possibilidade de um ataque. Nossa única opção era observar e esperar.

— Há um porão — eu disse — embaixo do alojamento. Stella acha que seremos transferidas para lá em caso de...

Kitty recuou.

— Aí — disse ela — aquele barulho. Ouvi de novo. Alguma coisa não para de bater em nossa janela.

Forcei um sorriso.

— Sei que está preocupada, Kitty, mas os japoneses não estão do lado de fora da janela, ainda.

Kitty não sorriu de volta. Em vez disso, ficou em pé e caminhou até a janela.

— Está vendo? — ela disse, sorrindo vitoriosamente. — É Westry. Ele devia estar querendo chamar nossa atenção.

Nossa atenção? Observei Kitty na janela, acenando para Westry. Não gostava de como o humor dela melhorava instantaneamente diante da presença dele.

— Irei vê-lo — eu disse possessivamente, saindo pela porta e descendo os degraus até a entrada, pisando duro.

— Olá — sussurrei assim que cheguei do lado de fora.

Westry abriu um sorriso largo.

— Por que está cochichando?

— Você não sabe? A ilha pode ser atacada.

Westry colocou as mãos nos bolsos e meneou a cabeça para a direita, olhando para mim com um sorrisinho divertido.

— Amo sua coragem, sabe disso? Venha aqui, deixe-me olhar para você.

Eu me deixei ficar no abraço dele por mais tempo do que seria apropriado na base, mas, de algum modo, o decoro agora parecia sem sentido.

— Você parece muito confiante — contestei.

Ele deu de ombros.

— Depois de se estar em uma luta como a que estive, um navio de combate não dá nem frio na barriga, acho eu.

— Mas se eles estiverem vindo? — perguntei. — E se estiverem a caminho da nossa ilha?

— E podem estar — ele respondeu. — Mas ainda é cedo demais para dizer.

Suspirei.

— E pensar que estamos aqui há tantos meses, e agora, faltando tão pouco tempo para irmos embora, isso acontece. Que azar.

Westry acariciou meu queixo, delineando meus traços até que arrepios subiram pelas minhas costas.

— Vamos para o bangalô — ele suspirou no meu pescoço.

— No meio disso tudo?

— Por que não? — disse ele, me hipnotizando com suas carícias.

— Porque recebemos ordens de não sair do alojamento — protestei baixinho.

Westry olhou para mim com seus olhos castanhos enormes.

— Mas talvez seja nossa última vez juntos no bangalô, antes de... antes...

Nenhum dos dois sabia o que aconteceria depois, e em meu coração eu sabia que o que importava era o agora. Apertei a mão dele.

— Tudo bem.

— Se tivermos sorte — disse ele —, podemos atravessar a floresta sem passar por vivalma.

Balancei a cabeça.

— Acha que estaremos a salvo lá?

— Conseguiremos ver o navio da praia e, se ele chegar muito perto, nós voltamos e nos juntamos à tropa.

Franzi a testa, me lembrando da surra que o coronel Donahue dera em Westry no alojamento, então hesitei.

— Estará em apuros por isso?

— Provavelmente — ele respondeu, os olhos brilhando no sol do final da tarde. — Mas não me importo.

Ele pegou minha mão e dei uma olhada para o segundo andar, onde Kitty estava pendurada na janela. Quando nossos olhos se encontraram, fiz um gesto em direção à praia e acenei, esperando que ela entendesse. Mas ela se virou rapidamente para a cama sem nem ao menos sorrir.



Westry destrancou a porta do bangalô e ambos soltamos o fôlego profundamente assim que entramos.

— Sinto como se fôssemos fugitivos — eu disse.

— E acho que somos mesmo — ele respondeu, pousando a mão sobre minha cintura.

— Westry?

— O quê, querida?

— Estive aqui alguns dias atrás e, bem, estou com medo — contei.

— Com medo de quê?

— Tita esteve aqui.

— Tita?

— A velha senhora com quem Atea vivia. Ela é algum tipo de xamã ou líder espiritual. Não tenho muita certeza, mas ela parece saber sobre Atea.

— Como ela poderia saber?

— Não sei — eu disse. — Mas ela me avisou de novo sobre a maldição do bangalô. Disse que a justiça era a única forma de quebrar o ciclo da maldição.

Westry franziu o cenho.

— Não acredite nem por um minuto.

— Por que não deveria acreditar nela? Ela conhece esse lugar melhor do que você ou eu.

— O que ela nem você não percebe é que com a justiça vem algo mais, algo muito pior do que a culpa que talvez carreguemos conosco. — Westry sentou-se na velha cadeira de mogno. Pela primeira vez, percebi o peso do segredo nos olhos dele. Assim como eu, ele não queria mantê-lo, mesmo assim estava sendo leal às suas convicções. — Como posso fazê-la entender que não podemos buscar justiça? Não a do tipo que você quer, pelo menos. Tem de ser assim.

Assenti, pegando na mão dele. Parecia errado discutir naquela que parecia ser nossa última noite juntos. Coloquei a cabeça para fora da janela da frente e pude ver o navio de guerra a distância.

— Ainda está lá — informei.

Ele me puxou para mais perto, e eu me lembrei da carta que deixara para ele, com minha confissão apaixonada sobre o futuro. *Será que ele a lera? Será que também queria passar o resto da vida comigo?* Nervosa, suspirei.

— Westry — sussurrei.

— Sim, meu amor.

— Recebeu minha carta?

— Não — ele disse. — Não venho aqui há dias. — Ele começou a caminhar até a placa de madeira para pegar a carta, mas puxei seu braço de volta.

— Ainda não — disse um pouco envergonhada. — Guarde-a no bolso quando você for embora. Quero que leia quando estiver sozinho.

— São notícias ruins?

— Não, não — assegurei. — Apenas espere e verá.

Ele balançou a cabeça puxando meu corpo contra o dele. Ligou o radinho em cima da escrivaninha e sintonizou a estação francesa novamente, clara como cristal.

— Não vamos pensar em nada a não ser em nosso amor — disse ele enquanto balançávamos ao som da música.

— Está bem — murmurei.

A sugestão dele funcionou como mágica, bloqueando a guerra, as preocupações com Kitty e a tristeza sem fim do assassinato na praia. Por um momento, o bangalô era nosso de novo, só nosso.



Westry beijou-me o rosto um pouco depois do pôr do sol.

— Provavelmente já está na hora de começarmos a voltar — disse ele. Podia sentir a ansiedade dele, e aquilo me preocupava. Não sabia se era o inimigo no meio de nós que o preocupava ou se era o que ambos sabíamos e temíamos: que nosso tempo juntos estava chegando ao fim.

— Acho que seria melhor — concordei, considerando a possibilidade de estarmos no bangalô quando os japoneses aparecessem na costa. *Será que a "maldição" do bangalô nos protegeria?*

Alisei meu vestido e apertei novamente o grampo no meu cabelo.

— Não esqueça sua carta — eu disse quando Westry abriu a porta.

— Claro — ele respondeu, ajoelhando-se sobre a placa de madeira e colocando a mão lá dentro. — Espere, que carta? — ele sacudiu a cabeça. — Não tem nenhuma carta aqui.

— Bobo — falei me ajoelhando ao lado dele. — Claro que há. Talvez eu a tenha empurrado mais para o fundo. — Forcei minha mão mais para o fundo, atrás das vigas do assoalho, mas fiquei horrorizada ao encontrar o espaço vazio.

— Meu Deus, Westry — disse. — Não está mais aqui.

— O que quer dizer? Ninguém sabe sobre nosso esconderijo. A não ser que tenha contado a alguém.

— Claro que não contei — refutei confusa.

Uma luz brilhou no oceano à frente, redirecionando as preocupações de Westry para um problema ainda maior.

— Teremos de descobrir o que aconteceu mais tarde — disse ele. — Preciso levá-la de volta.

A porta rangeu ao fechar, e Westry trancou-a cerimoniosamente.

— Voltaremos pela trilha por dentro da floresta — ele falou. — Será mais seguro.

Balancei a cabeça, pegando na mão dele. Enquanto caminhávamos pelo mato, pensei sobre a carta. *Quem a teria pegado, e por quê?* Agora, com tão pouco tempo de sobra, precisava que Westry soubesse dos meus verdadeiros sentimentos sobre ele, e sobre o que eu esperava depois da guerra. *Será que terei a chance de dizer a ele? Será que ele sente a mesma coisa?*

Ao chegarmos de volta à base, no entanto, eu já não estava mais pensando na carta. Em vez disso, outra coisa me atormentava.

— Westry — sussurrei em pânico quando ele me levou até a entrada do alojamento das mulheres. — Temos de voltar!

Ele pareceu confuso.

— Por quê?

— O quadro — falei. — Deixamos o quadro lá.

Ele deu de ombros.

— Podemos pegá-lo mais tarde.

— Não, não — insisti. — Seja lá quem for que pegou a carta que eu escrevi, pode pegar o quadro.

Westry pareceu preocupado por um momento, e então sacudiu a cabeça.

— Não. Seja lá quem for que pegou a carta poderia já ter pegado o quadro, mas não pegou.

Balancei a cabeça.

— Estou com um mau pressentimento sobre isso — comentei. — Não consigo imaginar aquela pintura caindo nas mãos de ladrões. Ela pertence a algum museu em algum lugar, uma galeria, onde possa ser admirada e guardada.

— E nós garantiremos que isso acontecerá — Westry me assegurou. — Assim que o navio passar. Prometo. Eu o trarei de volta a você.

— Promete?

— Sim — ele respondeu, beijando meu nariz.

Eu me virei para o alojamento.

— Tenha cuidado — pedi.

— Você também.



— Aí está você! — a enfermeira Hildebrand sussurrou no corredor. Até mesmo os sussurros dela pareciam gritos. — Não tenho tempo para ouvir suas explicações, então apenas direi que você é a última das enfermeiras a ir para o porão. Os japoneses estão chegando. O coronel deu ordens para as mulheres irem para baixo. Temos de nos apressar.

Meu coração batia disparado enquanto seguia a enfermeira Hildebrand pelos dois lances de escada. Bati a mão no colarinho de meu vestido, onde havia colocado o broche que Kitty me dera em Seattle. Eu o pusera por instinto naquela manhã e arfei ao perceber que ele não estava mais lá. Parei abruptamente.

— O que está esperando? — repreendeu a enfermeira Hildebrand.

Perturbada, olhei os degraus abaixo e de volta para cima, em direção à porta.

— É que — cambaleei, tateando os bolsos de meu vestido freneticamente — perdi uma coisa. Algo muito importante para mim.

— Sua vida é importante para você, não é?

Assenti timidamente.

— Então vamos. Temos de chegar ao porão.

Como pude ser tão descuidada e perder o broche? Imaginei-o jogado na praia, enterrado em um monte de areia enquanto uma onda o carregava para o mar. Eu me arrepiei pensando em Kitty. *Será que isso é um sinal do fim de nossa amizade?*

Segui a enfermeira Hildebrand mais para baixo na escada, por uma porta trancada, e então observei quando ela puxou um tapete e abriu uma tranca no chão.

— Você primeiro — ela ordenou, apontando para uma caverna escura abaixo.

Desci uma escada até um espaço sombrio onde algumas lamparinas tremeluziam. Quando meus

pés alcançaram o chão, consegui distinguir Liz e Stella, e algumas outras a distância.

— Kitty? — chamei. — Está aqui?

Houve somente silêncio como resposta. Virei-me para a enfermeira Hildebrand com preocupação.

— Ela está lá — disse ela, apontando para a luz de uma única lamparina no fundo do canto direito.

— Kitty — falei, caminhando na direção dela até conseguir ver seu rosto pequeno e assustado, seus cachos rebeldes e desarrumados escapando. Ela estava encostada na parede, parecendo deprimida.

— Estava preocupada achando que você não viria — ela admitiu, enxugando uma lágrima.

Sentei-me ao lado dela e lhe apertei a mão.

— Estou aqui agora.



Ninguém sabia o que estava acontecendo lá em cima. Depois de duas horas, ou o que pareceu doze, a enfermeira Hildebrand incumbiu Stella de passar as rações de comida, água e os feijões enlatados. O suficiente para durar dias, até mesmo semanas. Pensei na possibilidade de viver no escuro, comendo fiambre enlatado e tremi.

— Aqui — disse Stella me oferecendo um cantil. Dei um gole demorado e engoli com força. Tinha gosto de ferrugem.

Nós todas congelamos ao ouvir passos no andar de cima.

— Enfermeiras — sussurrou a enfermeira Hildebrand, pegando um rifle na parede. — Apaguem suas lamparinas.

Nós obedecemos e ouvimos, na escuridão, enquanto os passos chegavam cada vez mais perto, cada vez mais altos. Houve um barulho abafado, e então um rangido da porta do alçapão se abrindo. Apertei a mão de Kitty com mais força. *Meu bom Deus. Os japoneses estão aqui.*

Mas, em vez de um sotaque estrangeiro, uma voz familiar soou no porão.

— Enfermeiras, o perigo já passou. O navio virou para o oeste. Podem sair agora.

As mulheres soltaram um grito de comemoração; todas, exceto Kitty, que apenas olhava fixamente para a frente.

— Venha, querida — eu disse. — Já passou. Podemos sair agora.

Ela parecia aterrorizada, como se eu a tivesse acordado de um sonho. Quando acendeu a lamparina, pude ver a névoa conhecida em seus olhos. A distância.

— Sim, claro — ela concordou, ficando de pé e andando na minha frente.



— Dá para acreditar que vamos embora amanhã? — Liz maravilhava-se no café da manhã do dia seguinte.

Amanhã. Tenho temido esse dia desde o momento em que me apaixonei por Westry. Ir embora da ilha significava o fim de nossa realidade, e o início de uma nova — uma realidade que eu temia, que seria bem mais complicada do que imaginávamos.

— Os homens embarcam pela manhã — Stella acrescentou. Assim como eu não gostava da ideia de que Westry partiria, ela também não gostava da realidade de que Will lutaria na Europa.

— Estive pensando — ela continuou. — Se eu fosse servir na Europa, pelo menos estaria mais perto dele. Caso...

Sacudi a cabeça. A guerra tinha afetado muito Stella, que agora estava chocantemente magra. Ela precisava ir embora mais do que qualquer uma de nós.

— Ir para a Europa não irá protegê-lo — eu disse. — Vá para casa. Espere por ele lá.

Ela assentiu.

— Dá para acreditar em Kitty? Ouvi que ela irá para a França, bem no meio da ação. Ela está se engajando em um grupo que vai para a Normandia.

Meu rosto enrubesceu. França? *Por que ela não me contou até onde iam seus planos? Será que ela acha que não me importo?*

— Bem, falando do diabo... — disse Stella apontando para a porta.

Kitty entrou no refeitório sorrindo. As bochechas pareciam rosadas do jeito que costumavam ser. Ao se aproximar de nossa mesa, vi que ela estava segurando um maço de hibiscos amarelos, e minhas bochechas pegaram fogo diante daquela visão.

— Bom dia, senhoritas — disse ela. — Como está a ração de hoje?

Senti os olhos de Stella presos ao lado de minha cabeça.

— Boa — Liz respondeu alheia à tensão no ar —, caso goste de ovos emborrachados.

Kitty gargalhou colocando as flores, amarradas em uma única fita branca, sobre a mesa.

— Não são lindas? — ela perguntou, admirando as pétalas amarelas contrastando com o tampo bege estéril da mesa. Eu os reconheci instantaneamente, é claro: os hibiscos que cresciam perto do bangalô. Só podia ser.

— Ora, vejam só! — exclamou Stella. — Parece que alguém tem um admirador.

— Ah, Stell — disse Kitty fingindo modéstia.

— Então, onde as arrumou? — perguntou ela sem trégua. Desejei que ela parasse. Não queria saber.

Kitty abriu um sorriso e virou-se na direção da fila do bufê, deixando-nos com nossa imaginação.

Stella limpou a garganta e sorriu com malícia.

— O que eu lhe avisei no primeiro dia nesta ilha?

Eu me levantei abruptamente e comecei a caminhar em direção à porta.

— Anne — Stella chamou. — Espere. Não quis dizer nada com isso. Volte aqui.

Do lado de fora, no caminho para o alojamento, meu coração batia forte enquanto recapitulava as últimas semanas. Pensei na maneira como Kitty se animava toda vez que Westry aparecia, e no modo que tinha se afastado de mim. *É óbvio que Kitty sente alguma coisa por Westry.*

Congelei por um momento. *Seria possível que ele se sentisse atraído por ela?* Todos os homens em nosso passado, com exceção a Gerard, tinham preferido Kitty a mim. Ela fora convidada para dançar. Ela recebera meia dúzia de convites para o banquete de Boas-Vindas, enquanto eu, apenas um. Meus pensamentos corriam soltos. *A carta. Meu Deus. Westry não pareceu nem um pouco preocupado com a possibilidade de alguém tê-la pegado. Será que fingiu ter sido roubada, assim não teria de enfrentar minha declaração de amor, minha esperança para o futuro, de um futuro juntos?*

Chutei uma pedra no caminho e sacudi a cabeça, desconsiderando a linha de pensamento perturbadora. *Não, não pensarei nisso nem por mais um minuto, não quando partiremos amanhã. Não quando temos apenas mais quatro horas juntos. Não há tempo para tolices.*



— É isso — Kitty falou na manhã seguinte depois do café da manhã, suspirando. Ela inclinou-se para fechar o zíper da mala, que parecia estranhamente menor do que a mochila enorme que eu arrastara para dentro deste quarto dez meses antes. Assim como a mala, Kitty perdera parte de si mesma nesta ilha.

— Meu voo sai daqui a uma hora — disse ela com uma voz distante, o olhar voltado para a montanha do lado de fora da janela, um cenário que sempre capturara a atenção dela. — A enfermeira Hildebrand e eu nos encontraremos com uma esquadrilha voando para a França amanhã. E então... — A voz dela se perdeu.

Kitty na França. Totalmente sozinha. Eu odiava a ideia, assim como odiara a ideia de ela vir para cá, para o Pacífico Sul, sozinha. Não fazia diferença o que achava dos sentimentos dela por Westry. Eu sabia que, em algum lugar além das camadas de cicatrizes emocionais que a encobriam como uma armadura, estava minha amiga. No entanto, dessa vez eu não insistiria em ir com ela.

— Ah, Kitty! — falei ficando em pé. *Se eu pudesse atingi-la.* — Por que as coisas se saíram desse jeito para nós?

Kitty deu de ombros pegando sua mala. Ela olhou para mim por um longo momento.

— A ilha tem seus próprios caminhos, eu acho — ela finalmente murmurou.

— Não, Kitty, você está enganada — falei ouvindo o pânico em minha voz, pânico pelo que parecia ser o fim de uma amizade, o fim de uma era. Pensei em minhas transgressões como amiga. *Poderia ter passado mais tempo com ela. Poderia ter lhe dado mais apoio durante as últimas*

semanas de gravidez, mas não tinha dado? Acima de tudo, deveria ter sido honesta com relação ao bangalô, com relação a tudo. Mantive muitos segredos entre nós. Segredos que eu jurara nunca ter. — Kitty — implorei. — Eu não mudei. Continuo a mesma Anne de sempre. E posso apostar que você ainda é a mesma Kitty de sempre, em seu coração. Não há nada que queira mais do que continuar sendo Anne e Kitty.

Ela me encarou com olhos que não reconheci. Estavam mais cansados e mais velhos, mais sofridos.

— Gostaria disso também — disse ela suavemente, afastando-se de mim. — Mas acho que agora não podemos mais.

Assenti, sentindo as lágrimas surgirem de um lugar profundo dentro de mim. Elas encheram meus olhos antes de rolarem espontaneamente pelo meu rosto.

— Adeus, Anne — disse Kitty sem virar para trás. O tom dela era frio, do jeito que eu a testemunhara falando com os empregados na casa dela quando éramos pequenas, ou com o atendente da farmácia. Senti vontade de gritar: "Kitty, pare com isso agora. Vamos terminar com essa brincadeira", mas, tudo o que consegui fazer foi permanecer ali em pé, muda, chocada demais, triste demais para abrir minha boca. — Desejo tudo de bom a você — disse ela, alcançando a maçaneta da porta. — Com tudo.

A porta fechou com um clique e o silêncio pulsava dentro do quarto. Caí no chão, soluçando dentro de minhas mãos pelo que pareceram horas. *Que direito ela tem de ir embora assim, de declarar o fim de nossa amizade? Como ela pôde ser comportar com tanta frieza?*

Quando o relógio me informou que eram onze horas, obriguei-me a me levantar, tirando meus membros cansados do chão. Havia prometido a Westry dizer adeus na pista de pouso, e o voo dele sairia em meia hora, logo após o meu.

Coloquei minha mala ao lado da porta e fitei o espelho para ver os meus olhos vermelhos e inchados. Eu mal me reconhecia.



Por um momento, fiquei com medo de não encontrá-lo. Semicerrei os olhos enquanto focava na multidão espessa e agitada de homens, cobertos do verde do exército. Uma pequena legião ficaria na ilha, mas a maioria, incluindo Westry, fora designada para novas tarefas. França. Grã-Bretanha. E alguns poucos sortudos, como eu, iriam para casa.

Semicerrei os olhos, analisando os rostos, e então, indo em direção ao final da multidão, nossos olhos se encontraram.

Ignorando as ordens dos alto-falantes para que as enfermeiras começassem a embarcar, deixei minha mala perto de Stella e Liz e corri até Westry. Ele me tomou nos braços e nos beijamos.

— Não chore, meu amor — disse ele, limpando uma lágrima de meu rosto. — Isto não é um adeus.

— É claro que é — falei passando minha mão pelo rosto recém-barbeado dele. — Não

sabemos o que acontecerá por lá. — Percebi que essa declaração seria tanto para mim quanto para ele.

Westry balançou a cabeça, tirando da mochila um ramalhete de hibiscos amarelos, colocando-o em minhas mãos. Uma fita branca frouxa prendia as flores.

Kitty.

— Essas flores — refutei. — Você deu essas mesmas flores para Kitty ontem, não deu?

Westry pareceu confuso, então concordou balançando a cabeça.

— Bem, sim — ele admitiu. — Eu estava...

Outra voz soou pelo alto-falante.

— Todos os homens prossigam para o embarque.

— Westry — eu disse em pânico. — Há alguma coisa que precisa me contar? Algo sobre Kitty?

Ele olhou para os pés momentaneamente e, em seguida, de volta para mim.

— Não é nada — disse ele —, mas mesmo assim eu deveria ter lhe contado. Algumas semanas atrás eu a encontrei na praia chorando. Eu estava a caminho do bangalô e a convidei para se juntar a mim.

Minhas bochechas queimaram. *Westry a levara ao nosso bangalô, sozinho, sem mim?*

Sacudi a cabeça sem poder acreditar.

— Por que não me contou? Por que *ela* não me contou?

— Sinto muito, Anne — ele se desculpou. — Sinceramente, não achei que fosse grande coisa.

Virei-me para olhar para o avião que me levaria para casa. Stella estava em pé ao lado dele, abanando os braços freneticamente para mim.

— Anne! — ela gritou. — Está na hora de ir!

Dei uma última olhada em Westry. O vento tinha lhe desgrenhado o cabelo. Senti vontade de passar minhas mãos pelas mechas louras de tom areia, do jeito que tinha feito centenas de vezes no bangalô, inalar o cheio da pele dele, me entregar a ele. Mas, desta vez, algo me impediu de fazê-lo.

— Adeus — sussurrei em seu ouvido, deixando meu rosto roçar o dele uma última vez. Puxei sua mão e coloquei as flores dentro dela, antes de correr em direção ao avião.

— Anne, espere! — Westry gritou. — Espere, o quadro. Você o pegou?

Congelei.

— Como assim, se eu o peguei? Achei que você fosse buscá-lo.

Westry jogou as mãos para cima.

— Sinto muito, Anne — disse ele, parecendo dominado pelo pânico. — Tinha a intenção de voltar, mas simplesmente não havia tempo. Eu...

A unidade dele já tinha embarcado no avião, e pude ver o comandante caminhando na direção

dele. Virei-me em direção à praia e me perguntei, se corresse rápido, se conseguiria voltar ao bangalô para pegar a tela antes que o avião partisse.

— Por favor — implorei a Stella, que estava em pé na base da escadaria que levava até a cabine do avião. — Por favor, diga ao piloto que preciso de quinze minutos. Deixei uma coisa na base. Prometo, serei rápida.

O piloto apareceu atrás dela.

— Sinto muito, senhorita, não temos tempo — disse ele com firmeza. — Você precisa embarcar agora.

Ao subir os degraus, minhas pernas pareciam ter sido amarradas com chumbo. Antes de o assistente do piloto fechar a porta meus olhos encontraram os de Westry. Eu não podia ouvi-lo por cima do motor do avião, que estava rugindo como um monstro, mas conseguia ler os lábios dele.

— Sinto muito — disse ele. — Eu voltarei. Por favor, não se preocupe, Anne. Eu...

A porta se fechou violentamente antes que eu pudesse interpretar as últimas palavras dele. *Que diferença fazia?*, eu pensei, secando os meus olhos com um lenço. A magia que encontramos no bangalô se fora, e podia sentir a magia desaparecendo à medida que o avião ganhava força e altitude. Eu assisti à ilha ficar cada vez menor, até se transformar em um mero ponto no mapa. Um ponto onde tanta coisa acontecera, e onde tanta coisa fora deixada para trás.

Stella inclinou-se em minha direção.

— Sentirá saudades?

Balancei a cabeça.

— Sim — respondi com franqueza.

— Acha que um dia voltará? — ela perguntou com cautela. — Will e eu falamos sobre voltar para uma visita. Quando a guerra terminar, é claro.

Olhei pela janela de novo antes de responder, incapaz de tirar os olhos da mancha esmeralda flutuando pelo mar azul-turquesa.

— Não — garanti a ela. — Acho que nunca mais voltarei.

Apertei o medalhão pendurado em meu peito, agradecida pela lasca de madeira do bangalô estar a salvo lá dentro. Com ela eu poderia sempre voltar, pelo menos em meu coração.

Capítulo 13



— Sentimos sua falta, minha pequena — Papa disse enquanto eu subia no carro, agradecida por não ver Maxine no banco detrás. Mesmo com meses para processar o caso de amor deles, a revelação que destruíra a unidade familiar à qual eu pertencia, aquilo ainda não fazia sentido para mim.

Suspirei, recostando-me no couro macio do Buick enquanto Papa ligava o motor e começava a dar a ré. Aqui não haveria jipes, estradas de pedregulhos ou buracos.

— É bom estar em casa — eu disse, inspirando profundamente o ar temperado de Seattle. A viagem de volta fora desgastante, com vários voos e uma passagem de quatro dias pelo mar. Isso me deu tempo para pensar, para amarrar as pontas soltas que atormentavam minha mente, todavia, quando saí do avião e pus os pés na pista em Seattle, meu corpo tremia de incerteza.

— Gerard está em casa — disse Papa um pouco cauteloso, como se estivesse pisando em ovos.

Olhei para as mãos no meu colo, as mãos que amaram Westry, que ainda amavam Westry. Mãos traidoras.

— Ele quer me ver? — perguntei.

— Claro que sim, querida — Papa afirmou. — Talvez a verdadeira pergunta seja se *você quer vê-lo*.

Papa podia ver meu coração. Sempre pôde.

— Não sei, Papa — sussurrei, começando a chorar. — Não sei mais o que eu quero.

— Venha aqui, meu docinho — disse ele. — Cheguei mais perto dele no assento da frente, e ele passou o braço firme ao meu redor, um abraço que me dizia que, apesar de tudo, eu ficaria bem. Apenas gostaria de poder acreditar.



Windermere parecia intocada pelo tempo, pela guerra. Ao passarmos pelas propriedades conhecidas, no entanto, eu sabia que as aparências enganavam. A casa dos Larson, por exemplo, ainda tinha a mesma grama e o mesmo jardim maravilhoso, com os vasos arrumados e a fonte de querubins no centro da rotatória da garagem, mas eu sabia que a dor no coração habitava cada parede, cada superfície. Os gêmeos não viriam para casa. Terry morrera em uma batalha perto de

Marselha; Larry em um acidente de avião dois dias depois, a caminho de casa para confortar a mãe.

A mansão dos Godfrey também mantinha as aparências, ainda que eu soubesse que havia uma história maior pairando por trás dos portões. Ao passarmos por ela, segurei o fôlego, lembrando-me da noite da festa de noivado, do rosto de Kitty, e de como tínhamos nos sentado na calçada do lado de fora fazendo planos para o futuro. *Se soubéssemos como as coisas acabariam, será que teríamos ido da mesma forma?*

As lembranças incomodavam e eu afastei o olhar rapidamente.

— Ele chegou em casa na sexta-feira — Papa contou. — Foi mandado para casa um pouco mais cedo, de licença médica.

Fiquei tensa.

— Licença *médica?*

— Sim — ele confirmou. — Ele levou um tiro no braço e no ombro. Talvez ele nunca recupere o movimento do braço esquerdo, mas, para um cenário de guerra, isso não é uma tragédia.

Ondas de emoção percorreram meu corpo. Papa estava certo. Meninos estavam sendo mutilados, mortos. O ferimento de Gerard mal se comparava àquilo, no entanto, por algum motivo, essa notícia me fez sofrer de uma maneira inesperada.

— Não chore, querida — disse Papa, passando a mão pelo meu cabelo. — Ele ficará bem.

— Eu sei — falei entre lágrimas. — Sei que ficará. É só que...

— É difícil de assimilar — ele continuou. — Eu sei.

— Essa guerra — continuei chorando — mudou tudo, todos nós.

— É verdade — concordou papai solenemente, estacionando o carro na garagem de sempre. Tudo era o mesmo, claro, exatamente como era quando eu fui embora. Mas não; eu sabia disso. E eu nunca poderia voltar a ser do jeito que fora antes.



Ouvi uma batida abafada à minha porta. *Onde estou?* Sentei-me ereta e tentei me recompor. As velhas e conhecidas cortinas de renda. A cama enorme com rodinhas. Sim, estava em casa. *Mas que horas eram? Que* dia *era*? A escuridão do lado de fora da janela me avisava que era tarde. *Muito tarde? Quanto tempo eu dormi?* A chuva caía sobre o teto, e eu fechei meus olhos me lembrando das tempestades de chuva nos trópicos, particularmente da maneira como Westry e eu tomamos banho juntos naquele aguaceiro que caiu na praia. Ainda podia sentir seu abraço, o cheiro de sua pele. Pisquei. *Será que foi só um sonho?*

Enrosquei o cobertor mais apertado ao redor do corpo e ignorei a batida que soou novamente à porta, desta vez um pouco mais alta. Eu não conseguiria encarar Maxine. Ainda não. *Vá embora. Por favor, vá embora. Deixe-me com minhas lembranças.*

Momentos mais tarde, um pedaço de papel escorregou pelo piso de madeira embaixo da porta.

Eu o olhei fixamente por um tempo, tentando ignorar sua presença, mas ele parecia pulsar, reluzir como uma luz brilhante que eu não conseguia bloquear da minha visão. Assim, sentei-me, obriguei-me a colocar os pés no chão e o peguei.

Segurei o quadrado de papel de carta bege em minhas mãos e respirei fundo ao ver aquela conhecida letra cursiva.

Minha queria Antoinette,

Sei que você está sofrendo. Eu também estou. Por favor, deixe-me confortá-la.

Maxine

Enrosquei meus dedos em volta da maçaneta fria e a girei devagar, abrindo a porta rápido o bastante para ver Maxine em pé no corredor do lado de fora, o cabelo puxado para trás como de costume. Um avental, impecavelmente passado a ferro, circundava sua cintura fina. Ela segurava uma bandeja de sanduíches. Uma única rosa cor-de-rosa descansava em um vaso solitário e baforadas de vapor saíam de uma caneca branca. Eu podia sentir o cheiro do Earl Grey.

Soltei a mão apertada da maçaneta.

— Ah, Maxine — eu disse entre lágrimas.

Ela acomodou a bandeja em minha mesinha de cabeceira e me tomou nos braços. As lágrimas emergiam com uma força vulcânica, primeiro em pequenos esguichos, depois em jorros gigantescos, saindo de meu coração, de minha alma, com tanta avidez que me perguntei se um dia pariam.

— Coloque tudo para fora — ela sussurrou. — Não guarde nada.

Quando as lágrimas pararam, Maxine me passou um lenço e uma xícara de chá, e me recostei na cabeceira, trazendo meus joelhos até o peito, embaixo de minha camisola de algodão cor-de-rosa.

— Não precisa falar nada — disse ela suavemente — se não quiser.

Olhei dentro dos olhos dela pela primeira vez e pude ver a angústia que estava ali.

— Sinto muito — ela se desculpou — pela carta que lhe enviei. Nunca deveria tê-la mandado. Deveria ter deixado o seu pai contar a você. Não era para eu ter me intrometido.

Alcancei as mãos de Maxine. Os dedos dela estavam frios.

— Você sempre foi honesta comigo — falei. — Fez bem em enviar a carta.

— Será que um dia me perdoará? — O sotaque carregado dela a fez soar, de algum modo, ainda mais frágil, mais vulnerável. — Será que um dia irá me amar do jeito que me amava?

Respirei fundo.

— Nunca deixei de amar você, Maxine.

Os olhos dela brilharam como se aquela fosse a única resposta de que precisava.

— Agora — disse ela —, coma seus sanduíches e me conte sobre o Pacífico Sul. Sinto que há

uma história que precisa ser contada.

Eu peguei um *croque monsieur* e balancei a cabeça, ávida para lhe contar a história toda. Bem, pelo menos partes dela.



A chuva passou no dia seguinte, e quando as nuvens se abriram para revelar o sol de junho em Seattle, meu coração sentia-se mais leve.

— Bom dia, Antoinette — Maxine cantarolou da cozinha. — O café da manhã está servido.

Eu sorri e me juntei a Papa à mesa, analisando meu prato: frutas frescas, torrada com manteiga e omelete — um verdadeiro banquete comparado às rações da ilha.

Maxine pendurou seu avental e sentou-se conosco à mesa. Papa lhe fez um carinho no rosto e eu percebi que, mesmo que tivesse aceitado o amor deles, ainda levaria um tempo para me acostumar. *Como será que a mamãe está encarando a novidade?*

— Papa — eu disse com cautela —, tem notícias da mamãe?

Maxine abaixou o garfo. O ar parecia espesso e desconfortável.

— Sim — ele respondeu. — Ela está em Nova York, querida. Claro que sabe disso. Ela lhe escreveu, eu suponho. — Ele tirou um pedaço de papel do bolso. — Ela me pediu para ligar para ela neste número. Gostaria que fosse até lá para vê-la. — Ele fez uma pausa. — Quando você estiver pronta.

Dobrei o papel amassado e o coloquei perto de meu prato. Ela estava fazendo compras, indo a eventos de moda, sem dúvida. *Mas será que estava feliz?*

— Gerard ligou hoje de manhã — Papa informou, ávido para mudar de assunto.

— Ah, é?

— Ele gostaria de passar por aqui esta tarde.

Minhas mãos instintivamente procuraram meu medalhão. Procuraram um sinal.

— Claro — respondi, procurando a aprovação de Maxine. — Eu o verei.

O sorriso de Maxine me dizia que eu tomara a decisão certa. O primeiro passo para fazer a nova realidade ter algum sentido era encarar Gerard e assumir a vida que tínhamos planejado juntos. Esfreguei minha mão no lugar onde um dia ficara meu anel de noivado e suspirei.

— Que bom — Papa comentou atrás de seu jornal. — Disse a ele para vir por volta das duas horas.



Ouvi o carro de Gerard parar na garagem, em seguida o som de seus passos na varanda. Congelei. *O que direi a ele? Como agirei?*

Maxine deu uma olhada para dentro de meu quarto e fez um gesto em direção às escadas.

— Ele está aqui, Antoinette — ela falou suavemente. — Está pronta?

Ajeitei o meu cabelo e caminhei até o topo da escadaria.

— Sim — afirmei, retomando a compostura.

Um passo, depois dois. Podia ouvir a voz de Gerard na sala de visitas conversando com Papa. A proximidade dele fez meu coração palpitar de um modo pelo qual eu não esperava. *Três passos. Quatro.* As vozes pararam. *Cinco passos, seis.* E lá estava ele, em pé na base da escadaria, olhando para mim com tanto amor, com tanta intensidade que não pude afastar os meus olhos dele.

— Anne! — ele disse.

— Gerard! — minha voz falhou um pouco. O braço esquerdo dele repousava em uma tipoia bege.

— Bem, ficará aí parada ou dará um beijo neste soldado ferido?

Abri um sorriso e cruzei os últimos degraus, dando as boas-vindas ao abraço dele antes de plantar um beijo leve em seu rosto, operando à base dos instintos, ou da memória muscular.

Papa limpou a garganta e balançou a cabeça para Maxine.

— Deixaremos vocês dois a sós — disse ele sorrindo. — Precisam colocar a conversa em dia.

Gerard pegou minha mão e me acompanhou até o sofá da sala antes de, com seu braço bom, fechar as portas duplas atrás de nós.

— Não imagina o quanto senti sua falta — ele declarou, sentando-se ao meu lado.

Eu me esquecera do quanto ele era atraente, muito atraente.

— Sinto muito por não ter escrito mais vezes — eu me desculpei franzindo o cenho.

— Não tem problema — ele respondeu carinhosamente. — Eu sabia que estava ocupada.

Mas se soubesse da verdadeira razão será que seria tão complacente?

— Seu braço — falei tocando de leve o ombro dele, em seguida puxando minha mão com pressa. — Ah, Gerard. O Papa está dizendo que talvez nunca mais possa usá-lo.

Ele deu de ombros.

— Eu poderia ter morrido lá — ele disse, olhando para o colo. — Todos os homens à minha volta foram mortos. Todos, exceto eu. Não consigo entender por que fui poupado.

Podia ver que, assim como eu, Gerard carregava um grande peso em seu coração, o dele mais nobre do que o meu.

Ele pegou minhas mãos e então fez uma pausa, segurando minha mão esquerda, nua sem o anel de noivado.

— Gerard, eu...

Ele balançou a cabeça.

— Não precisa explicar — ele falou. — Só tê-la aqui, tê-la de volta já é bom o bastante.

Deixei que minha cabeça repousasse no ombro dele.

Setembro 1944

— Dá para acreditar que vou me casar? — perguntei a Maxine, admirando o vestido de seda branca que mamãe tinha enviado da França antes de a guerra estourar.

— Você está linda, Antoinette! — disse ela, enfiando um alfinete no corpete. — Vamos só pedir que a costureira ajuste um pouquinho aqui. Você tem perdido peso?

Dei de ombros.

— São só os nervos, é só isso.

— Tem alguma coisa lhe incomodando, minha querida? Sabe que pode me contar.

O telefone tocou antes que eu pudesse responder à pergunta.

— Eu atendo — eu disse descendo rapidamente as escadas até a cozinha. — Provavelmente é Gerard.

— Olá! — atendi alegremente, um pouco sem fôlego. — Nunca vai adivinhar o que estou usando.

A estática crepitava na linha.

— Anne? — falou uma voz feminina conhecida. — Anne, é você?

— Sim, aqui é a Anne — respondi. — Quem é?

— Sou eu, Mary.

Arfei.

— Mary, meu Deus, como vai?

— Estou bem — ela respondeu. — Não tenho muito tempo, então vou falar rápido. Estou ligando com más notícias, infelizmente.

Podia sentir o sangue se esvaindo de meu rosto. *Mary. Más notícias.*

— O que é?

— Estou em Paris — ela contou. — Estou aqui por causa de Edward, mas essa é outra conversa. Provavelmente ouviu sobre a libertação da cidade.

— Sim — eu disse ainda chocada por estar falando com minha velha amiga.

— É um sonho, Anne. Os Aliados estão aqui. Durante um tempo, pensamos que não fosse acontecer. — Ela fez uma pausa. — O que você precisa saber é que hoje, no hospital do exército, eu vi Kitty e...

Eu sempre pensava em Kitty, especialmente agora que a data do meu casamento se aproximava. E agora a menção dela inflamava a velha ferida em meu coração.

— Mary, ela está bem?

— Sim — ela respondeu. — Ela está bem. Mas, Anne... Anne, é o Westry.

Eu me sentei quando a sala começou a rodar, sentindo o alfinete solto do vestido de casamento me picando do lado.

— Anne, ainda está aí?

— Estou — respondi baixinho. — Ainda estou aqui.

— Ele foi ferido — ela continuou. — Foi atingido. Ele fazia parte da Quarta Divisão de Infantaria, os homens que bombardearam a cidade. Mas o batalhão dele foi atacado. A maioria morreu. Ele, de algum modo, sobreviveu.

— Meu Deus, Mary, foi muito ruim?

— Não tenho muita certeza — disse ela —, mas pelo jeito que estão as coisas... bem, Anne, não parece bom.

— Ele está consciente?

A linha começou a falhar de novo.

— Mary, ainda está aí?

— Estou — ela respondeu. — Estou aqui. — A voz dela soava distorcida e mais distante do que momentos atrás. Sabia que a conexão poderia desaparecer a qualquer instante. — Você precisa vir, precisa vê-lo antes de...

— Mas como? — gritei em pânico. — As viagens estão restritas, especialmente para a Europa.

— Eu sei como — disse Mary. — Tem um papel e um lápis?

Corri até a gaveta da cozinha e puxei uma caderneta. Tinha a letra da mamãe na capa, o que me fez perceber o quanto sentia saudades dela. Depois de mais de um ano em casa, eu precisava ir visitá-la em Nova York.

— Estou pronta — eu disse.

— Anote este código — ela ordenou. — A5691G9NQ.

— O que quer dizer?

— É um código de viagem para o Serviço Estrangeiro — ela informou. — Pode usá-lo para embarcar em um navio saindo de Nova York para Paris daqui a quatro dias. E, quando chegar, venha para o meu apartamento: Saint Germaine, três, quarenta e nove.

Eu rabisquei o endereço na caderneta e então chacoalhei a cabeça.

— Acha mesmo que isso adiantará?

— Sim — disse ela. — E se ficar em apuros, mencione o nome Edward Naughton.

Agarrei o gancho com força, tentando manter a conexão, o contato com ela.

— Obrigada, Mary. — Mas a linha já havia sido engolida pela estática. Ela se fora.

— Gerard, preciso lhe dizer uma coisa — falei naquela noite durante o jantar. Empurrei meu prato para o lado. O jantar, mesmo sendo salmão grelhado com batatinhas assadas, não me interessou.

— Você mal tocou sua comida — disse ele, franzindo a testa.

De terno cinza, ele estava elegante sentado do outro lado da mesa. A guerra transformara o Cabaña Club em uma cidade fantasma sem o bochicho das pessoas e da conhecida nuvem de fumaça dos cigarros. Um saxofonista solitário tocava no palco. De algum modo, parecia uma traição estar ali, uma traição a todos aqueles que perderam suas vidas, ou que estavam em agonia nos hospitais. Engoli em seco.

— O que é, meu amor? — ele continuou, tocando os cantos da boca com um guardanapo de tecido branco.

Respirei fundo.

— Enquanto estive no Pacífico Sul, houve um homem. Eu... eu...

Gerard fechou os olhos com força.

— Não me diga — ele pediu, sacudindo a cabeça. — Por favor, não me conte.

Balancei a cabeça.

— Compreendo. Mas há algo que preciso fazer, antes do casamento.

— O quê?

— Preciso me ausentar — falei. — Por pouco tempo.

Gerard pareceu magoado, mas não protestou.

— E quando voltar será você mesma de novo?

Olhei profundamente nos olhos dele.

— É por isso que preciso ir — expliquei. — Preciso saber.

Ele afastou os olhos. Minhas palavras haviam o machucado e eu odiava aquilo. O braço esquerdo dele, o braço ruim, se pendurava no torso, largado, sem vida. Ele não gostava de usar a tipoia quando saíamos.

— Anne — disse ele, limpando a garganta. A voz dele fraquejou um pouco, e ele parou para recuperar sua força. Gerard nunca chorava. — Se é disso que precisa. Se há uma chance de ter seu coração por inteiro novamente, então eu esperarei.

Capítulo 14



Papa me levou até a estação de trem na manhã seguinte. Seria uma longa jornada até Nova York, mas era a única maneira. Eu ficaria com mamãe por um dia antes de embarcar no navio sobre o qual Mary falara. Rezava para que Westry pudesse aguentar até minha chegada. Havia tanta coisa que precisava dizer a ele, e tanta coisa que precisava ouvir dele. *Será que a semente de amor que continua no meu coração ainda existe no dele?*

— Sua mãe ficará muito feliz em vê-la — disse Papa parecendo encabulado, do jeito que sempre ficava ao falar de mamãe. Não lhe parecia justo usar as palavras “muito feliz” e “mamãe” na mesma sentença, dado o estado do relacionamento deles, mas escolhi relevar esses detalhes.

— Tem o endereço, certo? — ele perguntou.

— Tenho — respondi, apontando para minha carteira, onde minha passagem e o endereço de mamãe estavam guardados.

— Que bom — ele disse. — Pegue um táxi da estação de trem diretamente para o apartamento dela. Tenha cuidado, minha pequena.

Sorri.

— Papa, parece ter se esquecido de que eu vivi em uma zona de guerra durante quase um ano. Acho que estarei bem na cidade.

Ele retornou meu sorriso.

— Claro que sim, querida. Ligue para mim com os detalhes da sua volta, e estarei aqui para lhe buscar.

Beijei seu rosto antes de embarcar no trem. O condutor pegou meu bilhete e me acompanhou até uma pequena cabine dentro da qual passei dois dias atravessando o país, sozinha.



Já era tarde quando o trem parou no terminal da Grand Central e, conforme ele deslizava pelos trilhos, as luzes da cidade cintilavam. Era difícil de imaginar a mamãe construindo um lar neste lugar tão imenso e tão arrojado, completamente diferente de Seattle.

Saltei do trem e puxei minha mala por entre o emaranhado de pessoas, passando por uma mulher com filhos demais, um homem com um macaco segurando um par de címbalos em

miniatura, um transeunte grisalho levantando o chapéu e resmungando algo que eu não conseguia entender.

Do lado de fora, na rua, um mar de táxis esperavam. Ergui minha mão e chamei atenção de um motorista de pele escura, que balançou a cabeça e apontou na direção do banco detrás.

Abri a porta e coloquei minha mala lá dentro antes de me sentar. O ar cheirava a cigarros e mofo.

— Vou para — parei para olhar no pedaço de papel na minha mão — Rua 57 Leste, no número 560.

Ele balançou a cabeça, distraído.

Meus olhos se enevoavam à medida que eu olhava pela janela. As luzes reluziam — verdes, vermelhas, cor-de-rosa, amarelas. Os marinheiros de folga, em uniformes brancos impecáveis, se penduravam nas mulheres — louras, morenas, altas e baixas. A guerra ainda não terminara, mas o jogo tinha virado. Dava para sentir, dos pequenos subúrbios de Seattle às ruas vibrantes de Nova York.

Os prédios lá fora passavam como cenas de um filme, um após o outro, compondo um cenário tão diferente quanto solitário. O táxi finalmente parou, de súbito, em uma rua de três vias.

— Aqui estamos, senhorita — disse o taxista. Eu paguei pela corrida, e ele colocou minha mala na rua, apontando para um sobrado de tijolo com uma porta de um vermelho intenso.

— Obrigada — agradeci virando-me em direção aos degraus. Toquei a campainha, e momentos depois mamãe apareceu. Eram quase onze horas, mas ela estava em pé na porta, toda maquiada e com um vestido vermelho com os ombros à mostra.

— Anne! — mamãe gritou, me puxando em sua direção com as mãos recém-esmaltadas. Uma azeitona saltou do copo e caiu no chão.

Ela deu um passo cambaleante para trás e eu derrubei minha mala para ajudá-la a se reequilibrar.

— Deixe-me olhar para você — disse ela com um falso tom de alegria. Os olhos dela passaram por mim, e em seguida ela balançou a cabeça em sinal de aprovação. — O Pacífico Sul lhe fez bem, minha querida. Uau, deve ter perdido uns cinco quilos!

Sorri.

— Bem, eu...

— Entre! Entre! — Ela se afastou da porta e seu vestido vermelho farfalhou à minha frente.

Eu a segui, arrastando minha mala até o *foyer*, onde um candelabro de cristal, grande e berrante demais para o pequeno espaço, reluzia no teto.

— Não é Windermere — disse ela dando de ombros. — Mas é meu lar agora. Passei a amar a vida da cidade.

Ela me acompanhou até um pequeno quarto de frente, com assoalho de madeira e um sofá vitoriano.

— Claro — ela continuou — que vou refazer tudo. Leon está me ajudando com isso.

Ela disse o nome dele como se eu o conhecesse.

— Leon?

— Meu decorador de interiores — ela informou, dando outro gole demorado no copo. Não me lembrava de mamãe gostar de martínis em Seattle, nem me lembrava dos ossos da clavícula saltando em seu peito. — Ele insistiu em malva para este quarto, mas não tenho certeza. Eu prefiro mais um tom de cerceta. O que acha, querida?

— Acho que tijolo seria um pouco arrojado para este quarto — respondi sinceramente.

— É exatamente esse visual que estou buscando, querida — disse ela passando a mão pela parede ao lado. — Arrojado. Seu pai era tão tradicional. — Ela deu um último gole no drinque, depois gargalhou. — Não preciso mais ser tradicional.

Eu assenti, preferindo não falar sobre Papa com ela naquele estado.

Ela sacudiu a cabeça.

— Olhe só para mim, falando sem parar desse jeito — disse ela, alcançando uma sineta sobre a mesinha de canto. — Você deve estar exausta, querida. Vou chamar Minnie.

Ela tocou a sineta e uma mulherzinha, não mais velha do que eu, se materializou momentos depois.

— Minnie, seja boazinha e acompanhe Anne até o quarto dela.

— Sim, madame — ela respondeu com um chiado.

— Boa noite, minha querida — despediu-se mamãe acariciando meu rosto. — Sei que não pode ficar muito tempo, mas tenho a manhã lotada de diversão antes de sua partida amanhã. Descanse um pouco, coração.

— Boa noite — eu disse, seguindo Minnie escadaria acima enquanto mamãe voltava ao bar e pegava outra garrafa de gim.



O som de uma buzina do lado de fora da minha janela no terceiro andar me acordou na manhã seguinte. Puxei o travesseiro sobre o rosto, esperando pegar no sono de novo, mas não tive sorte. Dei uma olhada no relógio; ainda não eram nem 6h40, mas, mesmo assim, me levantei e me vesti. A mamãe estaria esperando e eu queria passar o máximo de tempo possível com ela antes de embarcar no navio.

A luz brilhava pelas janelas no andar de baixo, revelando um espaço ainda mais solitário do que o da noite anterior. Não havia fotos nas paredes, nem quadros. A mamãe adorava pinturas.

— Bom dia, senhorita — disse Minnie timidamente da entrada da cozinha. — Posso lhe fazer um café ou um chá?

— Chá seria maravilhoso, Minnie, obrigada — eu disse sorrindo.

Momentos depois ela apareceu com uma xícara de chá em uma bandeja com um prato com frutas, um croissant e um ovo cozido.

Olhei para a bandeja.

— Devo esperar pela mamãe?

Minnie pareceu incomodada.

— Com relação a isso — disse ela. — Bem, é que, bem...

— Minnie, o que é?

— O sr. Schwartz esteve aqui a noite passada — disse ela nervosamente, buscando minha compreensão, ou aprovação.

— Quer dizer Leon?

— Sim, madame — ela respondeu. — Ele chegou depois que a senhorita se recolheu.

— Ah — respondi. — E a mamãe ainda está dormindo?

— Está.

— Minnie, ele ainda está aqui?

Ela olhou para os pés antes de morder a ponta do dedão da mão.

— Está, não está?

Minnie pareceu aliviada em dividir o segredo com alguém.

— Quando ele vem para ficar, eu geralmente só a vejo depois do meio-dia, às vezes, uma hora.

Balancei a cabeça, tentando ao máximo não demonstrar a decepção que sentia.

— Então tomarei meu café da manhã aqui mesmo — informei, pegando a bandeja. — Obrigada.

— Ah, senhorita... senhorita Anne. — Minnie insistiu nervosamente. — Não dirá nada a sra. Calloway que eu, que eu lhe contei tudo, não é?

Eu dei um tapinha em sua mão rechonchuda, assegurando-a.

— Claro que não — respondi. — Será nosso segredo.



Uma hora depois, saí do apartamento e fui para a rua. Tinha cinco horas antes de precisar tomar meu rumo até a doca, para embarcar no navio. Chamei um táxi sem saber para onde ir.

— Para onde, senhorita? — o motorista perguntou.

— Não sei — respondi. — Só tenho algumas horas para ficar na cidade. Tem alguma sugestão?

O motorista sorriu, revelando um dente de ouro.

— Que engraçado. Todo mundo por aqui parece saber exatamente para onde está indo.

Eu dei de ombros, levantando os olhos para o apartamento de mamãe. As cortinas do quarto dela ainda estavam abaixadas.

— Eu achava que sabia para onde estava indo. Achava que tudo estava resolvido, mas...

O taxista fez uma expressão preocupada.

— Veja bem, senhorita — ele explicou. — Não quis ferir seus sentimentos.

Eu balancei a cabeça.

— E não feriu.

— Ei — ele falou, tirando uma brochura dobrada do bolso da jaqueta. — Gosta de arte?

Pensei na pintura que tinha deixado para trás no bangalô. Como queria tê-la em minha posse neste momento.

— Sim — respondi. — Gosto.

— Então eu a levarei ao Met.

— O Met?

Ele olhou para mim do jeito que se olha para uma criança.

— O Metropolitan Museum of Art.

— Claro — concordei sorrindo. — Perfeito.

— Espero que encontre o que está procurando — despediu-se o taxista com uma piscadela.

— Eu também — eu disse, entregando-lhe três notas novinhas de minha carteira.

Minutos depois, estava parada em frente a um grande prédio de pedra, com suas enormes colunas de marfim marcando a entrada. Subi os degraus até as portas basculantes, caminhando até o balcão de informações diretamente à minha frente.

— Com licença, madame — perguntei. — Vocês não teriam, por acaso, algumas pinturas de artistas franceses aqui, teriam?

A mulher, quase da idade de mamãe, assentiu sem levantar os olhos de seu livro.

— Claro que temos, senhorita. Estão todos na ala leste do terceiro andar.

— Obrigada — agradeci, indo em direção a um elevador próximo. Sabia que era bobagem imaginar que pudesse encontrar qualquer quadro de Gauguin aqui. Mesmo assim, queria muito saber se a pequena tela no bangalô tinha qualquer semelhança com outros trabalhos dele. Será que Tita estava certa sobre o verdadeiro dono do bangalô? E sobre a maldição?

Saí do elevador no terceiro andar. Exceto pelo garotinho com um balão vermelho segurando com força a mão da mãe e um segurança parado em pé perto da parede oeste, o andar estava vazio.

Fui de quadro em quadro, lendo as plaquinhas embaixo: Monet, Cezanne, e outros cujos nomes eu não reconhecia. Depois de ter rodado pela sala toda, sentei-me, derrotada, em um banco perto do elevador.

— Com licença, senhorita. — Ergui os olhos para ver o segurança caminhando em minha direção. Ele puxou os óculos mais para baixo no nariz. — Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa?

Sorri.

— Ah, não é nada. Estava com essa ideia tola de que encontraria o trabalho de um certo artista aqui. Mas estava errada.

Ele meneou a cabeça para a direita.

— Qual artista?

— Ah, um pintor francês, um que fez a maioria de seus trabalhos no Pacífico Sul. Acho que teria mais sorte procurando na França.

— Qual o nome dele?

— Paul Gauguin — respondi, ficando em pé e apertando o botão de descida do elevador.

— Bem, claro que sim — o homem continuou. — Nós temos alguns trabalhos dele.

— Têm? — O sinal do elevador soou e a porta se abriu. Dei um passo para trás e deixei que ela se fechasse.

— Com certeza — ele falou, apontando para uma porta a alguns passos de distância. Um cadeado dourado estava pendurado na fechadura. — A ala está fechada para manutenção, mas vendo o quanto está interessada, posso abri-la, para uma ocasião especial.

Resplandeci.

— Poderia?

— Tenho a chave bem aqui — ele informou, batendo a mão nos bolsos da calça.

Eu o segui até a porta, e ele escorregou uma chave de metal dentro do cadeado e ficou segurando a porta para mim.

— Leve o tempo que precisar — disse ele com orgulho. — Estarei aqui fora.

— Obrigada — agradeci. — Muitíssimo obrigada.

Deslizei porta adentro, deixando-a fechar com um clique atrás de mim. A sala era pequena comparada à ala do lado de fora, mas as paredes estavam forradas de quadros. A princípio não sabia por onde começar, com as paisagens à direita ou com os retratos à esquerda, mas então uma tela me prendeu os olhos, uma paisagem de praia em uma parede ao fundo. Ela me parecia familiar, de algum modo. Seria muito desejar que o artista que um dia vivera no bangalô tivesse pintado aquele mesmo trecho de praia; no entanto, ao chegar mais perto, a ideia não me pareceu tão absurda.

A tela mostrava um arbusto de hibiscos amarelos perto de um bangalô com teto de palha. *Nosso bangalô*. A silhueta de uma mulher nativa pairava sobre a praia. Parecia uma companhia ao cenário da tela que estava no bangalô, como uma fotografia de uma cena tirada um pouco antes da outra.

Dei um passo para trás, procurando uma plaquinha com os detalhes da identificação, qualquer

coisa que falasse de sua origem, sua data, e, principalmente, de seu pintor. Mas a parede estava vazia.

Abri a porta e me recostei no corredor, tentando capturar a atenção do guarda.

— Com licença, senhor — cochichei.

Ele balançou a cabeça e veio ao meu encontro.

— Sim?

— Sinto muito por incomodá-lo, mas o senhor me disse que esta sala estava fechada para manutenção. Sabe se algumas das plaquinhas perto dos quadros foram retiradas? Há uma em particular sobre a qual gostaria de saber mais informações.

O homem sorriu.

— Deixe-me ver se consigo ajudá-la.

Lá dentro, eu apontei para a tela.

— É essa aqui.

— Conheço esse quadro — disse ele. — É muito especial.

— De quem é?

— Ora bolas, do sr. Paul Gauguin — disse ele com um sorriso aberto. — Com certeza pode-se dizer pelo desenho da mulher nativa ao fundo, e pela assinatura.

Balancei a cabeça, estupefata.

— Assinatura?

— Bem aqui — ele falou, apontando para um lugar no canto inferior à esquerda. A tinta amarela que ele costumava usar para assinar o nome se misturara aos hibiscos.

Claro que era Gauguin. Ah, se Westry estivesse aqui.

— E aqui está outro — ele continuou, apontando para uma tela maior a alguns metros, mostrando uma mulher de seios nus com uma pluméria no cabelo. Perdi o fôlego ao perceber a semelhança: *Atea. Ela era a imagem cuspida e escarrada de Atea.*

Caminhei de volta à cena da praia que tanto me cativara.

— Por acaso sabe quando ele pintou esta aqui?

— Deve ter sido durante o tempo que passou no Taiti — ele respondeu. — No início dos anos 1890.

— Taiti?

— É, ou por aquela região — ele falou. — Dizem que ele passou um tempo em todas as ilhas das redondezas. Na verdade, de vez em quando alguns dos trabalhos dele aparecem com um capitão de navio que faz permuta com os locais. Uma pintura de preço inestimável em troca de um pacote de cigarros. — Ele balançou a cabeça. — Dá para imaginar?

Eu assenti, sentindo o mesmo pânico que sentira no dia em que saí da ilha, sabendo que a

pintura poderia se perder para sempre.

— Sabe de mais alguma coisa sobre a vida dele nas ilhas?

— Apenas que ele era recluso — ele contou. — Ele vivia em pequenos esconderijos, tendo casos com mulheres da metade da idade dele e geralmente se envolvendo em tragédias. Ele morreu sozinho de um ataque cardíaco sifilítico. Uma vida bem infeliz, se quer saber.

Eu balancei a cabeça. *Tudo se encaixa. O bangalô. A pintura. O aviso de Tita. A maldição.*

Olhei para o segurança com um novo apreço.

— Como é que sabe tanto sobre Gauguin? — perguntei.

— Não há muitos ladrões de arte andando por estes corredores — ele disse com uma piscadela. — Tenho muito tempo à minha disposição aqui. Além disso, ele é o meu favorito. Não merece ficar isolado nesta sala. Deveria estar com os Monets, os Van Goghs.

Concordei, desejando poder me transportar de volta à ilha e recuperar a pintura que Westry e eu tínhamos deixado para trás. Eu a traria ao museu e pediria que a pendurassem bem aqui, bem ao lado da outra, completando a história que uma tela começou e que a outra poderia terminar de contar.



— Sinto muito por ter dormido demais hoje pela manhã, querida. — Mamãe desculpou-se do sofá quando eu voltei ao apartamento. Uma bolsa de gelo lhe cobria a testa. — Estou com uma dor de cabeça terrível.

Eu quis dizer: *Por que ficou acordada a noite toda bebendo com um tal de sr. Schwartz,* mas, em vez disso, sorri carinhosamente.

— Estive ocupada, mamãe.

— Que bom — ela falou. — Infelizmente estou me sentindo muito mal para levá-la ao cais hoje. Arrumei um motorista para pegá-la daqui a meia hora. Chegará lá com tempo de sobra.

Balancei a cabeça.

— Mamãe — fiz uma pausa, buscando as palavras com muito cuidado antes de dizê-las. — Não conversamos sobre o que aconteceu, sobre Maxine e Papa.

Ela afastou o olhar, não querendo me encarar.

— Mamãe — continuei. — Você está bem? Sei que deve ter sido muito difícil.

Podia perceber a tristeza dela, mesmo quando tentou escondê-la me oferecendo um bolinho que Minnie colocara na mesinha de apoio.

— Mamãe?

Ela suspirou.

— Com o tempo eu ficarei bem — ela respondeu. — Preencho os meus dias o máximo que

posso. E não há falta de homens agora.

Eu afastei o olhar, envergonhada.

— O fracasso do meu casamento foi o maior da minha vida.

— Ah, mamãe...

— Não — disse ela, me silenciando. — Quero que ouça isso.

Balancei a cabeça, apesar de não ter certeza se queria ouvi-la.

— Eu amei seu pai, sempre amei — ela continuou. — Mas percebi, há muito tempo, que ele não me amava. Na verdade, ele nunca me amou. Bem, não da maneira que um marido *deveria* amar uma esposa. — Ela suspirou e abriu as mãos vazias diante de si. — Assim — continuou mudando o tom de voz de arrependimento para prático. — Que essa seja uma lição para você, querida. Quando se casar — ela parou para olhar no fundo dos meus olhos —, tenha certeza de que ele a ama, que a ama *de verdade*.

— Terei.

Ela recostou-se na almofada.

— Você não disse o propósito de sua viagem à França, querida.

Olhei para ela sob uma nova perspectiva.

— O que acabou de dizer com relação ao amor, mamãe... é exatamente por isso que estou indo. Preciso ter certeza.

Capítulo 15



O código de viagem do Serviço Estrangeiro funcionou exatamente como Mary dissera. Minhas mãos tremiam no cais, e um jovem soldado cético olhou para mim desconfiado, no entanto, à menção do nome Edward Naughton ele me passou um pedaço de papel contendo o número de minha cabine e acenou para que eu passasse.

No último dia dessa viagem exaustiva, verde de tanto vomitar por causa do enjoo causado pelo mar, comecei a me perguntar se havia feito essa viagem em vão. Mesmo que conseguisse ver Westry, será que ele ia querer me ver? Mais de um ano já se passara desde nosso tenso adeus em Bora Bora e ele não tinha ligado nem escrito. Claro, teria sido difícil, dada a intensidade da batalha na Europa, mas ele poderia ter tentado. Ele nem ao menos tentara.

— Desembarque — gritou o atendente de cabine do corredor do lado de fora do meu aposento. — Todos os passageiros mantenham seus pertences.

Olhei para fora pela janelinha. Através da névoa úmida, o porto dormente de Le Havre esperava ao longe, com Paris a apenas uma viagem de trem de distância. A dúvida permeava meu coração. *O que estou fazendo aqui? Um ano já se passou. Estou apenas buscando um sonho que há muito já morreu?* Peguei minha mala e tirei o pensamento da cabeça. *Vim até aqui; vou até o fim.*



Fiquei parada na rua de Mary, Saint Germaine, olhando para o prédio de pedra acima, majestoso, com pequenos terraços adornados com flores e plantas em vasos. Luzes de velas tremeluziam lá dentro. Eu me perguntei que tipo de vida Mary vivera aqui durante a ocupação da cidade e me perguntei sobre Edward e como a história deles tinha se desenrolado. *Será que a carta tinha mudado tudo? Será que ele a aceitara de volta? Será que fora um final feliz?* Era tarde, quase dez horas, mas me alegrava ver os habitantes da cidade amontados em cafés e restaurantes, amantes caminhando de braços dados. Ainda assim, as memórias do horror pelos quais a cidade passara estavam sempre presentes. Uma bandeira nazista estava pendurada perto de uma grande lixeira, parcialmente queimada e rasgada ao meio. O toldo verde da padaria do outro lado da rua fora escurecido pelo fogo. Uma das janelas fora fechada com tábua. Uma estrela de Davi pendurada na porta.

Continuei entrando no prédio de Mary, verificando o número do apartamento antes de bater suavemente à porta. Momentos depois, ouvi passos se aproximando e então o som de uma tranca

se abrindo.

— Anne! — Mary gritou. — Você veio!

Meus olhos se encheram de lágrimas ao abraçar minha velha amiga.

— Tenho de me beliscar! — eu disse. — Parece impossível que eu *esteja* aqui.

— Deve estar exausta — ela falou.

Respirei fundo.

— Mary, preciso saber. Como está Westry? Você o viu recentemente? Ele...?

Mary olhou para os pés.

— Não vou ao hospital há alguns dias — disse ela baixinho. — Mas, Anne, posso dizer que os ferimentos dele são graves. Ele foi baleado. Muitas vezes.

Subitamente o ar pareceu espesso, tóxico. As lágrimas me ardiam os olhos.

— Não suportaria perdê-lo, Mary.

Minha velha amiga enroscou o braço ao meu redor.

— Venha, vamos deixar você à vontade — disse ela. — Guarde suas lágrimas para amanhã.

Segui Mary para dentro, onde ela acendeu duas lamparinas e me levou para me sentar com ela em um sofá com acabamento de metal dourado. Tudo ao redor eram paredes decoradas com painéis de *toile*.

— É uma casa linda — murmurei ainda pensando em Westry.

Mary deu de ombros. Ela parecia deslocada no apartamento, como uma estudante usando o vestido de baile da mãe.

— Não ficarei aqui muito mais tempo — disse ela, não dando muitos outros detalhes. — Gostaria de um sanduíche? Um croissant? — Olhei para a mão dela e notei que o dedo da aliança estava nu. Instintivamente, cobri o diamante solitário em minha mão, lembrando-me de como eu o havia escondido na ilha.

— Estou bem — eu disse. — Obrigada. — *O que há de diferente em Mary?* Ela continuava usando o cabelo, da cor de feno amarelado, do mesmo jeito. Seu sorriso ainda escondia seus dentes tortos. Mas os olhos dela... os olhos dela mudaram. Uma tristeza profunda se instalara, e eu ansiava por saber da história.

— E Edward? — O nome ecoou no ar noturno e, no segundo que escapou de meus lábios, desejei poder retirar a pergunta.

— Não há mais Edward — disse ela secamente, virando o olhar para a janela, para as luzes brilhantes de Paris e o grande rio Sena a distância. — Não mais. — Ela fez uma nova pausa, antes de se virar para mim. — Ouça, preferiria não falar sobre nada disso, se você não se importa.

Eu assenti rapidamente.

— Não consigo imaginar pelo que você passou aqui, quero dizer, durante a ocupação.

Mary passou a mão pelo cabelo fino.

— Foi absolutamente terrível, Anne — ela afirmou. — Tenho sorte de ainda estar aqui, sendo americana e tudo o mais. Felizmente, o francês que aprendi na faculdade me ajudou a chegar até aqui. Os papéis que Edward — ela pausou, como se a mera menção do nome dele lhe abalasse os nervos. — Os papéis que Edward preparou para proteger minha identidade. Foi um milagre não ter sido descoberta, dada minha ajuda à Resistência.

— Mary, que assustador. Você foi muito corajosa.

Os olhos dela pareciam tristes, distantes.

— Os Nazistas fazendo suas varreduras — ela continuou —, o medo de que se falasse a coisa errada, ou espirrasse do jeito errado, seria levado para um interrogatório. E as pobres famílias judias, retiradas de suas casas. — Ela parou, apontando em direção à porta. — Havia três neste prédio. Uma família de quatro, um pouco mais para a frente no corredor. Tentamos salvá-los — ela ergueu as mãos —, mas chegamos tarde demais. Só Deus sabe se um dia eles voltarão.

Eu pisquei com força.

— Ah, Mary!

Ela balançou a cabeça como se para reprimir outra lembrança, uma que seria difícil demais para recontar, então tirou um lenço do bolso do vestido.

— Sinto muito — ela disse. — Pensei que pudesse falar sobre isso com você, mas infelizmente, infelizmente ainda é muito doloroso.

Tomei a mão dela, notando a pequena cicatriz cor-de-rosa em seu pulso. As lembranças de Bora Bora vieram correndo de volta.

— Por favor — pedi —, não vamos falar do passado.

Mary suspirou.

— Infelizmente ele sempre estará comigo.

— Mas a cidade foi poupada — emendei, buscando um ponto positivo.

— Foi — Mary concordou. — Um milagre. Por um tempo pensamos que tudo pegaria fogo, e nós junto.

— Mary — eu disse cautelosamente —, como foi que você veio parar aqui? Você veio por causa da... carta que eu lhe dei antes de você ir embora de Bora Bora?

Ela esfregou as mãos juntas no colo.

— Se a resposta fosse tão simples assim — ela respondeu nostalgicamente. — Não, fui uma tola em vir até aqui.

Desejei, por um momento, que tivesse mantido a carta em minha posse, para salvar Mary da tristeza no coração que ela sentia na época. No entanto, sem aquela carta, Mary não estaria em Paris. Não teria encontrado Westry. Não teria ligado. Encantava-me perceber a maneira que nossas histórias se interligavam e desejei que a dela tivesse um final feliz, assim como esperava para mim mesma.

— Para onde irá depois? — perguntei buscando um sinal no rosto dela que indicasse que ela ficaria bem, um brilho nos olhos, um meio sorriso, qualquer coisa.

Mas, em vez disso, ela olhou sombriamente pela janela.

— Ainda não decidi.

As luzes de Paris brilhavam, e meu coração resplandecia quando eu pensava em Westry. Ele estava lá em algum lugar.

— Pode ir comigo ao hospital amanhã? Estou terrivelmente inquieta em vê-lo, depois... depois desse tempo todo.

Por um momento, a névoa nos olhos de Mary desapareceu.

— Claro que irei — ela respondeu. — Sabe, Stella também está aqui.

— Está?

— Sim — ela continuou. — Está aqui desde o mês passado.

— E Will?

— Está aqui também. Vão se casar daqui a mais ou menos um mês.

— Isso é maravilhoso — eu disse sorrindo. — Eu adoraria vê-la.

— Ela e Will tomaram um trem para o sul, por alguns dias — contou. — Ela ficará decepcionada por ter se desencontrado de você.

— Que horas devemos sair para o hospital amanhã de manhã?

Mary deu uma olhada pela janela de novo.

— O horário de visita começa às nove. Podemos pegar um táxi logo cedo. Seu quarto é descendo o corredor, segunda porta à esquerda. Você deve estar exausta. Descanse um pouco.

Ela tentou sorrir o máximo que pôde, mas os cantos de sua boca pareciam duros e pesados, paralisados pelo sofrimento.

— Obrigada, Mary — agradeci pegando minhas malas.

Dei uma última olhada na sala de estar antes de seguir pelo corredor forrado de mogno em direção ao quarto. Mary sentou-se no sofá, imóvel, as mãos cruzadas sobre o colo, olhando para o Sena e para o brilho de uma Paris libertada.

Algo acontecera aqui, dentro dessas paredes. Sim, algo impronunciável. Eu podia sentir.



O First US General Hospital erguia-se a distância, e eu apertei a mão de Mary com força quando paramos para olhar sua enorme fachada. O sol brilhava no céu, mas tudo ao redor do prédio eram sombras.

Engoli em seco.

— Por que parece tão ...

— Horrível?

— Sim — respondi, virando os olhos até o andar mais alto.

— Porque era um lugar de atrocidades — disse ela — antes de os Aliados chegarem.

Mary explicou que o prédio cinza de doze andares, antes Hospital Beaujon, o maior de Paris, fora uma fortaleza nazista. Depois da retomada, o major-general Paul Hawley, um cirurgião, transformara o prédio, tirando todos os equipamentos médicos que os alemães usaram para experimentos médicos terríveis, a maioria com judeus e poloneses. Agora o prédio tinha uma cruz vermelha no andar mais alto, uma cruz que mais parecia um avião de bombardeio, pensei.

Mary apontou para uma janela alguns andares acima, a distância.

— Está vendo lá em cima? A janela aberta no sétimo andar?

Balancei a cabeça.

— Foi lá onde encontrei uma mulher polonesa com seu bebê — disse ela baixinho —, deixados para morrer de fome. Os médicos nazistas os usaram para uma experiência. Eles os observavam por uma janela, documentando a coisa toda. Eu li o relatório. Ela levou nove dias para morrer. O bebê, onze.

Tremi.

— Mas o horror já acabou — Mary disse solenemente. — O general Pawley transformou este lugar. Houve pelo menos mil internações durante as duas últimas semanas, e estamos esperando mais.

Eu não conseguia tirar meus olhos do sétimo andar.

— Anne?

— Sim — murmurei fracamente.

— Está pronta para isto?

— Espero que sim — respondi.

Juntas, subimos a escadaria e entramos no prédio. O sofrimento era palpável no ar pesado e rígido. Uma estrutura não poderia aguentar tanto horror sem absorver alguma parte dele. As paredes podiam ser esfregadas, o chão encerado, mas o cheiro do horror permanecia.

Mary apertou o botão do nono andar do elevador e começamos nossa subida. À medida que as luzes do painel trocavam, minha mente revirava. Primeiro andar, segundo. *Será que ele estará consciente o bastante para me reconhecer?* Terceiro andar. *Será que ainda me ama?* Quarto andar. *O que será de nós?*

— Ah, Mary — falei agarrando o braço dela. — Estou com tanto medo.

Ela nem reconheceu nem tranquilizou meu medo.

— É a coisa certa a fazer, vir aqui — ela disse. — Independentemente do que acontecer, você terá um término.

Suspirei.

— Tem tido contato com Kitty?

Mary pareceu incomodada por um momento, e eu sabia, pela expressão dela, que ouvira falar de nossa história, de nossos problemas na ilha.

— Com relação a isso — disse ela com nervosismo —, há algo que preciso lhe dizer. Desde que liguei para você, houve...

O elevador parou repentinamente no quinto andar, e um médico e duas enfermeiras entraram, silenciando nossa conversa.

Saímos no nono andar, e eu perdi o fôlego diante da visão. Talvez trezentos, talvez mais, homens feridos deitados em camas portáteis com cobertores de lã verde-escuros cobrindo seus corpos débeis.

— Este é um andar difícil — Mary comentou. — Muitos casos sérios aqui.

Meu coração batia forte ruidosamente dentro do peito.

— Onde está ele? — perguntei olhando por todo lado freneticamente. — Mary, me leve até ele.

Uma enfermeira da minha idade se aproximou de nós e cumprimentou Mary com um aceno de cabeça, sem sorrir.

— Pensei que estivesse de folga hoje.

— Estou — Mary confirmou. — Estou aqui em nome de minha amiga. Ela gostaria de visitar o sr. Green.

A enfermeira olhou para mim e de volta para Mary.

— *Westry* Green?

O som do nome dele na respiração de outra mulher fez um arrepio percorrer meu corpo.

— Sim — Mary afirmou. — *Westry* Green.

A enfermeira virou-se para mim. Os olhos dela semicerraram.

— E você é?

— Anne — murmurei. — Anne Calloway.

— Bem — disse ela, dando um olhar arrogante a Mary, depois olhando para trás em direção à sala repleta de homens atrás dela. — Não tenho certeza se... — Ela suspirou profundamente. — Verificarei.

Quando ela não podia nos ouvir, eu me virei para Mary.

— Não entendo. Por que ela agiu de forma tão estranha?

Mary olhou ao redor da sala, pela janela, em todo lugar exceto meu rosto.

— Mary — implorei. — O que aconteceu?

— Vamos nos sentar — disse ela, me levando pelo braço até um banco a poucos metros de nós. Acima do banco, um relógio batia, me assombrando a cada movimento de seus ponteiros.

— Quando liguei para você — ela disse. — Eu não tinha toda a informação. Eu não sabia que Westry...

Nós duas olhamos para cima ao ouvirmos passos se aproximando, batendo no assoalho de madeira. Meus olhos se arregalaram quando vi um rosto familiar se aproximando.

— Kitty! — gritei, ficando em pé num pulo. Apesar do passado, vi-me incapaz de resistir à vontade de correr para os braços de minha velha amiga, abraçá-la com o amor e o perdão que ambas devíamos uma a outra.

No entanto, parei abruptamente quando os meus olhos encontraram em Kitty olhos de uma estranha.

— Olá — disse ela secamente.

Mary se levantou e ficou ao meu lado.

— Kitty — ela disse —, Anne viajou uma distância enorme para ver Westry. Espero que possamos levá-la até ele.

Kitty franziu a testa.

— Infelizmente isso não será possível.

Eu sacudi a cabeça, piscando com força enquanto meus olhos começavam a arder.

— Por que, Kitty? — indaguei. — Ele está muito machucado? Está consciente?

Kitty olhou para meu anel de noivado, e eu desejei ter pensado em tirá-lo do dedo. A enfermeira que nos cumprimentou momentos antes reapareceu e ficou ao lado de Kitty em solidariedade. *O que elas estão escondendo de mim?*

— Kitty — implorei —, o que é?

— Sinto muito, Anne — disse ela friamente. — Infelizmente, a questão é que Westry não quer vê-la.

A sala começou a girar e eu agarrei o braço de Mary buscando apoio. *Meu Deus. Viajei de Seattle até aqui, e agora que estou a apenas alguns metros dele, ele não quer me ver?*

— Eu não compreendo — refutei, sentindo ondas de náusea inundarem meu estômago. — Eu só quero...

Kitty juntou as mãos e virou-se para o recinto.

— Mais uma vez, sinto muito, Anne — disse ela ao se afastar. — Desejo tudo de bom a você.

Eu a observei entrar de volta na sala, virar à direita, onde desapareceu por trás de uma cortina.

— Vamos, Anne — Mary sussurrou pegando minha mão. — Sinto muito, querida. Foi um erro trazê-la aqui. Eu deveria ter explicado...

— Explicado o quê? — gritei. — Que eu seria impedida de ver o único homem que jamais amei pela... minha melhor amiga? — Ouvi minhas próprias palavras ecoando no ar, surpresa pela sinceridade crua. Gerard podia até ter minha mão, mas Westry sempre teria meu coração. Eu me desvencilhei das mãos de Mary. — Não! — eu disse com firmeza.

Empurrei Mary e entrei na sala dos homens feridos. Os sons que tinham sido abafados perto do elevador agora se amplificaram, revelando gemidos, balbucios, choro e riso. O escopo das emoções humanas no recinto era enlouquecedor.

Caminhei mais rápido por entre os corredores das camas, verificando rosto após rosto. Alguns me olhavam com nostalgia; outros apenas tinham o olhar parado. *Onde está ele? Com certeza, se eu encontrá-lo, se olhá-lo nos olhos, ele mudará de ideia? Com certeza ele ainda me ama. Não vou deixar que Kitty se coloque entre nós, não vou deixá-la falar em nome de Westry.* Meu coração batia apressado enquanto eu ziguezagueava pelas filas de homens, rezando para que, logo ali, visse os conhecidos olhos castanhos que capturaram meu coração na ilha.

No entanto, minutos mais tarde, eu tinha atravessado todos os corredores sem encontrar o menor traço de Westry. Olhei ao redor da sala freneticamente, então me lembrei de Kitty deslizando para trás de uma área acortinada ao fundo. *Será que ele estava lá dentro?* Apertando meu medalhão, atravessei a sala, parando diante de uma cortina listrada de cinza e branco. *Será que este pedaço de tecido é tudo o que separa Westry de mim?*

Minhas mãos tremiam quando no momento em que levantei a ponta da cortina, o suficiente para dar uma olhada. Quatro camas de hospital, todas ocupadas por soldados, estavam lá dentro. Perdi o fôlego ao reconhecer o rosto de um homem na cama mais distante.

Westry.

Minhas pernas bambearam ao ver o rosto dele — agora mais magro, com uma sombra de pelos eriçados no queixo, mas tão lindo e tão perfeito quanto eu o tinha memorizado em meu coração. Puxei a cortina mais para trás, mas parei rapidamente quando vi Kitty se aproximando da cama dele. Ela puxou uma cadeira, e eu vi quando, carinhosamente, passou uma toalha molhada sobre o rosto dele antes de lhe acariciar a testa. Ele levantou os olhos para ela com um sorriso que fez minhas bochechas queimarem.

Senti um puxão em minha cintura e então ouvi a voz de Mary:

— Anne — ela falou —, não faça isso com você mesma. Deixe-o em paz.

Eu sacudi a cabeça.

— Mas, Westry, o meu Westry! — falei entre lágrimas, soltando minha mão da cortina e enfiando minha cabeça no ombro de Mary. — Como ela pôde? Como ela pôde, Mary?

Mary ergueu meu queixo e secou meu rosto com um lenço cor-de-rosa.

— Sinto muito, querida — ela disse. — Vamos.

Eu a segui até o elevador, então parei enfiando a mão dentro da bolsa para pegar um pedaço de papel e uma caneta.

Mary pareceu confusa quando eu me sentei no banco.

— O que está fazendo?

Momentos depois, eu me levantei e lhe entreguei um pedaço de papel dobrado.

— Amanhã — pedi —, depois que tiver ido embora, pode entregar isso a Westry?

Mary pegou o pedaço de papel nas mãos e olhou-o ceticamente.

— Kitty interceptará qualquer carta que eu tentar enviar para cá — continuei. — Minha única esperança é você.

Mary olhou com cautela para o papel.

— Tem certeza de que ainda quer dizer alguma coisa a ele?

Assenti.

— Preciso que ele leia isso.

— Então farei questão que ele receba isso — ela afirmou, mas pude ouvir uma tensão na voz dela que me deixou preocupada. — Eu trabalho no turno da manhã amanhã. Posso tentar entregar a ele.

— Promete? — perguntei, buscando em seu rosto a segurança de que precisava.

— Sim — ela disse baixinho. A exaustão lhe permeava a voz. — Vou fazer o possível.



Seattle não serviu de muita coisa para afastar minha mente de Westry. Mais de um mês se passara desde aquele dia horrível em Paris, e mesmo com as conhecidas distrações da vida doméstica e um casamento a apenas algumas semanas, eu não conseguia tirá-lo da cabeça, nem de meu coração. Pulava toda vez que o telefone tocava e me sentava à janela todas as manhãs, esperando ansiosamente pelo correio. Certamente, depois de ter lido o bilhete que Mary lhe entregara, Westry escreveria ou ligaria. *Por que ele não escreveu?*

Então, em uma manhã tranquila de terça-feira, quando Maxine e eu estávamos nos preparando para ir à cidade, a campainha tocou. Derrubei minha bolsa e um tubo de batom caiu no chão, rolando para baixo do sofá.

— Eu pego — gritei para Maxine. Abri a porta para encontrar um carteiro parado do lado de fora.

— Bom dia, madame — ele cumprimentou. — Senhorita Calloway.

— Sim — respondi. — Sou eu.

Ele me entregou um pequeno envelope.

— Um telégrafo para a senhora — disse ele, abrindo um sorriso. — De Paris. Se puder assinar aqui.

Meu coração se iluminou enquanto eu rabiscava minha assinatura na prancheta dele e corri escadaria acima até meu quarto. Segura atrás da porta fechada, rasguei o envelope. Uma tira de papel amarelo com cinco linhas escritas à máquina repousava dentro dele. Segurei-o diante da luz e respirei profundamente:

Voltei para casa antes PONTO

Mary está morta PONTO

Enforcou-se na manhã de 18 de setembro PONTO

Edward partiu seu coração irreparavelmente PONTO

Com amor e desejos sinceros da Europa,

Stella PONTO

Fiquei olhando fixamente para o papel por um bom tempo, tentando assimilar as palavras, até que uma névoa de choque se ergueu.

— *Não!* — eu gritei. — *Não a Mary. Não você, Mary.*

Eu me lembrei da tristeza nos olhos dela, da hesitação. Ela tinha passado por mais sofrimento do que qualquer mulher aguentaria, mas terminar as coisas assim? Como ela pôde fazer isso? As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu amassava o papel e o atirava no chão.

Momentos depois, meu pulso começou a acelerar. *Meu bom Deus, quando foi que Stella disse que ela se enforcou?* Peguei a tira de papel de volta. *18 de setembro. Não. Não, isso não pode ser.*

Olhei para a parede, horrorizada. Mary nunca chegou ao turno da manhã no dia seguinte ao que visitamos o hospital. Ela morreu antes de ter a chance de entregar meu bilhete a Westry.



— Está pronta? — Gerard estava em pé na passagem da porta na manhã de nosso casamento, duas semanas depois. Quebrando a tradição, ele insistira em me buscar e me levar até a igreja antes da cerimônia, talvez porque estivesse preocupado que, de outra forma, eu não apareceria.

Olhei para ele na porta, maravilhoso em um smoking, com uma rosa branca perfeita orgulhosamente enfiada na lapela. As palavras de mamãe ressoavam em meus ouvidos: *Quando se casar, tenha certeza de que ele a ama, que a ama de verdade.*

Pensei no momento de carinho entre Westry e Kitty no hospital em Paris. *Que ingênuo de minha parte achar que ele esperaria por mim, achar que ele ainda me amava. E, que diferença faz agora, se ele recebeu ou não o bilhete?* Olhei para Gerard com novos olhos. Ele me ama. Ele sempre me amará. Isso será suficiente para uma vida inteira.

— Sim — respondi, engolindo a mágoa, a dor, os fantasmas do meu passado e entrelaçando minha mão na dele. — Estou pronta.

Ao ficar em pé, o medalhão de ouro balançou em meu pescoço, antes de se acomodar novamente sobre meu coração.

Capítulo 16



— E então você se casou com o vovô — Jennifer disse, a voz dela me trazendo de volta ao presente. O sol se pusera, deixando apenas uma linha rosa no horizonte do lado de fora da janela.

Eu sorri, limpando uma lágrima com o lenço em minha mão.

— Claro que me casei com o vovô. E não está feliz por eu ter me casado? Afinal, se não fosse por isso, você não estaria aqui.

Jennifer pareceu insatisfeita com a resposta.

— Quer dizer que devo minha existência ao seu coração partido?

— Bobagem — respondi tranquilizando-a. — Eu amei seu avô.

— Mas não do jeito que amou Westry.

Eu balancei a cabeça.

— Há todo tipo de amor. Passei a me dar conta disso durante minha vida. — Pensei em Gerard, o forte e confiante Gerard. Eu sentia saudades do jeito que ele me acariciava o rosto ou me dava boas-vindas com o jornal da manhã e ovos quentes. Ele devotara sua vida a mim, entregando-me todo seu coração sem limites, enquanto eu o deixei ter apenas um pedaço do meu. Pois, em meu coração, sempre mantive um compartimento fechado no qual uma chama queimava por outro alguém.

— Ah, vovó — Jennifer lamentou, encostando a cabeça em meu ombro. — Por que não me contou esta história antes? Que solitário mantê-la para si mesma durante todos esses anos!

Dei um tapinha em meu medalhão.

— Não, querida — falei. — Nunca estive sozinha. Veja bem, quando se compartilha o amor com alguém, mesmo que só por um tempo, ele sempre ficará em seu coração. — Abri o medalhão e deixei a pequena lasca de madeira do chão do bangalô cair na palma da minha mão. Jennifer ficou rondando em cima dele, maravilhada diante daquela visão.

— Não — repeti. — Nunca estive sozinha.

Jennifer fez uma careta.

— Mas e Kitty? E Westry? Alguma vez tentou encontrá-los?

— Não — eu disse. — O dia em que me casei com seu avô jurei deixar tudo para trás, cada um deles. Precisava fazer isso. Não seria justo com ele.

— Mas e o bangalô, a pintura? E a sua promessa para Tita? Lembra o que ela disse sobre fazer justiça?

Senti um profundo cansaço tomar conta de mim.

— E nunca me esqueci — respondi com sinceridade.

— Irei com você — Jennifer declarou, balançando a cabeça com determinação.

— Virá comigo?

— Para Bora Bora.

Eu sorri.

— Ah, querida, você é um doce, mas não acho que...

— Sim — ela disse ignorando minha apreensão. Os olhos dela brilhavam com entusiasmo.

Balancei a cabeça. Recontar a história expusera feridas antigas as quais eu sentia sensíveis novamente, tão doloridas quanto no dia em que foram infligidas.

— Acho que não consigo.

Jennifer olhou profundamente em meus olhos.

— Será que não entende, vovó? Não percebe? Você tem de ir.



O avião chacoalhou e balançou enquanto descia sobre as ilhas taitianas.

— Esperamos um pouco mais de turbulência do que o de costume, pessoal — trinou ao microfone um comissário de bordo com um sotaque australiano. — Mantenham-se sentados. O capitão nos aterrissará em segurança logo logo.

Fechei meus olhos, relembrando o voo para Bora Bora tantos anos atrás, com Kitty ao meu lado e a cabine repleta de enfermeiras ouvindo, com a respiração ofegante, enquanto a enfermeira Hildebrand nos avisava sobre a ilha cheia de perigos. Eu suspirei, lembrando-me da maneira com que Kitty tocara meu braço suavemente, me agradecendo por vir e me prometendo que ficaria feliz por ter vindo. *Se pudesse voltar atrás, será que não viria?*

O avião sacudiu violentamente, e Jennifer virou-se para mim.

— Não se preocupe, vovó — ela disse carinhosamente.

Apertei a mão dela com mais força ao olhar em volta da cabine lotada de jovens casais, presumivelmente recém-casados em lua de mel. Um jovem em um assento à nossa direita passava a mão gentilmente pelo cabelo da noiva, beijando a mão dela enquanto os dois olhavam pela janela para a ilha lá embaixo. Não pude evitar sentir inveja. *Que sorte eles têm em conhecer a ilha desse jeito, sem as complicações dos tempos de guerra.* Desejei ter vinte e um anos de novo. Começar de novo a partir daqui, com Westry sentado ao meu lado.

— Pronta? — Jennifer perguntou, tirando-me de meus pensamentos. O avião pousara, e eu

fiquei em pé rapidamente, seguindo minha neta até a porta aberta, por onde os passageiros já estavam descendo as escadas.

Uma comissária de bordo espetou uma orquídea roxa em minha blusa, com um colorido tão forte que me perguntei se tinha sido pintada com spray.

— Seja bem-vinda a Bora Bora, madame — ela disse. — Amará esta ilha.

— Eu sempre amei esta ilha — comentei sorrindo, inalando o ar morno e úmido. Um aeroporto tumultuado estava onde um dia houvera uma única pista, setenta anos antes. A colina esmeralda está agora pontilhada de casas. Tudo mudara, contudo, o mesmo cheiro conhecido de flores pairava no ar, e a água azul-turquesa reluzia ao longe, me puxando para a praia. Naquele momento eu soube: meu coração estava em casa.

— Pegue minha mão, vovó — Jennifer disse, esticando os braços para me equilibrar.

Balancei a cabeça me sentindo mais forte, mais confiante do que me sentia há anos.

— Consigo fazer isso — falei descendo as escadas. *Sim*, disse a mim mesma, *consigo fazer isso.*



Um ônibus de traslado nos deixou em nosso hotel, o Outrigger Suites, a apenas um quilômetro e meio do aeroporto. Jennifer colocou a chave de cartão dentro da porta, e acomodamos nossa bagagem no quarto com ar-condicionado.

— Olhe só essa vista! — Jennifer exclamou, apontando para a janela à frente. Um par de portas francesas emoldurava um cenário fantástico de areia e mar, e foi neste momento que algo familiar me chamou atenção.

— Meu Deus! — eu disse chegando mais perto da janela. — O desenho da areia... é incrível.

— O que é? — Jennifer perguntou correndo para o meu lado. — O que está vendo?

— Bom, posso estar enganada, mas acho que este hotel foi construído onde era a antiga base! — eu disse. — Conheço aquela praia, a maneira como faz um gancho na costa. O recife abaixo da água brilhante. — Balancei a cabeça, esperando ver Kitty ou a enfermeira Hildebrand, ou — suspirei — Westry vindo do mar caminhando em minha direção. — Estar aqui de novo, é simplesmente... — Abri as portas e caminhei para fora até a sacada. Jennifer não foi atrás de mim.

— Leve o tempo de que precisar, vovó — ela falou baixinho. — Estarei aqui dentro.

Eu me sentei em uma cadeira de palha na sacada e deixei minha mente e meu coração se hipnotizarem pelas ondas que me eram tão familiares.



Aventurei-me de volta para dentro do hotel uma hora depois, e encontrei Jennifer dormindo em uma das camas. Peguei um cobertor extra do guarda-roupa do corredor e o espalhei sobre ela,

carinhosamente, antes de pegar um bloquinho de papel na escrivaninha ao lado. Sabia onde eu tinha de ir.

Minha querida,

Saí para caminhar. Não quis acordar você. Estarei de volta antes do jantar.

Com amor,
Vovó

Peguei meu chapéu de palha e caminhei para fora do hotel, para além da piscina onde mulheres de biquínis deitavam-se assando ao sol quente; para além do bar ao lado da praia, onde casais tomavam coquetéis de frutas; e para a praia aberta que, além de uma casa qualquer encrustada na ponta da areia, estava tão quieta e tão primitiva como estivera no dia em que fui embora.

Imediatamente, eu tinha vinte e um anos de novo, com uniforme de enfermeira, escapando para a praia depois de um longo turno na enfermaria, a cabeça olhando por sobre o ombro para ter certeza de que não estava sendo seguida, o coração disparado diante da expectativa de vê-lo.

Continuei marchando. Agora a areia parecia mais pesada ao redor dos meus pés. Limpei uma gota de suor de minha sobrancelha e puxei meu chapéu mais para baixo, protegendo meu rosto envelhecido dos raios de sol implacáveis. *Onde ele está? Com certeza, só a alguns passos mais para a frente*.

Os pássaros chamavam no céu à medida que eu continuava, vasculhando o mato a cada passo. *Tinha de estar aqui. Em algum lugar*.

Vinte minutos depois eu parei, sem fôlego, e me afundei em um ponto com sombra na praia, soltando um longo suspiro das profundezas do meu coração. *É óbvio que o bangalô se fora. Como pude ser tão tola a ponto de pensar que ele ainda estaria aqui esperando por mim?*

— Com licença, madame.

Levantei os olhos ao ouvir uma voz masculina por perto.

— Madame, a senhora está bem?

Um homem, talvez na faixa dos sessenta anos, não muito mais velho do que meu primogênito, estava se aproximando com uma mulher quase da mesma idade. Ela usava um vestido de verão azul, e seu cabelo escuro estava puxado para trás, frouxo, com um grampo.

— Ah, sim — respondi, recobrando a compostura.

— Sou Greg, e esta é minha esposa Loraine — ele falou. — Moramos logo ali na colina.

— Eu sou Anne — respondi. — Anne Call... — Parei maravilhada com o lapso. Eu fui Anne Godfrey a maior parte da minha vida, mas, mesmo assim, aqui na ilha, o nome parecia errado.

— Anne Calloway — terminei.

Loraine olhou para o marido, em seguida de volta para mim.

— Anne *Calloway?*

— Sim — afirmei confusa pelo tom de reconhecimento na voz dela. — Desculpe-me, mas já nos conhecemos antes?

A mulher balançou a cabeça e então lançou um olhar embasbacado ao marido.

— Não — ela respondeu, ajoelhando-se ao meu lado. — Mas esperávamos poder conhecê-la há muito tempo.

— Não compreendo — falei analisando o rosto dela.

— Consegue acreditar nisso? — Loraine maravilhava-se, sacudindo a cabeça para Greg antes de se voltar para mim. — Você viveu nesta ilha durante a guerra, não foi?

Eu balancei a cabeça, confirmando.

— Há um velho bangalô de praia perto daqui — ela continuou com cautela. — Você já o conheceu, não é?

— Sim — confirmei. — Mas como sabem disso?

Ela virou-se para o marido, então de volta para mim.

— Ele sempre disse que você viria.

— Ele?

— O sr. Green — ela falou.

Balancei a cabeça, sentindo meu batimento cardíaco acelerar. Cruzei as mãos no meu colo.

— Não entendo. Vocês sabem sobre o bangalô? E — engoli em seco — Westry?

A mulher assentiu, e o marido ficou em pé, apontando para a faixa de praia atrás de mim.

— É um pouco mais para trás, perto de nossa casa — ele contou. — A mata cresceu um pouco desde que você esteve aqui. Deve ter sentido saudade dele.

Eu me levantei apressadamente. A rigidez de minhas pernas me fez lembrar que eu não tinha mais vinte e um anos.

— Será que pode me levar até lá?

— Claro — ele respondeu sorrindo.

Caminhamos por alguns minutos em silêncio. De vez em quando o casal dava uma olhada para mim, preocupado, mas eu não olhava de volta; em vez disso, preferia deixar o som das ondas absorver meus pensamentos. *Será que quero saber dos segredos que eles mantiveram sobre o bangalô, sobre Westry?*

Greg parou de repente, apontando em direção à floresta fechada com palmeiras.

— Por aqui — disse ele.

— Obrigada — respondi, me enfiando pelo mato até chegar a uma pequena clareira à frente.

— Espere, sra. Calloway — ele chamou da praia.

Eu me virei.

— Precisa saber que não está mais do jeito que foi um dia.

Eu balancei a cabeça e continuei andando, atravessando por entre os galhos rastejantes agressivos, alguns se alastrando como se tivessem a intenção de enroscar seus tentáculos ao redor dos meus braços. Olhei para a direita, depois para a esquerda. *Onde está?* Então, um hibisco enorme capturou meus olhos. Ainda sem florir, pequenos brotos amarelos escapavam de suas folhas. Meu coração acelerou. *Tinha de estar perto.*

Tirei outro galho da minha frente, e lá estava ele, ainda em pé, agora só um arremedo do que um dia fora. O teto de sapé enfraquecera e cedera em vários lugares. As paredes trançadas estavam afinando, completamente destruídas de um lado, e a porta da frente não existia mais. Respirei fundo, me lembrando da maneira como Westry e eu tínhamos descoberto a pequena cabana tantos anos atrás. E agora, olhe só para ela.

O degrau da frente caíra, assim tive de levantar meu corpo pelo menos um metro até alcançar a entrada, uma tarefa não muito fácil para alguém na minha idade. Meus braços doeram ao me içar para dentro, e o barulho assustou um pássaro que chiou e voou apressadamente pela janela aberta.

Fiquei em pé, limpei a poeira de minhas calças e olhei ao redor do ambiente, em êxtase. A cama com sua colcha amassada, a escrivaninha de mogno e a cadeira, as cortinas que eu costurara, apesar de rasgadas e caindo dos varões — tudo ainda estava lá, exatamente no lugar. Olhei para cima, para a parede na qual um dia o quadro esteve pendurado. *Será que ele estará embaixo da cama, embrulhado na lona, do jeito que Westry e eu o deixamos?*

Respirei fundo e me ajoelhei, tateando embaixo da cama. Um lagarto correu e eu dei um pulo para trás. Momentos depois, retomei a compostura e puxei a colcha para deixar entrar mais luz embaixo da cama. Lá, alguns metros para trás, estava um pedaço solitário de lona. Contudo, a pintura se fora.

Fiquei em pé e me joguei na cadeira, sentindo o peso de muitos anos de sentimentos. Claro que se fora. *Que ingênuo de minha parte achar que ele ainda estaria aqui.*

Ao me levantar de novo, as tábuas de madeira estalaram sob meus pés e eu sorri ao lembrar da caixa de correio provisória que Westry e eu um dia compartilhamos. Seria tolo pensar que pudesse haver uma carta esperando lá dentro. No entanto, fiquei de cócoras mesmo assim, lutando contra as lágrimas enquanto, cerimoniosamente, levantei a velha tábua de madeira e espiei lá dentro. Enfiei a mão dentro do espacinho escuro abaixo, tateando ao redor até que as pontas dos meus dedos encontraram algo macio, compacto.

Um livro. Não, algum tipo de diário. Puxei o caderno com capa de couro, abanando as páginas para tirar os anos de poeira.

A luz estava ficando fraca, e eu sabia que o sol logo se poria. Semicerrei os olhos ao abrir a capa para ler a primeira página:

Cartas para Anne, de Westry...

Meu Deus. Ele voltara. Exatamente como prometera.

Virei a segunda página, meus olhos desesperados para ler as palavras e meu coração ávido para absorvê-las, quando ouvi uma voz do lado de fora.

— Sra. Calloway?

A voz de Greg ecoou pelo ar lá fora. Relutante, fechei o diário e o coloquei dentro de minha bolsa.

— Sim — respondi ficando em pé. — Estou aqui.

Fiquei parada na porta enquanto ele e a esposa se aproximavam.

— Ah, que bom — disse ele. — Não queríamos deixá-la aqui sozinha por muito tempo. Deixe-me ajudá-la a descer.

Ele estendeu dois braços fortes e encaixou-os gentilmente em volta de minha cintura, me abaixando até o chão.

Loraine olhou para o bangalô, depois para mim.

— Encontrou o que estava procurando aí?

Eu olhei de volta para a pequena cabana.

— Não — eu disse —, mas encontrei outra coisa, muito melhor.

Ela sorriu com cautela, como se soubesse mais do que eu sobre aquele lugar, sobre minha história.

— Gostaria de vir até nossa varanda para tomar um pouco de chá? Nossa casa fica logo depois da praia.

Assenti.

— Obrigada. Gostaria muito.



Loraine serviu chá preto de uma chaleira azul e branca.

— Creme e açúcar?

— Sim, obrigada — eu disse.

A casa era graciosa. Uma estrutura simples de dois cômodos encrustada perto da praia, com uma ampla varanda do lado de fora. Combinava com eles.

— Nós moramos aqui há trinta e cinco anos — Greg contou. — Loraine e eu trabalhávamos em Nova York, mas depois de uma viagem para cá, no final dos anos sessenta, sabíamos que não podíamos voltar para a vida na cidade.

— Então, ficamos — Loraine continuou. — Abrimos um restaurante a alguns quilômetros daqui.

Eu os invejava, é claro. Pois essa era a vida que Westry e eu teríamos tido, a vida pela qual ansiei em meu coração.

Tomei um gole de chá e então coloquei a xícara de porcelana sobre o pires.

— Você falou que conhece Westry — eu disse baixinho, com medo de aonde aquela frase pudesse levar.

Greg olhou para Loraine e, em seguida, de volta para mim.

— Sim — ele confirmou. — Nós o conhecemos há muitos anos.

Meu Deus. Eles estão falando no passado.

— Vocês o conheciam?

— Sim — Loraine continuou. — Ele vinha aqui todo ano. Sua peregrinação anual, como ele dizia.

— Peregrinação?

Greg sorriu.

— Peregrinação com a esperança de encontrá-la.

Observei o creme rodopiar dentro do chá, espiralando confuso, exatamente do jeito que eu me sentia. Deixei as palavras de Greg serem absorvidas por um instante, então balancei a cabeça, me lembrando de Kitty, me lembrando da maneira que eu deixara Westry aquele dia no hospital em Paris.

— Não entendo — falei, tentando reconciliar a história que acreditava ser verdadeira com a história que eles estavam me contando.

Greg deu um gole no chá.

— Ele nos contou a história de vocês — Greg disse. — Como se apaixonaram nesta ilha durante a guerra, e como a guerra os separou.

Sacudi a cabeça.

— Mas por que ele não tentou me encontrar em Seattle? Por que ele nunca me escreveu?

— Ele achava que não tinha esse direito — Loraine explicou. — Ele sabia que a senhora tinha uma vida, uma família lá. Mas, ainda assim, em algum lugar no coração dele, acreditava que um dia a senhora voltaria, que um dia estaria esperando por ele no bangalô, do mesmo jeito que fazia nas lembranças dele.

Estendi a mão até meus pés, onde estava minha bolsa, tirando o caderno de couro marrom. Ao segurá-lo em minhas mãos, ele pulsava de emoção.

— Encontrei isso — contei. — Cartas que ele me escreveu.

— Claro — Loraine continuou. — Todo ano ele lhe deixava uma nova. Deixava dentro do bangalô, na esperança de que a senhora a encontrasse. — Ela juntou as mãos e sacudiu a cabeça com força. — Era a coisa mais romântica do mundo. Greg e eu sentíamos por ele, vendo-o fazer uma jornada tão extenuante ano após ano, para um homem na condição dele. — Ela alcançou a mão do marido e deu um tapinha carinhoso. — Era comovente ver.

Eu me sentei mais ereta na cadeira.

— O que quer dizer, “um homem na condição dele”?

Os olhos de Greg se estreitaram.

— A senhora não sabe?

— Sei do quê?

Loraine deu um olhar desaprovador a Greg, antes de chegar mais perto de mim, como se estivesse prestes a revelar algo terrível.

— Querida — disse ela. — O sr. Green estava em uma cadeira de rodas. Ficou paralítico durante a guerra.

Levei minha mão até o coração para abafar a dor dentro dele. *Paralítico*. Fechei meus olhos, me lembrando da cena no hospital de Paris, ele olhando para Kitty. Será que tinha se recusado a me ver não porque estava começando um relacionamento com Kitty, mas por causa de seu orgulho?

— Sei que isso deve ser muito difícil de ouvir — Loraine falou. — Sinto muito se lhe contamos coisas de mais; mas é que durante todos esses anos vimos a história desse homem querido se desenrolar, e esperávamos um dia ver a conclusão. Tê-la aqui, Anne, é absolutamente extraordinário. Greg e eu esperamos muito que você viesse, pelo bem de Westry, mas depois de tantos anos, perdemos a esperança.

Eu baixei os olhos para o caderno em minhas mãos, tentando dar algum sentido a tudo.

— E Westry? Onde ele está agora?

Loraine pareceu incomodada.

— Não sabemos exatamente — ela respondeu. — Ele parou de vir faz uns cinco anos. Tivemos muito medo de que ele pudesse ter...

Greg colocou uma mão sobre o braço de Loraine, como se pedindo a ela para ficar em silêncio.

— O diário que tem — ele falou. — Por que não o lê? Talvez encontre alguma pista.

Eu me levantei.

— Obrigada — agradeci. — Muito obrigada, por tudo. Preciso ir agora. Minha neta está me esperando.

Loraine ficou em pé ao meu lado.

— Deixe-nos acompanhá-la até o hotel, sra. Calloway.

Sacudi a cabeça.

— Ficarei bem. De qualquer forma, obrigada.

Desci os degraus até a trilha de volta à praia. Caminhei rapidamente, mexendo minhas pernas doloridas pela areia, rezando para que não fosse muito tarde.

Capítulo 17



A luz do início da manhã brilhava sobre a sacada enquanto eu me acomodava em uma cadeira de palha. Jennifer, que havia saído para correr, estaria de volta em uma hora. Abri o diário de Westry, virando a primeira página manchada de água, e deixei meus olhos absorverem a letra tão familiar:

23 DE AGOSTO DE 1959

Minha amada Cleo,

Esta é a primeira carta que lhe escrevo desde que nos vimos pela última vez na ilha, naquele dia fatídico quando os aviões rugiram a distância, levando você a um lugar e eu a outro. Voltei ao bangalô neste dia, 23 de agosto, o mesmo dia em que nos conhecemos tanto tempo atrás, com a esperança de encontrar você ou alguma lembrança sua aqui, pois quase vinte anos já se passaram e você não me saiu da cabeça. Ficará feliz em saber que este velho lugar se manteve em bom estado depois de todos esses anos. Tudo está exatamente como nós deixamos. As cortinas ainda balançam com a brisa. A escrivaninha e a cadeira. A cama. Tudo, exceto você.

Como gostaria que estivesse aqui, meu amor. Como gostaria de tomá-la nos braços como costumava fazer. Sei que está aí em algum lugar, vivendo sua vida e eu não quero perturbá-la. Mas meu coração sente sua falta. Sempre sentirá. Assim, eu voltarei todos os anos, neste dia, na esperança de que nossos caminhos possam se cruzar novamente. Deixarei este diário aqui em nossa caixa de correio. Espero ansiosamente por uma carta sua, e por você.

Seu,
Grayson

Pus o diário sobre o colo e me deliciei com a carta que demorara quase cinquenta anos para chegar às minhas mãos. *Ele ainda me ama. Meu Deus, ele ainda me ama. Como eu o amo, assim como o amei em 1959, e como ainda o amo hoje.* E o bangalô, ele disse que estava exatamente do jeito que o deixáramos. *Mas por que ele não falou nada sobre a pintura?* Virei a página seguinte e continuei lendo:

23 de agosto de 1960

Minha amada Cleo,

Tenho de admitir, meu coração saltou de ansiedade quando abri a caixa de correio e puxei o diário. Esperava ver uma mensagem sua ou, melhor ainda, encontrá-la aqui esperando por mim. Mas já esperei todos esses anos, o que seria mais um? Serei paciente. Prometo, meu amor.

À medida que o tempo passa tenho tido a oportunidade de refletir. Sempre me pergunto por que não respondeu às cartas enviadas do hospital em Paris, ou por que nunca veio me ver ali. Kitty disse que você estava casada, mas eu não acreditei, pelo menos não a princípio. Como poderia se casar depois do amor que compartilhamos?

De qualquer maneira, já estou resolvido com relação a isso agora, mas ainda guardo a esperança de que um dia você voltará, de que estaremos juntos novamente. Sei que a vida deve seguir em frente, mas uma parte de mim nunca viverá plenamente até que eu esteja com você novamente.

Até o ano que vem, meu amor,
Grayson

Fechei o diário com força, perturbada demais, atormentada demais pelo desfecho da história para continuar lendo. Kitty mentira para mim no hospital. Ela interceptara as cartas dele. *Por que ela fizera aquilo? Se eu tivesse recebido as cartas de Westry, será que as coisas teriam sido diferentes?*

Virei-me para o quarto do hotel quando ouvi Jennifer à porta.

— Está uma manhã linda, vovó — ela falou. — Deveria sair para dar uma caminhada.

Eu fiquei em pé e guardei o diário em minha mala, antes de tirar a carta de Genevieve Thorpe.

— Acho que devemos ligar para ela agora — eu disse, mais confiante do que me sentia há anos.



Jennifer sentou-se ao meu lado na cama enquanto eu apertava os números do telefone e escutava o chamado. Um, então dois, depois três.

A voz de uma mulher atendeu, falando uma frase em francês que eu não entendi.

— Alô — eu disse. — Aqui é Anne Call... Anne Godfrey. Estou tentando falar com a srta. Genevieve Thorpe.

A voz da mulher mudou do francês perfeito para o inglês perfeito.

— Ah, sim, olá, Anne, aqui é Genevieve falando.

— Estou aqui — informei um pouco mais hesitante do que esperava. — Estou aqui em Bora Bora.

— Meu Deus! — ela exclamou. — Que surpresa maravilhosa! Eu enviei a carta sem ter muita certeza se teria notícias suas, muito menos se a encontraria pessoalmente. Será que poderíamos marcar um encontro antes de ir embora?

— Claro — concordei. — Foi para isso que vim.

— Hoje é muito cedo?

— Não — falei —, está perfeito. Estamos hospedadas no Outrigger Suites. Gostaria de nos encontrar para tomar um drinque?

— Adoraria — ela respondeu. — Há anos espero por essa visita.

— Acho que eu também — eu disse. — Vejo você hoje à noite.

Desliguei o telefone, desejando não ter cometido um erro.



— Só as duas esta noite? — perguntou a hostess quando Jennifer e eu entramos no restaurante.

— Não — respondi. — Estamos esperando outra pessoa.

Neste exato momento, uma mulher no bar ficou em pé e acenou do outro lado da sala. Ela era linda, graciosa, com bochechas rosadas e cabelo castanho-claro encaracolado, amarrado com uma fivela dourada.

— Olá — ela falou caminhando em nossa direção. Ela não era muito mais velha do que meus filhos, talvez na faixa de seus sessenta anos. — Você deve ser Anne.

— Sim — respondi, tentando encaixar a sensação familiar que senti ao apertar a mão dela. — E esta é minha neta, Jennifer.

— Olá para as duas — ela nos cumprimentou com carinho. — Sou Genevieve.

— Muito prazer em conhecê-la — eu falei. — Vamos sentar? — Ela carregava uma grande bolsa de lona com listras azul-marinho. Eu me perguntei o que haveria lá dentro.

— Seria ótimo — ela respondeu.

A hostess nos acompanhou até uma mesa perto da janela. Quando o garçom apareceu, eu pedi uma garrafa de vinho.

Genevieve sorriu.

— Mal posso acreditar que esteja aqui — ela comentou sacudindo a cabeça. — Você parecia uma figura mítica. Quer dizer, seu nome estava no registro das enfermeiras durante a guerra, mas, ainda assim, parecia uma figura da imaginação.

Um silêncio recaiu sobre a mesa enquanto o garçom servia o vinho em nossos copos. Tomei um

gole e o líquido me aquecia à medida que descia pela minha garganta.

— Então, imagino que saiba do bangalô a mais ou menos um quilômetro daqui — disse ela virando-se para Jennifer. — Uma cabaninha. Se piscar, não o vê.

Eu balancei a cabeça.

— Conheço o lugar.

— É engraçado — ela continuou, tomando um gole do vinho e recostando-se na cadeira pensativamente. — Os moradores locais não chegam nem perto do lugar. Eles dizem que é amaldiçoado. Eu o evitei a minha vida inteira, especialmente quando era uma garotinha. Durante um piquenique naquela praia com meus pais, meu irmão e eu demos de cara com ele, mas nenhum dos dois ousou entrar. — Ela deu de ombros. — Mas, em algum momento, acho que minha curiosidade acabou ganhando. Há mais ou menos vinte e cinco anos, pulei uma das janelas e dei uma olhada lá dentro. Coincidência ou não, uma semana depois eu fiquei sabendo que meu marido estava tendo um caso extraconjugal e que minha mãe estava morrendo de câncer de mama.

— Sinto muito — Jennifer lamentou, enchendo novamente nossos copos de vinho.

— Quer dizer então que você acredita na maldição do bangalô? — perguntei.

Genevieve rodou o vinho no copo por um momento.

— Não sei — ela disse. — Parte de mim, sim, mas parte de mim sente que há tanta coisa boa lá dentro também. Senti quando estive lá. — Ela torceu o nariz. — Será que isso faz algum sentido?

— Faz — respondi. — É como eu mesma me sentia com relação ao bangalô. Passei muito tempo lá sozinha.

Ela enfiou a mão na bolsa e puxou um pequeno envelope branco.

— Aqui está — ela disse sorrindo. — Encontrei isso no chão em um canto do bangalô. Acho que lhe pertence.

Respirei fundo antes de erguer a aba do envelope. Meus dedos tatearam por dentro até encontrarem algo duro e frio. O brilho das pedras azuis refletia o sol que se punha. Meu broche. O que Kitty me dera. Arfei, lendo a gravação na parte detrás, uma gravação perdida no tempo. Lágrimas grossas me encheram os olhos e o recinto ficou embaçado.

— Com certeza já houve dúzias de Annes na ilha, em uma época ou outra — comentei intrigada. — Como sabia que isso pertencia a mim?

— Fiz minha pesquisa — respondeu ela sorrindo.

— E na sua pesquisa — eu disse, fazendo uma pausa —, aconteceu de você descobrir um tal de Westry? — Olhei para Jennifer. — Westry Green?

Genevieve concordou.

— Sim, na verdade, encontrei um livro dele, na gaveta da escrivaninha no bangalô.

— Um livro?

— É — ela continuou. — Apenas um velho romance dos anos trinta. O nome dele estava escrito dentro da capa.

Eu abri um sorriso, lembrando-me da esperança de Westry em manter em segredo nossos laços com o bangalô.

— Levei muito tempo — Genevieve continuou —, mas eu o encontrei. Conversamos muitos anos atrás, antes de iniciar o projeto sobre o qual lhe escrevi. Tentei encontrá-lo desde então, sem sorte. — Ela suspirou. — O número de telefone mudou, e parece que ninguém sabe o que aconteceu com ele.

Olhei para meu colo, dobrando o guardanapo branco na metade, e de novo, na metade.

— Sinto muito — disse ela. — Não quero dizer que ele...

— O que ele disse? — Jennifer perguntou, entrando na conversa para aliviar o clima do momento. — Quando vocês conversaram?

Genevieve sorriu e olhou para o teto como se para lembrar os detalhes exatos.

— Era como se estivesse saindo das páginas de um romance — ela respondeu. — Ele disse que uma vez a amara muito, e que ainda a amava.

— Por que ele simplesmente não ligou ou escreveu? — eu disse sacudindo a cabeça.

Genevieve deu de ombros.

— Acho que tinha os motivos dele. Ele era excêntrico, o sr. Green. Mas acho que todos os artistas são.

Eu franzi a testa, confusa.

— *Artistas*?

— Sim — Genevieve respondeu. — Claro que nunca vi nenhum trabalho dele, mas sei que ele tem, ou melhor, tinha uma coleção impressionante em seu nome. Pinturas, esculturas. Ele estudou arte na Europa, depois da guerra, e foi morar em algum lugar no Meio-Oeste, onde dava aulas de arte em universidades.

— Genevieve — falei —, você disse que ele *tinha* uma coleção impressionante. O que quer dizer?

— Ele doou tudo a várias galerias — ela esclareceu. — Eu me lembro dele dizendo que a arte era para ser compartilhada, para ser vista, não guardada.

Sorri.

— Isso soa como o Westry que eu conheci.

Jennifer limpou a garganta.

— Genevieve, você mencionou que Westry fazia escultura — ela disse olhando para mim em busca de aprovação. — Sabe qual o material? Argila? Bronze?

Sabia a linha de raciocínio que ela estava seguindo. A ilha tinha uma maneira de estabelecer conexões que não eram reais.

— Não tenho certeza — Genevieve disse dando de ombros. — Ele foi breve com relação ao seu trabalho. E posso estar inteiramente enganada. Foi há tanto tempo. Minha memória já se

apagou um pouco.

Jennifer e eu observamos quando ela tirou um caderno amarelo de dentro da bolsa e o colocou sobre a mesa.

— Se importa se eu lhe fizer algumas perguntas? — ela pediu com cautela.

— Claro que não — respondi, usando minha mão direita para estabilizar o copo de água que balançava em minha mão esquerda.

— Como disse em minha carta, uma jovem fora assassinada nesta ilha há muito tempo — ela começou. — Estou tentando dar um fim à história, fazer justiça.

Jennifer e eu trocamos um olhar astuto.

— Pelo que sei, você era enfermeira aqui e estava de folga na noite da tragédia. — Ela se inclinou para mais perto. — Anne, você viu ou ouviu qualquer coisa significativa? Tem havido um manto de segredo ao redor das circunstâncias do assassinato. É como se a ilha a tivesse engolido sem deixar nenhuma pista. Você talvez seja minha última esperança de justiça.

— Sim — respondi. — Eu sei de alguma coisa.

Genevieve abriu seu caderno.

— Sabe?

Juntei as mãos sobre o colo, pensando nas convicções de Westry com relação a manter o segredo. Mesmo depois de anos de análise, virando a história vez após outra em minha cabeça, nunca compreendi as intenções dele, nem quem ele estava protegendo. Talvez trazer o segredo à tona me daria as respostas as quais busquei por tanto tempo.

— Atea — falei. — O nome dela era Atea.

Os olhos de Genevieve se arregalaram.

— Sim — ela confirmou.

Jennifer apertou minha mão debaixo da mesa.

— Ela era uma mulher linda — continuei. — Eu a conheci brevemente, mas ela exalava a bondade dessa ilha.

Genevieve balançou a cabeça e abaixou a caneta.

— Muitos dos moradores da ilha nunca aceitaram a morte dela — ela disse. — Até hoje. Aqueles que são velhos o bastante para lembrar ainda falam da morte dela como um grande mal que ocorreu nas praias deles. É por isso que fiz disso minha missão para encontrar justiça, por ela, por todos eles.

— Eu posso lhe ajudar — falei. — Mas precisarei levá-la a um lugar. Sei de uma pista que trará a justiça pela qual está buscando.

O pôr do sol, laranja com toques violeta, prendeu meus olhos fora da janela.

— Hoje já está muito tarde — eu disse. — Mas pode nos encontrar perto da praia em frente ao hotel amanhã de manhã?

— Claro — Genevieve respondeu sorrindo agradecida. — Posso estar lá tão cedo quanto quiser.

— Que tal às nove e meia?

— Perfeito — ela disse. — Mal posso esperar.

Naquela noite, o celular de Jennifer tocou dentro a bolsa, na sacada, onde eu estava sentada olhando as ondas rolarem suavemente até a praia. O mar brilhava à luz da lua crescente no céu.

— Querida — eu a chamei pelas portas duplas —, seu telefone está tocando.

Ela saiu no terraço, vestida com uma calça de pijama verde, e fuçou pela bolsa.

— Engraçado — ela falou. — Não achei que conseguiria sinal aqui.

— Alô? — disse ela ao telefone. Eu ouvia com indiferença à conversa dela. — Está brincando. — Ela ouviu durante um tempo que pareceu uma eternidade. — Ah. — Fez uma pausa perturbada com alguma coisa, depois sorriu. — Bem, estou muito agradecida. Obrigada. Muito obrigada. Ligarei quando estiver de volta a Seattle.

Jennifer terminou a ligação e sentou-se na cadeira de palha perto de mim.

— Era uma mulher dos arquivos — ela contou maravilhada. — Eles o encontraram. Acharam o artista.

Eu pisquei vigorosamente, lembrando a troca de informações com Genevieve mais cedo. *Seria possível?*

— Ele não é... é ele? — Odiava admitir, mas a imaginação de Jennifer tinha me deixado esperançosa.

— Sinto muito, vovó — disse ela. — Não. Não é Westry.

Eu balancei a cabeça.

— Claro — falei, me sentindo infantil por conectar as histórias da maneira que fizera.

Ela observou um pássaro marinho voar no céu, seguindo-o com os olhos até perdê-lo de vista.

— O artista morreu anos atrás — ela continuou.

— Sinto muito, querida — eu disse, dando um tapinha na mão dela.

— Tudo bem — ela respondeu, forçando um sorriso. — Pelo menos o mistério agora está resolvido... bem, mais ou menos. Agora que sei quem ele é, pode ser que consiga falar com a família dele.

— Isso mesmo — falei. — Gostaria que tivéssemos uma garrafa de champanhe por aqui.

— Por quê?

— Para brindar a ocasião.

Jennifer me deu um olhar confuso.

— Querida — eu continuei —, você finalmente encontrou seu homem.

Jennifer recostou a cabeça em meu ombro.

— Você também encontrará o seu — disse ela. — Tenho um pressentimento de que tudo acabará bem.

— Talvez — concordei, desejando que ela não conseguisse sentir a dúvida em minha voz, pois meu coração me dizia que já era tarde demais.



Assim como combinamos, Genevieve nos encontrou na praia no dia seguinte, depois do café da manhã.

— Bom dia — disse ela se aproximando com um sorriso alegre. Ela carregava uma mochila, e o cabelo encaracolado escapava pelo chapéu desbeiçado.

— Muito obrigada por se encontrarem comigo hoje — disse ela assim que nos afastamos a uma boa distância do hotel. — Não podem imaginar o quanto é estimulante estar mais perto das respostas.

— Espero ter as respostas certas — eu disse baixinho, me preparando para o que estava por vir. — Diga-me o que já sabe sobre o crime.

— Bem — disse ela arrumando a mochila —, sei só o que os moradores da ilha sabem, ou acreditam que sabem: que o homem que cometeu o assassinato foi responsável por várias gravidezes na ilha, várias mulheres nativas e uma enfermeira americana.

Kitty.

Eu balancei a cabeça.

— Eu não o vi — continuei baixinho, olhando longe para o trecho de areia branca diante de nós. — Estava muito escuro. Mas o único homem que poderia ter sido era Lance.

— Lance?

— Sim — respondi. — Ele era o homem com quem, na época, minha melhor era estava saindo. Ele a deixou em uma situação difícil, grávida e sozinha, enquanto continuava a namorar as mulheres nativas.

Genevieve parou abruptamente e se virou para mim.

— Anne — disse ela —, não compreendo. Se sabia de tudo isso, por que não contou? Por que não reportou?

Suspirei fundo, juntando minhas mãos com força.

— Sei o que deve parecer, mas é mais complicado do que isso.

O bangalô estava próximo, e apontei para um toco de madeira trazido pelo mar perto da praia.

— Vamos nos sentar um pouco. Eu contarei o que sei.

Sentamos sobre uma viga de madeira trazida até a praia, cinza e lisa pelos anos de batalha com o mar. Apontei para trás de nós.

— Ali — eu disse, foi onde eu lhe assisti colocar uma faca no pescoço dela.

Genevieve cobriu a boca.

— Eu me escondi pelas sombras até ele ir embora, então corri até ela. Segurei-a nos braços enquanto ela lutava pela vida, por ar. — Sacudi a cabeça. — Não havia nada que eu pudesse fazer. Ela estava morrendo. Westry apareceu momentos depois. Eu e ele nos lembramos da dose de morfina em minha bolsa. As enfermeiras sempre tinham um estoque em suas bolsas de primeiros socorros. Aquilo acabaria com a dor dela; nós dois sabíamos disso. A princípio fiquei relutante, mas à medida que observava a respiração arfante e ouvia seus pulmões se encherem, eu percebi que era a única maneira. A morfina era mais do que suficiente para acabar com o sofrimento e com a vida dela. Ela morreu nos meus braços.

Genevieve deu um tapinha em meu braço.

— Você fez a coisa certa — ela disse. — É o que qualquer um de nós teria feito na mesma situação.

Limpei uma lágrima.

— É o que tenho dito a mim mesma durante todos esses anos, mas, em meu coração, sabia que poderia ter feito mais.

— Como reportar o crime? — Genevieve perguntou.

— Sim.

— Diga-me por que não o fez.

Eu balancei a cabeça.

— Foi ideia de Westry manter tudo em segredo. Ele me disse que era para o nosso próprio bem, que seríamos responsabilizados pelo crime. Mas não acho que essa era a verdadeira razão. Westry nunca fugiria da justiça a não ser que fosse por uma razão verdadeira. — Olhei para a praia, me lembrando dele naquela noite, tão assertivo, tão forte. Ele sabia de algo que eu não sabia. — Ele falou algo sobre me proteger — continuei. — Se fôssemos até as autoridades da base ele tinha medo de que algo terrível pudesse acontecer. Eu confiei nele.

— Tem a menor ideia do que ele queria dizer com aquilo?

— Não — respondi, jogando minhas mãos para cima. — Acredite, penso naquela noite há setenta anos, e estou tão longe de entender as preocupações dele quanto estava setenta anos atrás.

Genevieve suspirou.

— Mas — continuei —, como falei a noite passada, tenho algo para lhe mostrar. Uma pista. Eu a escondi na noite do crime, esperando que pudesse ser usada um dia, anos depois, quando chegasse a hora da verdade ser revelada. Esse dia pode ser agora.

Fiquei em pé, e Genevieve e Jennifer me seguiram.

— Gostaria que eu a levasse até ela?

— Claro — Genevieve respondeu avidamente.

Jennifer equilibrava-me enquanto atravessávamos o mato e entrávamos mais fundo na floresta.

Olhe só para mim, me arrastando pela floresta na minha idade. Mas, agora, a idade não importava. Tudo o que importava era a verdade e eu tinha a intenção de encontrá-la.

Olhei fixamente para a frente, tentando me localizar.

— Sim. — Balancei a cabeça para mim mesma. — Deve estar exatamente aqui.

A paisagem parecia diferente, claro; no entanto, ao ver a enorme palmeira a distância, eu soube que estávamos perto. Segui à frente de Jennifer e Genevieve e apressei o passo até alcançar a base da velha palmeira. Ajoelhei-me e afundei as mãos dentro do solo úmido, escavando o máximo de terra que conseguia. *Tinha de estar ali.*

— Posso ajudar? — Genevieve perguntou, olhando por cima do monte de terra que eu tirara com as próprias mãos.

Balancei a cabeça.

— Só mais alguns minutos e chego lá.

A terra encobria minhas mãos e braços. Entrou embaixo das minhas unhas de uma maneira que, anos atrás, teria me incomodado, mas agora eu não me importava. Nunca estive tão perto da justiça. Podia sentir seu cheiro. E, um minuto depois, pude senti-la em minhas mãos.

Minha mão bateu em algo duro, a mais ou menos trinta centímetros da superfície, e me esforcei ainda mais para fazer um buraco para pegá-la. Respirei fundo.

— Vovó, está bem? — Jennifer sussurrou, ajoelhando-se ao meu lado.

— Estou — respondi, tirando o pacote que eu escondera há tanto tempo. Desembrulhei o tecido rasgado, um dia a barra de meu vestido, que agora estava em trapos devido à umidade e aos insetos, e puxei uma faca.

— A arma do crime — disse a Genevieve. — Eu a procurei depois que ele a jogou na floresta, então a enterrei esperando encontrá-la novamente quando chegasse a hora certa.

Como uma especialista forense, Genevieve tirou um saquinho de plástico da mochila e colocou a faca cuidadosamente lá dentro. Em seguida, me passou um pano molhado para as mãos.

— A hora certa é agora — disse ela baixinho. — Obrigada.

— Não me agradeça — falei solenemente. — Só dê a Atea a justiça que ela merece.

— Darei — Genevieve respondeu, examinando a faca através do plástico. — Essas gravações — a unidade e os números de fabricação — devem significar alguma coisa.

— E significam — falei. — Elas a levarão até Lance.

— Que bom — disse ela, enfiando o saquinho na mochila. — Posso procurar isso com a ajuda da sociedade histórica do exército. Eles mantêm registros de tudo da guerra. Afinal, foi assim que a encontrei.

Sorri para mim mesma enquanto caminhávamos em silêncio de volta para a praia. Fazia bem revelar a verdade, e eu me sentia mais leve por isso.

O celular de Genevieve tocou dentro da mochila, e Jennifer e eu pedimos licença para ir até a praia, onde mergulhei as mãos na água salgada, limpando o restante da terra — e do mal —,

contidos naquela faca.

— Estou muito orgulhosa de você, vovó! — Jennifer disse, ajoelhando-se ao meu lado. — Foi preciso muita coragem para fazer o que fez.

— Obrigada, querida — agradeci, batendo minhas mãos na calça para secá-las. — Deveria ter feito isso anos atrás.

Caminhamos de volta à praia onde Genevieve estava parada, em pé, ainda falando ao celular.

— Sim, querida — ela disse. — Prometo, estarei em casa mais tarde e aí podemos jantar juntas como tínhamos combinado. — Ela fez uma pausa. — Te amo também, Adella.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram. *Aquele nome. Não o ouvia ser pronunciado desde... desde.* Olhei para Jennifer e a expressão no rosto dela me dizia que ela também fizera a conexão.

— Com licença — eu disse a Genevieve momentos depois. O hotel já estava à vista agora e dava para ouvir o barulho da água e das risadas dos banhistas ecoando pela praia. — Não tive como não escutá-la dizer o nome Adella.

— Ah — ela falou —, sim, é minha filha.

— É um nome tão lindo — eu disse. — Não se ouve com frequência.

— Não mesmo — ela concordou. — Eu nunca conheci outra Adella em toda minha vida. É meu nome do meio. Eu fui adotada, sabe, e esse era supostamente o nome que minha mãe biológica escolhera para mim.

Afastei o olhar, incapaz de esconder a emoção surgindo em meu coração.

— Meus pais se sentiram na obrigação de mantê-lo — ela explicou, parecendo pensativa por um momento. — Quando minha própria filha nasceu, achei que era o único nome que parecia combinar.

— Anne — disse ela preocupada. — Tem alguma coisa errada?

— Não — eu disse, me recompondo. — Estou bem. Estava só me perguntando se um dia conheceu sua mãe biológica ou se tentou encontrá-la.

— Acredite — ela falou. — Eu tentei. Meus pais nunca me falaram nada sobre ela. — Ela pareceu perdida em pensamentos, e logo em seguida seus lábios formaram um sorriso. — Um professor da escola uma vez me disse que minha mãe tinha de ser francesa porque eu tinha um nariz absolutamente francês. Mas nunca saberei. Os registros foram destruídos há muito tempo.

A filha de Kitty. Bem diante dos meus olhos. O bebê a quem eu ajudei vir ao mundo no bangalô.

— Bem — Genevieve disse, juntando as mãos. Agora que tinha encaixado as peças, podia ver que os olhos dela eram como os olhos de Kitty na juventude. — Aqui estou eu falando sobre mim mesma e mantendo vocês ao sol quente. Foi uma manhã emocionante. Vou deixá-las descansar. Por que não passo por aqui amanhã, quando terei novidades sobre os números de série da faca? Devo saber de alguma coisa até a tarde.

Assenti.

— Seria ótimo — eu disse, minha cabeça girando.

— Teremos muito sobre o que conversar.

— Teremos — concordei, colocando uma mecha do cabelo encaracolado atrás da orelha dela, do jeito que teria feito se Kitty estivesse na minha frente naquele momento.

Capítulo 18



— Vou até a praia um pouquinho — Jennifer disse na manhã seguinte. Pude sentir o cheiro do shampoo de coco em seu cabelo recém-lavado quando ela chegou mais perto. — Quer alguma coisa? Um croissant? Um *latte*?

Eu sorri.

— Estou bem, querida.

Quando a porta se fechou com um clique atrás dela, peguei o diário de Westry e continuei lendo as cartas. Debrucei-me sobre as páginas amareladas, conhecendo a vida que ele levou sem mim, e o amor que ele guardou no coração, um amor que parecia cada vez mais forte e mais verdadeiro a cada ano. Ao chegar à última página, datada de cinco anos atrás, meu coração foi arrebatado:

Minha amada Cleo,

Aqui estou novamente, mais um ano, mais um agosto, agora velho demais para estar aqui, para estar aqui sem você. Este não foi um ano muito bom para mim. Espero apenas que tenha sido melhor para você, onde quer que esteja.

Lembra-se da canção que ouvimos no rádio aquela noite no bangalô, “La Vie em Rose”? O verso dizia “Dê seu coração e sua alma para mim e a vida será sempre em rosa”. Acho que essa seja uma verdade em minha vida, pois mesmo sem sua presença, mesmo sem seu carinho, ainda tenho você comigo, para sempre. Uma vez você me deu seu coração e sua alma, e eu nunca os deixarei partir.

Quer nos encontraremos de novo ou não, isso é tudo o que importa.

La Vie em Rose, minha querida.

Seu, eternamente,
Grayson



Genevieve chegou ao nosso hotel às três horas. Jennifer a deixou entrar, e ela largou a bolsa em

cima da escrivaninha.

— Nunca acreditarão no que acabei de descobrir.

— O quê? — perguntei ansiosamente.

Genevieve sentou-se na cama ao meu lado.

— A gravação na faca — disse. — Eu pesquisei. — Ela sacudiu a cabeça, maravilhada. — Ela não pertence a Lance, Anne.

— Meu Deus! — exclamei balançando a cabeça. — Então a quem?

Ela tirou o caderno da bolsa e o abriu na primeira página.

— Pode ser uma surpresa assustadora — ela disse. — A faca fora produzida para o coronel Matthew Donahue, o oficial-general de toda a base. — Ela olhou para mim querendo uma explicação. — Deve haver algum erro.

Eu entendi tudo errado.

— Não há erro nenhum! — eu disse, sentando-me mais ereta. Imagens do passado passaram pela minha cabeça: Kitty chorando na cama; Atea confusa e perturbada na noite das celebrações do Natal; do rosto ensanguentado de Westry no alojamento dos homens. *É claro que não era Lance.* Podia entender isso agora. O coronel estivera por trás de tudo, por trás de cada detalhe.

Genevieve pareceu confusa.

— Ninguém jamais acreditará que um oficial-general, bem respeitado na época, pudesse ter cometido um crime tão brutal. — Ela parou para pegar o caderno da bolsa. — A única maneira de podermos ter certeza, a única maneira de termos prova, é se tentarmos encontrar a enfermeira americana com quem ele estava envolvido e conversar com ela. Talvez ela seja o pedaço do quebra-cabeça que está faltando. A faca está corroída demais para termos as impressões digitais, e os moradores da ilha velhos o bastante para se lembrarem não falarão. Acredite, eu já tentei. — Ela deu de ombros, derrotada. — Quais são as chances de falarmos com aquela enfermeira ao telefone? Não muitas, né?

— Talvez — eu disse baixinho, parando para ponderar o que estava prestes a dizer. — Acontece que eu conheço a mulher.

Os olhos de Genevieve se arregalaram.

— Conhece?

— Sim — afirmei. — Bem, eu conhecia, de qualquer forma. Ela era uma velha amiga minha. Minha *melhor* amiga, para ser sincera. Na verdade, viajamos juntas para a ilha. — Fiz uma pausa para analisar a expressão dela, tão parecida com a de Kitty. Será que era tarde demais para elas?

— Qual o nome dela?

— Kitty. Kitty Morgan — suspirei. — Obviamente que eu não sei o que aconteceu com ela. Não nos falamos desde, bem, há bastante tempo.

Os olhos de Genevieve se iluminaram.

— Conheço este nome, Kitty. Sim. Acredito que tenha anotado as informações dela dos

registros de funcionários da enfermaria. Uma vez eu olhei o número do telefone dela, mas nunca liguei; na época não me pareceu haver um motivo. — Ela folheou o caderno com a ponta do dedão, depois parou em uma página. — Isso mesmo, aqui está — ela continuou. — Kitty Morgan Hampton. Ela mora na Califórnia agora. Bem, pelo menos morava lá dois anos atrás. Anne, poderia ligar para ela?

Senti uma fraqueza por todo o corpo.

— Eu?

— Sim — ela respondeu me olhando com expectativa.

— Mas este é o seu projeto — eu falei. — Você deveria ligar.

Genevieve balançou a cabeça.

— Será mais fácil ela falar com você... do que com um estranho.

Ah, se você soubesse.

Pensei na frieza de Kitty comigo durante nosso último mês na ilha, na maneira como agira com relação a Westry, na maneira que se colocou entre nós, prejudicando para sempre o nosso amor. Não, eu não poderia falar com ela.

Senti o queixo de Jennifer em meu ombro.

— O tempo muda as pessoas — ela sussurrou. — Você a amou um dia; não quer saber o lado dela da história?

Eu a amei, era verdade. E talvez ainda a amasse. A lembrança dela ainda me afetava, mesmo depois de todos esses anos.

— Tudo bem — concordei. — Farei a ligação.

Jennifer me passou o telefone e eu, hesitante, apertei os números escritos no caderno de Genevieve.

— Alô? — a voz de Kitty estava mais rascante agora, mas o tom ainda era o mesmo. Eu congelei, incapaz de encontrar minha voz.

— Alô? — disse ela de novo. — Se isso é telemarketing...

— Kitty? — eu finalmente falei em um grunhido.

— Sim?

— Kitty — minha voz quebrantou e as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. — Kitty, é a Anne.

— Anne?

— Sim! — falei entre lágrimas. — Anne Calloway, Godfrey.

— Meu Deus, Anne — ela disse. — É você mesmo?

— Sim, sou eu mesma.

Jennifer me passou um lencinho de papel, e assoei meu nariz suavemente, do mesmo modo que

ouvi Kitty fazer do outro lado da linha.

— Anne, eu... eu... — A voz dela falhou. — Nem sei por onde começar. Como você está?

— É engraçado — respondi. — Não sei como responder a essa pergunta, depois de todos esses anos. Por onde começamos?

— Bem — Kitty disse baixinho. A firmeza em sua voz, aquilo que tinha me amedrontado em Paris, agora não existia mais. Os anos tinham suavizado seu tom, e, talvez, seu coração. — Posso começar dizendo que sinto muito.

— Kitty, eu...

— Não, deixe-me terminar — ela insistiu. — Eu não estou bem, Anne. Talvez não consiga lhe dizer isso novamente, então tenho de falar agora. — Ela fez uma pausa, como se para ordenar as ideias. — Deveria ter lhe procurado anos atrás. Não sei por que não procurei. Estou muito envergonhada.

— Ah, Kitty — eu disse, passando outro lencinho de papel embaixo dos olhos para enxugar as lágrimas que continuavam caindo.

— Eu me arrependo da maneira como me comportei na ilha, e em Paris — ela continuou. — Eu fiquei paralisada depois do parto. Mergulhei em um lugar sombrio que não compreendia. Agora sei que foi depressão, o que eles chamam de depressão pós-parto, minha filha me disse. Mas, eu...

Olhei para Genevieve, observando silenciosamente da cadeira perto da escrivaninha, tão parecida com Kitty de muito mais maneiras do que eu poderia descrever: linda, vibrante, impulsiva.

— Kitty, você tem uma filha?

— Bem, sim, tenho três... bem, quatro... — A voz dela esmoreceu. — Eu me casei com um bom homem, você ficaria feliz em conhecê-lo. Eu o conhecei em Paris, depois da guerra, um fuzileiro naval. Nós nos mudamos para a Califórnia. Tive uma vida boa. — A linha ficou em silêncio por um momento. — A sua vida tem sido boa, Anne? Sempre penso em você.

— Sim — eu disse baixinho. — De quase todas as maneiras.

Kitty suspirou.

— Anne, há uma coisa que eu preciso lhe dizer, sobre Westry.

Como o nome dele ainda provocava tanta emoção em mim? Tanta dor? Fechei meus olhos com força.

— Ele não parava de falar em você em Paris — ela falou. — Estava sempre perguntando de você e esperando que você viesse.

— Mas eu fui — eu disse. — Você se lembra, é claro.

— Sim. — Eu era capaz de ouvir a vergonha de Kitty, senti-la ricocheteando pelo Pacífico. — Eu tinha ciúme do que vocês tinham — ela admitiu.

— Então interceptou as cartas dele para mim?

Ela engasgou.

— Você sabe?

— Soube recentemente — eu falei.

— Anne, estou tão envergonhada — ela declarou em meio às lágrimas. — E pensar que eu posso ter mudado o curso de sua vida pelas minhas ações. Eu mal posso suportar isso.

Em um instante, a fúria que queimava meu coração perdeu sua força.

— Tem o meu perdão — eu disse. — O que você disse antes, sobre o tempo estar acabando... eu também sinto isso.

— Ainda tenho meu broche — contou ela depois de uma pausa. — Aquele que dei a você no Cabaña Club. Está na minha caixa de joias. Anne, sempre olho para ele e penso em você.

Eu me lembrei do exato momento em que ela me dera a peça, um gesto de amizade eterna. Fechei meus olhos e pude imediatamente ver a cena da caixinha embrulhada em um papel azul brilhante amarrado com uma fita dourada. A fumaça do Cabaña Club rodopiava à nossa volta. Se aquele broche pudesse ter mantido nossos laços. Ou talvez ele realmente tivesse. Tirei o meu do bolso e o virei em minha mão, olhando a gravação.

— Também ainda tenho o meu, Kitty — eu disse. — Está bem aqui.

— Como eu adoraria vê-la de novo — Kitty falou. — Onde você está? Seattle?

— Não — respondi. — Em Bora Bora.

— *Bora Bora?*

— Sim, estou aqui com uma mulher que está pesquisando um crime cometido na ilha, um assassinato.

Kitty ficou em silêncio por um momento.

— Está se referindo a Atea, não está?

— Estou — eu falei. — Você lembra?

— Claro que lembro.

Resolvi não perguntar como ela sabia da história. Aquilo não importava mais.

— Queria lhe fazer algumas perguntas — eu disse com receio —, se você não se importar.

— Vá em frente.

— Nunca falamos sobre quem era o pai de seu bebê — eu continuei. — Sempre presumi que fosse Lance, mas agora temos provas ligando o assassinato de Atea ao...

— Ao coronel?

— Sim — eu disse. — Você sabe?

— Sei — ela explicou. — E Westry também sabia.

— Não entendo.

— Ele estava me protegendo, Anne — ela contou —, ao não contar. Antes do assassinato, ele ficou sabendo da situação, mesmo antes de você. Ele nos viu juntos e ouviu nossa conversa na

praia. Westry também sabia que o coronel tinha o mesmo tipo de relacionamento com as mulheres da ilha. Eu era teimosa e ingênua. Westry me avisou sobre ele, mas eu não ouvi.

Lembrei-me da surra brutal no alojamento.

— Ele ameaçou Westry, não foi?

— Sim — Kitty continuou. — O coronel o avisou que se ele tentasse intervir ou reportar qualquer coisa ao superiores dele no continente, ele faria algo terrível comigo.

— Meu Deus, Kitty! — exclamei. — Quer dizer que não dizendo nada sobre o assassinato de Atea, Westry estava protegendo *você*?

— Sim — ela afirmou. — Em retrospecto, acho que eu estava correndo mais perigo do que jamais imaginara. Westry me poupou de tudo aquilo.

Eu suspirei.

— Foi por isso que você começou a ter sentimentos por ele, não foi?

— Acho que sim — Kitty admitiu com sinceridade. — Depois de ser tão maltratada por homens em minha vida toda, lá estava um homem honesto, sensível, que queria me proteger. No entanto, ele já estava apaixonado pela minha melhor amiga.

Olhei através da janela para a praia, lembrando-me da maneira como Kitty olhava para Westry. Não podia culpá-la por amá-lo.

— Bem — ela continuou —, Atea foi assassinada porque ele a engravidou e ela se recusou a ficar quieta, assim como as outras mulheres.

— As outras mulheres?

— Sim — ela disse. — Houve pelo menos mais duas, uma mal tinha catorze anos. — Ela parou diante de uma revelação tão assustadora. — Deveria ter contado tudo isso anos atrás, mas tinha de continuar minha vida. E depois de ouvir sobre a morte dele, cheguei à conclusão de que ele arderia no fogo do inferno de qualquer maneira.

— Quando ele morreu?

— Mil novecentos e sessenta e três — disse ela. — Ataque cardíaco, sozinho em um hotel em São Francisco.

Senti-me mais ereta, olhando para Jennifer, depois para Genevieve.

— Mas isso não quer dizer que a justiça foi feita — falei. — Ele ainda é um veterano de guerra condecorado. Faremos o exército revogar seu status postumamente. Farei questão disso.

Genevieve balançou a cabeça, concordando. *Como ela se sentirá quando perceber que o homem no centro dessa maldade era seu próprio pai?* Respirei fundo, pois o que estava prestes a dizer mudaria tudo, para ambas.

— Kitty — eu disse, gesticulando para Genevieve se aproximar do telefone. — Há alguém aqui com quem gostaria que você falasse. O nome dela é Genevieve. Acho que vocês duas têm mais coisas em comum do que imaginam. A filha dela, por exemplo... bem, acho que deveriam conversar.

Genevieve me deu um olhar confuso, mas pegou o telefone e sorriu.

— Sra. Hampton?

Eu me afastei da cama, e fiz um gesto para que Jennifer me acompanhasse. Ela balançou a cabeça em reconhecimento, e fechamos a porta suavemente atrás de nós.

— Isso talvez seja a melhor coisa vinda disso tudo — Jennifer falou, sorrindo para mim no corredor.

Descemos as escadas de braços dados até a recepção ao ar livre, onde nos sentamos juntas observando as ondas baterem violentamente na praia, pegando os banhistas de surpresa e espalhando-os pela costa, para lugares mais altos, com toalhas encharcadas. Eu me extasiei com a visão. Era como se a ilha soubesse que a justiça fora feita e estivesse eliminando o mal de suas praias.

Passei o dedo pela corrente do meu medalhão, me perguntando se o que Tita dissera poderia ser verdade. *A maldição sobre a qual ela falara, será que agora seria quebrada?* Só o tempo diria.

Capítulo 19



O telefone tocou na sala de estar, e eu resmunguei. Atendê-lo significava ter de ficar em pé, sair da cama e sentir meus ossos doerem a cada passo. Contudo, o toque persistente me instigou a fazer a jornada. Um passo e depois outro. Minhas pernas doeram, mas se mexeram, e eu alcancei o aparelho a tempo de pronunciar um "alô" esbaforido dentro do bocal.

— Vovó, sou eu! — Jennifer falou com uma voz estridente. — Hoje é o dia!

Mais de três meses tinham se passado desde que voltáramos da ilha. A viagem fora satisfatória de mais maneiras do que eu esperara, mas, ainda assim, não estava preparada para a exaustão emocional que continuou depois de nosso retorno. Ao mesmo tempo que fiz as pazes com Genevieve, Atea, Kitty e talvez com a própria ilha, vim embora com um tsunami em meu coração, apenas com os vestígios de Westry e um caderno com velhas cartas às quais me apegar.

— Vovó?

— Estou aqui, minha querida — respondi ao telefone. — Só não estou me sentindo muito bem hoje.

— Virá mesmo assim, certo?

— Ah, meu doce — eu disse, afundando no sofá antes de puxar um cobertor sobre meus pés gelados. — Acho que não posso.

O silêncio de Jennifer me cortou o coração. *Ela me acompanhou em minha jornada e me apoiou com tanta compaixão; como posso abandoná-la neste dia?*

— Consegue se virar sem mim, não consegue, querida? — perguntei, esfregando minhas costas doloridas. Jennifer entregara seu artigo final na semana anterior e o jornal ouvira falar sobre o projeto, assim como a equipe de relações públicas da universidade.

— Ah, vovó — ela falou. — Sei que é pedir muito, especialmente se não está se sentindo bem, mas adoraria se pudesse vir. Tanta gente estará lá, e eu mal posso suportar a ideia de encará-los sozinha. Estou tão nervosa. Seria reconfortante se pudesse tê-la por perto. Posso pegá-la em uma hora. Estacionaremos perto, assim não precisará andar muito.

Forcei minhas pernas a se esticarem e fiquei em pé. *Posso fazer isso. Por Jennifer.*

— Se é assim — concordei respirando fundo —, então irei. Por você, querida.

— Ah, vovó, obrigada! — ela exclamou. — Logo logo estarei aí.

Desliguei o telefone e peguei a carta de Genevieve na mesa de centro. Tinha chegado ontem, e eu já a lera uma dúzia de vezes.

Querida Anne,

Gostaria de agradecer por ter vindo a Bora Bora. Sua visita foi transformadora, para a ilha, para mim, para Atea. Espero que tenha sido para você também.

Escrevo com boas notícias: entrei em contato com o exército e eles têm todos os detalhes. Concordaram em abrir um inquérito contra o coronel Donahue. Parece tudo muito estranho saber de minha relação com esse homem, mas isso não me impede de buscar a justiça por Atea, por meu irmão e irmã que não nasceram.

Ainda que o exército não possa processá-lo depois de morto, meu contato diz que estão trabalhando com oficiais aqui na ilha para juntarem os fatos sobre o caso. Ele provavelmente perderá as honras e distinções, pelo menos em todos os arquivos militares.

Os oficiais da ilha estão pensando em erguer um monumento, um memorial para Atea, em algum lugar da ilha. Isso não é absolutamente maravilhoso, Anne? Claro que adoraríamos tê-la aqui para a cerimônia, quando isso acontecer. Nada disso teria acontecido sem sua coragem.

Ah, quase me esqueci: irei me encontrar com Kitty pela primeira vez, na Califórnia, no mês que vem. Ela me convidou para ficar com ela. Levarei Adella comigo. Tenho de me beliscar, pois mal posso acreditar que isso é real. Mas é, maravilhosamente real.

Sempre pensarei em você com carinho, ternura e apreço.

Com amor,
Genevieve



O silêncio pairava sobre o campus, e meus saltos clicavam alto sobre o tijolo do caminho, reluzente de um chuvisqueiro que acabara de passar. Um relógio badalava a distância: meio-dia.

— Só mais um pouquinho — Jennifer disse, avaliando meu rosto em busca de sinais de cansaço.

— Estou bem, querida — eu a tranquilizei. O ar fresco me fazia bem à pele, me energizava de um modo que eu não esperava. — Vá você na frente.

Passamos por uma fileira de bordos, as folhas tingidas de laranja e vermelho. Um imponente prédio de tijolos permanecia vigilante nas redondezas. Eu o reconheci instantaneamente, é claro. Gerard lecionara finanças aqui depois de se aposentar do banco. Como eu adorava caminhar com

ele pelo campus, principalmente no outono.

— Por aqui — Jennifer falou, tomando meu braço no dela enquanto nos aproximávamos de um caminho estreito que fazia uma curva perto do prédio coberto de hera. Ela segurou um galho de árvore para que eu pudesse abaixar a cabeça e passar por baixo. De todas as vezes que viera ao campus com Gerard, nunca pensei em caminhar atrás do prédio. Nem uma única vez.

— Aqui está — disse ela apontando para a frente, toda orgulhosa.

Eu semicerrei os olhos, deixando a escultura tomar foco. Podia entender porque ela tinha chamado tanto a atenção de Jennifer. Contava uma história. Cheguei mais perto, intrigada, e olhei para o casal de bronze, juntos em frente a uma porta simplória. *Por que meu coração está disparado?* O homem olhava para a mulher com nostalgia, enquanto ela olhava distante para algum lugar à esquerda.

— É linda! — elogiei olhando mais de perto. O homem tinha nas mãos uma caixa grande, com um cadeado, e, nos pés, algumas poucas posses se espalhavam: a tela de um pintor, uma garrafa quebrada e um livro. Minhas mãos tremeram no momento em que me ajoelhei. Naquele momento, meu coração *teve certeza*.

Jennifer ficou em pé em silêncio, a alguns passos atrás de mim. *Onde estão todas as pessoas, a festa sobre a qual ela falou?* Passei a mão pelo livro de bronze na base da escultura, fria, molhada de chuva, até chegar à borda da capa. *Será?* Ergui a ponta pesada e olhei fixamente para uma chave de ferro enferrujada lá dentro, meu coração, a cada segundo, batendo mais forte.

Fiz um gesto para Jennifer se aproximar.

— Não consigo fazer isso sozinha — falei, limpando uma lágrima do rosto.

Ela me ajudou a ficar firme enquanto eu inseria a chave dentro do cadeado na caixa, as bordas seladas com força para proteger seu conteúdo. *Uma combinação perfeita.* Virei-a para a direita, mas ela enroscou.

— O tempo deve tê-la corroído — comentei. — Tentarei de novo.

Tirei a chave e a inseri no cadeado uma segunda vez, chacoalhando-o levemente. Um clique suave soou quando o cadeado abriu o fecho teimoso.

Jennifer olhava por cima quando eu abri a tampa e espiei lá dentro para encontrar uma caixa de veludo azul. Tirei-a da cripta de bronze e caminhei até um banco próximo, onde Jennifer e eu nos sentamos.

— Vai abri-la? — ela cochichou.

Virei-me para ela com olhos pesados e úmidos.

— Você sabia, não sabia?

Jennifer sorriu suavemente, balançando a cabeça.

— Quando a mulher dos arquivos ligou para Bora Bora, ela me disse o nome do artista, Grayson Hodge, mas eu não o reconheci. Deveria ter me lembrado, mas o nome não clicou até algumas semanas depois de termos voltado para casa. — Ela fez uma pausa, buscando aprovação em meu rosto. — Ele usava o pseudônimo em seu trabalho. Não queria escondê-lo de você, mas

queria que visse com seus próprios olhos.

Abri a caixa cuidadosamente, e desembrulhei o papel marrom embalado lá dentro.

Jennifer segurou a respiração.

— A pintura? A do bangalô?

Eu balancei a cabeça, estupefata. O velho Gauguin aqueceu minhas mãos quando eu o segurei, como se o sol de Bora Bora tivesse pairado sobre a pintura todos esses anos. As cores, tão vibrantes como sempre; a composição, tão comovente quanto no primeiro dia em que pus meus olhos sobre ela. E, por um momento, eu estava lá de novo, na ilha, sentindo o ar morno em meu rosto, a areia nos meus pés, o amor de Westry à minha volta.

— Ele a encontrou! — eu disse entre lágrimas. — Exatamente como prometera. *Claro que ele mantivera sua promessa.* — E pensar que estava aqui, esperando por mim, todos esses anos, bem debaixo do meu nariz, e eu nem mesmo procurei. — Virei-me para Jennifer com olhos agradecidos. — Obrigada, querida — falei olhando para a estátua e, em seguida, de volta para a pintura. — Isso é um presente!

Ela olhou para o prédio ao lado ansiosamente, antes de voltar-se para mim.

— Vovó — ela murmurou —, está pronta?

— Pronta para quê?

— Para vê-lo.

Meu coração inflou.

— Mas você disse que ele estava...

— Morto? — Ela balançou a cabeça. — Sim, Grayson Hodge, um homem de noventa anos de Barkley, Utah, morreu. Mas não Westry Green.

Westry. Aqui? Será que é verdade?

— Não sei — falei, sufocando as lágrimas. — Mas e o seu projeto?

Jennifer sorriu.

— Eu o concluí com chave de ouro.

Eu me senti fraca, insegura.

— Tenho sonhado com esse dia desde quando consigo me lembrar, mas agora que está aqui, estou...

— Com medo?

— Sim — sussurrei, ajeitando meu cabelo fino, o que restara dele pelo menos. *Por que eu não coloquei um vestido? E um pouco de batom?*

Jennifer balançou a cabeça sentindo minha insegurança.

— Westry só verá o que eu vejo: sua verdadeira *beleza*.

— Quer dizer — eu disse, cambaleando — que ele já está aqui?

— Está — ela respondeu, sorrindo cheia de orgulho. — O filho dele o trouxe esta manhã. Eles vieram de Nova York.

Jennifer me deu um sorriso breve ao se virar na direção da passagem, desaparecendo perto da frente do antigo prédio. Sozinha, observei a escultura, olhando nos olhos do homem. Mesmo feitos de bronze, eles se pareciam muito com os olhos de Westry. Todas as vezes que caminhei por essa parte do campus — suspirei profundamente —, se tivesse parado apenas uma vez para notar, para ver a pista que ele colocara em meu caminho, talvez o tivesse encontrado.

Ouvi o estalar de galhos a distância e virei os olhos para a passagem. Quando um homem apareceu, um bando de pardais se assustou, voando para uma árvore próxima. Mesmo na cadeira de rodas ele tinha um porte conhecido — a postura, a linha de seu queixo. Quando nossos olhos se encontraram, ele fez um gesto para o homem de meia-idade atrás dele se afastar e tomou conta das rodas com as próprias mãos, empurrando a cadeira com uma força que não condizia com o branco de seu cabelo, com as rugas em seu rosto. Os olhos dele continuavam fixos em meu rosto, mantendo meu olhar.

Ele parou em frente ao banco onde eu estava sentada, esticando as mãos para mim, aconchegando meus dedos gelados em suas palmas fortes e quentes.

— Olá, Cleo — ele disse, estendendo a mão até meu rosto. Acariciou levemente minha bochecha, antes de seus dedos encontrarem o medalhão.

— Olá, Grayson — falei, enxugando as lágrimas do meu rosto.

— Demorou um pouquinho, minha querida — ele disse com o mesmo sorriso travesso pelo qual me encantei no dia em que nos conhecemos.

Analisei o rosto dele.

— Como poderá me perdoar um dia? Por não saber, por não procurar... Eu estava...

Westry roçou os dedos nos meus lábios e sorriu de um jeito que me acalmou. *Ele sempre conseguia me acalmar.*

— Só um pouquinho — ele disse baixinho —, mas ainda temos tempo.

Em um instante, ele tinha vinte e cinco anos de novo e eu, vinte e um. A idade se foi. O tempo desapareceu ao longe.

Ele abotoou sua jaqueta marrom de veludo cotelê, colocou os breques na cadeira de rodas e então chegou mais perto da beirada do assento antes de empurrar o corpo para ficar em pé.

Eu perdi o fôlego.

— Mas achei...

Ele abriu um sorriso.

— Que gostaria de fazer uma caminhada de outono? — Ele tirou uma bengala cinza do lado da cadeira, segurando-a com a mão esquerda, e oferecendo a mão direita a mim. — Pronta?

— Sim — respondi esfuziante, extasiando-me com ele em pé ao meu lado, tão alto, tão confiante. Coloquei a pintura embaixo do braço antes de tomar a mão dele na minha, piscando com

força para ter certeza de que não estava sonhando.

Começamos pelo caminho que cortava o do campus, sem certeza de nosso destino. Mas nada disso tinha importância agora. Pois nossa história tinha um final que me agradava. Eu o amara, e ele me amara, até o final. Esta é a história que sopraria pelos ventos de Bora Bora, assombraria os velhos restos do bangalô e viveria em meu coração para sempre. Westry veio. A maldição se foi. Juntos, caminhamos devagar e sempre. Eu me aconcheguei mais perto, enroscando meu braço no dele no momento em que duas folhas cor de vinho caíram de um galho da árvore ao lado, dançando na brisa do outono por caminhos diferentes até caírem suavemente no chão, onde se acomodaram sobre a terra úmida, lado a lado.

Agradecimentos



Um grande e carinhoso obrigada a minha extraordinária agente literária, Elisabeth Weed, por se juntar a mim em outro livro e me dar a coragem e o direcionamento (e, às vezes, sessões grátis de terapia) ao longo do caminho. É uma alegria e um privilégio trabalhar com você. Minha gratidão também a Stephanie Sun, que, juntamente com Elisabeth, foi a melhor primeira leitora deste livro. Seus comentários gentis me deram força para continuar e suas sugestões deixaram o livro melhor. (Também adoro que tenha achado Westry tão sonhador quanto eu ainda acho!)

Não é recomendável que se escreva um livro quando se está bem adiantada no segundo trimestre da gravidez, e prestes a lançar outro livro. Mas eu o escrevi mesmo assim. E agradeço a minha querida editora, Denise Roy, por ficar comigo enquanto eu fazia malabarismos com o bebê e as revisões do livro durante a preparação do lançamento do meu primeiro romance. Denise, seu olho editorial afiado e suas ideias criativas sempre me surpreendem. Em você encontrei uma grande parceira editorial. (Obrigada, também, por ser tão compreensiva quando o bebê às vezes berrava durante nossas conversas telefônicas — pois ele realmente berrava, bem alto.)

Agradeço muito a Jenny Meyer da Meyer Literary Agency, por compartilhar minha história com os editores estrangeiros, e por ser uma entusiasta tão grande das minhas histórias. A Nadia Kashper, Liz Keenan, Milena Brown, Kym Surridge e a todos da Plume, vocês são os melhores. Queridos amigos Sally Farhat Kassab, Wendi Parriera, Camille Noe Pagan Lisa Bach, Natalie Quick, e muitos outros que me deram força ao longo do caminho — muito obrigada, queridos. E aos meus editores na *Glamour*, na *Health*, na *Redbook* e outras revistas que me deram uma ou duas extensões de prazo, para que eu pudesse trabalhar nas coisas do livro — sou eternamente agradecida.

Sou agradecida a meus pais, Terry e Karen Mitchell, de tantas maneiras que seria impossível contar: por me amarem, por me aguentarem, por me encorajarem, e, especialmente, por compartilharem comigo o diário da guerra no Pacífico Sul do meu tio-avô Michael Handgraaf. A meus irmãos, Josh Mitchell e Josiah Mitchell, e a minha irmã e melhor amiga, Jessica Campbell: eu os amo demais, mas ainda não são páreo para mim no *Tile Rummy*. Também me lembro de meu falecido avô James Robert Mitchell, cujas histórias da guerra no Pacífico Sul permanecem cravadas em minha memória.

Tenho três filhos, Carson, Russel e Colby, e todos tinham menos de quatro anos quando escrevi este livro. Há só uma coisa que amo mais do que escrever: ser a mãe deles.

Por último, mas não menos importante, Jason, meu melhor amigo, companheiro de labuta com os filhos e marido maravilhoso, esta história não teria nascido se não fosse por nossa viagem à Moreia e ao Taiti, em 2011. Aquele pequeno e rústico bangalô que dividimos na praia (juntamente

com lagartos e muitas formigas tropicais) foi a primeira chama desta história. Você é minha inspiração e minha fortaleza. Escrevo para você e por você.